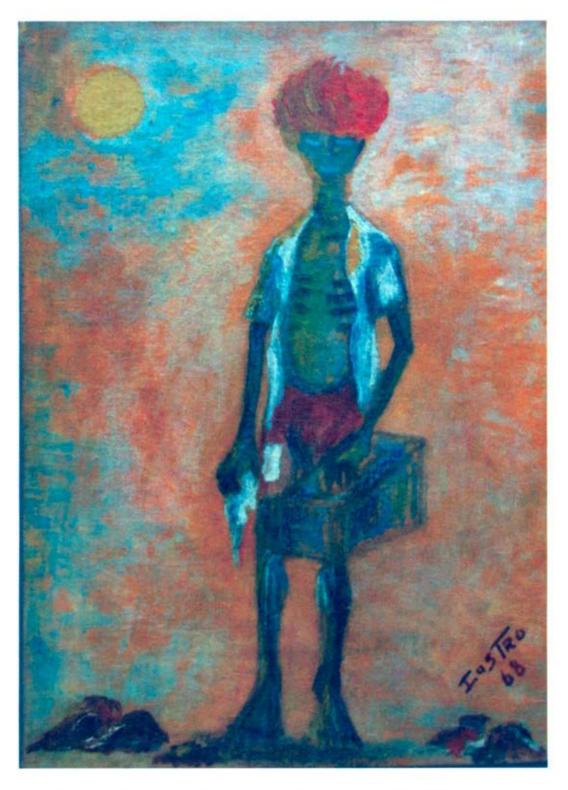


Pássaro de cinza, capa de Sebastião Norões e Moacir Andrade, 1957 · Lunamarga, capa de Álvaro Páscoa, 1965 · Aparição do clown, capa de Óscar Ramos, 1958 · Chavascal, capa de Getúlio Alho, 1965.



O Engraxate [óleo sobre tela]. Afrânio de Castro, 1968 - Coleção Otoni Mesquita.







revista da AAI (ACADEMIA AMAZONENSE de LETRAS)



número 34 fundada em 1º de janeiro de 1918 ANO 97 **\$** 2014 ~ 2015 ¶ DIRETORIA DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS Biênio 2014/2015

Presidente · ARMANDO ANDRADE DE MENEZES

Vice-Presidente · ALMIR DINIZ DE CARVALHO

Secretário-Geral · ABRAHIM SENA BAZE

Secretário-Adjunto · ROSA MENDONÇA DE BRITO

Tesoureiro · JOSÉ GERALDO XAVIER DOS ANJOS

Tesoureiro-Adjunto · mário ypiranga monteiro neto

Diretor de Patrimônio · MARILENE CORRÊA DA SILVA FREITAS

Diretores de Promoções e Eventos · JOSÉ MARIA PINTO DE FIGUEIREDO · MOACIR COUTO ANDRADE [a partir de agosto de 2015]

Diretor de Edições · CARMEN NOVOA SILVA

Conselho Fiscal

MARCUS LUIZ BARROSO BARROS

ANTONIO JOSÉ SOUTO LOUREIRO

EULER ESTEVES RIBEIRO

Suplentes

LUIZ MAXIMINO DE MIRANDA CORREA NETO MAZÉ MOURÃO FRANCISCO GOMES DA SILVA



COPYRIGHT @ ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS, 2015

COORDENAÇÃO EDITORIAL José Braga

COMISSÃO EDITORIAL

Marcus Barros • Jorge Tufic • Almir Diniz • Rosa Brito

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE Rômulo Nascimento

Capa: Cúpula do Teatro Amazonas - verde, [acrílica sobre tela], 2012.
 Jair Jacqmont - Coleção Pinacoteca do Paço Municipal.

REVISÃO Sergio Luiz Pereira

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mazé Mourão {reg. profissional 16700/101/48}

REVISTA DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS. Ano 97, nº 34 (2014 - 2015). Manaus: Academia Amazonense de Letras, 2015.

> 1SSN 2236-9643 280 p.

1. Literatura - 1. Título: Revista da Academia Amazonense de Letras

AAL

Filiada à Federação das Academias de Letras do Brasil

Av. Ramos Ferreira, 1.009 Centro. CEP: 69010 120 TEL/FAX: (92) 3234 0584 acadam@ig.com.br

Manaus ¶ Amazonas

¶ QUADRO DE PATRONOS E ACADÊMICOS EFETIVOS DA Academia Amazonense de Letras

• 1	Péricles Moraes	José Bernardo Cabral
• 2	Euclides da Cunha	Moacir Couto de Andrade
• 3	Gonçalves Dias	Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro Neto
• 4	Sílvio Romero	Newton Sabbá Guimarães
. 5	Araújo Filho	Almir Diniz de Carvalho
. 6	Adriano Jorge	Rosa Mendonça de Brito
• 7	Maranhão Sobrinho	Aldisio Gomes Filgueiras
. 8	Torquato Tapajós	Euler Esteves Ribeiro
. 9	Machado de Assis	José dos Santos Pereira Braga
• 10	Barão do Rio Branco	Mário Ypiranga Monteiro Neto
• 11	José Veríssimo	Marcus Luiz Barroso Barros
• 12	Olavo Bilac	Elson José Bentes Farias
• 13	Estelita Tapajós	Abrahim Sena Baze
• 14	Barão de Sant'Anna Nery	Cláudio do Carmo Chaves
• 15	Graça Aranha	Almino Monteiro Álvares Affonso
• 16	João Leda	Tenório Nunes Telles de Menezes
• 17	Francisco de Castro	José Geraldo Xavier dos Anjos
· 18	Jonas da Silva	Jorge Tufic Alaúzo
• 19	Coelho Neto	Lafayette Carneiro Vieira
• 20	João Ribeiro	Francisco Gomes da Silva
• 21	Tenreiro Aranha	Márcia Perales Mendes Silva
• 22	Farias Britto	Robério dos Santos Pereira Braga
• 23	Cruz e Sousa	Júlio Antonio de Jorge Lopes
• 24	Joaquim Nabuco	Marilene Corrêa da Silva Freitas
• 25	Araújo Lima	Márcio Gonçalves Bentes de Souza
. 26	Rui Barbosa	José Roberto Tadros
• 27	Tavares Bastos	José Maria Pinto de Figueiredo
. 28	Aníbal Teófilo	Maria José Mazé Santiago Mourão

• 29	Castro Alves	Amadeu Thiago de Mello
. 30	Araripe Júnior	Armando Andrade de Menezes
• 31	Raimundo Monteiro	Max Carphentier Luiz da Costa
• 32	Bernardo Ramos	Renan Melo de Freitas Pinto
• 33	Antônio Brandão de Amorim	Carmen Novoa Silva
• 34	Ermano Stradelli	Antonio José Souto Loureiro
. 35	Dom Frederico Costa	Arlindo Augusto dos Santos Porto
• 36	Inglês de Souza	Dom Luiz Soares Vieira
• 37	Benjamin Lima	Luiz Maximino de Miranda Corrêa Neto
• 38	Barbosa Rodrigues	William Antônio Rodrigues
• 39	Alfredo da Matta	Mário Augusto Pinto de Moraes
• 40	Paulino de Brito	Francisco Marques de Vasconcelos Filho

Sumário

- Nossa edição 11

{Academia de portas abertas}

 As artes gráficas no Clube da Madrugada: o verso do traço RÔMULO NASCIMENTO 15

{Fundadores}

— Álvaro Maia, na Academia 23 ROBÉRIO BRAGA

{Oratória}

RUI BARBOSA, O INIGUALÁVEL 33

HOMENAGEM A Moysés Benarrós Israel

- Das letras ao mecenas 48
- Celebrando a vida 49
- Aquele Senhor 52

{Alguma poesia}

- Queixas noturnas, Augusto dos Anjos 57
- Persistência da memória, LUIZ BACELLAR 61
- A Vila da Barra, ELSON FARIAS 62
- Soneto antigo (ou de espera), MAX CARPHENTIER 63
- Poética, JORGE TUFIC 64
- Sinos, L. RUAS 66
- Soneto primeiro da infância, FARIAS DE CARVALHO 67
- Canto caboclo, ALCIDES WERK 68
- Enquanto a lua for calada e branca, ernesto penafort 70
- Sorveteria, ASTRID CABRAL 71
- Variações em torno de um mesmo canto, ANÍBAL BEÇA 73

{Ensaios}

- Avaliação crítica das principais correntes da Antropologia
 ANTONIO PAIM 75
- Os perfis biográficos de Lytton Strachey 95
 NEWTON SABBÁ GUIMARÃES



Nossa edição

ARMANDO DE MENEZES, presidente

A Revista da Academia circula em sua 34ª edição, correspondente aos anos de 2014 e 2015. Como sempre, rica e bela no conteúdo e na forma. Construída com esmero.

Em 2014, tivemos o Ano Acadêmico Augusto dos Anjos, celebrando o centenário, reverenciamos em primeiro lugar sua imperecedoura memória e obra.

No plano das letras amazônicas, as homenagens da Academia são para o Clube da Madrugada nos festejos de seus 60 anos de criação em 2014. Movimento de revitalização cultural, das artes e das letras no Amazonas, instigante e inovador, imortalizado através das várias formas de manifestação da erudição humana.

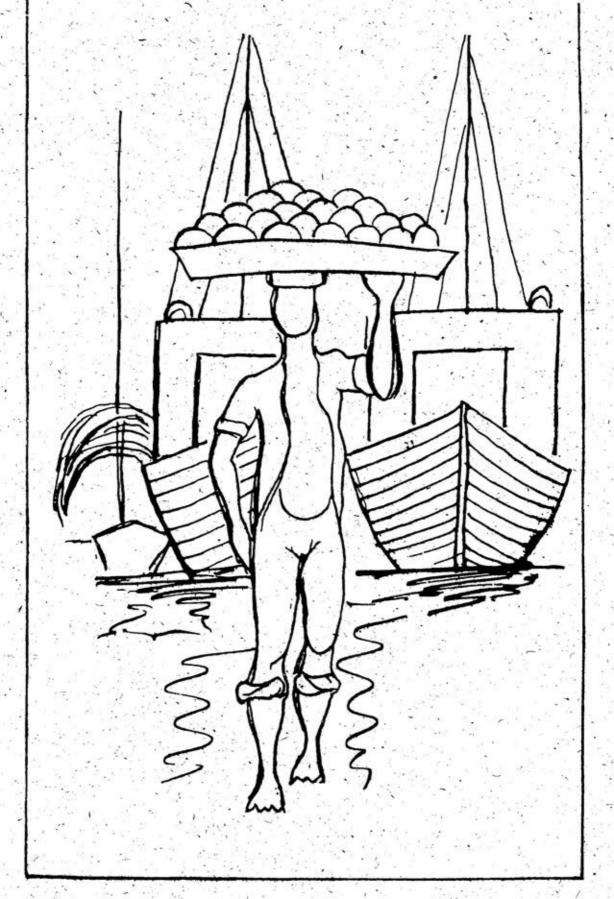
Homenageando a todos que emprestaram luzes à Madrugada, presenças no Clube, a Academia enriquece a sua Revista com páginas literárias e ilustrações de talentosos escritores e artistas, alguns posteriormente acolhidos com honra e destaque nesta Casa.

Comparecem nesta edição, através da palavra, da pintura, do desenho, no domínio pleno de suas capacidades criadoras: Abrahim Baze, Adrino Aragão, Afrânio de Castro, Aldisio Filgueiras, Alencar e Silva, Almir Diniz, Álvaro Páscoa, Anibal Beça, Anísio Mello, Antonio Paim, Astrid Cabral, Augusto dos Anjos, Auxiliadora Zuazo, Bernardo Cabral, Carmen Novoa, Elson Farias, Farias de Carvalho, Francisco Vasconcellos, Getúlio Alho, Gisele Braga Isper, Hahnemann Bacelar, Jair Jacqmont, Jefferson Péres, Jorge Palheta, Jorge Tufic, José Braga, José Maciel, Luiz Bacellar, Luiz Ruas, Márcio Souza, Marcus Barros, Marília Menezes, Moacir Andrade, Moysés Benarrós Israel, Max Carphentier, Newton Sabbá Guimarães, Óscar Ramos, Renato Farias de Carvalho, Robério Braga, Rômulo Nascimento, Rosa Brito, Van Pereira, Zemaria Pinto.

É, pois, duplamente regozijada que a Academia Amazonense de Letras entrega ao público, na inesgotável missão de preservar, construir e difundir o pensamento amazônico esta nova edição de sua Revista centenária. Publicada de forma bianual em virtude de dificuldades financeiras que lamentavelmente impediram que cumpríssemos com a regularidade das últimas edições.

Que ela alcance sempre a sua destinação e se renove com as luzes que esplendem das poltronas azuis desta Casa e as que nos chegam de fora com o brilho das manhãs e o encanto das madrugadas!





{ Academia de PORTAS ABERTAS }

As artes gráficas no Clube da Madrugada: o verso do traço

RÔMULO NASCIMENTO, designer

Muitos acreditam que os livros surgem do jeito que são a partir dos textos de seus autores: uma forma hatural de tão familiar e próxima, mas as folhas de papel impressas não dão em árvores. Ou dão, pelas ramificações de saberes e técnicas associadas às artes gráficas e ao design: tipografia, ilustração, impressão, encadernação, o projeto gráfico e outros. O autor não escreve um livro; esse objeto é "escrito" por várias mãos: a do editor, do designer, revisor, impressor, livreiro e mais. Nessa escrita aberta do livro o cuidado e o afeto também podem se fazer presentes - e o fazem. É o que propomos apresentar com o conjunto de obras gráficas, com o destaque para a ilustração, de artistas ligados ao Clube da Madrugada.

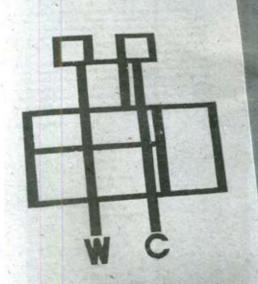
Há também, nas imagens apresentadas aqui e de forma mais difusa, uma narrativa costurada com base no encontro que jóvens pensadores construíram ao se verem sob a noite escura de uma cidade na periferia do mundo. Tentaram alumiar seus caminhos, fizeram Madrugada, pontuada de estrelas, sim, mas o brilho que os acompanhava parecia ser o de saberem-se próximos do abismo e seguros pela mão firme do companheiro da noite desmedida, da arte. Não deve ter sido sem dor, sem medo e muito menos sem rupturas, mas esse traco de união, de companheirismo ainda hoje pode ser observado nas dedicatórias dos livros e poemas publicados, também na relação de proximidade entre arte e literatura observadas nos livros e nas páginas do "Suplemento Madrugada", publicadas n'O Jornal.

Assim a letra "M" maiúscula, de serifas grandes e agudas, tendo um grafismo ao fundo (se rastro de estrelas ou bico de pássaro, não

1. Texto produzido especialmente para esta edição

AO CLUBE DA MADRUGADA

AOS que sofrem,
e, ainda assim,
amam.







SERGIO CARDOSO & CIA. LTDA.

(Editores)

Amazonas — Brasil

Para Jorge Tufic, Alencar e Silva, Antisthenes Pinto

Guimarães de Paula,
que iniciaram comigo
a Caravana:
a primeira tâmara
do primeiro oasis.

se pode precisar) começou a marcar as edições produzidas pelo grupo, era o início de uma aventura editorial e artística que completou 60 anos. Nas ilustrações que acompanham as edições do Clube e nas publicadas no suplemento do jornal percebe-se nitidamente a própria voz dos artistas nos trabalhos produzidos, e não apenas o acompanhamento visual do texto. Esse diálogo entre iguais não era comum no panorama editorial amazonense. Nos livros produzidos pelos artistas do grupo percebemos diversos traços e técnicas, as mais marcantes são o desenho e a xilogravura, sem falar nas aventuras de poesia concreta e na poesia de muro, movimentos que propõem um hibridismo maior entre literatura e artes visuais.

Nas edições as cores ficam restritas à capa, em seu interior sempre o preto sobre o branco e suas várias sombras, vozes, colorindo o miolo de madrugada em poéticas visuais distintas. São vários os artistas que participaram ou contribuíram com o Clube: Anísio Mello, Moacir Andrade, Hahnemann Bacelar, Palheta, J. Maciel, Óscar Ramos, Zuazo, com destaque para Afrânio de Castro, Álvaro Páscoa, Getúlio Alho e, em especial, para Van Pereira, presente em tantas capas e obras, também aqui, nessa outra pequena antologia gráfica. Arthur Engrácio tem lugar cativo em muitas edições do Clube, seja como diagramador ou revisor, além de acumular a função de autor em seus livros. Outro agente a que devemos fazer referência é a editora e gráfica Sergio Cardoso, que publicou diversos dos livros do Clube.

Esses trabalhos gráficos são testemunhos visuais, pássaros, de cinza, vindos de varandas poéticas, impressas em papel e arte para fazerem a edição no Amazonas sobrevoar o território do apreço pela beleza. As palavras só tentam fazer justiça a esse conjunto admirável produzido por artistas do livro que souberam dar a sua contribuição ao trabalho de outrem, enriquecendo-o com o seu traço, sua verve. O próprio livro se torna mais interessante com a graça e força das imagens impressas em seu interior e capa. A voz do artista gráfico soa tão bem quanto a do autor em muitas edições, uma em especial simboliza o que pretendemos expor com essa breve reunião de trabalhos.

O artista tinha um caderno de desenhos da época em que era menino, traçados simples tentando captar o mundo a sua volta, o poeta seu amigo viu algo mais, gostou tanto desses trabalhos iniciais que

- 18 terminou por ganhá-los de presente do artista. As gentilezas não pararam por aí, depois os desenhos do menino artista ganharam a companhia de poemas do escritor amigo, e tomou a forma de um singelo álbum O traço e o verso, de Moacir e Jorge. O livro foi realizado de maneira espontânea e natural, não como se tivesse brotado do chão, brotou da madrugada e da amizade, também da arte: gráfica, literária e da arte de viver.
 - Artistas publicados nas páginas da Revista da AAL:

Van Pereira: contracapa, 1, 5, 9-10, 16-19-20-21 [detalhes], 31, 55,

68-69, 112, 122, 207, 280;

Getúlio Alho: 2-3, 155 [foto de Berenice Carvalho], 222 [foto

de Berenice Carvalho]; Anísio Mello: 12, 255;

Afrânio de Castro: 13, 65, 72, 269, 278;

Hahnemann Bacelar: 18, 169 [foto de Berenice Carvalho];

J. Maciel: 60;

Moacir Andrade: 240;

Palheta: 249.

 Crédito das imagens: Rômulo Nascimento, exceto as com indicação de autoria.









{ FUNDADORES }

Álvaro Maia UM POLÍTICO NA ACADEMIA



No longínquo fim de 1917, quando alguns poucos amigos se reuniam na varanda da casa de Benjamin Lima para conversas que rompiam a noite, e sonhavam com a organização de uma sociedade de letras, quem sabe em resposta à fundação do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas que se instalara em

março, com as benesses do governador Pedro Bacellar, e de logo conquistara sede própria, Álvaro não participou das reuniões mais íntimas que cogitavam da boa-nova como sucedeu com a maioria dos escolhidos.

Há pouco alcançara a graduação em Direito pela Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro (1917), depois de se transferir de Fortaleza para a capital da República, e tendo retornado. à capital amazonense havia conquistado o primeiro emprego como redator dos debates da Assembleia Legislativa, naquele ano. Ao seu lado, cumprindo os mesmos encargos estavam Alfredo da Matta e João Leda.

Em seguida, assumiria outros cargos, de forma transitória e breve. Foi procurador da República, interino (1917-18), ajudante do Gabinete de Identificação e Estatística, por apenas 15 dias (1918), auditor da Força Policial (1918-19), ocasião em que pediu ao governador que decretasse a sua extinção, por desnecessidade.

Essa era a trajetória de homem público naqueles primeiros 24 anos de vida quando chamado para compor a Academia. No campo da literatura o que dele se conhecia, até então, eram os poemas lançados na imprensa estudantil, em o "Curumi", e poemas e crônicas na revista "Aura", dirigida por Abelardo Araújo, e da qual foi gerente

e depois um dos redatores ao lado de João Costa, Alberto de Sá e Romero Estellita, no Ginásio Amazonense Pedro II. Nessa revista também escreveu vários artigos sob o pseudônimo de "Alboma", alguns enviados de Fortaleza para onde havia se transferido para cursar a Faculdade de Direito. Diplomado advogado e pronto para atuar em Manaus, logo em 1917 aliou-se a Caetano Estellita Cavalcante Pessoa e fundou o jornal "A Imprensa" no qual atuou ao lado de Benjamin Lima e Alfredo da Matta. O mesmo jornal que poucos anos depois, em mãos de outros proprietários e diretores, virou-se contra o fundador.

Talvez nesse novo jornal, na sua história na imprensa pública e estudantil e nas relações de amizade e respeito com Benjamin Lima – o idealizador e fundador da Academia –, e João Leda, igualmente fundador do sodalício, esteja a pedra de toque que o fez integrar o grupo inaugural da Sociedade Amazonense de Homens de Letras em janeiro de 1918, modificada em 1920 para Academia Amazonense de Letras. Sim, pode ter havido essa influência, naturalmente humana, mas, verdadeiramente, havia valor na sua poesia e na prosa com que brindava os ávidos leitores manauenses. Por certo o seu ingresso na Sociedade na companhia fraterna de alguns amigos diletos (Benjamin, Adriano, Leda), não contribuiu para as contestações de setores da imprensa que reclamavam do fato de terem sido excluídos do rol de imortais nomes consagrados nas letras forenses, literárias e jornalísticas, preferindo alguns que, segundo os críticos da época, não estariam credenciados o bastante para erguer a nova Sociedade.

Álvaro era o terceiro mais jovem daquele grupo que se lançava na aventura de construir uma sociedade perene para homenagear as letras. Contava 24 anos, quase às vésperas de seu aniversário de quarto de século quando o silogeu foi instalado, e passou a conviver com trintões, quarentões e outros talentosos rapazes. O benjamin inaugural, e ainda agora o mais jovem dentre todos os acadêmicos eleitos na quase centenária Casa, foi Odilon Lima, nos seus 21 anos, logo seguido de Nunes Pereira que completou 25 anos em junho daquele ano. O mais idoso era Thaumaturgo Vaz com 49 anos, de logo antecedido por Araújo Filho, um ano mais novo. Se não era uma entidade de provectos homens ilustrados, também não era grupo de jovens aventureiros lançando uma semente a esmo.

Mesmo sem ainda romper o quarto do século de existência, havia 25 brilho em seu texto e fulgor em seu talento e ainda não havia proferido a sua festejada "Canção de Fé e Esperança" (1923) que ficaria eternizada como um brado glebário, símbolo de sua geração, e, mais que isso, discurso obrigatório no estudo da literatura amazonense.

Poeta, antes de tudo, ao ser convocado por Benjamin Lima, Péricles Moraes e José Chevalier - a tríade da fundação -, e naturalmente abençoado por Adriano Augusto de Araújo Jorge a quem todos rendiam homenagens a ponto de elegê-lo presidente da Academia desde a fundação e reconduzi-lo ao cargo por 30 anos, Álvaro Maia nominou de Maranhão Sobrinho a cadeira destinada à sua glorificação acadêmica, que assim permanece em homenagem ao grande poeta encantado no dia do Natal de 1917, nos arrabaldes da Cachoeirinha, sepultado por obra e graça de Nonato Pinheiro (pai), e Almir Neves. Havia razões sentimentais e poéticas para essa escolha. Tratava-se de um antigo companheiro da revista "Aura", e porque sem dúvida Maranhão era um dos mais festejados poetas da língua portuguesa, que encantava, vivendo praticamente abandonado e de forma simples, sempre em busca de pequenos trabalhos para seu sustento.

Álvaro chegóu à Academia mansa e lisamente. Apadrinhado, como todos que para aquela sociedade foram convidados na primeira linhagem, mas, ao mesmo tempo, vestido da eloquência de oratória excepcional, da maestria com que tratava o idioma, da postura simples e generosa que o acompanhou por toda a vida, mas, sobretudo, com a poesia bem construída e a visão de amazônida das profundezas dos seringais de Humaitá, mais precisamente do seu "Goiabal".

Na mesma ocasião (1918) enfrentou a primeira campanha política disputando uma das cadeiras de deputado federal pelo Amazonas, em oposição ao governo estadual, recusando pedido de desistência que lhe foi enviado pelo amigo e governador Bacellar, para não desencantar os correligionários que o haviam indicado, ainda que sem consentimento prévio, mesmo sabendo que não iria conseguir êxito na empreitada. Galgaria o parlamento federal em 1935, como constituinte nacional, e mesmo com novos encargos os artigos de jornal eram semanais e os discursos eloquentes.

26

Não foi consagrado acadêmico ao lado de figuras ainda mais exponenciais de seu tempo quando já era autor de livros de poemas, ensaios, romances, narrativas, e nem mesmo depois de se tornar o tribuno arrebatador das praças e dos comícios, nem o político consagrado em seguidos mandatos conferidos pelo voto do povo amazonense. Até o magistério não o havia recebido como um dos seus mais ilustres membros. Era ainda jovem, abrindo as primeiras portas para os trabalhos singelos que lhe garantissem modesta subsistência. Ouso afirmar que a poesia, o ensaio e o jornalismo o credenciaram a formar naquele grupo inaugural, em par com mestres festejadíssimos nas letras jurídicas, no teatro, nas ciências médicas, na imprensa e na crônica.

E qual Álvaro Maia encontramos naqueles primeiros anos do silogeu senão o jovem impetuoso, robusto, corado, cabelos castanhos e bastos, esmerado nos trajes de ternos claros de tropical ou linho sempre bem talhados, de que nos fala João Nogueira da Matta,¹ e também aquele que foi a vida inteira comunicativo, cortejado e cercado pelo entusiasmo da juventude, "sempre de branco, alegre continuamente, cabelos fartos de poeta e poeta até na maneira de servir-se da cátedra para influenciar",² como traduz Mário Ypiranga Monteiro, e que sabia lidar com os jovens, e por isso se tornou ídolo e líder. Era o poeta e o recitador de poemas em homenagem a Bilac e Alberto de Oliveira, delicado com Mário de Andrade e Ronald de Carvalho.

Poucos anos mais tarde, depois de servir como secretário da superintendência municipal de Porto Velho com o prefeito e monsenhor Raimundo Oliveira (1920-21), retornou ao Rio de Janeiro para uma breve temporada, e reeditou sua atuação na "Gazeta de Notícias" por alguns meses (1921), onde estivera nos tempos de estudantes, e, de volta ao Norte, foi servir na comissão de Propaganda e Organização do Centenário da Independência do Brasil, no Pará (1921-22) e na Comissão de Saneamento Rural do Amazonas (1922-26). Com a revolução militar de 1924 foi secretário da Prefeitura de Manaus. Parecia preparar-se para a carreira política que abraçaria pelo resto da vida, embora recheada de dissabores.

Em 1925 deu-se sua eleição como o "príncipe dos poetas amazonenses" vencendo a Jonas da Silva, Raimundo Monteiro, Francisco

 MATTA. João Nogueira da. Álvaro Maia, o professor. Revista da Academia Amazonense de Letras, Ano XLVIII, n.º 14, p. 63, dez. 1969.

 MONTEIRO, Mário Ypiranga. Álvaro Maia, o educador. Revista da Academia Amazonense de Letras, Ano XLVIII, n.º 14, p. 67, dez. 1969.

Pereira, Genésio Cavalçanti e Heitor Veridiano, nomes festejadíssimos, alguns dos quais companheiros de jornada na Academia. Naquele mesmo ano ingressou no magistério do Ginásio Amazonense Pedro II, e no ano seguinte teria duas teses aprovadas: "Imperialismo e Separatismo" e "A Bandeira Nacional como Símbolo e Emblema da Pátria". Como se não bastasse a aprovação em um concurso para professor, com duas teses, logo em seguida conquistou a cadeira de Português com novas teses: "O Português-Lusitano e o Português-Brasileiro léxica e sintaticamente considerados" e "O Ritmo da Língua Nacional".

O professor que fazia de "cada aula um hino de louvor às sagradas instituições sociais e morais",3 cultivava a leitura em voz alta e a 3. Idem, idem. redação na sala de aula, estimulava o jornalismo estudantil, tal como sucedera com ele próprio nos primeiros anos de 1900, a tal ponto de Mário Ypiranga afirmar, categoricamente: "não houve em meu tempo de ginasiano, mestre mais querido e mais respeitado, intelectual mais em evidência na comunidade estudantil... Honesto como poucos".4 4. Idem, idem.

O fato é que por 65 anos consagrou-se como poeta, professor, jornalista, ensaísta, romancista, pensador e orador, desde os "Cabelos Negros", versos publicados em o "Curumi", em 1904, seja depois em jornais e revistas de Manaus, Fortaleza, Rio de Janeiro e conquistando a distribuição nacional como colaborador dos "Diários Associados". E nem a atribulada e longa trajetória política na qual se transformou em grande líder de seu tempo, governante e parlamentar, o afastou da produção literária, ao contrário, muitas vezes serviu de tema e estímulo a artigos, conferências e livros.

Escritor, jornalista e professor seriam atividades permanentes no seu fazer. Somente em 1943, após reviravoltas políticas de toda a natureza publicaria o primeiro livro, originado dos embates na vida . pública: "Na vanguarda da retaguarda", com prefácio de Assis Chateaubriand, exatamente quando contava meio século de vida. Era uma orientação à campanha da borracha, reunindo artigos lançados na imprensa. O segundo livro, o festejado "Gente dos seringais" (1956), firmou-se de logo como primorosa descrição da vida amazônica tendo como cenário o alto rio Madeira que lhe servira de berço e no qual reanimava as forças retemperando o coração no encontro quase sa1. CHEVALIER, Ramayana de. Álvaro Maia, o prosador. Revista da Academia Amazonense de Letras, Ano XLVIII, n.º 14, p. 49', dez. 1969.

grado com a mãe e as origens. Eram narrativas ao jeito de crônicas, na opinião de Ramayana de Chevalier. Dois anos depois três novos livros: "Buzina dos paranás", "Nas barras do pretório" e "Beiradão". Poesia, política e romance com os quais traduziu as mais elogiadas qualidades de escritor. Uma reunião de poemas falándo da Amazônia, do turbilhão das águas, das matas invadidas, das crenças, das dores dos sanatórios e dos deslumbramentos de estrangeiros diante do colosso da nossa tenda natural. O outro, coração aberto e verdade aflorando em cada página, testemunho das cenas políticas de que foiprotagonista, verdadeira lição de enfrentamento das dores que as agressões da política costumam marcar nos homens de bons propósitos. O romance o leva de volta ao rio de seu nascimento com os dramas e as tragédias vividos no período áureo da economia da borracha, no qual o rifle e o chicote aumentavam as agruras, as febres e a solidão do homem encravado nas estradas de seringa em busca da riqueza que nunca chegava. Nesse livro, ele observa hábitos e costumes de sua gente, e, muita vez, pode estar traduzindo sua própria vida.

Essa seria a mesma esteira que seguiria anos mais tarde com "Banco de canoa" (1963), fazendo a crônica dos seringais e revendo a vida dos cabocos dos beiradões, contando como ninguém o que vira e soubera de causos e vivências que fizeram heróis e assombrações conviverem por muito tempo por entre rios, paranás e igapós, nas selvas amazônicas. Essas contações voltariam a presidir o seu "Defumadores e porongas" (1966), meses depois da consagração ainda maior na Academia de Letras, posto que em janeiro havia assumido a presidência da Casa de "Adriano Jorge" em cujo destacado cargo permaneceria até 28 de novembro, quando precisou afastar-se para assumir o segundo mandato de senador da República.

O último livro seria dedicado às virtudes mais puras do espírito como se fosse um encontro com a divindade: "Nas tendas de Emaús" (1968), com o qual fala com seu próprio interior e faz pregações de fé e fraternidade, amor e caridade como se fossem bênçãos dos céus em despedida. Nessas tendás "as suas palavras comovem, apaziguam tormentas íntimas, invadem corações mais primitivos para um convívio de ternura e de encantamento", como assinala Ramayana, o sempre erudito. E não se diga que tais temas passaram a ser consi-

6. Idem, idem.

derados por Álvaro em razão dos anos e sofrimentos, porque bem antes, no vigor das esperanças e dos desejos de transformação do mundo que ocupam o sentimento dos jovens, ele falava de fé, esperança e caridade. A fé e a crença, a esperança como farol luminoso ou esplendorosa estrela que brota no coração e a esperança como a primavera da vida, e diz que praticar a caridade é dar a crença a quem não tem mais fé, dar o lenitivo que cicatrize a dor e confiar na eternidade.

O jornalista se expandiu por toda a vida. Colaborou em vários órgãos como A Tribuna (1911), o Jornal do Commércio, de Vicente Reis (1912), A Imprensa (1917) com Benjamin Lima, Alfredo da Matta e Caetano Estelita, Gazeta da Tarde de Ageu Ramos; O Norte de Paulo Elheutério, O Dia de Aguinaldo Ribeiro; Jornal do Povo de Paulino de Brito e Clóvis Barbosa, Estado do Amazonas com Raul de Azevedo, Leopoldo Peres e Francisco Galvão, O Jornal, A Gazeta; O Monóculo, A Tarde, e as Revistas Cá e Lá; Redempção, Equador, Amazônida, Cabocla e da Academia Amazonense de Letras. Escreveu também nos jornais Vaticano e Radical (1913-1914) em Fortaleza e na Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro (1921) e depois em rede nacional dos Diários Associados. Em 1926 foi diretor da Imprensa Oficial do Estado.

Uma síntese que reflete o conceito de que gozava dentre os de sua época de imprensa estudantil, alguns dos quais o acompanharam por longos anos, está na mensagem de despedida lançada na revista "Aura", quando tomou o rumo das praias cearenses para continuar os estudos ou "melhor cultivar e bem aperfeiçoar o seu luminoso talento".

Álvaro Maia é, sem dúvida, uma das figuras de maior realce da atual geração literária ginasiana. Poeta inspirado, prosador elegante e cronista encantador, deixa por quase todos os periódicos que se tem publicado no Ginásio, o rastro indelével de sua passagem luminosa.⁹

O orador é fulgurante, iluminando com fachos de ouro das palavras sempre bem colocadas e precisas, a dizer com o sentimento. Waldir Garcia fala dessa beleza ao considerar sua personalidade na única obra impressa que nos deixou, ÁLVARO MAIA. Aura.
 Órgão dos alunos do Ginásio Amazonense, Manaus,
 Ano III, n.º 29, p. 5-6, 1910.

8. AURA. Órgão dos alunos do Gindsio Amazonense, Manaus, Ano V, n.º 30, p. 3, 1911.

9. Idem, idem.

10. GARCIA. Waldir.
À sombra dos igapós. 2ª
ed., Manaus: Governo
do Estado do Amazonas
/ Secretaria de Estado
de Cultura, Turismo e
Desporto, 2000, p. 168.

Impunha-se ele pelas suas qualidades de condotieri, com seu verbo fácil, que sabia modular às circunstâncias ambientes: falava a linguagem do caboclo do interior, da gente pobre dos bairros de Manaus, e a linguagem fulgurante dos parlamentares, a linguagem preciosa das academias literárias. Mas sabia, sobretudo, respeitar os adversários, os quais, se quisesse, poderia queimar com as áscuas do seu poderio verbal.¹⁰

Essa presença marcante encantava a todos que o ouvissem nos salões acadêmicos, nos palácios, parlamentos, auditórios acadêmicos, salas de aula e em praça pública nos famosos comícios políticos nos quais expunha as ideias democráticas e sociais que defendia, sob aplausos e vivas.

Desses discursos possuo coleção datilografada que me chegou às mãos por um colecionador de coisas raras do Amazonas, um alvarista apaixonado. Álvaro Maia era como político e professor nome emblemático em minha família e extremado ídolo de minha tia Maria Rita dos Santos Pereira Wanderley. A pedido e sob orientação de minha mãe a professora Sebastiana dos Santos Pereira Braga, sua antiga aluna na Escola Normal, foi organizado um memorial em sua homenagem nos salões que originalmente serviram ao dancing do Parque 10 de Novembro, edificados em seu governo, quando Antônio Maia era prefeito. Bem estruturado e entregue à Prefeitura de Manaus, tempos depois foi desativado, extraviando-se grande parte do acervo recolhido por doação de amigos e de meu arquivo particular.

Quando a Academia programava festejar os 65 anos de vida literária de Álvaro – o poeta – deu-se seu encantamento inesperado silenciando a voz aveludada que o povo se acostumara a aplaudir nos muitos comícios em praça pública, que os estudantes gostavam de ouvir nas salas de aula e que os tribunos desejavam imitar, a mesma que abençoou os filhos e os netos, coroou os congressos internacionais pela paz e o progresso da humanidade, acalentou os pobres, orava no Natal de Jesus e se agigantava em defesa das liberdades.



{ORATÓRIA}

Rui Barbosa, o iniqualável

É sempre uma tarefa difícil relatar a ação de Rui, uma vez que, consoante salientam os seus biógrafos ou ensaístas, foi ele o jurista, o filólogo, o político militante, o estadista, o jornalista, o educacionista, o reformista, o chamado Águia da Conferência de Haia.

Daí porque ao aceitar o convite que me fez o Presidente Armando Andrade de Menezes, busquei tecer algumas considerações ou fragmentos - às vezes exemplificativos, jamais exaustivos - sobre a atuacão de Rui. Mas sem ter, nem de longe, a pretensão de ser abrangente, ou como salientou João Mangabeira sobre a conferência que proferiu na Casa de Rui Barbosa, intitulada "Rui, o Estadista da República": "não é nem sequer um ramo. É um punhado de folhas secas".

Faço a ressalva porque quero deixar registrado a minha desvalia, direi melhor, a desapropriação das minhas forças intelectuais, simples advogado de província que emigrou para o grande centro cultural ao país e tem muito orgulho em pertencer a esta Augusta Academía.

O BRASIL NA CONFERÊNCIA DE HAIA

A convocação foi levada a efeito pela rainha da Holanda e pelo czar da Rússia. Era a Segunda Conferência de Paz, com início marcado para o dia 15 de junho de 1907, uma vez que a primeira, realizada em 1889, reunira poucas nações e o Brasil, convidado, não compareceu, argumentando que era indispensável a participação de outras repúblicas sul-americanas.

Curiosamente, o preferido para representar o Brasil na Conferência era o nosso representante em Washington, Embaixador Joaquim Nabuco, por quem o Ministro das Relações Exteriores, o Barão de Rio Branco, tinha especial admiração. E o convidou.

34 Acontece - como registra o Acadêmico Murilo Melo Filho, em seu livro O brasileiro Rui Barbosa, o jornal Correio da Manhã - então respeitadíssimo - numa série de artigos indicou o nome de Rui e defendeu a sua escolha.

Como solução, Rio Branco enviaria os dois, Nabuco e Rui. Só que o Chanceler não contava com a decisão tomada por Nabuco, como ressaltou em carta a Graça Aranha, ao justificar a sua recusa:

Por mais que eu deseje dar a Rui essa prova de amizade e confiança, por mais que me custe não estar com ele na Europa... não posso ir a Haia como segundo e ele só poderá ir como primeiro. (Luís Viana Filho, Três estadistas: Rui, Nabuco, Rio Branco. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981, p. 734v).

Ora, o Chanceler Rio Branco, sabendo da inexperiência diplomática de RUI, encarece a Nabuco que se desloque para Paris, a fim de preparar para ele um ambiente favorável.

E aqui me valho, novamente, de Murilo Melo Filho, ao transcrever o seguinte parágrafo da obra citada:

De lá, Nabuco envia informes confidenciais sobre alguns embaixadores estrangeiros, com os quais RUI teria de conviver: o frio, insensível e fingido, Esteva, do México; o competente e culto Quesada, de Cuba; o bem relacionado Barão de Selir, de Portugal; o nervoso, explosivo, mas afável Fusinato, da Itália; o descomunal e agigantado Von Marschall, da Alemanha; o tagarela e falador Bourgeois, da França; o interesseiro e ambicioso Choate, dos Estados Unidos; o gotoso, antipático e misterioso De Martens, da União Soviética.

Conhecido por seus longos discursos – era identificado de maneira desprimorosa como o "Dr. Verbosa – o Presidente De Martens, que não escondia por ele a sua antipatia, acabou, involuntariamente, por lhe dar a grande oportunidade, exatamente no dia 12 de julho de 1907.

Rui acabara de pronunciar mais um dos seus imensos discursos, quando o Presidente Frederic Frommhold De Martens, aflorando o seu desagrado, esperou que Rui ocupasse o seu lugar junto à Mesa 35 Diretora dos trabalhos e o censurou rispidamente:

O Dr. Barbosa fez um discurso que constará das anotações verbais de nossas seções. Mas devo observar que ele não será transcrito em nossos Anais, porque a política não está na alçada dessa Conferência e deve ser excluída das nossas cogitações.

Desnecessário salientar que De Martens foi muito aplaudido, mormente pelas bancadas europeias. A resposta de Rui veio logo a seguir e dela tomei conhecimento, pela vez primeira, através do Ministro Waldemar Pedrosa - um dos mais ilustres amazonenses de todos os tempos e que possuía na sua biblioteca obras com dedicatória de Rui.

Contou-me ele que Rui, de improviso e num francês sem retoques, dirigiu-se a De Martens sem lhe dar chances de impedi-lo:

As palavras com que acabais de receber o meu discurso, Sr. Presidente, parecem envolver uma censura, que não posso deixar sem resposta imediata. Essa censura, se é que houve, não a mereci.

- Política? O que nós é proibido? Apenas a baixa política, a da interferência de um Estado nos assuntos internos de outro e à que conduz ao conflito e à guerra. Esta sim, deve ser a política banida aqui.
- Mas não a política superior, na grande acepção da palavra, que objetiva os supremos interesses das nações. Podemos, por acaso, tolher essa política? Não. Nunca. Tenho a honra de haver envelhecido na vida parlamentar e de pertencer ao Senado do meu país, onde me acho há não menos de 25 anos e onde as instituições parlamentares já têm mais de 60 anos de existência. Conheço assim os deveres da tribuna parlamentar e seria incapaz de os transgredir.
- A política é a atmosfera dos Estados e o chão sagrado onde pisamos. Ela defende os interesses dos povos e das Nações, transformando o direito privado, revolucionando o direito penal, instituindo o direito constitucional e criando o direito internacional. É ela a política no sentido histórico,

que não deve ser proibida numa assembleia de homens livres, como esta nossa. Ela é o próprio viver dos povos. Como, pois, subtraí-la a uma assembleia de homens livres, como esta, congregados ao começar do século 20? Como, se esse direito e essa política, um e outro se confundem? É a política que torna inatacável o princípio da justiça, segundo o qual não há um estado maior do que o outro. Aqui somos todos iguais, e valemos tanto um quanto o outro, inclusive a Guatemala, da qual, aliás, não recebi procuração para defender. Para nós, é simplesmente absurdo e intolerável a tese de que as grandes potências devem dominar o mundo.

Essa intervenção corajosa e inesperada de Rui lhe valeu, ao descer da tribuna, palmas prolongadas, a ponto de confirmar que esse era o mais belo discurso pronunciado, até então, na Conferência.

De Martens, nitidamente aborrecido, deu por encerrada a sessão e anunciou a Ordem do Dia que seria levada a efeito na manhã seguinte. Todavia – estranho paradoxo – logo a seguir, já na sala do café, fez questão de cumprimentar Rui com estas palavras:

Embaixador Barbosa. Peço-lhe que não me leve a mal. Não tive o menor propósito de ofendê-lo. Tenho-lhe muita admiração, pelo que já me informara a seu respeito o Conde de Prozor. Não lhe guardo nenhum rancor.

Ao que Rui respondeu. "Senhor De Martens, sempre o respeitei muito, como meu mestre. O senhor não conhece o meu coração".

Outro episódio merecedor de ser trazido à colação é o ocorrido quando o representante dos Estados Unidos, Joseph Hodges Choate – o maior dos oradores norte-americanos – ao discutir a formação de uma Corte Permanente de Justiça Internacional, enfatizou que os países seriam classificados em categorias, conforme o poderio militar: os mais fortes formariam o Tribunal Permanente de Arbitragem.

Seu discurso foi intensamente aplaudido, uma vez que, além de exímio orador, sua posição era exatamente igual a das grandes nações europeias. Como de praxe, os participantes aguardavam a tradução para o francês, idioma oficial da Conferência.

Uma surpresa ocorreu. Rui pede a palavra. Os demais supunham que ele daria o seu apoio à proposta norte-americana.

Nesse instante, o Presidente De Martens o interrompe disfarçando 37 a mordacidade: "Espere o senhor a tradução do intérprete".

Ao que Rui redarguiu, com altivez: "ele antes ouvirá a minha resposta. Assim, a tradução dos dois discursos será efetuada de uma só vez".

Num inglês escorreito, Rui mostrou as graves contradições das grandes potências, eis que estimulavam a corrida armamentista num conclave intitulado Conferência de Paz.

O ministro Waldemar Pedrosa - que foi presidente deste Silogeu e que como senador representara o Brasil nas Nações Unidas - concluía o seu relato salientando que, no Brasil, as notícias chegavam exageradas e a fama de Rui crescia, a tal ponto, que o seu aparte, em inglês, era contado assim: "Em que língua quereis que vos fale? Por- ' que falo todas as línguas vivas ou mortas".

Pura lenda, sem dúvida.

Em verdade, nessa "Conferência, atrás de Von Marschall, havia o poderio bélico do império alemão. Atrás de Sir Fry, a armada britânica. Atrás de Choate, o colosso americano. Atrás de Rui, havia apenas um país então de 25 milhões de habitantes, com um pequeno Exército e uma Marinha reduzida, desconhecido e omisso, num continente distante e subdesenvolvido".

Mas que ali, em Haia, atingia os píncaros da sua glória internacional. Nas asas de uma Águia, como coloca em relevo Murilo Melo Filho.

-ÁGUIA DE HAIA

A escolha de Rui - apesar de não ser o preferido do Barão do Rio Branco como vimos anteriormente - teve o seu ponto principal por ser ele representante legítimo da nação (desempenhava o mandato de senador), jurista de renome, falava francês com perfeição e era rígido negociador.

Entendendo que a missão do Brasil seria difícil, Rio Branco incumbiu Nabuco de conseguir com o secretário de Estado norte-americano uma honraria ou distinção para Rui, em Haia, o que ocorreu, 38 tendo ele sido escolhido presidente de honra da 1ª Comissão, o que lhe valia assento à Mesa dos Trabalhos.

Todavia, o Barão se utilizava de todos os meios possíveis para garantir ao Brasil um lugar de destaque no sistema internacional, a ponto de investir na imprensa nacional e internacional, inclusive com matérias regiamente pagas.

Nesse instante, avulta a figura de um jornalista inglês que se tornara o "pai do novo jornalismo", espécie de revolucionário da imprensa, porque tratava dos assuntos do dia a dia e na moderna apresentação das notícias, tornando-se o editor-responsável do Pall Mall Gazette, ao longo de seis anos. Seu nome: William Thomas Stead.

Autor de uma quase dezena de livros, declarado por um jornal parisiense como o Imperador dos Jornalistas, foi ele encarregado, segundo alguns analistas, pelo Barão do Rio Branco, a escrever um livro sobre a Conferência de Paz, em Haia, ao qual deu o título de "Brazil at the Hague; mais tarde traduzido por Artur Bomilcar.

Estava consagrada a designação de "Águia de Haia", criada pelo Barão do Rio Branco, isso porque Stead se considerava "a maior força da publicidade universal".

Nesse passo, merece trazer para esta explanação parte do que disse ele, no capítulo primeiro da sua obra, intitulado "O Palco do Mundo":

Fez o Brasil este ano a sua estreia no palco do mundo. E saiu-se o estreante com tal galhardia, que o caso reclama atenção universal.

O lugar escolhido para isso foi Haia e não podia ser mais apropriada a escolha.

E mais adiante:

No século dezesseis, em que se cogitava da formação dos Impérios, havia ainda dúvida se o Brasil viria a ser português ou holandês, francês ou inglês. Por espaço de trinta anos – 1624 a 1654 – o holandês dominou em Salvador, então capital do Brasil, estendendo sua conquista até Pernambuco, Ceará e Maranhão.

Quando o Brasil, porém, se apresentou agora, em Haia, não foi para saudar a sombra augusta dos seus primitivos dominadores, mas para tomar o posto que lhe competia de República independente e soberana no Parlamento do Mundo.

Por outro lado, Stead nos capítulos seguintes coloca em relevo o talento de Rui, a ponto de reconhecer que a ele se deve, primeiramente, a descoberta do erro judiciário de que foi vítima o Capitão Dreyfus, e fazer a comparação com o delegado alemão. Vejamos:

O barão Marschall, representante da Alemanha, permaneceu com inabalável firmeza como advogado da força. O Dr. Rui Barbosa, ao mesmo tempo em que avançava com o desassombro de David diante de Golias de Gath, tornou-se o advogado do Direito. Nenhuma disparidade havia entre os antagonistas, a não ser no forte contraste do seu físico.

O convívio de Rui com Stead, em Haia, permitiu que nascesse uma grande estima entre ambos, de tal sorte que, de certa feita, em 24 de julho de 1907, o Barão do Rio Branco endereçasse a Rui o telegrama com o seguinte texto: "Tive grande prazer com a notícia do caminho da sua boa amizade com Stead".

William Thomas Stead morreu no naufrágio do transatlântico inglês "Titanic", na madrugada de 15 de abril de 1912, em águas do Atlântico Norte, quando se destinava a Nova Iorque a fim de participar de um Congresso pela Paz.

- DOIS FATOS MARCANTES

Aos 40 anos de idade Rui assumiu o Ministério da Fazenda, na gestão Deodoro da Fonseca, e dois fatos marcaram a sua passagem: – a Relatoria da Constituição de 1891 e o encilhamento. Quanto à primeira, desnecessário qualquer digressão, pois foi quase toda de sua autoria. Já o encilhamento, designação dada em gíria turfística à preparação dos cavalos para entrar na raia, gerou uma profunda crise.

À época Rui não podia contar com empréstimos externos – eram negados ao governo brasileiro – e querendo transformar o regime colonial, se utilizou de um expediente usado por Abraham Lincoln; substituiu o ouro por títulos de dívida federal como lastro de emissões bancárias. E mais – o que resultou num grande equívoco – tornou extensivo o direito de emissão a vários Bancos. Ora, aquela altura, o Brasil era dividido em seis zonas, cada qual com um banco emissor. Acontece que as respectivas emissões eram destinadas a financiar a implantação da indústria, o que não ocorreu, gerando o desvio para todo tipo de negócios, alguns meramente fictícios.

Sufocado por uma violenta inflação, a concorrência entre as mais variadas empresas – suas ações disputavam na Bolsa do Rio de Janeiro os favores do público – gerou uma desenfreada inflação. Daí, o nome que deram a esse período: – encilhamento.

A verdade é que as boas intenções de Rui acabaram por lançar o país numa tremenda crise, levando todos a colocarem nele a culpa. Acusado por todas as correntes como o único culpado, deixou o Governo. E o fez profundamente magoado, uma vez que o acusavam de avarento, egoísta, autoritário, desonesto, corrupto, elitista, e, até, de traidor.

- O CASO DO NOSSO AMAZONAS

Perdoem-me os eminentes Acadêmicos se abordo o ocorrido com o bombardeio de Manaus, nos idos de 1913. Não poderia omiti-lo, à vista de ter aqui nascido, e, sobretudo porque o Tribunal de Justiça estava ameaçado, as principais autoridades expulsas, outros foragidos, inclusive o vice-procurador.

Rui, no Senado, condena os atentados, se coloca ao lado das vítimas e termina por apresentar um projeto de intervenção, limitando o poder do interventor e a ação do governo federal. E, no Supremo Tribunal Federal, impetra uma ordem de habeas corpus em favor do Tribunal do Amazonas, provando as ameaças de exoneração ilegal que sofriam os desembargadores.

Não me contenho em deixar aqui consignado parte do que Rui, a 21 de agosto de 1913, sustentou perante aquela Corte: Estava reservado a mim, romeiro de um ideal ludibriado, advogado fiel da lei, acabar por vir requerer à justiça um habeas corpus para a justiça; levantar, aos pés do Supremo Tribunal, o grito de socorro do mais alto Tribunal de um grande Estado brasileiro, que se abisma na catástrofe deste país, alongando os braços que o desespero agita. É a primeira vez que – nunca se vira até hoje – que o Tribunal Superior de um Estado, em peso, vem solicitar, ao Supremo Tribunal da União, garantias de existência contra os acessos de loucura de um governo.

E mais adiante:

O fato é sem precedentes, neste país, e em qualquer outro. Bem sei que a justiça, às vezes, entre nós, se não impressiona com estes assomos de patriotismo ferido nos mais íntimos recessos da sua consciência.

Desnecessário acentuar que Rui obteve estrondosa vitória. A nota curiosa é que Rui se colocou contra o então Governador Jônathas Pedrosa, médico, baiano e seu amigo de infância, pai do Ministro Waldemar Pedrosa, a quem há pouco fiz referência nestas páginas.

— oração aos moços

Quando concluí o meu curso de Ciências Jurídicas e Sociais, no longínquo ano de 1954, falei em nome dos Colegas Concludentes por terem eles me escolhido para Orador da Turma. Aquela altura, a nossa Faculdade de Direito já federalizada, o orador recebia a recomendação da Diretoria para que sustentasse um princípio de Direito. O que fiz, relembrando os primeiros passos do Direito Internacional Privado, quando, na antiguidade, ao estrangeiro não se reconhecia o direito próprio, instante em que a desconfiança recíproca e a religião criaram as situações mais complicadas, dificultando as relações. Como contraponto, o comércio tomou vulto e começou a se impor como fator de proteção aos bens e à vida do estrangeiro.

Procurei dar base à minha sustentação no testemunho de Fustel de Coulanges, em sua mundialmente famosa obra "A cidade antiga".

Na companhia de Oscar Tenório – citando Lavedan – percorri o jus gentium e jus civile; depois, os princípios da personalidade e da territorialidade das leis. Com Clóvis Bevilaqua caminhei na divisão da teoria dos estatutos, reais e pessoais, passando pelo Código Civil da França (1804), Italiano (1865) e o Alemão (1896). Até chegar a RUI, na sua já comentada atuação em Haia.

Agora, o que faço questão de transcrever neste meu modesto trabalho é um trecho de Rui na sua incorredoura "Oração aos Moços", homenagem que ora renovo, como se vê adiante:

Agora o que a política e a honra nos indicam é outra coisa. Não busquemos o caminho de volta à situação colonial. Guardemo-nos das proteções internacionais. Acautelemo-nos das invasões econômicas. Vigiemo-nos das potências absorventes e das raças expansionistas. Não nos temamos tanto dos grandes impérios já saciados quanto dos ansiosos por se acharem tais à custa dos povos indefesos e mal governados. Tenhamos sentido nos ventos que sopram de certos quadrantes do céu. O Brasil é a mais cobiçada das presas e, oferecida, incauta, ingênua, inerme a todas as ambições, tem de sobejo com que fartar duas ou três das mais formidáveis. Mas o que lhe importa é que dê começo a se governar a si mesmo, porquanto nenhum dos árbitros da paz e da guerra leva em conta uma nacionalidade adormecida e amenizada na tutela perpétua do governo que não escolhe. Um povo dependente no seu próprio território e nele mesmo sujeito ao domínio de senhores, não pode aspirar seriamente, nem seriamente manter, a sua independência no estrangeiro.

A motivação dessa peça notável de Rui tem uma singularidade. É que, pela primeira vez, na história da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, alguém de fora dos quadros de Professores era eleito para ser o Paraninfo da Turma: – de 1920.

À cerimônia de formatura não pôde Rui comparecer, à vista do seu precário estado de saúde. E pede ao seu velho amigo, Professor Reinaldo Porchat, da disciplina de Direito Romano, que proceda à leitura do seu discurso, intitulado "Oração aos Moços". O que é feito no noite de 29 de março de 1921, sob os intensos aplausos dos presentes.

Por tudo isso, encerro esta página com outro trecho dessa peça que é considerada um clássico da nossa literatura:

Incansavelmente, servi à minha Pátria, desde os bancos acadêmicos. Preguei, demonstrei e honrei a verdade da Constituição e a verdade da República. A vida não tem mais que duas portas: uma de entrar, pelo nascimento; a outra de sair, pela morte. Ninguém, em lhe cabendo a vez, se poderá furtar à entrada; e ninguém, desde que entrou, se poderá evadir à saída.

Não foi sem razão que o Professor Miguel Reale – notável jurisconsulto, autor da Tri-Dimensionalidade do Direito e membro da Academia Brasileira de Letras – considerou-a como "o testamento da religiosidade de Rui".

- CIVIS E MILITARES

Em 1909, morre Afonso Pena e assume a Presidência o Vice Nilo Peçanha, que abraça a candidatura do então Ministro da Guerra, Hermes da Fonseca, como candidato da situação. De imediato a oposição se fixou num nome para ser seu candidato. Escolhido, teve início uma campanha muito forte contra a máquina eleitoral oficial, a qual continha vícios de todas as origens. Identificando cada ponto, Rui certificou-se de que a máquina governamental impediria, a todo custo, sua vitória, dando início ao que ficou conhecido como campanha civilista.

Ao longo da campanha, produziu muitos desabafos e, talvez, o mais célebre, tenha sido este: "Que me importa a mim, senhores, o espantalho. Não nasci cortesão. Não o fui do trono. Não o quis ser da ditadura; da própria nação não o sou; não o serei das baionetas". A derrota veio inevitável. Os governadores não o apoiaram, os militares, "acreditando salvar o país da corrupção e da incompetência dos bacharéis", patrocinaram a vitória de Hermes da Fonseca, eleito em 1910.

Todavia, isso teve um custo alto para Rui. Começaram – e mais tarde ampliaram – a incompatibilizá-lo com os militares, motivando esta sua posição, sobre civis e militares: Não queiramos, portanto, senhores, em matéria de crimes, até aí estabelecer distinções entre militares e civis. Eu condeno os crimes da farda, como condeno os crimes da casaca. Mas, do mesmo modo como, ao condenar os crimes das casacas, eu não responsabilizo a casaca pelos seus crimes, assim, condenando os crimes dos militares, eu não responsabilizo os militares por esses crimes. Não é a condição dos militares, nem a condição dos civis o que, a uns e a outros, arrasta a esses desvios morais. Condeno o crime onde quer que ele se manifeste, no militar ou no paisano. Neste país não há castas, nem, politicamente falando, pode haver classes. Somos um povo cujos atos, cuja tradição, cujo temperamento nos asseguram a mais absoluta igualdade. Esta igualdade hoje se entranhou de tal modo, constitui de sorte tal a nossa própria Constituição, que não toleraríamos qualquer coisa que contrariasse esse princípio universal.

Militares, dentro da lei, civis, dentro da lei - esta é a minha divisa. Que são os militares senão uma categoria de funcionários, semelhantes aos funcionários civis e apenas diferençados pela natureza dos sacrifícios maiores a que se consagram?

Alterai essa índole de vocação militar, fazei o soldado o homem do poder, pondo nas mãos do soldado a riqueza, a fortuna, o dinheiro, e tereis desnaturado o Exército, tereis afastado as forças militares das suds funções nacionais, tereis criado, para o país onde existe essa aberração, um dos piores flagelos.

Rui provara que não passava de balela de que era inimigo do Exército, esquecidos os seus detratores que a sua posição representava apenas a sua condenação aos atos de força do governo Floriano, ampliada – como teria de acontecer – durante a campanha civilista.

E mais: por ocasião dos casos de intervenção nos Estados do Norte e nas ameaças de intervenção armada em outros Estados do Sul, usou a tribuna do Senado para enaltecer o Exército:

O Exército é uma força essencialmente obediente dentro da lei e da Constituição. Não quer isto dizer que ao Exército caiba o papel de jurista, de leguleio, de intérprete dos casos complexos na inteligência da Constituição e das leis brasileiras. Não. Mas quer dizer que, quando os atos do governo romperem ostensivamente, material e grosseiramente contra as leis é contra a Constituição, é não só o direito, mas o dever das forças armadas, não prestar obediência a estes, abertamente rebelados contra a Constituição e contra as leis.

Nesse particular, João Magabeira põe por terra esse boato, com a sua festejada conferência antes citada:

É que, entre nós, qualquer boato, por mais inverossímil que seja, uma vez posto em circulação, vive por si mesmo, embora todos os fatos o desmintam e o mais elementar bom-senso lhe mostre, desde logo, a sem-razão. Porque não é possível, salvo a um demente, que alguém seja inimigo das classes armadas de sua Pátria. Muito menos o seria Rui, que por elas sempre se bateu, que os seus grandes chefes sempre enalteceu, que aos assuntos e estudos militares sempre se dedicou, que dos direitos dessas classes foi sempre o mais fiel e abnegado defensor. Bem disse Rui, de uma feita, que somos "um povo acostumado a apanhar no ar a informação que o vento leva.

Sobre esse assunto o resto é silêncio.

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

No dia 3 de outubro de 1908, Rui é eleito presidente da Academia, em substituição a Machado de Assis, que falecera quatro dias antes. No dia da morte do amigo, pronuncia, em nome dos seus colegas Acadêmicos, o discurso de despedida, considerado mais um clássico da literatura brasileira, e ao qual deu o nome de "Adeus a Machado de Assis".

Em homenagem aos meus Colegas Acadêmicos, transcrevo apenas três parágrafos, como se vê adiante:

- Até hoje, nunca havia erguido à voz sobre um túmulo, parecendo-me sempre que o silêncio era a melhor linguagem de nos entendermos com o mistério dos mortos. Daqui, desse abismar-se de ilusões e esperanças que

- 46 soçobram ao cerrar de cada sepulcro, deixemos passar a glória na fascinação e na impetuosidade do seu voo.
 - Chegou a hora do grande adeus, que não se pronuncia sem ter o coração pesado da dor mais funda e sem remédio.
 - Mestre e companheiro! Disse eu que nos íamos despedir. Mas disse mal. Porque a morte não extingue, transforma; não aniquila, renova; não divorcia, aproxima. Para os eleitos do mundo das ideias, a miséria está na decadência e não na morte. A nobreza de uma nos preserva das ruínas da outra. Quando eles atravessam essa passagem do invisível, então é que entramos a sentir o começo do seu reino, o reino dos mortos sobre os vivos.

- conclusão

Daqui a meses estaremos no mês de novembro, quando, no dia 5 do ano de 1849, nascia em Salvador Rui Barbosa de Oliveira, filho do casal João José Barbosa de Oliveira e Maria Amélia Barbosa de Oliveira. O pai pertencia ao ramo pobre de uma antiga família baiana, que conhecera a orfandade desde os primeiros anos de sua existência e só lhe foi possível ingressar na Faculdade de Medicina da Bahia graças ao auxílio de parentes:

Do casamento com a prima nasceu, também, uma filha, Brittes, de quem não se tem notícia de que o pai a obrigava, como fazia com Rui, a ler os clássicos portugueses. Daí, já aos dez anos de idade, recitava Camões e Vieira do alto de uma velha mala.

Aos 15 anos, o seu talento o alçou a 1º lugar da turma, premiado com uma medalha de ouro, ocasião em que, eleito orador oficial da turma, pronunciou o seu primeiro discurso público.

Ao longo da sua trajetória aquele baiano mirrado de corpo, tímido, cabeça desproporcional, ensimesmado, conseguiu galgar os píncaros da notoriedade. E estranho paradoxo: – reconhecido e proclamado como uma das maiores inteligências brasileiras – definido pelo seu colega Acadêmico Josué Montello como "o contemporâneo da posteridade" – imenso conhecimento cultural, excelente orador, uma das

excepcionais figuras do Senado Federal de todos os tempos, foi, mais de uma vez, derrotado ao postular a Presidência da República.

Aprendeu, consigo próprio, a cultivar hábitos rígidos. Levantava-se às 4h3o. Dirigia-se à sua biblioteca até a chegada do barbeiro, às 6h15. Após o banho quente, às 7 horas, em ponto, tomava o chá preto, com leite, pão quente com manteiga, sempre em companhia da esposa.

Ao final do ano de 1822, recolheu-se à sua casa, em Petrópolis. Recomendação médica: convalescer de uma pneumonia. A morte o encontrou meses depois, no dia 1º de março, aos 74 anos.

Perdia o mundo jurídico, literário, jornalístico, um homem de 1,58 m de altura e estatura moral de gigante: Rui Barbosa de Oliveira ou simplesmente RUI.

- FONTES DE CONSULTA

- 1. Luís Viana Filho: "A vida de Rui Barbosa"
- 2. Raimundo Magalhães Jr.: "Rui, o Homem e o Mito"
- 3. Oswaldo Orico: "Rui, o Mico e o Mito"
- 4. Murilo Melo Filho: "O brasileiro Rui Barbosa"
- 5. João Mangabeira: "Rui o Estadista da República"
- 6. Christiane Laidler de Souza: "Nossa águia em Haia"
- 7. Sylvio Brito Soares: "William Thomas Stead e Rui Barbosa"
- 8. Graça Aranha: "Machado de Assis & Joaquim Nabuco Correspondência Organização, Introdução e Notas"
 - 9. Rui Barbosa "Oração aos Moços"
 - 10. J. Bernardo Cabral: "Discurso de Formatura"

¶ BERNARDO CABRAL

Das letras ao mecenas¹

homenagem a moysés benarrós israel

Pronunciamento em nome da Academia Ama - zonense de Letras por ocasião da inauguração da Memorália Moysés Israel. Itacoatiara, 30 de maio de 2015.

Ao instituir, em 2004, a Medalha do Mérito Cultural Péricles Moraes para o reconhecimento do trabalho de personalidades com destaque nas Artes, Letras e Mecenato Cultural, a Academia Amazonense de Letras conferiu, a unanimidades de seus membros, a honraria ao mecenas Moysés Israel.

Foi um dos primeiros a agasalhar no peito o reconhecimento da quase centenária instituição que abriga uma longa história de serviços prestados ao desenvolvimento cultural do Amazonas.

Síntese de tantas vocações, o Senhor Moysés Israel, que tanto se distinguiu no âmbito dos negócios em prol do desenvolvimento do Estado do Amazonas, notabilizou-se, também, pelo prestígio e apoio, ontem como hoje, às manifestações do espírito em todos os campos da erudição humana.

A Academia Amazonense de Letras associa-se rejubilada às homenagens que a Universidade Federal do Amazonas, nossa Ufam, hoje presta a esse espírito devotado ao Bem e ao Belo.

Guarde, Senhor Moysés Israel, no seu generoso coração, o abraço e o reconhecimento da Casa de Adriano Jorge, que o Senhor ilustra e dignifica ao compor a galeria de homenageados.

A voz que fala interpreta, Senhor Moysés Israel, o sentimento da instituição e faz coro com outras vozes de acadêmicos que aqui comparecem para o abraço fraternal: Márcia Perales, José Braga, Francisco Gomes.

Obrigada!

Celebrando a vida¹

homenagem a moysés benarrós israel

Maio transcorre com chuvas providenciais sobre a cidade. Cobrindo as pedras, transbordam os rios para vestir de verde, amanhã, a Velha Serpa. São as águas de maio desafiando a vida

Conduzidos pelas mãos e sensibilidade da Reitora Márcia Perales, estamos aqui, hoje, nesta cidade, sob as bênçãos protetoras de Nossa Senhora do Rosário para celebrar a vida.

Abracemos a cidade! As cidades não são apenas a sua geografia, o espaço em que se erguem: suas casas, esquinas e ruas, suas calçadas, igrejas e praças, escolas e hospitais, as árvores e o rio.

As cidades possuem um espírito vivo que lhes dá significação. A alma de uma cidade é a sua gente: as mulheres e os homens, as crianças e os velhos que nela realizam o milagre da vida. São também as instituições políticas, sociais, econômicas, culturais, educacionais que, servindo às gentes participam do seu destino.

A cidade onde nascemos, ou vivemos, nos faz, de certa forma, o que somos. Nela realizamos todo o nosso aprendizado, potencializamos os dons, construímos a visão particular de mundo, sonhamos e sofremos, trabalhamos e amamos, incorporando a experiência humana que nela se acha depositada.

A cidade nos iguala, por assim dizer, e ao mesmo tempo nos singulariza. Somos, em certa medida, a fisionomia de nossa cidade, que dela herdamos os traços definitivos de nossa identidade cultural e de nossa espiritualidade.

Fundada sobre a rocha nos meados do século xVIII pelo jesuíta João da Silva, esta terra resistiria aos ventos da adversidade. Território de muitas lutas, transferida a sua sede para várias localidades, Itacoatiara se fixaria, em 1757, nestas margens do Amazonas, onde as.

Pronunciamento do
 Prof. Dr. José dos Santos
 Pereira Braga em nóme do
 Conselho Diretor da Ufam.

50 pedras pintadas guardam, ainda hoje, traços dos povos indígenas, seus primitivos habitantes.

Temperada pelas lutas, sua gente não se intimidarianem mesmo com os canhões dos revoltosos de Óbidosque os navios Jaguaribe e Andirá, ao fim postos a pique, apontaram contra a cidade naquele 24 de agosto de 1932. Antes, muito antes, entre 1835/1836, aqui também se ergueram as vozes dos cabanos na luta pela construção de sua cidadania.

É, pois, nesta cidade, onde sua gente cedo habituou-se a lutar na defesa dos valores da vida e da dignidade humana, que a Universidade Federal do Amazonas, a mais antiga Universidade brasileira, integrada aos destinos desta terra desde 1990, presta, hoje, um tributo de reconhecimento e homenagem a Moysés Israel através do centro de memória, culto à sua humanidade e benemerência.

Romper os horizontes do amanhã divisando o futuro de luz para as novas gerações tem sido a pregação desse homem, cujos bens materiais amealhados pelo trabalho árduo desde jovem foram postos de há muito a serviço da sociedade e da Universidade em particular. Homem de pensamento e ação, muitas têm sido as suas antevisões como a que redundou na fundação da Federação das Indústrias do Estado do Amazonas – Fieam, de cujo sonho é alma remanescente; do Instituto EuvaldoLodi – IEL; do Aeroclube do Amazonas; de empresas de grande responsabilidade social. Entusiasta do Centro de Formação Profissional do Amazonas – Utam, atuou com inexcedível capacidade e zelo na direção do Serviço Social da Indústria – Sesi. Decisiva foi a sua atuação, ao lado de José Nasser, para a manutenção da Amazonas Filarmônica em momento delicado, dois anos após a sua criação em 1997.

Filho de Salomão e Carlota, aos onze anos Moysés era officeboy do pujante grupoempresarial I. B. Sabbá, do qual, aos 21 anos se tornaria sócio, participando da fundação da Companhia de Petróleo do Amazonas – Copam. Foi diretor da Associação Comercial do Amazonas, sendo hoje Vice-Presidente da Fieam, cargo que ocupou na fundação nos idos de 1900.

Apaixonado por esta cidade, na qual investiu mais que parte do seu patrimônio, carregado de esperanças no futuro, Moysés tornou-

se um dos seus, cultivando amigos, convivendo com as águas e a flo-51 resta, realizando sonhos. Dando de si parte da alma e da vida.

Por igual, deu-se à Universidade Federal do Amazonas que muito está a dever-lhe pela generosidade de seus gestos, pela magnitude de seus atos, pela compreensão para com a missão desta mais que centenária instituição, nosso maior patrimônio.

Nesta manhã em que as chuvas repousam vestidas de nuvens, o rio corre sobre as pedras desafiando a eternidade, aqui nos reunimos para render homenagens justas e intraduzíveis a esse brasileiro, para celebrar a vida e renovar as convicções de um futuro promissor aos jovens de nossa terra.

O homem se doa à terra que o acolheu. A terra o abençoa em gratidão. Os homens do seu tempo, Senhor Moysés Israel, lhe dizem obrigado. Obrigado mecenas Moysés Israel!

JOSÉ BRAGA

Aquele senhor¹

homenagem a moysés benarrós israel

Agradecimento do Sr.

Moysés Benarrós Israel às
homenagens de reconhecimento prestadas pela
Ufam e AAL, por seu apoio à cultura e às artes no
Amazonas.

Quando a Florestal do Norte fez a primeira doação de terreno para que a Ufam instalasse em Itacoatiara sua primeira unidade, não poderia prever que haveria de lutar como membro do Conselho, durante oito anos, para início das obras, o que somente foi conseguido na gestão do reitor Hidemberg Frota, quando uma segunda doação foi destinada para que o crescimento previsto fosse assegurado. A seguir, fizemos a doação da casa residência da fazenda Cacaia. Não esperávamos naquela ocasião que a continuidade do dedicado trabalho do Dr. Frota, na Ufam, e do amigo Frank Chaves, logo levassem nossa unidade à "promoção", que assegurou novas unidades que fariam crescer para oito módulos as futuras instalações e também novos professores, que dariam crescimento ao "capital intelectual" em nosso município.

Fizemos a entrega das chaves da residência ao diretor professor Cícero Augusto Cavalcante. Estaria assim residindo dentro do campus, para melhor desenvolver, dia a dia, os encargos assumidos. Aquele ato aconteceu em 7 de janeiro de 2008 e foram testemunhas: Dom Carillo Gritti, Antonildes France B. de Paiva, Ana Lúcia da Silva Fernandes, Adriana de Oliveira Carléo, Francisco Carlos M. de Lima, Frank Queiroz Chaves, Floriano Ferreira da Silva, Joseane de Almeida Melo, Maria Lourença Lemeszenski, Pedro Fernandes Menegon, Raimundo Dias, Sergio Silva de Souza

O reitor Frota dissera-me uma vez que os alunos perguntavam quem era aquele senhor, que dera nome ao campus, e sugeriu uma Memorália conservando o salão maior para sala de reuniões da diretoria.

Alguns anos se passaram e, graças à decisão de nossa magnífica reitora Drª Márcia Perales, agora temos a oportunidade de agradecer por esta inauguração.

Estão naquelas paredes algumas reminiscências de minha vida, 53 para resposta aos alunos, mas também um pouco de história de meu carinho por Itacoatiara.

Quero fazer primeira referência a uma outra mulher, que me ensinou a gostar de nossa Serpa, à senhora Ida Ramos, esposa do Sr. Oscar Ramos, o qual, pelo edifício que fez erguer para sede de seus negócios, nos deixou sentir o volume deles, e sua confiança no futuro!

Dona Ida, matriarca da família, mãe de nosso representante em Itacoatiara, Sr. Ilídio Ramos, havia me intimado a "sempre que chegar", para fazer o embarque das castanhas, que seu filho preparava, deveria vir com ela tomar o café da manhã, em lugar do chá servido nos vapores ingleses.

Dessa agradável convivência, aprendi muito sobre a história da cidade, suas famílias e tradições, e também sobre outros investidores locais, as famílias Isaac Peres, Ezagui, Araújo Costa, cujo gerente, senhor. Perales, era meu amigo e fornecedor da saboaria.

Na Memorália estão expostos livros de dois autores que determinaram meu interesse em criar facilidades para educação de nossos jovens; professor Samuel Benchimol, meu amigo, depois meu cunhado, grande pesquisador, que produziu 120 estudos em livros sobre a Amazônia; e Cosme Ferreira Filho, autor de Amazônia em novas dimensões, escritor e amigo com quem convivi por 35 anos na ACA e da qual me tornara associado, juntamente com meu fraternal amigo Robert Phelippe Daou, na empresa CBP, e sob cuja orientação, destacamos um lote de nossos terrenos no Aleixo, com área de 500.000 m² doados para a instalação do Colégio Agrícola do Amazonas, do qual foi aluno nosso amigo e colaborador Carlos Lima, aqui presente, que sempre, diariamente, me ensinou como fazer no que se tefere à expansão ordenada de nossa cidade em 30% e criação de 19 loteamentos (exemplo: "Jardim Celeste") (vide mapas com lotes residenciais e áreas públicas).

Ex-alunos daquela escola foram também João Nestor, Jordão, major Beckmam e mais cem outros de Itacoatiara e de Benjamin Constant, para cada curso vinham dez alunos na gestão de Antônio Braga (total 40).

Havíamos, no início das nossas andanças, quando visitamos a vila do Marco na tríplice fronteira, rio Javary, notado que crianças brasileiras iam estudar na Colômbia. Mandamos construir ali uma pequena escola, a qual foi dado o nome de "Duque de Caxias" em homenagem ao nosso Exército, que viria a ter nosso apoio com a doação do lote "Estirão do Equador", onde hoje se encontra o Pelotão que atende à segurança daquela extensa área!

E, em Itacoatiara, nossa primeira escola foi construída para atender o Mobral, a pedido do Dr. Paulo Nery, e a qual demos o nome de "Isaac Peres", conhecido por sua gestão como intendente de Itacoatiara. Educado na França, projetou nesta cidade uma estrutura urbana como a de Paris, com avenidas com largura de 20 metros, a nossa avenida Parque, e quadras de 100 x 100 m². Nelas inspirados, em nossos projetos, fizemos inserir as avenidas José Tadros e Mário Andreazza, com a mesma largura daquela e também com extensão de 2.000 metros cada, plantadas como ipê-amarelo pelo agrônomo Carlos Lima.

E, ao término, queremos agradecer aos amigos que compareceram a este ato, renovando o compromisso de trabalho pela educação de nossos jovens! Agradeço a todos os outros, que montaram a Memorália, que será inaugurada pela nossa magnífica reitora.

¶ moysés benarrós israel



{ alguma POESIA }

Queixas noturnas AUGUSTO DOS ANJOS

Quem foi que viu a minha Dor chorando?! Saio. Minh'alma sai agoniada. Andam monstros sombrios pela estrada E pela estrada, entre estes monstros, ando!

Não trago sobre a túnica fingida As insígnias medonhas do infeliz Como os falsos mendigos de Paris Na atra rua de Santa Margarida.

O quadro de aflições que me consomem O próprio Pedro Américo não pinta... Para pintá-lo, era preciso a tinta Feita de todos os tormentos do homem!

Como um ladrão sentado numa ponte Espera alguém, armado de arcabuz. Na ânsia incoercível de roubar a luz. Estou à espera de que o Sol desponte!

Bati nas pedras dum tormento rude E a minha mágoa de hoje é tão intensa Que eu penso que a Alegria é uma doença E a Tristeza é minha única saúde.

As minhas roupas, quero até rompê-las!

Quero, arrancado das prisões carnais.

Viver na luz dos astros imortais,

Abraçado com todas as estrelas!

58

A Noite vai crescendo apavorante E dentro do meu peito, no combate. A Eternidade esmagadora bate Numa dilatação exorbitante!

E eu luto contra a universal grandeza Na mais terrível desesperação... É a luta, é o prédio enorme, é a rebelião Da criatura contra a natureza!

Parai essas lutas, uma vida é pouca Inda mesmo que os músculos se esforcem, Os pobres braços do imortal se torcem E o sangue jorra, em coalhos, pela boca.

E muitas vezes a agonia é tanta Que, rolando dos últimos degraus, O Hércules treme e vai tombar no caos De onde seu corpo nunca mais levanta!

E natural que esse Hércules se estorça, E tombe para sempre nessas lutas, Estrangulado pelas rodas brutas Do mecanismo que tiver mais força. Ah! Por todos os séculos vindouros Há de travar-se essa batalha vã Do dia de hoje contra o de amanhã, Igual à luta dos cristãos e mouros!

Sobre histórias de amor o interrogar-me E vão, é inútil, é improfícuo, em suma; Não sou capaz de amar mulher alguma Nem há mulher talvez capaz de amar-me.

O amor tem favos e tem caldos quentes E ao mesmo tempo que faz bem, faz mal; O coração do Poeta é um hospital Onde morreram todos os doentes.

Hoje é amargo tudo quanto eu gosto; A bênção matutina que recebo... E é tudo: o pão que como, a água que bebo, O velho tamarindo a que me encosto!

Vou enterrar agora a harpa boêmia Na atra e assombrosa solidão feroz Onde não cheguem o eco duma voz E o grito desvairado da blasfêmia!

Que dentro de minh'alma americana Não mais palpite o coração – esta arca, Este relógio trágico que marca Todos os atos da tragédia humana! 60 Seja esta minha queixa derradeira
Cantada sobre o túmulo de Orfeu;
Seja este, enfim, o último canto meu
Por esta grande noite brasileira!

Melancolia! Estende-me a tua asa! És a árvore em que devo reclinar-me... Se algum dia o Prazer vier procurar-me Diz a este monstro que eu fugi de casa!



- Persistência da memória

LUIZ BACELLAR

A Salvador Dalí

A pálpebra escorre (a lágrima se congela luminosa.) Mecânica se abre a rosa com seu olhar perfumado

(e se nos fita do fundo de seu âmago-mistério é porque foi habitado por um anjo triste e sério.)

Do seu molde musical amalgamado violino escorre também um som de árias ciganas: tão fino é o sentimento do tempo que eu sou outra vez infante que eu outra vez sou menino

As plantas do cemitério querem-me ter nas raízes: matar-me-ei para exemplo Fundos sutilés-volants soluçai que vou morrer! apressai meu necrológio!

Formigas sobre o relógio: o doce fluir do tempo

— A Vila da Barra

As casas de São José eram de palha e cipó entre cercados de estacas e só.

As ruas de São José saíam dentre as gramíneas como uma cobra entre curvas caninhas.

O povo de São José vestia-se com antigas vestes adornos missangas indígenas.

No porto de São José fundeavam as igaras pequenos barcos de remos e faias.

A vila de São José era silêncio de gente, um simples traço de vida somente.

— Soneto antigo (ou de espera) MAX CARPHENTIER

Suponho que virás: quando for dia de pássaros libertos e de ermidas em festa, praça e rosa na alegria da multidão de mágoas redimidas...

Suponho que virás: quando for hora de a mão erguer-se e semear espantos nessa pele nitente que se adora pelo candor dos místicos encantos

Suponho que virás: pela tardinha de baixa e rósea nuvem resgatada, vestes de fada, passos de rainha.

Suponho que virás: como não cansa, desfraldo em verso e espera abandonada, empunho aos céus a fímbria da esperança!

— Poética JORGE TUFIC

Da boca rolam palavras

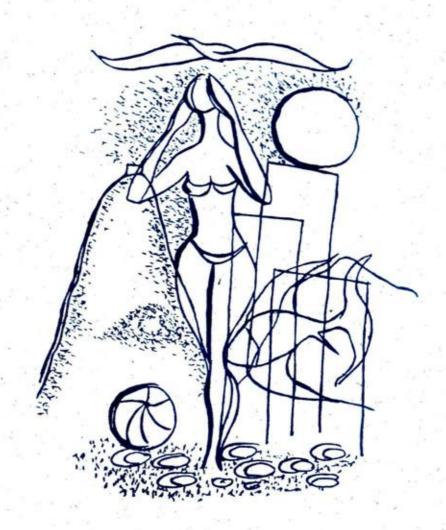
Que se dão mãos para o verso.

O sal das horas

Consiste no que fizeres
do tempo que trazes preso
em tua ingrata memória.

Sugestões perseguidas,
antecipadas; o dia
como um punhal bem oculto
entre o punho e a lapela.
porém, não mates a tua aurora
Porque o sangue que jorra
Espontâneo
Protege e densifica
o mármore do poema.

Cuida agora que é tarde. (O gesto decepado É um convite do abismo.) Na porta que transpuseres dois anjos terás à frente imóveis, como dois anjos. Cântaro partido
à espera muda e visível
da fonte desperdiçada
és: em diurna melancolia
e pouco
no rumor da fonte.



Sinos

L. RUAS

Os sinos calaram-se em sons pontiagudos Projetando no espaço verde-negro Centelhas desmemoriadas.

De onde vem a voz dos sinos?

Das torres cicatrizadas Onde o tempo se gravou Em instantes de pedra?

De onde vem a voz dos sinos?

Essa voz Que vem até nós Como velas enfunadas Pelos ventos intocadas Do mistério inenarrável Do tempo não nascido?

De onde vem a voz dos sinos?

O canto das estrelas semimortas Repicava, em azul cristal, Nas torres erugadas

O último canto dos sinos É silêncio...

leve silêncio.

Soneto primeiro da infância FARIAS DE CARVALHO

Que gosto estranho e triste de alamedas, de caminhos distantes e infinitos, de ecos perdidos, de longínquos gritos se desfazendo em sombras e veredas.

E que rumor de passos distraídos amassando manhãs pelos planaltos; e o sonho do pastor armando saltos aos rebalhos do azul, inatingidos.

E o menino sentando na amurada toca de estrelas, mãos de madrugada pintando mundos nos vagões do cais;

Ah! O menino mastigando o rio, sozinho, nu, ah! O meu menino frio que não me alcança nunca, nunca mais!

Canto caboclo

ALCIDES WERK

Muita gente me pergunta por que meu canto é de rio, de floresta, de animais;

por que meu canto é vadio, se perdeu, vive à deriva nas forças elementais;

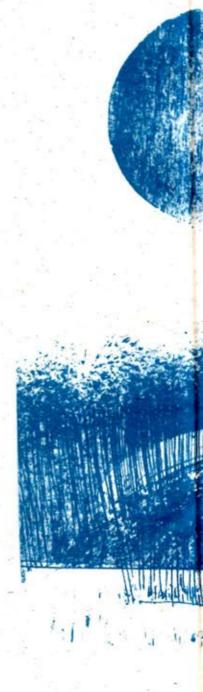
traz o recado da chuva, dos peixes, das canaranas, da terra, dos seringais.

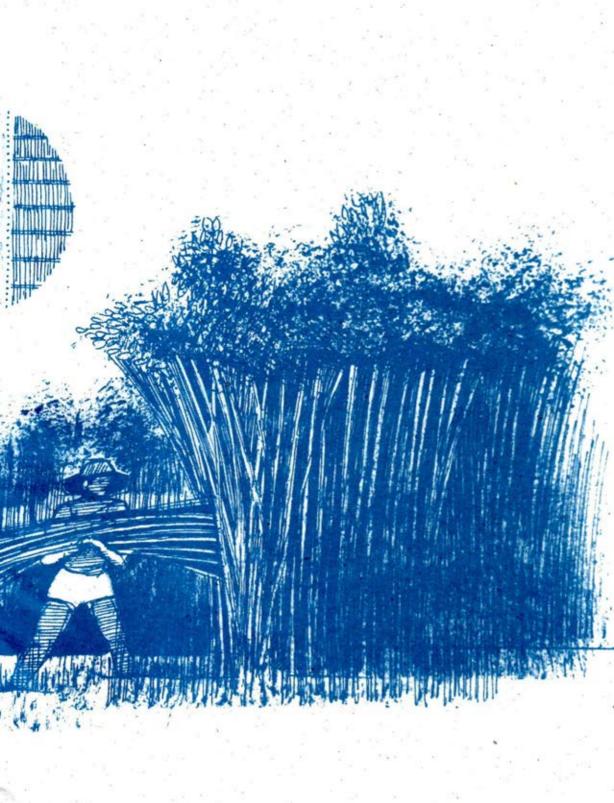
É que um dia cabocla com a puçanga da ternura me feriu, me enfeitiçou,

fez-me ouvir a voz das aves para cantar o verde, as águas e a vida que me ensinou.

Por isso navego livre, e a letra do meu poema o próprio Tupã me deu.

Sou um cantador caboclo, e em vez de cantar estelas eu canto o mundo que é meu.





— Enquanto a lua for calada e branca en ERNESTO PENAFORT

Enquanto a lua for calada e branca
eu serei sempre mesmo, este esquisito,
este invisível vulto, apenas visto
quando o vento, de leve, açoita as folhas.
Equanto a lua for calada e branca
eu serei sempre o mesmo, apenas visto
quando um raio de sol morre na lágrima
que se despede de uma folha verde.
Eu serei sempre assim, apenas sombra,
apenas visto quando a voz de um gesto
colhe no bosque alguma flor azul.
Apenas visto quando em fundo azul
voar a garça (o meu adeus ao mundo?)
enquanto a lua for calada e branca.

Sorveteria ASTRID CABRAL

Dia de verão qualquer no labirinto dos shoppings os homens tomam sorvete. Alguns engolem vorazes receosos de que o mormaço lhes arrebate a porção. Outos, lentos, não acertam com o creme fugaz o ritmo da fome. Morrem na fonte. Poucos os que se deleitam fuindo o açúcar e a neve sem dúvidas sobre a dádiva. Existe quem torça a cara às iguarias servidas imaginando outras raras. E quem enfeite o bocado de caldas extras, perfume de licores, nozes finas. Todos um dia qualquer terão suas taças vaizas lábios imóveis, mãos frias



- Variações em torno de um mesmo canto

ANÍBAL BEÇA

Por quem soubesse de mim De aflito, no que já sou, No não de que nunca vou, Retemperando meu Fim?

Por quem soubesse de mim De amor, no que já me dei, No sim de que nunca sei, Desmoronando meu Fim?

Por quem soubesse de mim De ardor, no que já cantei, No chão de que nunca hei, Reformulando meu Fim?

Por quem soubesse de mim, De ancho, no que já descri, No vão de que nunca vi, Testemunhando meu Fim?

Verdadeiro é saber quem De mim soubesse, inda Que eu me visse em tão finda ida sem saber quem Vem a mim.

{ENSAIOS}

Avaliação crítica das principais correntes da Antropologia

ANTONIO PAIM¹

— NOTA INTRODUTÓRIA

As correntes dominantes da antropologia, em nosso país, são aquelas que predominam na França, a saber, a chamada antropologia estrutural e a antropologia marxista. A antropologia norte-americana, onde também estão presentes, em posição de destaque, as correntes citadas, preserva-se o tradicional desenvolvimento independente. A avaliação crítica dessas correntes tornou-se relevante na medida em que passaram a influir, de forma decisiva, no estabelecimento da política indigenista do país. Nesse particular, graças à atuação do Marechal Cândido Rondon (1865/1958) houve, no período republicano, uma grande presença positivista na concepção e prática dessa política. No período recente, contudo, os personagens inspiradores são outros que não Augusto Comte.

O primeiro deles seria Claude Lévi-Strauss (1908/2009), a quem se deve a denominada antropologia estrutural.

Esse autor baseou sua doutrina nas impressões que colheu de sua permanência entre a tribo indígena Nambiquara, situada em Mato Grosso.

Ao ser criada, em 1934, a Universidade de São Paulo (USP) contratou especialistas europeus de diversas áreas. Nesse mesmo ano, jovem de 26 anos, Lévi-Strauss foi indicado pelo professor George Dumas para integrar o grupo constituído pelos franceses e dedicarse aos estudos etnográficos.

Os estudos realizados por Lévi-Staruss no Brasil tiveram lugar nos anos de 1935 e 1936. Entretanto, somente os divulgou no pós-guerra, Membro correspondente

da AAL

76 ao publicar estes livros: Estruturas elementares do parentesco (1949) e O pensamento selvagem (1962).

Sua projeção ganharia nova dimensão em decorrência da nomeação para o Collège de France, em 1958, com a incumbência de reger a cadeira de antropologia social. Não só conquista uma tribuna das mais expressivas na França como credencia-se a liderar o movimento estruturalista que – como acontece com certa frequência entre os franceses – tornar-se-ia moda na segunda metade do século.

Nunca chegou a sistematizar o que batizou de antropologia estrutural, limitando-se a reunir aulas expositivas e textos esparsos nestas obras: Antropologia estrutural (1958) e Antropologia estrutural-2 (1973). A primeira seria traduzida e editada entre nós (Tempo Brasileiro, 1967).

A segunda influência marcante corresponde ao marxismo. O principal centro onde se cultua a antropologia marxista é o Curso de Antropologia do Museu Nacional, que conseguiu estabelecer para muitos dos seus professores certa notoriedade nos meios acadêmicos.

Embora haja confluência entre essas duas vertentes há entre elas uma diferença importante. Trata-se de que a antropologia estrutural (Lévi-Strauss) constitui uma idealização da vida indígena a partir da qual efetiva uma rejeição radical da cultura ocidental. Procedo a uma análise minuciosa de seu ideário no livro Marxismo e descendência (Campinas, Vide Editorial, 2009).

O marxismo se propõe constituir uma espécie de coroamento e solução das contradições da fase capitalista do modo de produção ocidental e não a rejeição do Ocidente como um todo.

Não obstante, entre nós, ambas as correntes atuam em conjunto.

Nessa matéria, a notícia auspiciosa consiste no fato de que o Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina tenha tomado a iniciativa de divulgar o livro A interpretação das culturas (1989), de Clifford Geertz (1926/2006). Esse autor é figura destacada da tradição antropológica norte-americana, iniciada ainda entre as duas guerras, por Franz Boas (1858/1942) e Ralph Linton (1893/1953), da Universidade de Chicago, conhecida como antropologia interpretativa. Outros livros de Clifford Geertz foram igualmente traduzidos e, conforme se pode ver da internet, suas ideias

suscitam um certo interesse, havendo vários estudos, de brasileiros, 77 a ele dedicados.

A tradição antropológica norte-americana tornou-se uma das mais significativas reações à influência francesa, notadamente à sociologia de Emile Durkheim (1858/1917), que se incumbiu de dar forma ao projeto de estudo da sociedade formulado por Marx e do qual só havia legado sumárias indicações. A antropologia de Lévi-Strauss é justamente uma das virtualidades da sociologia fundada por Durkheim e que se tornaria dominante na França.

Caracterização mais circunstanciada dessas vertentes é apresentada nos tópicos subsequentes.

- 1. CONCEITO E FORMAÇÃO DA ANTROPOLOGIA

A antropologia corresponde à exposição sistemática dos conhecimentos que se tem acerca do homem. Tradicionalmente, tratava-se de uma disciplina filosófica, isto é, comportando diferentes pontos. de vista. Na medida em que se constitui a sociologia, como conhecimento da sociedade com pretensões científicas - isto é, aspirando vir a tornar-se saber de validade e aceitação universais -, destaca-se a etnografia, entendida como descrição de determinado conjunto populacional. Ao mesmo tempo, estudos específicos das chamadas comunidades primitivas ou arcaicas dão lugar à etnologia, como a disciplina voltada para tribos indígenas remanescentes, anteriores e distintas da sociedade ocidental.

Esse tipo de saber evoluiu na direção do que se denominou de antropologia social. Desde logo estabelece-se diferenciação entre a norte-americana e a francesa. A primeira ocupa-se de identificar os valores sociais e os sistemas de preferências que governam a ação em qualquer sociedade. Ná França, seguiu o modelo estabelecido para a sociologia, isto é, identificação entre fato social e fato natural. Vale dizer: eliminação do valor (das preferências) por se considerar que escapa à possibilidade de ser submetido à mensuração. A física moderna estruturou-se com base no postulado de que todo fenômeno natural pode ser reduzido a uma fórmula matemática.

As pretensões científicas da antropologia não se consagraram, formando-se, em seu seio, correntes diversas, o que não ocorre nas ciências naturais, embora as hipóteses e experimentos dessas últimas estejam sujeitos à refutação, traço que lhe é essencial porquanto, sem isto, seriam um simples conjunto de dogmas. Paralelamente, sobrevive a inquirição filosófica sobre o homem.

- 2. A ANTROPOLOGIA ESTRUTURAL²

2. O texto em apreço corresponde a resumo da caracterização da obra desse pensador contida no livro Marxismo e descendência (Capítulo 6/ 111. A radicalização do cientifi cismo em mãos de Lévi--Strauss, Campinas, Vide Editorial, 2009, págs. 341-364). A edição portuguesa (Balanço do marxismo e descendência, 2005) acha-se acessível no site www.institutodehuma nidades. com.br/OBRAS.

Admite-se que o conceito de **antropologia estrutural** seja devido a Claude Lévi-Strauss. Basicamente, seguiu a Émile Durkheim (1858/1917), criador da sociologia na variante que se tornaria uma espécie de ponto de vista oficial da França. Corresponde precisamente à elaboração da teoria da sociedade cujos princípios fundamentais foram fixados por Marx sem que se ocupasse de desenvolvê-la.

Ao contrário do mestre, Lévi-Strauss não prima pela clareza. Durkheim soube formular com precisão as teses que adotou e defendeu, a ponto de que os próprios índices dos seus livros são suficientes para orientar o leitor. No caso de Levi-Strauss, a maioria de suas obras reúne intervenções tópicas e não soube separar, didaticamente, a exposição de suas teses da defesa diante dos críticos. Adicionalmente, parece ter oscilado sempre entre a antropologia como uma ciência social que se beneficiasse dos avanços obtidos em segmentos isolados da vida social – em certos textos chega a falar em esperança na constituição de uma tal ciência – da pretensão de torná-la substituta da sociologia, incorporando não só as disciplinas em que se deteve, como a linguística e a etnografia, mas igualmente a economia.

Num dos textos mais precisos sobre o conceito de antropologia estrutural, detém-se muito mais em considerações de ordem epistemológica e inclusive o proclama.

Escreve então:

O princípio fundamental é que a noção de estrutura social não se refere à realidade empírica mas aos modelos construídos em conformidade com esta. Assim aparece a diferença entre duas noções vizinhas que foram confundidas muitas vezes: a de estrutura social e a de relações sociais.

As relações sociais são a matéria-prima empregada para a construção dos 79 modelos que tornam manifesta a própria estrutura social. Trata-se, portanto, de saber em que consistem estes modelos.

Ao que acrescenta: "O problema não depende da etnologia mas da epistemologia".

Desse ângulo, os modelos devem satisfazer, exclusivamente, a quatro condições e as enumera:

Em primeiro lugar, uma estrutura oferece um caráter de sistema. Ela consiste em elementos tais que uma modificação qualquer de um deles acarreta uma modificação de todos os outros. Em segundo lugar, todo modelo pertence a um grupo de transformações, cada uma das quais corresponde a um modelo da mesma família, de modo que o conjunto destas transformações constitui um grupo de modelos. Em terceiro lugar, as propriedades indicadas acima permitem prever de que modo reagirá o modelo, em caso de modificação de um dos seus elementos. Enfim, o modelo deve ser construído de tal modo que seu funcionamento possa explicar todos os fatos observados (ANTROPOLOGIA ESTRUTURAL; tradução brasileira; p. 315-316).

Como se vê, o procedimento em nada se distingue daquele adotado na observação dos fatos naturais.

No detalhamento dessa proposição, Lévi-Strauss mistura questões teóricas que poderiam ser arroladas como sendo de natureza epistemológica (consciente e inconsciente; estrutura e medida; modelos mecânicos e modelos matemáticos etc.) com a sistematização de resultados alcançados pelas pesquisas etnográficas. Como que se desculpando, na conclusão registra que "a antropologia social é uma ciência jovem; é natural que ela procure construir seus modelos imitando os mais simples, entre os que se lhe apresentam ciências mais avançadas. Assim se explica o atrativo da mecânica clássica". O problema reside em que o antropólogo se encontra numa situação com a qual não se deparou a física cósmica, na medida em que não foi convocada a se construir por meio de observações dos astrônomos babilônicos. "Enquanto as culturas indígenas que nos fornecem nos80 sos documentos desaparecem num ritmo rápido". Ao que se pode verificar, deixa aqui a pretendida antropologia estrutural na dependência de apenas um de seus segmentos.

A primeira tese dessa disciplina criada por Lévi-Strauss, seguindo a Durkheim, consiste em manter a hipótese de que a sociedade prevalece sobre o indivíduo. Assim, basta reconstruir os modelos de sociedade conhecidos para dispormos de uma tabela tão rigorosa quanto às criadas pela ciência natural. Para dizê-lo com suas palavras:

O conjunto de costumes de um povo é sempre marcado por um estilo; eles formam sistemas. Estou convencido de que esses sistemas não existem em número ilimitado, e que as sociedades humanas, assim como os indivíduos – em seus jogos, seus sonhos e seus delírios –, jamais criam de modo absoluto, mas se limitam a escolher certas combinações num repertório ideal que seria possível reconstituir. Fazendo o inventário de todos os costumes observados, de todos os imaginados nos mitos, destes também evocados nos jogos das crianças e dos adultos, nos sonhos dos indivíduos saudáveis ou doentes e nos comportamentos psicopatológicos, chegaríamos a elaborar uma espécie de quadro periódico como o dos elementos químicos, nos quais todos os costumes reais ou simplesmente possíveis apareceriam reunidos em famílias, e no qual só nos restaria identificar aqueles que as sociedades de fato adotaram.

Acredita firmemente que sua visita àqueles aldeamentos confirmou inteiramente essa hipótese. E até faz uma comparação interessante entre aquela gente e a sociedade descrita por Lewis Carrol no livro Alice no país das maravilhas. Escreve "aqueles índios cavaleiros pareciam-se com figuras de baralho... Tinham reis e rainhas; e, como a de Alice, o que mais apreciavam era brincar com as cabeças cortadas que lhes traziam os guerreiros". Quer dizer: mesmo as puras fantasias sempre refletem o que acabará por ser encontrado na realidade, porquanto esta estruturar-se-ia segundo uns quantos modelos.

Poderiam ser esquematizadas, do modo a seguir, as etapas na constituição do modelo que permitiria apreender a totalidade da moderna sociedade industrial O primeiro elemento seria, conforme foi referido, a tese durkheiniana da **precedência da sociedade sobre os indivíduos**.

No livro O pensamento selvagem, Levi-Strauss inseriu um capítulo emblemático de tal propósito. Deu-lhe o expressivo título de "O indivíduo como espécie". Reúne quantidade expressiva de designações adotadas para nomear as pessoas em diferentes etapas de sua vida, coletadas em diversas sociedades primitivas. Associa-as aos relatos mitológicos, tudo para comprovar que a pessoa humana resultaria de um conjunto de sistemas que não só o enquadrariam como o transformariam, para a ciência, num objeto sem nenhuma especificidade.

Em seguida, procede de igual modo em relação à classificação das aves, o que o autorizaria a afirmativas desse tipo:

Considerados do ângulo biológico, homens oriundos de uma mesma raça (supondo-se que esse termo tenha um sentido exato) são comparáveis às flores individuais que brotam, desenvolvem-se e fenecem na mesma árvore: são outros tantos espécimes de uma variedade ou de uma subvariedade; da mesma forma, todos os membros da espécie Homo sapiens são logicamente comparáveis aos membros de uma espécie animal ou vegetal qualquer (O PENSAMENTO SELVAGEM (1962). Tradução brasileira. Campinas: Papirus Ed., 1989, p. 239).

E, logo adiante, este primor:

Quando uma personalidade morre, o que desaparece consiste numa síntese de ideias e de comportamentos, tão exclusiva e insubstituível quando a operada por uma espécie floral a partir de corpos químicos simples usados por todas as espécies. A perda de um parente ou de uma personalidade pública – homem político, escritor ou artista – quando nos atinge o faz, portanto, da mesma maneira com que sentiríamos a irreparável privação de um perfume, se a Rosa centifolia fenecesse. Desse ponto de vista, não seria falso dizer que certas formas de classificação arbitrariamente isoladas sob o rótulo de totemismo conhecem um uso universal: entre nós, esse totemismo apenas se humaniza. Tudo se passa como se, em nossa civilização, cada indivíduo tivesse como totem sua própria personalidade: ela é o significante do seu ser significado.

A última frase tem por objetivo fazer crer que, na análise do que chamou de "pensamento selvagem", teria seguido à risca as indicações científicas da linguística, quando se trata de grosseira extrapolação, como pretendo demonstrar. Não constitui atribuição da linguística "provar" que a obra de Shakespeare é uma criação da sociedade.

Outra tese central da antropologia estrutural corresponde a afirmar que as estruturas linguísticas correspondem à primeira determinante do indivíduo.

Para tanto irá declarar-se seguidor de Ferdinand Saussure (1857/1913) criador da lingüística como disciplina científica. Procurou isolar, no conjunto da linguagem, aqueles elementos aos quais poderiam ser aplicado o método científico. De um modo geral, o conhecimento incorporou, dessa doutrina, as componentes que poderiam ser denominadas de "classificatórias", sem embargo de que sobrevivem, nessa matéria, as questões de índole filosófica. Seu texto básico – Curso de linguística geral, publicado postumamente (1916), tornou-se clássico.

Na verdade, o que Lévi-Strauss tinha em vista era, aparentemente estribado na mencionada disciplina, avançar a tese de que não procede a denominação de "pensamento selvagem", contraposto a "pensamento civilizado". Aparentando dispor desse tipo de anteparo, avança simplificações simplesmente grosseiras. Vejamos alguns exemplos.

Em O pensamento selvagem (1956), Lévi-Strauss afirma que o sistema totêmico expressa as modalidades de classificação que facultariam aproximá-lo da elaboração teórica ocidental.

Tenha-se presente que o totemismo corresponde à adoração de animais, plantas ou fenômenos naturais.

Com o propósito de encontrar o que denomina de "estrutura lógica" – ou aqueles elementos que pudessem evidenciar fidelidade à linguística de Saussure – toma um texto ritual de determinado clã em que se assinala a cor preta da planta dos pés e a obtenção de carvão, que tem a mesma cor, ou partes de animais com idêntica característica. Daí retira estas inferências:

Cada animal é assim decomposto em partes, conforme uma lei de correspondência (focinho = a bico etc.), e as partes equivalentes são reagrupa-

das entre elas; depois, todas juntas, em função do mesmo caráter pertinente: a presença de partes "carvoeiras". Devido ao papel protetor atribuído ao fogo e a seu produto, o carvão, e, conseqüentemente, à cor negra – a "coisa negra", o carvão, é objeto de um rito especial ao qual são submetidos os guerreiros antes de partir para o combate. Se descuidarem de enegrecer o rosto, perderão o direito de recapitular seus feitos notáveis e pretender honras militares. Já se tem, portanto, um sistema de dois eixos, um reservado às diversidades, outro às similitudes." A exposição conclui com um gráfico e esta inferência cujo exagero salta às vistas: "O processo analítico, que permite passar das categorias aos elementos e dos elementos às espécies, prolonga-se, portanto, por uma espécie de desdobramento ideal de cada espécie, que restabelece progressivamente a totalidade num outro plano (O PENSAMENTO SELVAGEM, ed. cit. pp. 167-168).

Como que inebriado pelas próprias inferências, encontra um outro parceiro, que, do fato de um ancião mostrar, aos mais jovens, 58 figurinhas – que representam animais, personagens ou símbolos de tipos de atividades –, entendendo tratar-se do "esboço do ensino que lhes é ministrado", conclui: "Os anciãos apresentam aos neófitos um certo número de objetos Esse inventário, às vezes bastante extenso, constitui uma espécie de léxico dos símbolos, cujas diferentes maneiras de arranjos possíveis são indicadas. Nos **poro** mais evoluídos, os homens aprendem assim a manejar os suportes ideográficos de um pensamento que chega a assumir uma verdadeira forma filosófica".

Com esse tipo de entendimento acerca do que seja filosofia, certamente que é muito fácil comprovar que o "pensamento selvagem" não só se equipara ao ocidental como pode mesmo superá-lo, no que se refere à autenticidade. Levi-Strauss explica deste modo semelhante tomada de partido "...esse pensamento selvagem (referido por Comte) não é para nós o pensamento do selvagem nem o de uma humanidade primitiva e arcaica mas o pensamento em estado selvagem, diferente do pensamento cultivado, ou domesticado com vistas a obter um rendimento".

Acrescentaria que não faz sentido negar a diferenciação entre "pensamento selvagem" e "pensamento civilizado", visando neste úl84 timo ao Ocidente, a partir da simples constatação de semelhanças no processo da construção de expressões linguísticas. Ao que se supõe, o que caracteriza a cultura ocidental é a criatividade demonstrada, em relação a outras culturas, tomando-se por base a ciência moderna, o desenvolvimento tecnológico, os avanços da medicina e assim por diante.

A par disso, Lévi-Strauss deixa transparecer o seu nítido preconceito contra a cultura ocidental. Tomemos apenas um exemplo.

Para refutar a tese de que os selvagens só atribuem denominações àquilo que teria alguma utilidade, afirma simplesmente o seguinte:

Cada civilização tende a superestimar a orientação objetiva de seu pensamento. ...Quando cometemos o erro de ver o selvagem como exclusivamente governado por suas necessidades orgânicas ou econômicas, não percebemos que ele nos dirige a mesma censura e que, para ele, seu próprio desejo de conhecimento parece melhor equilibrado que o nosso".

E logo recorre a outro etnólogo, – que comunga das suas ideias e aponta as vantagens da utilização dos recursos naturais pelos indígenas havaianos – e a contrapõe "à praticada na era comercial que, sem piedade, explora alguns produtos que, no momento, proporcionam vantagem financeira, desprezando e destruindo todo o resto" (Obra cit., ed. cit, p. 17).

Como diz o prof. Francisco Hardman, da Unicamp, estudioso de sua obra, em *Tristes Trópicos* Lévi-Strauss não esconde "seu amor incontido pela pobreza despojada e lúcida da nação nambiquara, talvez os portadores mais autênticos da utopia de um estado igualitário e feliz, de que nossa civilização cada vez mais se afasta". Sendo essa a pretensão, caberia pelo menos tomar a precaução de distinguir aquela comunidade indígena aculturada – isto é, beneficiária da substituição do empenho catequético dos jesuítas pela política de respeitar-lhes os costumes e assegurar-lhes o direito de viver em liberdade em territórios limitados (reservas indígenas) – das comunidades originárias, que se caracterizavam pela prática da antropofagia e das guerras incessantes com outras tribos.

Com o passar do tempo e sobretudo depois de integrar o Collège de France (1958), Lévi-Strauss passa a defender a hipótese de uma "ciência" que englobasse todas as disciplinas sociais. Essa "ciência" seria o estruturalismo, movimento que se propunha agrupar os diversos ramos das ciências sociais com base numas quantas estruturas (componentes fixos universalizados). Em 1965 escreverá: "Quer seja em linguística ou em antropologia, o método estrutural consiste em identificar as formas invariantes no seio de conteúdos diferentes". Agora, portanto, se trata de estruturalismo e de método.

Está convencido também de que se vai chegar a "um quadro periódico das estruturas linguísticas" – comparável ao da química moderna –, no qual se poderá determinar "a localização das línguas estudadas". Estaríamos de posse de uma chave para estudar "todos os sistemas de comunicação". Ainda mais, as hipóteses consideradas nos conduziriam "às bases naturais do sistema fonético, isto é, à estrutura do cérebro".

Nesse afă de reconstituição, à luz de um único diapasão, do conjunto das relações sociais, Lévi-Strauss sente-se no dever de superar as desconfianças que Durkheim expressara em relação à validade científica – isto é, à possibilidade de serem aceitas como válidas universalmente – das observações dos etnólogos. Nesse propósito enveredará pelo caminho de exaltar essa investigação e, mais que isto, delas valer-se para contrapor o modelo idealizado de sociedade indígena ao conjunto da civilização ocidental.

Sobre o etnólogo, escreve:

Abandonando seu país, seu lar, durante períodos prolongados; expondose à fome, à doença, por vezes ao perigo; abandonando seus hábitos, suas
crenças e suas convicções a uma profanação que o torna cúmplice quando
assume, sem restrição mental nem preconceito, às formas de vida de uma
sociedade estrangeira, o antropólogo pratica a observação integral, aquela
após a qual nada existe além da absorção definitiva – o que é um risco –
do observador pelo objeto de sua observação (ANTHROPOLOGIE STRUCTURALE DEUX, Paris, Plon, 1973, p. 25).

Valendo-se de escassos exemplos e carregando nas tintas, como está habituado, afirma que o emprego de modernas tecnologias a fim de precisar a idade de certos achados arqueológicos praticamente eliminaria as distâncias entre as sociedades primitivas e as atuais. Vejamos se, desta vez, os exemplos seriam convincentes. Indica:

Até muito recentemente, admitia-se que as instituições aristocráticas da Polinésia haviam sido introduzidas apenas há alguns séculos, como resultado de invasões de conquistadores vindos de outros lugares. Mas eis que a medida da radioatividade residual de vestígios orgânicos prova que as datas de ocupação das duas regiões (Melanésia e a Polinésia) são menores do que se supunha. E, ao mesmo tempo, as concepções sobre a natureza e a unidade do sistema feudal devem modificar-se; pois, ao menos nessa parte do mundo, não está excluído, a partir das belas pesquisas de M. Guiart, que sejam anteriores à chegada dos conquistadores, e que certas formas de feudalismo possam ter nascido em sociedades remotas. E, mais: A descoberta, na África da arte de Ifê, tão refinada e sábia quanto a da Renascença europeia, data de três ou quatro séculos... (Obra citada, pág. 22).

E, assim, de um só golpe, temos que feudalismo e Renascimento tiveram lugar em civilizações que os ocidentais supunham ser primitivas.

A meu ver, tais ilações são absolutamente descabidas. Equiparar a complexidade do sistema feudal europeu e o esplendor do Renascimento a fragmentos toscos de sociedades remotas, parece-me, demonstra que o nosso autor desconhece limites às possibilidades do reducionismo.

Proclama que o privilégio da experiência etnográfica não se reduz a esse ou aquele pesquisador isolado, mas à síntese a que se possa chegar do conjunto. Esse conjunto evidencia que, no curso de milênios, sofreram as sociedades primitivas "toda sorte de transformações, atravessando períodos de crise e de prosperidade; conheceram guerras, migrações, aventura".

Veja-se a extraordinária conclusão a que chega:

Encontrando-se na história, estas sociedades aparentam ter elaborado ou retido uma sabedoria particular, que as incita a resistir desesperadamente a toda modificação de sua estrutura, que permitiria à história irrompesse em seu seio. Aquelas que tenham, ainda recentemente, melhor protegido suas características distintivas aparecem-nos como sociedades que evidenciam a preocupação predominante de preservar o seu ser. A maneira como exploram o meio garante, simultaneamente, nível de vida modesto e a proteção dos recursos naturais. A despeito de sua diversidade, as regras de casamento que aplicam apresentam, aos olhos dos demógrafos, um caráter comum que é o de limitar ao extremo e a manter constante a taxa de fertilidade. Enfim, uma vida política fundada sobre o consentimento, não admitindo outras decisões que as tomadas por unanimidade, parece concebida para excluir o emprego desse motor da vida coletiva que aplica padrões diferenciados quando se trata do poder ou da oposição; da maioria ou da minoria, dos exploradores ou dos explorados (Idem, pág. 40).

Nessa altura (1960), é à antropologia estrutural (mais tarde talvez ao estruturalismo) que compete conceber a reforma da sociedade, em lugar da sociologia, como pretendera Durkheim. A tese encontra-se logo adiante. Antes de apresentá-la, a bem da verdade, cumpre registrar essa ressalva do próprio autor, quando coloca no condicional a sua premissa, isto, se à antropologia incumbisse prever o futuro da humanidade. Se tal se desse, prossegue, "sem dúvida não a conceberia como prolongamento ou superação das formas atuais mas antes a partir de modelo de integração, unificando progressivamente os caracteres próprios às sociedades frias e às sociedades quentes." Essa denominação, recém-introduzida, pretenderia indicar que as sociedades primitivas (reconhece também que se trata de sociedade teórica) "estariam próximas do zero de temperatura histórica."

O ponto de partida consiste numa avaliação profundamente negativa da sociedade moderna, porquanto se trata de "um tipo de civilização que inaugura o futuro histórico às custas da transformação dos homens em máquinas" e, subsequentemente, da passagem "a uma civilização ideal que conseguisse transformar as máquinas em homens". Sentencia: Então, a cultura teria recebido integralmente o encargo de fabricar o progresso, estando a sociedade liberta da maldição milenar que a obrigava a subjugar os homens para que o progresso tenha lugar. Agora, a história far-se-á sozinha e a sociedade, colocada fora e acima da história, poderá de uma vez assumir esta estrutura regular e cristalina que os meios preservados das sociedades primitivas nos ensinam não serem contrários à humanidade. Nesta perspectiva, mesmo utópica, a antropologia social encontraria a mais alta justificação, pois que as formas de vida e de pensamento que estuda não mais teriam apenas interesse histórico e comparativo: corresponderiam a uma chance permanente do homem, em relação à qual a antropologia social, sobretudo nas horas mais sombrias, teria por missão preservar (Idem, págs. 41-42).

O último passo empreendido pelo fundador da antropologia estrutural seria o de aproximação ao marxismo, como de resto, na França, ocorreria com o existencialismo (Sartre) e com o conjunto do movimento estruturalista.

— 3. ANTROPOLOGIA MARXISTA

Segundo Lenine, o marxismo dispõe de três partes integrantes – que são, de modo simultâneo, "fontes" – a saber: a economia política (inglesa); o socialismo (francês) e a filosofia (alemã). Nesse esquema está implícito que o marxismo desdobra-se numa doutrina econômica, numa pretensa ciência política e numa filosofia. O próprio Lenine incumbiu-se de produzir uma doutrina do Estado (cuja validade teórica seria negada por Bobbio) enquanto Durkheim elaborou a doutrina da sociedade, com base no esquema esboçado por Marx. Acontece que no desdobramento dessa que se tornaria, na França, a sociologia oficial, estabelece-se uma antropologia que se propõe basicamente encontrar, nos estudos etnográficos, um modelo de sociedade substitutivo da ocidental. Assim, mesmo entre os france-ses, ciosos preservadores do marxismo, em que pese os percalços por este enfrentado, não chegou a estruturar-se uma antropologia marxista.

Prestimosos, os brasileiros propuseram-se suprir a lacuna. No texto intitulado *Origens da antropologia marxista*, Mauro M. B. de Almeida, do Departamento de Antropologia da Unicamp, indica do que partiram para dar conta da empreitada.

Escreve: "As relações entre marxismo e o estudo das sociedades sem classe remontam às seções da *Ideologia Alemã*, escrita de 1845 a 1846, em que as teses da concepção materialista da história são ilustradas com um esboço da sucessão histórica de modos de produção, começando pela 'comunidade primitiva' organizada com base nos 'laços de sangue' e terminando com a sociedade feudal.

Esse esboço, que Marx e Engels retomam no Manifesto do Partido Comunista de 1848, foi amplamente desenvolvido no primeiro manuscrito preparatório para O Capital, escrito de 1857 a 1858, conhecido como as 'formas que precedem a produção capitalista'. Notemos porém que no texto final do Capital, cujo primeiro volume apareceu em 1867, Marx não retoma a história das formas que precedem a produção capitalista'. No lugar dela, no final do mesmo primeiro volume, logo após tratar da lei geral da acumulação capitalista, aparece a análise brilhante da "acumulação originária do capital", ou seja, a constituição dos pressupostos da produção capitalista através da separação violenta e brutal do trabalhador das condições do trabalho. Contudo, esses dois temas - o da 'história das formas que precedem a produção capitalista" e o da "acumulação originária do capital" serão os fios condutores da futura antropologia inspirada no marxismo. O primeiro relacionava-se diretamente ao foco da antropologia evolucionista nascente na segunda metade do século XIX; o segundo tema corresponde ao interesse da antropologia pós-colonial pela constituição da sociedade capitalista, já na segunda metade do século xx, com foco na desagregação violenta das formas não capitalistas de sociedade e no processo de constituição histórica do próprio capitalismo e da subordinação de trabalhadores ao capital em escala mundial".

Enfim, como se vê, mais do mesmo, nenhuma especificidade. Em que pese a circunstância, na Universidade brasileira prosperou essa pretensa antropologia.

, 90

Aprofundando a divergência com a sociologia francesa e o tipo de antropologia a que deu lugar - iniciada por Franz Boas (1858/1942) e Ralph Linton (1893/1953) -, a obra de Clifford Geertz (1926/2006) adquiriu projeção internacional, tornando-se uma alternativa à antropologia estrutural. Ao contrário desta, a antropologia norte-americana - conhecida como interpretativa ou semiológica, para aproximá-la da semiologia, ciência da interpretação dos signos - não subordina a abordagem da sociedade ao desconhecimento dos valores em que repousa, com o propósito de aproximá-la da ciência natural. A par disso, no estudo das comunidades precedentes à ocidental - e que sobrevivem tanto na Ásia como na África, bem como em nosso continente - evita ciosamente submetê-las a avaliações e muito menos à luz do confronto com o Ocidente. Acentua a diferença entre a ciência natural e as ciências sociais, buscada por estudiosos alemães das últimas décadas do século XIX, cuja meditação daria origem à obra de Max Weber (1864/1920). Clifford Geertz as denomina, respectivamente, de ciências experimentais e ciências interpretativas. Sua difusão no Brasil cria, sem dúvida, um clima favorável à superação da longa tradição de buscar o enquadramento da cultura indígena originária, com o propósito de subordinar essa análise à busca de elementos de confronto à cultura ocidental, ao invés de preocupar-se com o adequado entendimento de sua valoração.

Clifford Geertz serviu na Marinha americana entre 1943 e 1945, dos 17 aos 19 anos. Após a Segunda Guerra Mundial, completou sua formação acadêmica, graduando-se em filosofia. Concluiu o doutorado em antropologia na Universidade de Harvard, em 1950. Desde os primeiros trabalhos antropológicos inspirou-se em Max Weber para criticar o estruturalismo de Lévi-Strauss. Nos anos setenta dedicou-se à elaboração de um conceito de cultura que pudesse assegurar o desenvolvimento autônomo da antropologia, trabalho esse que lhe proporcionou grande nomeada. Renovou também o entendimento da etnografia, disciplina que tradicionalmente proporciona a base factual da antropologia. Dedicou-se ainda ao estudo de cul-

turas específicas. Nesse último conjunto destacam-se O Islã observado e O Estado-teatro de Bali no século XIX.

Suas principais obras, além das citadas, são: A religião de Java (1960); Involução agrícola. O processo de mudança ecológica na Indonésia (1963); A interpretação das culturas (1ª ed., 1973; 2ª, 1989); Mito, símbolo e cultura (1979); Pensamento e Ordem na sociedade marroquina (1979) e Reflexões antropológicas (2000).

Tornou-se sem favor o mais renomado antropólogo norte-americano. Apesar do patrulhamento ideológico, que sobrevive no âmbito das ciências sociais, na Universidade brasileira, granjeou certa penetração, entre nós, na atualidade.

Ao apresentar o seu ponto de vista, numa obra que é considerada como a síntese do seu pensamento – A interpretação das culturas –, Clifford Geertz insiste nalgumas teses que definem o arcabouço essencial da espécie de antropologia que defende. Antes de mais nada que não se trata de uma ciência experimental "em busca de leis", mas de uma "ciência interpretativa" que se apoia na prática etnográfica. Nesta, na busca do significado do que registra e observa, deve-se partir do pressuposto de que para entender os nativos não é preciso morar com eles ou procurar assumir a sua identidade. O esforço estará direcionado para identificar "o que quer que seja que têm que saber e acreditar a fim de agir de uma forma aceita pelos demais membros da comunidade".

Nessa busca, não se trata de procurar aspectos passíveis de serem generalizados, na certeza de que a leitura que está instado a fazer dirige-se a "um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento".

Veja-se como estamos distanciados do empenho de encontrar formas de confrontar o significado apreendido com situações encontradiças em esferas similares da cultura ocidental.

Adverte para o equívoco da suposição de que a investigação etnográfica corresponda ao que seria "laboratório natural". A analogia é falsa. Pergunta: "que espécie de laboratório é esse onde nenhum dos parâmetros é manipulável?". Acoberta a crença de que os dados 92 obtidos com os estudos etnográficos são mais puros, mais sólidos e menos condicionados ao que ocorreria em outras espécies de pesquisa social.

Essa advertência é ainda mais contundente: "Apresentar cristais simétricos de significado, purificados da complexidade material nos quais foram localizados, e depois atribuir sua existência a princípios de ordem autógenos, atributos universais da mente humana ou vastos a priori, é pretender uma ciência que não existe e imaginar uma realidade que não pode ser encontrada. A análise cultural é (ou deveria ser) uma adivinhação dos significados, uma avaliação das conjeturas, um traçar de conclusões explanatórias a partir das melhores conjeturas e não a descoberta do Continente dos Significados e o mapeamento da sua paisagem incorpórea" (pág. 14 da tradução brasileira cit.).

A citação a seguir é longa mas bastante expressiva:

A análise cultural é intrinsecamente incompleta e, o que é pior, quanto mais profunda, menos completa. É uma ciência estranha, cujas afirmativas mais marcantes são as que têm a base mais trêmula, na qual chegar a qualquer lugar com um assunto enfocado é intensificar a suspeita, a sua própria e a dos outros, de que você não o está encarando de maneira correta. Mas essa é que é a vida do etnógrafo, além de perseguir pessoas sutis com questões obtusas. Há uma série de caminhos para fugir a isso – transformar a cultura em folclore e colecioná-lo, transformá-la em traços e contá-los, transformá-la em instituições e classificá-las, transformála em estruturas e brincar com elas. Todavia, isso são fugas. O fato é que comprometer-se com um conceito semiótico de cultura e uma abordagem interpretativa do seu estudo é comprometer-se com uma visão da afirmativa etnográfica como "essencialmente contestável", tomando emprestada a hoje famosa expressão de W. B. Gallie, A antropologia, ou pelo menos a antropologia interpretativa, é uma ciência cujo progresso é marcado menos por uma perfeição de consenso do que por um refinamento de debate. O . que leva a melhor é a precisão com que nos irritamos uns aos outros.

Clifford Geertz chama a atenção para o fato de que, no plano científico em que se coloca, não se pode partir da hipótese de que a espécie humana possa ser considerada independentemente de tempo, lugar e circunstância. O tipo de antropologia que defende tem a firma convicção de que não existem de fato homens não modificados pelos costumes de lugares particulares, nunca existiram e, o mais importante, não poderiam existir. "Não existem, não podem existir, bastidores onde possamos ver de relance os atores como 'pessoas reais', perambulando em suas roupas comuns, afastados de suas profissões, revelando com uma candura natural seus desejos espontâneos e paixões não incitadas. Eles podem trocar seus papéis, seu estilo de atuar, até mesmo os dramas que desempenham mas – como observou o próprio Shakespeare – eles estão sempre atuando".

Geertz adverte ainda para o risco da antropologia contentar-se com o trabalho desenvolvido antes e depois da Primeira Guerra em matéria de religião. O certo é que, parece-lhe que depois das contribuições então efetivadas, não se produziu nenhum progresso teórico de maior importância. Escreve:

Se o estudo antropológico da religião está, de fato, num estado de estagnação geral, eu duvido que ele se possa pôr em movimento novamente apresentando apenas pequenas variações sobre temas teóricos clássicos. E, no entanto, uma meticulosidade maior em relação a proposições já bem estabelecidas, como a de que o culto dos ancestrais apoia a autoridade dos mais velhos, de que os ritos de iniciação são meios de estabelecer a identidade sexual e a posição de adulto, de que os grupos rituais refletem oposições políticas ou de que os mitos fornecem os quadros das instituições sociais e as racionalizações dos privilégios sociais, poderá finalmente convencer um grande número de pessoas, tanto dentro como fora da profissão, de que os antropólogos, como os teólogos, dedicaram-se firmemente a comprovar o indubitável. Na arte, essa reduplicação solene das realizações dos mestres aceitos é chamada academicismo – creio que este é o nome adequado também para o nosso mal (ed. cit., pág. 65).

Não se trata, certamente, como diz, de abandonar as tradições estabelecidas da antropologia social nesse campo, mas apenas ampliá-las. "Pelo menos quatro dentre as contribuições dos homens que, como menciono, dominam nosso pensamento a ponto de paroquializá-lo – a discussão de Durkheim sobre a natureza do sagrado, a metodologia Verstehenden de Weber, o paralelo de Freud entre rituais pessoais e coletivos, e a exploração feita por Malinowski sobre a diferença entre religião e senso comum – parecem-me pontos de partida inevitáveis para qualquer teoria antropológica da religião que seja útil. Mas elas são apenas pontos de partida".

Para fazê-lo, pode-se enveredar por grande variedade de direções. De parte da antropologia interpretativa, o caminho a seguir consiste em explorar a dimensão cultural da análise religiosa. Quanto ao conceito de cultura a que se atém "não possui referentes múltiplos nem qualquer ambiguidade fora do comum, segundo me parece: ele denota um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida. É fora de dúvida que termos tais como "significado", "símbolo" e "concepção" exigem uma explicação. Mas é justamente aí que deve ocorrer o alargamento, o aprofundamento e a expansão".

Na Interpretação das culturas, Clifford Geert inseriu algumas indicações das pesquisas que realizou em 1958 em Bali, província da Indonésia, constituída por um conjunto de ilhas, dentre as milhares pelas quais se espalha aquele país. São uma demonstração elucidativa do estilo de trabalho desenvolvido pela antropologia interpretativa.

Os perfis biográficos de Lytton Strachey

NEWTON SABBÁ GUIMARÃES

O primeiro livro que li do famoso biógrafo inglês foi o que escreveu sobre a Rainha Victória. Um denso perfil, cheio de incidentes narrados com humor e, por vezes, ironia, mas sempre em tom discreto e comedido, como fizera ao narrar os amores da Rainha Elizabeth, em um dos melhores livros sobre a grande monarca do primeiro período de ouro da Inglaterra, Elizabeth & Essex.1 Era a visão romântica, mas fiel e genuína, de uma extraordinária mulher. Queen Victoriaº é um belo perfil daquela que teve o mais longo reinado da História de Inglaterra, aquela sob cujo reinado a Inglaterra sofreu transformações jamais tidas antes e passa a ser, então, o maior império que o mundo jamais viu, suplantando o romano e, antes dele, o helênico. Mas, comentava-se, este belo livro inaugurava uma nova era na história das biografias: com ele, a biografia deixa de ser um elenco de realizações bem-sucedidas, um panegírico das virtuais morais. Deixa de ser simplesmente um elogio de tudo o que fez de bom e elevado o biografado. Mostra-lhe os defeitos e mostra-o como homem. Lytton Strachey não omite aspectos reprováveis e até ridículos na vida e nas atividades da Rainha, o que deve ter chocado os seus descendentes e aqueles que a haviam conhecido. Victória perde, por instantes, os seus contornos reais e a vestidura semidivina com que a tradição a conhecia desde tempos. Era a mulher que refulgia sob a pena de seu biógrafo. Strachey entrava, assim, na linha dos grandes biógrafos, como Flávio Josefo, Suetônio e Cornélio Nepote, que mostravam os lados fracos e reprováveis dos seus heróis, sem apenas os exaltar. Flávio Josefo, judeu aristocrata e cidadão romano, mas de cultura helênica, deixou-nos belos retratos de personalidades do mundo antigo espalhados na sua monumental Guerra dos Judeus e na Autobiografia.

Eram retratos em que os traços psicológicos se faziam presentes, possivelmente pela primeira vez na História Antiga. O mais culto dos antigos biógrafos aqui citados, o único com uma visão cosmopolita dos povos e dos Estados, Flávio Josefo em poucas linhas consegue passar ao leitor muito das virtudes e defeitos das personalidades estudadas. Sem dedicar-se especificamente à arte da biografia, pode ser considerado entre os melhores biógrafos da Antiguidade.3 Suetônio é outro. Nas Vidas dos Doze Césares,4 o biógrafo, em traços geniais, apontava as taras dos seus biografados, mas igualmente os seus lados generosos, fortes e bons, contudo evitava adotar uma posição crítica. Suetônio não critica, não toma partido nem contra nem a favor, prenunciando Strachey. Já Nepote, muito parcimonioso, menos ainda os criticava, e quem leu os estudos biográficos fragmentários que restaram e que encontramos nas Opera quæ supersunt,5 sabe muito bem que os traços, algumas vezes em paralelo, como era muito usual entre os velhos biógrafos, são quase sempre generosos e os heróis helênicos são sempre valorosos e o autor, cujo latim é simplesmente fascinante e agradabilíssimo, desculpa-se, no prefácio, de não ter espaço para escrever sobre outros igualmente notáveis... Pudera!... Nos séculos XVIII e XIX, quando pululam as biografias de reis, príncipes, grandes generais, sobretudo, e de escritores, compositores, pintores, as personalidades biografadas só possuem qualidades dignas de serem imitadas. Depois, parece que elas não erram, e estão muito próximas da perfeição humana, isto para não falarmos dos renascentistas e dos escritores dos séculos xvI e xvII, verdadeiro arsenal de material fantasioso e anedótico, tudo delirantemente escrito, que chega a irritar o leitor pelo excesso de detalhes de coisas inúteis, com manifestações de milagres e acontecimentos divinos, que emprestam um cunho de fábula à biografia. Foi aí que a pena de Lytton Strachey divergiu. Começava uma nova era na biografia inglesa, não só quanto à veridicidade e honestidade do tratamento do fato biográfico, mas igualmente quanto à beleza do estilo. Não era mais um desfilar de acontecimentos narrados de modo entusiástico e lisonjeiro, mas a vida, seca e desengraçada, como costuma ser na maioria das vezes cada vida. Não existe a vida vivda com uma eterna festa, como adorável baile de máscaras. Deixemos isto para as fantasias holliwoodianas. Sir Ifor Evans, não sem alguma ironia, escreve que Lytton Strachey rompeu com uma tradição da biografia piedosa - assim mesmo, pious biography. Tenhamos sempre presente a arquifamosa ironia inglesa, única no mundo!, e acrescenta, argutamente, que ele buscava para os seus heróis "not so much for truth, as the weaknesses and absurdities of great figures; so that, at first at least, the portraits were satirical".6 Não acho que seja uma investida satírica contra instituições e personalidades de um grande mundo que, aos poucos, se limitava a menores espaços do que no início da sua avançada colonialista e civilizatória pelos continentes. Quando apresenta aspectos da majestade suprema de Victória com salpicos de ridicularia, não creio que satirizasse as instituições monárquicas inglesas. Não, Lytton jamais foi republicano e amava a sua pátria com sinceridade, mas ele vinha de uma geração cansada, essa "disillusioned age" a que se refere Sir Ifor, e acreditava que o país deveria mudar um pouco, sair do marasmo em que os tempos pré-grande guerra o haviam lançado. Não havia intenção em caçoar de instituições sólidas sob as quais seus antepassados e ele mesmo haviam sempre vivido. O escritor e toda a sua família eram conscientemente monárquicos. Queria, sim, alertar os contemporâneos para um mundo que estava a trans-formar-se rapidamente com o redesenhar-se de um novo mapa geopolítico no continente, tanto que o historiador citado parece contradizer-se guando, linhas abaixo do seu julgamento crítico da obra de Strachey, escreve que ele tratou o assunto da Rainha "with artistic discretion"? Todos elogiam a postura de Strachey quanto à sua circunspecção evitando os mexericos e maledicências, em que muitos biógrafos são férteis. Anos depois, Dame Edith Sitwell escreveria uma obra na qual procura seguir a metodologia proposta por Strachey na sua biografia de Victoria of England,8 na qual acompanha a trajetória da Rainha desde os primeiros dias até à sua velhice, quando já pesada e cansada, aparentava um todo de melancolia e desencanto. Sitwell não chega à sinceridade e à imparcialidade de Strachey no tratamento de Vcitória como mulher, mas conseguiu escrever uma obra digna de encômios. Das melhores, desde a magnífica do nosso autor. Também foge aos mexericos, como o seu modelo. Os mexericos deveriam ser banidos das penas dos biógrafos que muita vez perdem tempo va98 lioso em difundirem coisas irrelevantes para a edificação do leitor. Luciano Trigo, no prefácio à tradução de Rainha Vitória,⁹ salienta este aspecto altamente louvável do biógrafo ao evitar passar para as suas páginas bisbilhotices que por o serem poderiam denegrir a imagem da soberana. Escreve Trigo:

É neste livro, também, que chama mais a atenção a aplicação de elementos da teoria psicanalista à interpretação do comportamento dos personagens. Mas ele não era, de forma alguma, um fofoqueiro: ele descarta por exemplo, a hipótese de qualquer relação mais íntima entre Vitória e seu cavalariço John Brown.¹⁰

A sua integridade não lhe permitiria a fofoca, a calúnia, o mexerico. Era a mesma integridade que lhe impediu escrever bem pagos artigos a New Statesman, por não concordar com o apoio que a direção dava à campanha pró-guerra dos políticos belicosos daqueles dias, com a qual Strachey não estava de acordo, por defender o pacifismo, como outros "bloomsberries". Prova, com isto, que dele se poderia esperar um julgamento sereno e imparcial. Para quem leu a obra, sabe muito bem que o biógrafo demonstra muita ternura pela Rainha nos seus últimos anos, na Imperatriz de vastíssimo Império, que envelhecia e assistia, impassível e ainda quase hierática, às alterações pelas quais passava o seu Império, o maior que o mundo já viu nos tempos modernos. Como escrevi antes, não vejo as críticas de Strachey como sátiras contra os seus biografados, mas o fruto de desencanto com aquele mundo que lhe parecia incongruente e hipócrita. Nunca os trata com desprezo. Ele mesmo, nas suas angústias e sofrimentos interiores, era fruto dessa hipocrisia vitoriana, de onde ele apresentar-se voltairiano malgré tout. Aliás, Holroyd alude ao seu voltairianismo. Sir Ifor chega a aproximá-lo de Swift nas suas pinturas. Pode ser, mas o criador de Gulliver era quase sempre sarcástico; Strachey, não. Teve coragem de dessacralizar os heróis e desvesti-los da legenda heroica até então intocável. Humaniza-os, torna-os de carne e osso. Quando escolhe a Rainha Victória como um grande tema, ele procura com que ela desça do trono e pise o rés do chão como qualquer mulher que ama, que é mãe cuidadosa, que sente ciú-

mes e que zela pela sua casa, que ralha com empregadas, que guarda as suas coisas, ciosamente. Poder-se-ia dizer que foi a sua grande contribuição à moderna biografia esta dessacralização. Depois, como escrevia o próprio Strachey sobre a arte da biografia na Inglaterra, e aí, sim, é irônico ao referir-se aos dois grossos volumes com os quais temos o costume de comemorar os mortos, com estilo negligente, o panegírico tedioso, a péssima escolha de desígnios, que crisma de lenta e mortuária barbárie. Condenava a biografia enxundiosa e meramente documental. A biografia sob a pena de Strachey deixa de ser um documento frio, uma longa enumeração de datas e feitos, para ser um trabalho de arte, sem que isto signifique que ele abandone a preocupação com a verdade. Contudo, Strachey preferiu descrever a Rainha em retrato pessoal ao invés de um imenso quadro histórico. Abstraiu a reinante podrosa, para centrar na mulher, com o que se afastou, por completo, de outros biógrafos, dentre estes, os panegiristas. É a mulher Victória o centrum, e não o grande povo britânico, o reino, os milhões de súditos. Prefere pintar e evolução de uma alma humana e não a ascensão de uma Princesa. Talvez por isto a sua biografia seja lida ainda hoje com tanto agrado: temos diante de nós uma mulher a quem a História lançou em seus ombros delicados uma tarefa ciclópica e que ela, na sua fragilidade feminina, aceitou e seguiu adiante, de maneira excelente, tornando-se com o passar do tempo símbolo de toda uma Nação e de uma Época. Mas não abandonou a verdade histórica. Nada disso, mas é um material cuidadosamente digerido e ordenado, em que o toque do artista se faz notar em cada página. In digito gigas. Ditado verdadeiro quando se refere ao biógrafo Lytton Strachey. Um dos maiores biógrafos que o mundo já conheceu, André Maurois, o autor de La Vie de Disraeli, em seguidos passos da sua obra Aspects de la Biographie," amiúde cita Strachey e discute-lhe a metodologia. E quase sempre o faz com elogios. Há uma passagem logo no seu primeiro capítulo deste seu pequeno tratado da biografia, em que Maurois chega a citar dois bons biógrafos ingleses, Trevelyan e Lockhardt, e comentar que, se comparamos seus livros com os de Strachey, logo temos a diferença, pois enquanto a obra biográfica daqueles "est avant tout un document; un livre de Strachey est avant tout une œuvre d'art. Strachey, sans doute, est en

même temps un historien exacte; mais Il a su faire entrer sa matière dans une forme parfaite et c'est cette forme qui fut pour lui l'essentiel". Era parte da sua metodologia este labor estilístico. Transformar a biografia em obra de arte. Maior, ainda, é a surpresa da vassalagem do francês ao seu colega inglês, quando sabemos que, em 1928, quando Maurois escrevia estas linhas, vivia ainda o biógrafo da Rainha Victória, só vindo a falecer quatro anos depois.

Havia por parte do biógrafo uma grande vontade de ser honesto e imparcial e não tanto de chocar o leitor, ainda que durante toda a vida ele adotasse posturas nada convencionais, logo ele, provindo de família ilustre e convencional, da alta classe, fato, aliás, refletido na famosa sociedade de intelectuais decididos a mudar os rumos da Literatura Inglesa, conhecida como the Bloomsbury Group, composta de gente ilustre e bastante conhecida e que se firmaria, mais tarde, com figuras das mais ilustres das primeiras décadas do século xx nas Letras inglesas. Deste grupo dos Bloomsberries, como eram, então, jocosamente, chamados, saíram, com efeito, os mais ilustres representantes de uma nova fornada de escritores, entre eles a famosa romancista de Mrs. Dalloway e Orlando. Havia de tudo nesse grupo inquieto, desde gente da elite social mais distinta, até ingleses de primeira geração de origem judaica, tal qual o marido de Virgínia Woolf, o editor e agitador de ideias, Mr. Woolf, das mais compreensivas e generosas figuras daquele cenáculo. Maynard Keynes, Clive Bell e Leonard Woolf, todos estes "grupistas" estariam, depois, entre os melhores e mais constantes amigos de Lytton Strachey. Mrs. Woolf; a quem Strachey dedicou o seu Queen Victoria, em sóbria dedicatória, foi uma de suas mais dedicadas e fiéis amizades.

Em meio a essa gente inquieta e instável, rebelde e iconoclasta, um dos mais inquietos era justamente o excêntrico, enfermiço e mimado Giles Lytton Strachey, quem passaria a ser ao lado de Mrs. Virgínia Woolf, dos mais conhecidos, personagem constantes de anedotas e mexericos sociais, e, bem mais tarde, retratado em filmes e peças de teatro. Para aumentar as complicações, dizia-se que era Lytton Strachey homossexual a viver nos dias em que a geração surgente buscava outros valores, não mais o culto decadentista do homossexualismo, e sim, o da dinamização e empreendimento do homem, o homem

forte que vencia barreiras, o self-made man, como pregado e estimulado pelos americanos que se expatriavam e ia gastar a sua dinheirama nas decadentes metrópoles europeias. Esses expatriados. mostravam-se descontentes com o atraso, o conservadorismo e o gritante materialismo da América que se preparava para assumir o seu · lugar nos negócios do mundo, substituindo os velhos e cansados países como França, Inglaterra, Alemanha. Começava uma nova era. Dinâmica e mais consentânea com o avanço da tecnologia, da triste lição de tantas guerras continentais e extracontinentais, as chamadas guerras das colônias. O vício nefando, se era verdade, deve ter feito sofrer a família ilustre e conservadora do biógrafo. Seu pai, o General Sir Richard Strachey, F. R. S., era um militar de carreira, que servira por muito tempo na Índia. Sua mãe, uma senhora bem mais jovem do que o marido, gostava de reunir amigos em sua bela residência londrina. Era o filho mais mimado dessa família refinada, elegante, excêntrica e claustrofóbica, como a chama o seu mais competente biógrafo, Michael Holroyd. Não gostava de estar presa em casa. Os Strachey era uma gente sociável e que apreciava estar nos jardins, nos salões, nas muitas reuniões sociais, sempre cercados de amigos e visitantes. Giles nasceu nesse mundo chique e gregário. Desde criança teve saúde delicada, que mais se deteriorou ao nascer-lhe o último irmão, James, que passaria a merecer as atenções da mãe, até então suas unicamente. Holroyd atribui a esses precoces ciúmes infantis um dos motivos que o levariam a enveredar por esses maus caminhos pouco convencionais, quando já os dias de Pater, Wilde e outros cultores do homossexualismo, haviam passado, como acentua na Introdução a uma das muitíssimas edições de Eminent Victorians.3 Foi por sinal este livro que pelas muitas reedições rendeu bons dividendos ao autor e o tirou da pobreza quase franciscana em que vivia, podendo comprar boa è elegante casa, realizar viagens a Veneza, enfim, viver desafogadamente. Lançado em 1918, por Chatto & Windus, foi bem recebido pelo público e pela crítica. Eram quatro longos ensaios biográficos: o Cardeal Manning, Forence Nightingale, Dr. Arnold e as páginas heroicas de "The End of General" Gordon" (este, sem dúvidas, o mais belo ensaio do livro) em que um grande soldado inglês é pintado em tintas vivas, mostrando-o como

que engolia países de velhas tradições políticas e históricas.

Um filme da década de 90, Carrington, que retrata os amores impossíveis de Dora Carrington, a pintora e participante do grupo seleto dos Bloomberries, como eram, jocosamente, chamados, e Giles Lytton Strachey - aquela, representada pela admirável Emma Thompson, e Jonathan Pryce no papel deste último, cuja brilhante interpretação mereceu o prêmio de Melhor Ator no Festival de Cannes -, revela aspectos da vida do escritor, as suas excentricidades, o seu comportamento por vezes irritantemente complexo e difícil, os seus gestos afetados de rapaz das altas rodas, a par de sua timidez, e a sua homossexualidade que, no filme de Christopher Hampton, diretor e roteirista, é mostrada de uma forma escancarada e debochada. Talvez esta nem se revestisse de tamanha sordidez, e aquilo não passasse de afetação, ou a vontade que certas pessoas têm de quererem parecer diferentes... É preciso dar desconto no que o filme tenta passar ao espectador sobre as muitas manias de Lytton Strachey, algumas de um cômico impagável. Na sua fragilidade, o escritor possuía uma personalidade marcante e tudo nele chamava a atenção, a começar pela barba muito longa que lhe dava ares de alguém precocemente envelhecido. O chapéu desabado sobre o rosto, o longo cachecol, a bengala, tudo isto é como se constituíssem um carimbo especial de Lytton Strachey, isto tudo junto fazia-o uma figura diferente e vemos no filme Carrington, que em diversos passos, é ele quem aparece como o centrum do enredo e não a pintora. O pessoal que se reunia em Bloomsbury parecia ser complacente com as excentricidades e esses

desvios da sexualidade dos seus membros e não se sabe se verdadeiras algumas daquelas ridículas paixonites comicamente reveladas. Foi Holroyd, grande biógrafo e dos melhores conhecedores da vida e obras de Lytton Strachey, quem andou esmiuçando a vida privada do seu biografado, inclusive em longas conversações havidas com parentes, conhecidos e amigos dos seus primeiros anos, aquando da preparação do livro monumental, em dois grossos volumes: Lytton Strachey. 1. The-Unknown Years - 1880 - 1910, publicado em 1967; e 2. The Years of Achievement - 1910 - 1932, aparecido em 1968. James, o irmão mais novo de Giles e seu bom amigo, irritou-se com o bisbilhotar de Holroyd14 na vida íntima do biografado, e teye a sinceridade de manifestar o seu desagrado ao biógrafo quem, honestamente, apensou em notas de rodapé essas observações francas. Holroyd agiu com relação a Lytton Strachey, diferentemente, do que agira o célebre Frederic Harrison com relação ao doloroso incidente da ruptura de casamento por não consumação do ato sexual entre John Ruskin e sua bela mulher, Euphemia Chalmers Gray. Harrison, elegantemente, escreveu que não cabe ao biógrafo discutir tais intimidades.15 Como o filme de Hampton se baseou na obra de Holroyd, compreende-se o porquê da irritação de James Strachey quando o biógrafo começou a desvendar segredos da vida íntima do escritor: ele gostava de ir às minúcias anedóticas que talvez não tivessem grande interesse para a compreensão da importância da vida do biografado. Ao tratar, cinematograficamente, os amores algo estranhos e anormais de Strachey e Dora Carrington, a discutida pintura quem inclusive legou um dos melhores retratos de Lytton, Hampton parece que tentou lançar à tona um montão de sujeiras e permissividades daquele grupo de artistas e intelectuais, mostrando uma intelligentsia em extremo permissiva e complacente com as sordícias dos seus companheiros, em uma sociedade elegante e decadente que, em nome de uma hipotética "civilization" e "civilized behaviour", em pouco se diferenciava da sociedade romana da Decadência do Império, quando todos, cansados e desiludidos do homem e desejando enfrentar os próprios caminhos da História, entregavam-se aos desmandos de uma promiscuidade e deboche sem limites, de que Suetônio é um dos mais fiéis investigadores. Temos de convir que a imagem de Lyt104 ton sai um tanto arranhada desse filme tão elogiado (parece que o tom escandaloso dos filmes e livros termina por dar-lhes fama e prestígio...). Malgrado o final doloroso, e o aspecto anedótico que se empresta à vida de Giles Lytton Strachey, a sua complacência para com os desmandos e a promiscuidade gritante de Dora Carrington, o filme como um todo denigre a personalidade de um grande escritor, transformado em polichinelo de seus próprios erros e perversões, frágil de saúde e destituído de vontade, que critica a classe de onde proveio, o que não me parece justo. É provável que entre certas classes europeias, entre intelectuais de vanguarda, atitudes como as apresentadas na produção citada sejam olhadas com complacência ou com indiferença, mas ainda chocam, mormente quando as cenas são mostradas com todo o requinte e exuberância que somente a arte do cinema consegue transmitir. É verdade que o Brasil não é nenhum jardim de infância, nem a nossa gente pudica e recatada, mas há ainda em meio a este mundo em rápida e alucinante decadência muita gente que não comunga dessa "liberdade" e avanço.

O Bloomsbury Group representava a insatisfação da intelligentsia britânica daqueles dias, o cansaço que o longo reinado de puritanismo e conservadorismo da Rainha Victória imprimira à sociedade do reino. A juventude, inquieta e amante de modificações, de novos experimentos, manifestava o seu descontentamento, rebelando-se contras as velhas instituições. Incoerências de todas as épocas, pois, no final, depois que senta a poeira, repetem os mesmos erros e defeitos que tanto criticavam nos outros. Lytton Strachey não foi apenas um dos mais ativos membros do grupo de Bloomsbury. Foi bem mais. Foi o escritor que revolucionou a arte da biografia inglesa e, através da língua, chegaria aos outros lugares europeus. Ernst Johann, no seu clássico Literaturkunde, 16 escreve de "biographische Methode" como uma exigência da biografia do século xx. Lytton Strachey cria o seu método que consistia em: 1. mantendo-se fiel ao documento escrito sobre o biografado; 2. sumo cuidado com o estilo, evitando o desleixo na scripura do livro; 3. como escreve Maurois, "Il ne critique pas, Il ne juge pas, Il expose. Son procédé est celui des grands humoristes";17 3. ele mantém o biografado como o eixo do seu relato e não toma partido. Em nenhum momento emite opinião, mas não

deixa de ironizar aspectos risíveis na vida do seu herói; 4. desveste o 105 biografado das suas insígnias e vestes sacralizantes para ser apenas o homem. É uma de suas qualidades principais, esta a da dessacralização da personagem; 5. evita envolver-se nos contornos em que se movem as suas personagens, preferindo deter-se na personagem e seu pequeno mundo; 6. é fiel à documentação investigada, mas não se estende por centenas de páginas, nem copia cartas e documentos na íntegra, engordando, desmesuradamente, o seu texto. As suas biografias são pequenas se comparadas com outras da sua época. Afastou da sua scriptura, os "verdadeiros tijolos", como caçoa Trigo. Enfatiza que a biografia deva ser antes resumida. E critica a biografia inglesa, dando a palma à tradição biográfica de França.

A sua obra não é grande, talvez não chegue a oito volumes. Pouco antes de morrer, ainda publicou os Portraits in Miniature, em que adota a mesma metodologia seguida para as suas mais famosas obras, citadas acima. É lugar-comum entre os simpatizantes da biografia e os críticos literários, ou mesmo entre os estudiosos do Bloomsbury. Movement atribuírem a Lytton Strachey a criação da nova biografia. É exagero patente, sem sustentação histórico-crítica, tanto quanto dizer que Rimbaud com o seu soneto bem-sucedido, inventou a cor das vogais. Não penso assim. Há uma construção da biografia que vem sendo trabalhada através dos séculos e gerações e gerações de biógrafos, desde os dias de Plutarco até hoje. Cada época acrescenta um pedaço. Boswell escreveu Life of Samuel Johnson obra que poderia ser dada como um dos pilares da biografia moderna. Mas não foi o único. Foi, sim, o mais afortunado por ser fiel e adotar uma posição despretensiosa e naïve na apresentação do seu herói e isto conquistou-lhe legiões de leitores, admiradores e imitadores. Giorgio Vasari, em Le Vite de'più Eccellenti Pittori, Scultori e Architettori Italiani da Cimabue Insino a' Tempi Nostri, do distante 1550, narra casos anedóticos da vida dos biografados e a sua leitura torna-se em extremo agradável pelo estilo corrente como se o autor estivesse a conversar com alguém, no que se afasta dos clássicos Suetônio e Plutarco, ou Nepote. Não estaria em Vasari um dos pilares renovadores da biografia? Mas não, ele interfere na leitura do leitor a quem não deixa a liberdade de julgar os biografados, pois amiúde expede opinião e toma partido

106 por escolas e épocas, por exemplo, ao decidir que somente os artistas florentinos é que haviam feito renascer a arte da escuridão da Idade Média. É agradável saber-se que ele precede cada uma das três partes de um proêmio esclarecedor, mas o mau vezo de criticar e dar o seu voto ao biografado (pelo que foi considerado dos primeiros críticos artísticos), além de apresentar um verdadeiro tratado dos métodos técnicos empregados nas várias artes, e ao dedicar lisonjeiramente a Cosimo I de' Medici a sua obra, perde a liberdade de voltar-se contra a interferência do Príncipe na vida cultural do Estado. Strachey afastar-se-ia deste método. Ele sabia rir, de si e dos outros, como sugere Holroyd introduzindo os Eminent Victorians. Ou seja, em outras palavras, desvestir os outros e mostrá-los como eles são, tout court. Para ele era preciso mostrar que o Imperador estava nu, que não trazia nenhuma roupa e que o alfaiate nada mais era do que um espertalhão que soubera tirar proveito da vaidade e ingenuidade do soberano ao aceitar as maquinações do ludibriador. Era preciso fazer o monarca andar nu pelas ruas do seu reino. Foi assim que procedeu Lytton Strachey, com ironia e delicadeza. Não é o riso rabelaisiano, mas o riso que não quer ser riso, escondido, mas nem por isso, menos riso, que lhe permitia ver o lado ridículo das pessoas. "His capacity for seeing people in terms of ridiculous is one of his most endearing and enduring atributes", comenta Holroyd. 18 O próprio Strachey tinha a biografia em alto conceito, daí que ele a desejava modelo de integridade e seriedade. Queria os biografados como seres vivos e entre nós, passando muito da sua experiência e lição ao leitor. "How many lessons are to be learnt from them! But it is hardy necessary to particularize",19 escreve no prefácio a Eminent Victorians. Era uma visão didática da biografia e o biógrafo poder-se-ia apresentar, também, em uma função pedagógica, sem que isto significasse trair as suas próprias convicções, ou como frisa, "to maintain his own freedom of spirit".20 Curto, mas denso, o prefácio deste seu primeiro livro de biografias é como se fosse uma profissão de fé ou como se introduzisse o seu método de compor a biografia, que deveria ser escrita desapaixonada, imparcial e sem ulteriores intenções. Nada de muitos elogios, nada de enxundiosos volumes, nada de sobrecarga documental, pois admite que é "difficult to write a good life as to live

one". Repito: não no vejo e reverencio como o criador da nova arte da biografia. Não. Fez muito pela dignidade do gênero, deu-lhe elegância e seriedade, retirou-lhe o que havia de excrescências, retirou da vida dos seus heróis e personagens escolhidos o que ainda havia de sagrado. Des-divinizou-os e fê-los homens. Achava que as grandes vidas tinham uma missão didático-pedagógica e não aceitava que fossem mitificadas. Tratava-as com imparcialidade sem paixão. Considerava, ainda, que tudo o que se escrevesse do biografado tinha de ser honesto, sério e que cada palavra caísse perfeitamente na personalidade estudada. A palavra teria que ser exata e bem conhecida, refletindo o conhecimento do objeto designado. Não apenas uma discussão da filosofia da linguagem, mas uma questão de psicologia e estilo preciso, como acreditava Gide que devesse ser o bom estilo. Strachey procurava nos seus livros essa exatidão.

É claro que uma biografia não se resume a meia dúzia de itens sugeridos por um mestre do gênero. É antes de tudo uma questão de empatia, de bom gosto, de escolha, de investigação e probidade no usar a documentação conseguida. Depois, não afastar-se de uma visão, sobretudo, humana e imparcial na análise dos fatos narrados, e não querer participar como juiz na explicação de fatos e seus contextos. Respeitar a hominidade do biografado e não pretender divinizá-lo, nem mitificá-lo. Deixá-lo homem nas suas misérias e alegrias. Não há deuses na galeria de Strachey, mas simplesmente homens, envolvidos na sua hominidade.

Parece que isto conseguiu Giles Lytton Strachey mostrar em Eminent Victorians, Elizabeth and Essex. A Tragic History, Queen Victoria e Portraits in Miniature.

Eis em suma o biógrafo a que se atribui um passo decisivo na moderna concepção de biografia.

- REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA

1. Especial:

STRACHEY, Lytton. A Rainha Elizabeth e Os seus trágicos amores com o Duque de Essex. Tradução de Abelardo Romero. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi, 1940.

- 108 STRACHEY, Lytton. Elisabeth und Essex. Eine tragische Historie. Tradução de Hans Reisiger. Berlim/Darmstadt/Viena: Deutsche Buch-Gemeinschaft, s/d.
 - STRACHEY, Lytton. A Rainha Vitória. Tradução de Estela Martins Paredes. Capa de Santa Rosa. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi, 1940.
 - STRACHEY, Lytton. Rainha Vitória. Tradução e Prefácio de Luciano Trigo. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2001.
 - STRACHEY, Lytton. Eminent Victorians. With an Introduction by Michael Holroyd. Londres: Penguin Books, 1986.
 - STRACHEY, Lytton. Eminent Victorians. Nova Iorque: The Modern Library, s/d.

2. Geral:

- BURKE, Kenneth. Teoria da Forma Literária. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix/Editora da Universidade de São Paulo, 1969.
- CORNELII, Nepotis. Opera quæ supersunt, ad optimarum editionum fidem recensuit lusitanasque natas subjunxit J.-I. Roquete. Nova edição revista e emendada. Paris/Rio de Janeiro: Livraria Aillaud Livraria Francisco Alves, s/d.
- EVANS, Sir Ifor. A Short History of English Literature. With additional material by Bernard Bergonzi. Fourth revised and enlarged edition. Londres: Penguin Books, 1990.
- GIDE, André. Prétextes. Réflexions sur quelques points de Littérature et de Morale. Paris: Mercvre de France, 1947.
- HARRISON, Frederic. John Ruskin. Londres: Macmillan, 1932.
- JOHANN, Ernst. Literaturkunde. Das Wissen der Gegenwart. Geisteswissenschaften. Darmstadt: Carl Habel Verlagsbuchhandlung, s/d.
- JOSEPHUS. The New Complete Works of. Translation and dissertations by William Whiston & Introduction and commentaries by Paul L. Maier. Grand Rapids: Kregel Publications, 1999.
- JOSEPHUS, Flavius. The Jewish War of. V. 2 (1851). A new translation, by the late Rev. Robert Traill, D. D., M. R. I.A. Edited, with notes, by Isaac Taylor. With pictorial illustrations. Londres: Houlston and Sotneman, s/d. Reproduz a edição de 1851.
- MAUROIS, André. Aspects de la Biographie. Paris: Au Sans Pareil, 1928.

- SITWELL, Dame Edith. Victoria von England. Übersetzung von C. F. W. Behl. Mit 16. Abbildungen. Berlim: Wolfgang Krüger Verlag, 1936.
- SUETÔNIO. As Vidas dos Doze Césares. Júlio César. Augusto. Tibério. Calígula. Cláudio. Nero. Oton. Vitélio. Vespasiano. Tito. Domiciano. Tradução de Sady-Garibaldi. 2ª edição. Biblioteca Clássica – volume XXIV. São Paulo: Atena Editora, 1944.

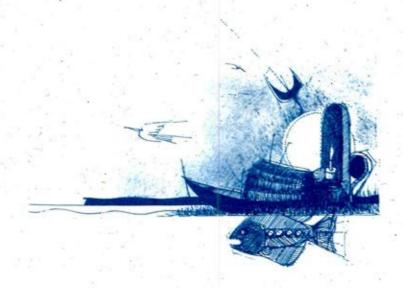
- NOTAS

1. Existe tradução brasileira desta obra famosa e polêmica, com título que foge à secura e admirável síntese inglesa, Elizabeth & Essex. A Tragic history e passa a ser barrocamente, A Rainha Elizabeth e os Seus Trágicos Amores com o Duque de Essex. Tradução de Abelardo Romero. Rio de Janeiro: Editora Vecchi, 1940. 194p. Esta casa editora, das boas que o país já teve, buscava o que havia de mais raro e valjoso na Literatura Universal que publicava em boas traduções, contando por vezes, com excelentes tradutores, homens que ganhariam fama na difícil tarefa de passar ao português o que havia de melhor nas Letras Universais. Pela mesma Vecchi, saiu A Rainha Vitória, em tradução de Estela Martins Paredes e a capa de Santa Rosa, pintor à época na crista da onda. Estas obras faziam parte de uma vasta série de biografias entre as quais se contam as de Pasteur, Juárez, Dostoievski, Tobias Barreto, Santos Dumont, Marconi, Osvaldo Cruz e outros. Faz relativamente poucos anos, um escritor, Robin Maxwell, publicou um livro algo escandaloso que tratava dos amores da Rainha Elizabeth, The Queen's Bastard, grosso volume de 436p. Consideram-se uma das boas traduções da obra, a alemã: Elisabeth und Essex. Eine tragische Historie. Tradução de Hans Reisiger. Berlim/Darmstadt/Viena: Deutsche Buch-Gemeinschaft, s/d. O tradutor alemão apresenta o título tal qual vem no original, sem o "dourar", como o fez o tradutor brasileiro, quem por sinal foi um dinâmico e prolífico poeta modernista e jornalista paraibano. Reisiger foi um grande tradutor e foi ele quem passou, primorosamente, a obra-prima de Rudyard Kipling, Kim ao alemão, merecendo elogios. São muitas as bem-sucedidas traduções que deixou em sua longa e trabalhosa vida.

- 2. Vide: A Rainha Vitória. Tradução de Estela Martins Paredes. Capa de Santa Rosa. Rio de Janeiro: Editora Vecchi, 1940. Existe tradução e edição mais recente desta obra: Rainha Vitória. Tradução e Prefácio de Luciano Trigo. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2001. Bom e bem fundamentado o prefácio de Trigo.
 - 3. Vide: The Complete Works of Josephus. Translations and dissertations by William Whiston & Introduction and commentaries by Paul L. Maier. Grand Rapids: Kregel Publications, 1999.
 - 4. Suetônio. As Vidas dos Doze Césares. Júlio César Augusto Tibério – Calígula – Cláudio – Nero – Oton – Vitélio – Vespasiano – Tito – Domiciano. Tradução de Sady-Garibaldi. 2ª ed. São Paulo: Atena, 1944. Há retratos admiráveis nestas vidas, com indiscrições sobre a intimidade dos biografados. Suetônio teria conhecido alguns desses governantes, vivendo durante seus reinados.
 - 5. Cornelii Nepotis Opera Quæ Supersunt ad optimarum editionum fidem recensuit lusitanasque notas subjunxit J.-I. Roquette. Nova edição revista e emendada. Paris/Rio de Janeiro/São Paulo, Belo Horizonte: Livraria Aillaud Livraria Francisco Alves, s/d. Como a desculpar-se de algum deslize, Cornélio Nepote escreve: "Quæ omnia apud nos partim infâmia, partim humilia atque ab honestitate remota ponuntur. Contra ea, pleraque nostris moribus sunt sunt decora, quæ apud illos turpia putantur", p. 3, in Præfatio. Às vezes em duas ou três linhas, com um poder de síntese admirável, Cornélio Nepote traça todo o perfil psicológico do seu biografado. É impressionante a sua argúcia e poder de observação.
 - 6. Evans, Sir Ifor. A Short Story of English Literature. Wit additional material by Bernard Bergonzi. Fourth revised and enlarged edition. Londres: Penguin Books, 1990, p. 347. Apesar de tão sucinta, como já adverte no título, esta obra é admirável pela seriedade e imparcialidade dos julgamentos críticos. O autor, além de demonstrar muita familiaridade com os vários períodos da Literatura Inglesa, é sempre sereno ao julgar os bons nomes, mesmo os de época mais recente.
 - 7. Op. cit., p. 347.
 - 8. Possuo a bela edição alemã, Victoria von England. Tradução de C. F. W. Behl. Berlim: Wolfgang Krüger Verlag, 1936. Traz 16 excelentes retratos da Rainha, desde a mocidade até à velhice, em preto e branco, reproduções de pinturas e em fotos, que enriquecem sobremaneira o livro.

- 9. Cfr. Rainha Vitória. Tradução e Prefácio de Luciano Trigo. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2001. Como tradução, a de Trigo parece-me superior à de Martins Paredes, que é, contudo, de mais agradável leitura. Para quem tiver curiosidade, a leitura do livro de Dame Sitwell constitui ótima leitura, pois vemos a Rainha em corpo inteiro, até os seus derradeiros dias.
- 10. Op. cit., p. 12. E continua, ao comentar um filme que explora o tema da amizade da Rainha pelo seu criado: "...John Brown tema do recente filme Sua Majestade, Mrs. Brown, de John Madden, que dificilmente teria agradado ao escritor" ibidem, p. 12. É repulsiva tal insinuação feita com o interesse de chamar a atenção do público. Mero interesse repulsivamente mercantilista. Um biógrafo que se preze ignorará, certamente, tais xpedientes.
- 11. Maurois, André. Aspects de la Biographie. Paris: Au Sans Pareil, 1928.
- 12. Op. cit. p. 16 usque 17.
- 13. Strackey, Lytton. Eminent Victorians. With an Introduction by Michael Holroyd. Londres: Penguin Books, 1986. Esta obra foi publicada pela primeira vez por Chatto & Windus, de Londres, em 1918 e na famosa editora Penguin Books, em 1948. É uma das mais fașcinantes obras de Lytton Strachey, que se lê como se fossem os seus biografados personagens de romances. Prenunciava o estudo biográfico que deixaria sobre a Rainha Victoria, três anos depois. Chamo a atenção do leitor para o prefácio do autor, onde ele expõe a sua metodologia da biografia. Vale a pena refletir sobre os seus ensinamentos. Nesta edição não existe nenhuma apresentação e foi retirada uma segredosa dedicatória a H. T. J. N. Quem seria este ou esta amiga que merecera ter um livro, hoje clássico, dedicado por um tão ilustre e respeitado biógrafo como foi Giles Lytton Strachey? Há uma bonita edição de Eminent Victorians, em The Modern Library, encadernada, que traz relação das obras de Strachey e curtos dados biográficos, e uma nota interessante, na qual se escreve que, "in his own opinion Eminent Victorians is his masterpiece". Vide: Eminent Victorians. Cardinal Manning. Dr. Arnold. Florence Nightingale. General Gordon. Nova Iorque: The Modern Library, s/d.
- 14. O biógrafo, dos bons da Literatura Inglesa do século passado, é, sem favor, dos melhores conhecedores da vida e obra do autor de Eminent Victorians. Seria nobilitado pela Rainha, como Sir Michael De Courcy

- Fraser Holroyd, CBE, FrHists, FRSC. Nasceu em 27 de agosto de 1935, e tem vasta obra de erudição literária e biográfica, inclusive uma de G. B. Shaw em quatro volumes. Seduzido pela irrequieta trajetória de Strachey, voltou ao tema, quase trinta anos depois de publicada a sua obraprima, em Lytton Strachey. The New Biography, de 1994, na qual traz novos e reveladores documentos sobre a vida e as obras do seu herói. Talvez essas revelações, pouco honrosas para a memória das personalidades e pró-homens em todos os ramos das atividades humanas, devessem ser omitidas ou não tão abertamente apresentadas. Poder-se-ia dizer que ele é o maior scholar sobre Lytton Strachey.
 - 15. Cfr. Harrison, Frederic in John Ruskin. Londres: Macmillan, 1932, p. 57. É de admirar-se a elegância de Harrison no que tange ao controvertido desfazimento do casamento de Ruskin.
 - 16. V. Johann, Ernst. Literaturkunde. Série: Das Wissen der Gegenwart: Geiteswissenschaften. Darmstadt: Carl Habel Verlagsbuchhandlung, s/d.
 - 17. Op. cit., p. 25.
 - 18. Op. cit., Introduction, p. xii.
 - 19. Op. cit., p. 10.
 - 20. Ibidem, p.10.
 - 21. Ibidem, p.10.
 - 22. Cfr. Gide, André. Prétextes. Réflexions sur quelques points de Littérature et de Morale. Paris: Mercvre de France, 1947. Ele escreveu que "l'ignorance des mots reflete l'inconnaissance des objets", p. 189.



— Prelucidação ao Clube da Madrugada¹

ALENCAR E SILVA

Esta prelucidação se faz indispensável por vários motivos, mas, em especial, por ensejar ao leitor uma notícia pormenorizada da situação em que se encontrava a capital amazonense, no período imediatamente anterior ao surgimento do Clube da Madrugada.

A redação destes textos foi feita ao sabor das lembranças, nos dois últimos anos do século recém-findo evitando-se naturalmente a pressa desfiguradora que pudesse incidir sobre o fluxo seletivo do que se tinha a narrar.

Neste passo inicial, trata-se apenas de pôr em ordem e reduzir a termos as memórias que guardo acerca do tempo e das pessoas que compunham ou vieram a compor o cenário cúltural da minha província natal, ao iniciar-me nos mistérios e graças da poesia.

. É claro que, em se tratando de matéria de memória, deverão essas circunscrever-se ao meu tempo vital, isto é, ao que presenciei ou de que tive conhecimento através de fontes inequívocas.

Para situarmo-nos mais facilmente no tempo, direi que nasci em 1930, no Alto Solimões, tendo decorrido toda a minha infância em Fonte Boa e Codajás, em cujas barrancas, diante do rio majestoso, aprendi lições de silêncio e de contemplação interior. Daí por que sempre tive com os rios da minha terra uma espécie de relacionamento amoroso, de enamorado que se compraz em contemplar a amada, vendo-a passar. E mais contemplativo fiquei, e mais cauteloso, ao dar-me conta de que, por umas seis vezes, tanto no Negro como no Solimões e também, depois, no mar, eu escapara por pouco de morrer, ao afoitar-me em suas águas fundas. Não obstante, a contemplação das grandes massas líquidas responde-me sempre com a sua serenidade. O certo é que, desde quando abri os olhos, cheios de

x. Texto publicado originalmente em Quadros da Moderna Poesia Amazonense, Manaus: Editora Valer, 2011.

perplexidade, para as misérias do mundo (que eu procurava entender, sem muito êxito), e as indagações do espírito me afundavam em prolongados mutismos – eu ia olhar e interrogar o rio. E o seu sereno fluir devolvia-me a paz. Isto, desde a infância e seus alumbramentos, dentre os quais um deslumbrante pôr de sol sobre o Solimões, que me fez ir às lágrimas, de pura beleza.

Aos dez anos, eu chegara a Manaus. E logo os rumores da Segunda Guerra Mundial e o afundamento de navios mercantes em águas territoriais brasileiras, por submarinos alemães, ecoavam e faziam sentir os seus efeitos diretamente na capital amazonense, refletidos no racionamento de quase todos os gêneros de primeira necessidade, produtos importados e energia elétrica, até chegar-se, mais adiante, ao permanente blecaute e à volta aos lampiões e lamparinas a querosene.

Tempos duros em que os cursos noturnos praticamente deixaram de funcionar ou o faziam a duras penas, à luz de velas.

Estava-se em plena vigência do "Estado Novo". E a atmosfera que se respirava em Manaus era, como não poderia deixar de ser, quase só aquela "consentida" pela censura ditatorial, exercida em todo o país pelo Departamento de Imprensa e Propaganda. Vale dizer: manifestações, só a favor; contra, nem pensar. Eu não conhecera até então outra realidade, senão aquela, mas sentia que havia alguma anormalidade naquilo tudo. Tempos de estranha unanimidade.

É claro que havia vida literária em Manaus, que sempre fora um centro intelectual requintado, mercê do surto de progresso e desenvolvimento determinado pelo ciclo de outo da borracha, que lhe embelezara a cidade e propiciara o surgimento de uma elite perfeitamente sintonizada com a "belle époque" e em dia com a literatura francesa, cujo idioma muitos dominavam.

A intelectualidade da terra – excetuada, naturalmente, aquela parcela que atuava extrámuros da Academia – era, ainda na metade da década de 50, basicamente a que remanescia dos idos de 1918 (ano da fundação do silogeu amazonense) e reunia-se, por assim dizer, em torno das figuras de João Leda, Péricles Moraes, Adriano Jorge e Leopoldo Peres, escritores de elevado e justo renome, capazes de brilhar em qualquer cenáculo de cultura, mas que, enquanto viveram, ofereceram tenaz oposição aos cânones da Semana de Arte Moderna, de 115 22. Principalmente João Leda, vernaculista de nomeada, que chefiara uma infeliz manifestação de desapreço - incluindo vaia e panfletos – a Mário de Andrade, quando de sua estada em Manaus, em 1927, e que tanto desgosto causara ao rapsodo de "Macunaíma", o qual só por elegância não desfaria de público a impressão favorável e os louvores que a cidadé lhe merecera, mas da qual se queixaria amargamente em cartas a amigos.

Esse episódio exemplifica, de algum modo, um certo vezo, que havia então, de considerar-se a capital amazonense uma destruidora de mitos e reputações. Citavam-se, a propósito, casos de intelectuais que, justa ou injustamente, ali teriam sido desmascarados etc. Não constituirá, pois, mera metáfora afirmar-se que, ainda nos anos 50, havia trincheiras, dentro e fora da Academia, de onde se atiravam calhaus ao Modernismo.

É claro que, sobrepondo-se a tais pecadilhos, a bela e vaidosa província sabia receber com graças de mulher formosa as celebridades que a visitavam. E disso nos dá conta a pena jovial de Genesino Braga, inexcedível cronista dos fastos históricos de Manaus.

Enquanto isso, porém, o tempo corria e conspirava contra a produção cultural local e, logicamente, contra o surgimento de novas luzes e novos talentos. E a coisa começava a repetir-se e a emperrar, enfim. De sorte que tudo parecia mais ou menos estagnado, como um grande rio que de repente deixasse de correr. De fato, só com o término da guerra, o fim da ditadura e a esperada democratização do país, voltar-se-ia a respirar em Manaus um clima propício ao reflorescimento das artes e das letras e ao exercício da liberdade criativa.

Era chegada a hora dos grêmios e da consequente disseminação de suas tribunas políticas e literárias, a darem algum colorido à cidade e-algum sentido à juventude. Impõe-se, assim, por sua própria expressividade, o devido registro dos nomes dessas entidades, porquanto de seu seio foi que saíram os quadros que iriam depois pontificar nas tribunas parlamentares, nas cátedras universitárias e nas lideranças empresariais, inclusive em outros Estados, por força do conhecido êxodo anual da mocidade amazonense, rumo ao Sul do país, determinado quase sempre pela falta de oportunidades e, sobretudo, pela inexistência de universidade, eis que então se dispunha, tão somente, em Manaus, da tradicional Faculdade de Direito.

Só para referir, a voo de pássaro, as denominações daquelas entidades e alguns de seus integrantes, listamos os seguintes, observando uma certa ordem de precedência: Grêmio Heliodoro Balbi (Olavo Sobreira Sampaio, Evandro Carreira, Manoel Octávio etc.); Centro de Estudos da Mocidade (Áureo Mello, Plínio Coêlho, Lúcio de Siqueira Cavalcanti, Ligier Herculano Barroso etc.); Sociedade Cultural Castro Alves (Almino Affonso, Aloysio Nobre de Freitas, Paulo Monteiro de Lima etc.); Grêmio Cultural Gonçalves Dias (Francisco Guedes Queiroz, Roberto Jansen, Arimathéa Cavalcanti, Othon e Fernando Mendes, Almir Diniz etc.); Grêmio Cultural Álvares de Azevedo (Hygino Caetano da Silva Filho, Platão Araújo, Alencar e Silva, Aluísio Sampaio, Leopoldo Peres Sobrinho, Jefferson Peres, Andrade Neto, Roberto Jansen etc.); Sociedade Amazonense de Estudos Literários (Anibal Duarte Beltrão, Alencar e Silva, Maria Leonor Coutinho dos Santos, Ambrósio Assayag, Guimarães de Paula, Astrid Cabral, Jorge Tufic, Anísio Mello, Milton Cordeiro, José Cidade d'Oliveira etc.). Havia ainda o Centro de Estudos e Defesa do Petróleo, de caráter nacionalista, e a Associação Amazonense de Imprensa Estudantil, representativa dos diversos periódicos, de vida efêmera ou duradoura, que então circulavam. Sendo certo que muitos de nós participamos sucessivamente de mais de um desses grêmios, fácil é compreender-se que muitos companheiros não tenham sido arrolados, enquanto que um ou outro possa achar-se deslocado. O que importa, em essência, é que muitos desses jovens, na década seguinte, ou, mais precisamente, a partir de 1954, fariam confluir suas águas para o grande estuário do Clube da Madrugada, onde um novo tempo começaria a correr.

Cabe lembrar ainda que os colégios tradicionais de Manaus, à época, viram os seus centros estudantais encher-se de inusitadas atividades extracurriculares, de cunho literário, destacando-se entre eles o Centro Plácido Serrano e o Marciano Armond, do Colégio Estadual e do Instituto de Educação, respectivamente, nos quais a juventude mais idealista adestrava-se nos torneios do espírito e nos jogos florais da inteligência.

Deve lembrar-se, em particular, e não por acaso, o "Plácido Serrano", sob a presidência de Anísio Mello, poeta e pintor, que lhe embelezara a sede, dotando-a de palco e belos painéis laterais. E também os jovens que ali se exercitavam nas tribunas, como Francisco Queiroz, Arimathéa Cavalcanti, Bernardo Cabral e Cláudio Ferreira Nobre. Entre todos, porém, sobressaía-se a figura de Almino Affonso, cujos triunfos oratórios a todos deslumbravam. Já por volta de 1948, era ele – poeta – um líder prestigioso, a quem a política e a vida pública reservariam uma trajetória gloriosa nos parlamentos e na alta administração do país.

Por várias vezes esse virtuose da oratória parlamentar empolgou as sessões do "Plácido Serrano". Certa feita, o deputado Pereira da Silva, ali presente, depois de ouvir o jovem tribuno, e como que contagiado por sua eloquência, inflama-se também e profere emocionada oração, que assim começava: "Eu também já fui poeta e cantei esta terra com igual emoção...". Referia-se o deputado ao seu livro Poemas Amazônicos, de inspiração nativista e vazado em versos livres, que ficaria como uma das primeiras manifestações do Modernismo no Amazonas. Essa obra fora publicada em 1927 e só seria reeditada quarenta anos depois. Por aqueles idos de 48, Almino Affonso estudava em Manaus e passava as férias escolares de fim de ano em Porto Velho, com os pais, subindo o Madeira nos antigos "Gaiolas" ou "Chatinhas", que escalavam nas cidades de Borba, Manicoré, Humaitá e, finalmente, Porto Velho, daí retornando a Manaus. Essas viagens, embora com vários dias de duração, nunca se tornavam mónótonas ou cansativas, dada a alegria dos estudantes que partiam em férias. Coincidiu de viajarmos no mesmo navio, em 1948. Eu ficava em Borba, onde meu pai era Juiz de Direito, e Almino Affonso prosseguia viagem, por mais alguns dias, pelo belo e amarelo Madeira.

E a Academia? É preciso saber-se distinguir bem entre o que é permanente e o que é episódico. De modo geral, as Academias de Letras estaduais, como instituições permanentes que são, merecem ser contempladas com respeito e admiração, pelos serviços de alta benemerência que prestam à sociedade e à cultura, notadamente com relação à permanência em alta dos padrões da nossa língua.

sejam as suas, a despeito de todas as disposições em contrário.

Efetivamente, nada do que se diz aqui a respeito da nossa Academia é fruto do maldizer ou malquerer, até porque muito nos honra ostentar o colar acadêmico e participar da ilustre companhia dos confrades. Em verdade, não falamos senão do que conhecemos. E conhecemo-la praticamente desde o início da nossa adolescência, quando, residindo nas suas proximidades, lá comparecemos várias vezes, fazendo companhia a nosso avô (Joaquim de Barros Alencar), homem culto e frequentador habitual dos saraus acadêmicos. Numerosas são as lembranças que guardamos das sessões a que assistimos. E de uma, em especial, presidida por Adriano Jorge, em razão do comentário ali feito por meu avô. Era a sessão de posse do acadêmico Félix Valois Coelho. Ia o Dr. Adriano conduzindo a sessão com certa mornidão, quando, de súbito, resolve mudar de tom e, abandonando as anotações protocolares, encara o auditório e diz: "Acabemos com essas frioleiras e falemos linguagem de gente!". Comentário risonho que nos foi soprado ao ouvido pelo avô: "Pronto, Neto, agora que ele perdeu a compostura, o seu discurso vai ganhar em brilho". E assim foi. O Dr. Adriano Augusto de Araújo Jorge era médico humanitário e brilhante conferencista, cuja obra não foi reunida em livro, salvo, ao que se saiba, apenas um opúsculo, de cunho científico, sobre aspropriedades da luz, e artigos publicados em periódicos locais. Assistimos a outras daquelas sessões, presididas pelo mestre João Leda, o calepinista de Vocabulário de Ruy Barbosa e vernaculista de Os Áureos Filões de Camillo, e por Péricles Moraes, o ensaista de grandes méritos de Figuras & Sensações e Legendas & Águas Fortes, e biógrafo de Coelho Neto e sua obra, Leopoldo Peres e A Vida Luminosa de Araújo Filho. A porta de sua residência, na rua Henrique Martins, ostentava uma placa (única por mim vista ao longo da vida) esmaltada, com letras azuis sobre fundo branco: "Péricles Moraes - Escriptor público". Esta é, a meu ver, uma das glórias que distinguem esse ilustre homem de letras (como ainda se dizia): a de ter-se erigido em escritor profissional em seu meio e ter vivido honrada e exemplarmente do seu ofício. Escritor público. Quantos, antes ou depois de mestre Péricles Moraes, terão tido tão alta consciência da própria benemerência e da importância e validade dos serviços prestados ou postos à disposição de quem deles necessitasse, como qualquer profissional liberal?

Estas notas preambulares não se teriam por concluídas se não as aproximássemos do ponto em que se daria a nítida ruptura ou separação entre dois tempos: 1954: ano da fundação do Clube da Madrugada.

Antes dessa data, a poesia que se praticava ou cultuava em Manaus era em tudo igual ao que sempre se fizera ao longo de toda a nossa insipiente civilização, como se nada de mais importante fora feito pelos centros mais adiantados do país. Era o mesmismo. E ninguém queria ou buscava mudar coisa alguma. Havia, por certo, razões para esse comportamento, ditadas, umas, subconscientemente, pela autocensura que teme contrariar a ordem estabelecida, ou que a aceita, e, outras, pelo natural processo de envelhecimento e asfixia de um quadro marasmático que não tinha por onde renovar-se, de vez que todos os caminhos pareciam estar bloqueados, como no poema de Aníbal Machado, e não havia salvo-conduto para a canção.

Dir-se-ia então que não havia bons poetas em Manaus? Havi aos, sem dúvida, e, alguns, mesmo, muito bons, como Hemetério Cabrinha, Américo Antony e Álvaro Maia, para mencionarmos apenas aqueles para os quais a arte poética não era um mero exercício de diletantes, mas, sim, o sopro vital que os acompanharia por toda a vida. Conheci-os bem e de perto e fui amigo dos três. Em verdade, só o

dom da poesia fazia-se-lhes traço comum, a par do talento que os distinguia e os nobilitava. No mais, pessoas em tudo e por tudo diferentes entre si. Hemetério Cabrinha (1892-1959), o poeta de Vereda Iluminada e Frontões, publicados respectivamente em 1932 e 1959, era carpinteiro de profissão. E notável orador. Reunimo-nos várias vezes no café "Leão de Ouro" e no bar "Avenida" para falar de poetas e poesia. Eu gostava de ouvi-lo. E foi em sua própria voz, um pouco rouca mas bem empostada, que ouvi poemas inteiros do seu primeiro livro, bem como trechos dos poemas, editados em plaquetes, "Satã", "Caim" e "O Cristo do Corcovado". Certo dia, em 1951 ou 1953, indo eu ao Palácio Rio Negro, encontrei o poeta, já chegando à casa dos sessenta, a envernizar as escadarias internas da sede governamental, e ele, sorridente e orgulhoso do seu trabalho, a exibir-me as fortes mãos de operário manchadas de verniz: "Poeta, as águias voam alto, porém, para pousar nos altos píncaros, é preciso que tenham garras fortes!" Achei linda a tirada do mestre Hemetério Cabrinha. E fui à presença de outro poeta, o Governador Álvaro Maia, a fim de solicitar, e obter, as quatro passagens que nos levariam (a mim e mais três companheiros) ao Sul do país. Da produção poética de Álvaro Maia (1893-1969), também grande orador e excelente escritor, conhecia-se então apenas os poemas, poucos e bons, que ele se permitira estampar nos periódicos locais - suficientes, todavia, para incluí-lo entre os melhores poetas amazonenses de todos os tempos. Sua obra poética só seria conhecida em sua totalidade ao ser editada, em volume único, em 1958, sob o título de "Buzina dos Paranás", onde o apuro formal corre em parelha com o seu telurismo e seu sentimento amoroso pela gleba estremecida. Quanto a Américo Antony (1895-1970), suponho que se há de lamentar sempre, talvez, não ter o poeta, que era Promotor de Justiça, reunido em livro senão parte mínima de sua obra (Os Sonetos das Flores, de 1959), num volume que, em verdade, não representa o que de melhor o poeta escreveu. Pode-se, pois, prever, com larga margem de probabilidade, que o melhor de Américo Antony corre o risco de perder-se, na hipótese de sua família não ter diligenciado na recolta do material inédito ou publicado esparsamente nos jornais e revistas locais (Desde já, todavia, essa hipótese deve ser afastada, eis que, ainda há pouco, nos vimos investido pelos filhos

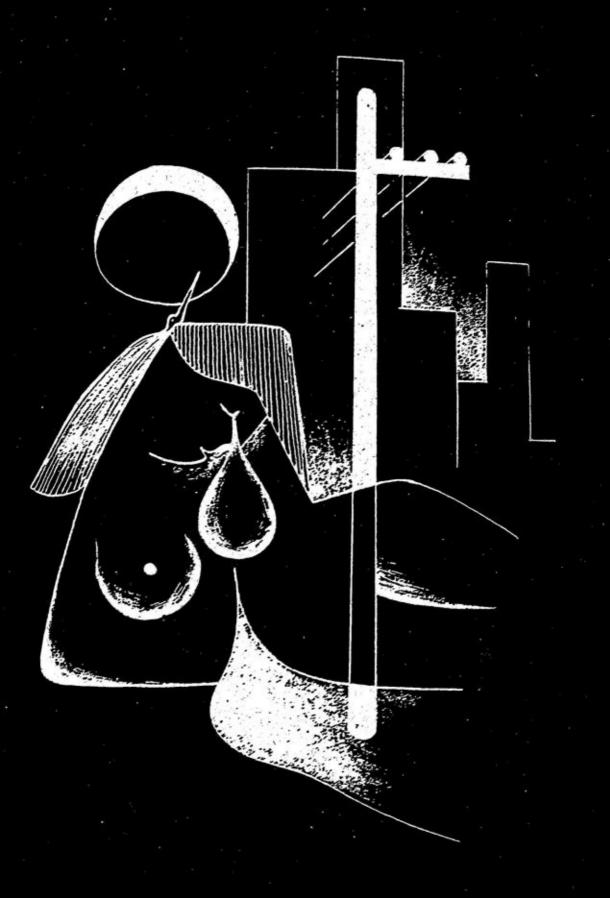
do Poeta residentes no Rio de Janeiro - Sra. D. Isis Antony de Souza 121 Brasil e Marco Aurélio Antony - na condição de depositário do acervo de inéditos de Américo Antony, constituído de pouco menos de setecentos poemas, em sua maioria sonetos, e que muito em breve estaremos transmitindo à guarda e providências da benemérita Academia Amazonense de Letras).

Vê-se assim que dos três poetas apenas Hemetério Cabrinha editou regularmente os seus livros, à medida que os escrevia. Foi, também, dos três, o único a não fazer parte da Academia, ainda que méritos lhe sobejassem.

Por motivos de outra ordem e que se impõem tanto pela sua maior proximidade do ideário renovador do movimento madrugada quanto pelas características de fundo e forma de sua poesia, inscreve-se neste pórtico o nome de Djalma Passos (1923-1990), apesar de sua passagem quase que meteórica pela poesia. Isto porque, a partir de 1955, ano em que saiu a sua terceira coletânea de poemas, não mais o poeta assinalou sua presença no território poético, frustrando, deste modo, as expectativas de quantos viram no autor de As Vozes Amargas (de 1952) uma voz, repassada de humanidade, a erguer-se contra as injusticas sociais e a acenar-nos com uma nova luz, e que ainda parece ressoar como o canto de um anjo rebelde pejado de revolta.

Não se focalizasse, aqui, apenas um segmento da história da poesia amazonense, obrigatória, por certo, seria a menção a vários outros poetas que lhe fecundaram o território sagrado, como Jonas da Silva e Quintino Cunha, os quais, aliás, dividem entre o nosso e os seus Estados natais a honra de os contar como seus.

É claro que um critério mais elástico nos permitiria a inscrição neste preâmbulo de alguns outros nomes que, não obstante a sua contemporaneidade, conservaram-se à margem do movimento renovador, a exemplo de Áureo Mello. Todavia, e sem que vá nisso qualquer censura ou juízo de valor, pergunto-me se seria esse o procedimento correto. Como quer que seja, parece que as lacunas e omissões em cometimentos da espécie são fatalmente inevitáveis, quando se tem o objetivo de constatar fatos e relatar as impressões mais duradouras por eles suscitadas.



A invenção do expressionismo em Augusto dos Anjos

ZEMARIA PINTO

[Augusto dos Anjos] desidealizou o conceito de gosto para dessacralizar a linquagem e, com isto, verbalizar despreconceituosamente a experiência humana. Eduardo Portela

O animal conhece a morte tão somente na morte; já o homem se aproxima dela a cada hora com inteira consciência e isso torna a vida às vezes questionável, mesmo para quem ainda não conheceu no todo mesmo da vida o seu caráter de contínua aniquilação. Principalmente devido à morte é que o homem possui filosofias e religiões.

Schopenhauer

— 1. AUGUSTO DOS ANJOS, POETA EXPRESSINISTA?

O primeiro a apontar a aproximação de Augusto dos Anjos ao Expressionismo foi Gilberto Freyre, em artigo de 1924, eivado de equívocos históricos e de avaliação, porém com uma observação pioneira: "Havia em Augusto dos Anjos alguma coisa de um moderno pintor alemão expressionista. Um gosto mais de decomposição do que de composição" (1994, p. 78). Quarenta e cinco anos depois,1 é Anatol Rosenfeld quem volta ao assunto, lançando as primeiras luzes para a compreensão do autor pelo viés expressionista, ao aproximá-lo dos poetas alemães Gottfried Benn, Georg Heym e Georg Trakl, contemporâneos de Augusto dos Anjos:

Há naturalmente diferenças profundas, de forma e substância, entre cada qual desses poetas de uma só geração e, em especial, entre os três alemães e o brasileiro. Mas há, sem que se queira fazer de Augusto dos Anjos um

1. 1969 é o ano de publicação do texto em livro. Na 30ª edição do Eu, de 1965, Francisco de Assis Barbosa cita Rosenfeld, com detalhes (p. 315). Aliás, o próprio Rosenfeld afirma, no prefácio de seu livro, que aqueles estudos haviam sido publicados, "na sua grande maioria, em periódicos brasileiros, no decurso dos últimos quinze anos" (2006, p. 11).

Ora, não "ter tido notícia" do movimento expressionista não tira de Augusto dos Anjos o mérito de, a seu modo, ser parte integrante dele, desenvolvendo processos expressionistas inéditos, em paralelo com o que faziam os poetas europeus. De qualquer forma, o que nos interessa é a utilização de elementos teóricos do Expressionismo, comuns em Augusto dos Anjos e na primeira geração expressionista alemã, que começa a aparecer em 1910, quatro anos após o início da produção expressionista do autor paraibano.

— 2. OBJETIVOS

O que pretendemos demonstrar: primeiro, fugindo do lirismo confessional, e baseado em um conceito pinçado em Schopenhauer, a dor estética, o autor forjou uma personagem, a sua máscara lírica; segundo, a finalidade desta era denunciar a degradação pela qual passava a humanidade, por meio de poemas que subvertiam as noções então aceitas de beleza; por último, como consequência desse processo, Augusto dos Anjos aproximou-se de tal forma dos expressionistas alemães - antes deles -, que é absolutamente aceitável classificá-lo como um poeta expressionista. Em outras palavras, justificando o título do nosso trabalho, Augusto dos Anjos inventou uma variante expressionista, calcada especialmente na deformação da realidade, buscando uma representação não aristotélica, inserida em uma forma fragmentada e contrastante - dentro do padrão geral, de "uma poesia marcada menos por um estilo comum do que por atitudes comuns" (SHEPPARD, 1999, p. 313). E aqui não se trata apenas de uma "sensibilidade expressionista", termo que poderia ser usado em relação a Euclides da Cunha, por exemplo, mas de um corpus e uma Ideia expressionistas. Sem temer o grotesco ou o kitsch, extraindo beleza do "mau gosto" e da matéria em decomposição, Augusto dos Anjos registrou, de modo singular, a vida brasileira no limiar do século xx.

A poesia de Augusto dos Anjos tem duas fases distintas: a primeira, composta por poemas de extração simbolista e parnasiana, com resquícios de romantismo; e a segunda, onde estão os poemas expressionistas do Eu. Mas essa distinção ainda é insuficiente, porque ambas as fases podem ser subdivididas. Assim, estabelecemos quatro fases na poesia de Augusto dos Anjos, conforme a cronologia de produção dos poemas estabelecida por Zenir Campos Reis (1977, p. 30-37):²

1ª fase: de 1900 a 1903; 2ª fase: de 1903 a 1906; 3ª fase: de 1906 a 1912; 4ª fase: de 1912 a 1914. 2. A propósito, todas as datas de publicação citadas, salvo eventual indicação em contrário, foram obtidas em Augusto dos Anjos: poesia e prosa (REIS, 1977).

Dos 58 poemas da edição original do Eu, 13 pertencem à segunda fase, representando o aprendizado e o amadurecimento do poeta – entre os 19 e os 22 anos. São poemas que podem ser distribuídos entre as estéticas então em voga: simbolistas, parnasianos e mesmo românticos. Os outros 45 poemas pertencem à terceira fase, o âmago do Eu. Os poemas da quarta fase foram chamados, a partir da 3ª edição, de "Outras poesias". Os demais compõem os "Poemas esquecidos".

A produção da terceira fase, – os outros 45 poemas do Eu – é constituída de trabalhos cuja **maioria** é marcada por uma expressão até então desconhecida na literatura brasileira.³ Entendamos "expressão" como uma combinação não apenas de fala e linguagem, mas, sobretudo, de imagens e ideias, harmonizando forma e conteúdo de maneira inusitada. A partir de determinado ponto numa hipotética linha do tempo – localizado em junho de 1906, com a publicação de "Queixas noturnas" –, Augusto dos Anjos dá uma guinada na sua expressão poética. É como se o eu lírico desse lugar a um outro – sua máscara lírica. Sua poesia adquire um tom mais agressivo, abordando temas como o "novo homem" e "uma nova humanidade". Essa nova expressão, inominada, dá o tom da maioria daqueles 45 poemas.

Desqualificar essa dificuldade de enquadramento foi a estratégia utilizada por boa parte da crítica, considerando irrelevante, mero di-

- 3. Enfatizamos maioria porque alguns poemas, poucos, ainda podem ser classificados como parnasianos e simbolistas.
- 4. O poema "Queixas noturnas", inaugural do novo modo de escrever, foi publicado pela primeira vez no dia 3 de junho de 1906, no periódico O Comércio, da Paraíba.

120

5. Órris Soares chega às raias da violência: "A que escola se filiou? - A nenhuma. [...] Isso de escolas é esquadrias para medíocres." (1928, p. XIII).

 Os "Poemas esquecidos", de interesse mais histórico que literário. datismo ou mesmo uma grande bobagem qualquer classificação.⁵ Outra parte, baseada em alguns daqueles 13 poemas e em poemas que o autor certamente rejeitaria,⁶ classifica-o como simbolista. Augusto dos Anjos foi ainda chamado de parnasiano e até de *art-noveau*.

Para explicar aquela poesia tão original, o "infortúnio crítico" de Augusto dos Anjos, no dizer de Eduardo Portela (1994, p. 65), aponta-lhe patologias diversas – físicas, morais, sociais –, inferidas a partir da combinação entre leitura equivocada e desinformação biográfica: esquizofrenia, tuberculose, ateísmo, materialismo, individualismo, extravagância, ceticismo, pessimismo, satanismo, egocentrismo, pobreza pecuniária.

Uma parcela quase insignificante – do ponto de vista quantitativo – viu na expressão poética de Augusto dos Anjos marcas, vestígios, indícios da estética expressionista: Gilberto Freyre, Anatol Rosenfeld, Massaud Moisés, Lêdo Ivo, Luiz Costa Lima, Ivan Junqueira, Sérgio Martagão Gesteira. E aqui entramos nós.

- 4. MÁSCARA LÍRICA E DOR ESTÉTICA

O termo "máscara lírica" pretende romper com a relação autor-eu lírico: nos poemas expressionistas, o poeta-autor Augusto dos Anjos dá lugar a uma personagem (persona – máscara), para se expressar como tal, na sua inteireza e integralidade de máscara, sem nenhum vínculo físico com o poeta-autor, embora às vezes descreva-se fisicamente como o próprio e até use o seu prenome. A esse poeta-autor Hugo Friedrich chama de "eu empírico", num contraponto ao eu lírico (1991, p. 37). A máscara lírica é, portanto, resultante do embate entre o eu empírico e o eu lírico, irrompendo como um desdobramento do segundo – é outro eu lírico, muito diferente do primeiro e, principalmente, do eu empírico. Este, entretanto, mantém o controle do processo criativo, pois a máscara lírica é um ato deliberado de criação do poeta-autor.

No caso de Augusto dos Anjos, podemos dizer que o eu empírico é o próprio poeta-autor, manifestando-se por si mesmo, em poemas como os dois primeiros sonetos ao pai ou o sentimental "Ricordanza della mia gioventú". O eu lírico, por sua vez, é uma personagem do autor, que se manifesta com equilíbrio, porém com um sentimento 127 de evasão, sempre melancólico; é o caso de poemas da segunda fase, como "Uma noite no Cairo", "A ilha de Cipango" e o encantador "Vandalismo". A máscara lírica, por fim, é uma segunda personagem, capaz de se expressar de uma forma totalmente diversa de ambos, característica dos poemas expressionistas de Augusto dos Anjos.

A "dor estética" é o conceito que orienta a máscara lírica, definido no poema de abertura do Eu, "Monólogo de uma sombra". Essa dor estética tem desdobramentos e exigências: a desindividualização ou? anulação do eu; a negação do sentimento amoroso; o repúdio a qualquer forma de prazer. A melhor definição para a "dor estética" seria fornecida por Fernando Pessoa no seu conhecido paradoxo sobre o "fingimento" do poeta: é a dor forjada com arte, a dor "fingida" não necessariamente sentida. Esse fingimento é um véu sobre a máscara lírica.

A dor estética tem um fundamento ideológico na filosofia de Schopenhauer e no budismo. Para melhor entendermos o conceito, podemos simplificar o pensamento de Schopenhauer da seguinte forma: a vida do homem oscila entre o sofrimento e o tédio; o prazer é apenas uma cessação provisória do sofrimento. Schopenhauer só vê saída para o homem na contemplação estética, na prática ética da justiça e da caridade e na vida ascética, longe dos prazeres mundanos (PA-DOVANI; CASTAGNOLA, 1990, p. 394-398). A doutrina budista, neste ponto, não difere muito de Schopenhauer, podendo ser resumida da seguinte forma: a vida é sofrimento; a causa do sofrimento é o desejo; é preciso suprimir o desejo para acabar com o sofrimento. O ideal budista é o Nirvana, estágio de não sofrimento atingido somente pelos iluminados (PADOVANI; CASTAGNOLA, 1990, p. 76-82).

- 5. ZEITGEIST, O ESPÍRITO DIONISÍACO DO TEMPO

Do ponto de vista estético, são notórias as influências de Baudelaire, Shakespeare, Poe e Rembrandt. Mas não podemos ignorar as influências filosófico-científicas, fundamentais para a leitura proveitosa da poesia de Augusto dos Anjos. Das novas ideias que vinham da Europa, dois autores são particularmente caros aos adeptos do

128

 Herbert Spencer (1820-1903), filósofo inglês; Ernest Haeckel (1834-1919), filósofo alemão.

 Johann Gottfried von Herder (1744-1803), filósofo alemão.

9. Os alemães têm outro vocabulo para significar visão de mundo ou cosmovisão: Weltanschauung, usado por pelo menos dois estudiosos de Augusto dos Anjos: José Escobar Faria (1994, p. 143) e Elbio Spencer (1994, p. 185).

10. A hoje capital da República Checa à época estava sob o domínio da Áustria, cuja língua oficial é o alemão. Praga foi um dos mais importantes centros de expansão do Expressionismo.

que se convencionou chamar de Escola de Recife, praticantes de uma poesia "filosófico-científica": Spencer, evolucionista, e Haeckel, monista. A poesia de Augusto dos Anjos é toda pontilhada por citações dessas ideias, sendo recorrentes os nomes desses autores.

A filosofia de Schopenhauer, a metafísica budista, o contato com a poesia de Baudelaire e com os poetas da Escola de Recife, além dos filósofos caros àquela escola, formam uma base para a sedimentação da poesia de Augusto dos Anjos, mas não a explicam. O conceito de Zeitgeist pode ser uma tentativa.

Empregado inicialmente por Herder⁸ para significar algo como "princípios e opiniões dos homens mais perspicazes e sábios" (apud MOISÉS, 2004, p. 476-477) numa determinada época, foi usado por Hegel como uma entidade absoluta, para a qual tudo evoluía. Literalmente, Zeitgeist significa "espírito de época", ou o "clima intelectual, moral e cultural de uma época". Mas como a diversidade é um atributo humano, melhor seria falar em predominância de uma cosmovisão⁹ – no caso da literatura, o fundamento estético e histórico predominante em determinado momento (MOISÉS, 2004, p. 476-477).

Augusto dos Anjos, vivendo e questionando as transformações que ocorriam a sua volta, foi tomado pelo espírito do seu tempo, percebendo na pacata Paraíba, no soberbo Rio de Janeiro ou na bucólica Leopoldina o mesmo que os jovens poetas alemães observavam nas ruas cosmopolitas de Berlim, Munique ou Praga. Mas estamos tratando de um caso isolado, o que não se enquadraria na teoria. Ocorre que a recepção crítica do Eu há muito tempo já nem discute o seu caráter moderno: havia, sim, ao tempo em que Augusto dos Anjos produziu sua obra, outros autores ávidos de mudança, o que viria a desaguar no movimento de 1922. O destaque merecido ocorre com atraso, entretanto. Seu reconhecimento se dá aos poucos – e não sem equívocos, como aponta Eduardo Portela:

As visões reducionistas que cerceiam, e cercearam, a leitura do Eu, exibem um estrabismo incurável. Em que pese o esforço desenvolvido por Antônio Houaiss, M. Cavalcanti Proença, Francisco de Assis Barbosa, Gilberto Freyre, Anatol Rosenfeld – para citar os mais diversificadamente

- 6. O EXPRESSIONISMO DE AUGUSTO DOS ANJOS

Elenquemos agora os atributos expressionistas da poesia de Augusto dos Anjos, tomando por base as características próprias dos poetas expressionistas que escreveram em alemão, na segunda década do século xx, a partir de predicados coligidos de Claudia Cavalcanti (2000, p. 17-33), Cláudia Valladão de Mattos (2002, p. 41-63), Marion Fleischer (2002b, p. 65-81) e Massaud Moisés (2004, p. 180-182), aos quais, sem maiores dificuldades, os poemas do Eu se amoldam.

A poesia de Augusto dos Anjos constitui-se como um mundo autônomo, por vezes onírico, onde a máscara lírica transita livremente, porém não sem sobressaltos, entre vermes e seres disformes, alguns invisíveis ao olho humano, mas aos quais a máscara lírica tem acesso naturalmente. Antissentimental na expressão amorosa, a máscara que o poeta utiliza para questionar seu estar-no-mundo vale-se mais dos sentimentos exacerbados que dos raciocínios lógicos. Assim é que, embora a natureza não seja um tema onipresente em sua obra, o indivíduo por trás da máscara lírica torna-se um crítico da solidão das multidões urbanas, colocando-se como um elo entre o homem e a natureza, orientado por um misticismo panteísta. Muito mais que isso, ele coloca-se como um elo entre a arte e a vida - a vida possível, só concebível com a transformação da humanidade pela arte.

A poesia de Augusto dos Anjos coloca o "eu" no centro das suas reflexões, como se a máscara lírica, olhando para dentro si mesma, pudesse compreender melhor o mundo, em toda sua monstruosidade, tornando concreto e antropomórfico o legado abstrato dos sentimentos e sensações. Esse "eu" revela-se fragmentado, como fragmentada é a realidade que o cerca, com sua simultaneidade de falas, típica das grandes aglomerações. Ao analisarmos o título da obra, veremos que esse falso "eu" é uma estratégia de despersonalização, coerente com o procedimento expressionista, tanto quanto os arroubos patéticos e as exclamações extasiadas, a concentração máxima da dicção e os ritmos arrebatados, harmonizados com uma severa sobriedade. O uso de superlativos e advérbios expressivos é outra característica facilmente encontrável na poesia de Augusto dos Anjos, assim como as repetições rítmicas e as frases e estrofes alinhadas parataticamente.

Uma propriedade fundamental da poesia de Augusto dos Anjos é o uso do grotesco, como projeção de uma civilização em decadência, corrompida pelo egotismo que brutaliza as cidades - aglomerados desumanos e caóticos. Na esteira do grotesco, o uso de elementos caricaturais e de humor corrosivo são complementos que deformam ao extremo a visão distorcida que, longe de se pretender engraçada, provoca asco. Despersonalizado, o ser humano que emerge dessa poesia é arrastado pela convulsão de uma realidade que se lhe afigura, o mais das vezes, uma dimensão demoníaca, que ele não entende, mas da qual não se desgarra. Por isso, sua simpatia real pelos indivíduos marginalizados, atrofias sociais, sempre presentes em suas visões aterradoras. Diante de um mundo em decomposição, em que a técnica esmaga o ser humano e a ciência o ilude e o desaponta, onde a própria natureza mostra-se também enferma, não resta alternativa à máscara expressionista senão pregar, em tom messiânico, o retorno aos valores do espírito e o nascimento de uma nova humanidade, que virá substituir aquela massa amorfa e anônima, marcada pela solidão, pela mecanização e pela esterilidade espiritual.

-7. TEMA E MOTIVOS: RECORRÊNCIAS

11. Todas as citações de Augusto dos Anjos têm uma mesma fonte (ANJOS, 1994), mencionada nas Referências. Deste ponto em diante, citaremos apenas as páginas onde as mesmas se encontram. É no "Monólogo de uma sombra" (p. 195-200)" que Augusto dos Anjos determina os limites de sua poética, o seu projeto poético: mostrar a degradação da humanidade vista por uma estética da dor. Ensaiando uma metafísica insólita e sarcástica, o poema reflete o desagrado para com os rumos que tomara a ciência; critica a permissividade sexual, e mostra o "horroroso" como um componente da natureza humana. Mas também faz uma exaltação à Arte, como única via de reconstrução e revivificação da humanidade doente. O poema foi escrito, ao que tudo indica, em 1912, sendo um dos últimos – senão o último – do Eu a ser produzido, funcionando como prólogo ao Eu e uma "arte poética" em relação ao conjunto da poesia do autor.

"Monólogo de uma sombra" nos fornece um tema central, agregador entre tantos outros, para uma compreensão mais imediata do Eu, onde se espraiam motivos diversos. Tema e motivos entendidos como conceitos que se imbricam: os motivos consubstanciam o tema; e este é um estuário para onde os motivos convergem.

O poema "Os doentes" (p. 236-249) é outro paradigma de Augusto dos Anjos. É nele que estão relacionados os motivos com os quais o poeta trabalha o tema predominante em sua obra, definido no poema de abertura. Doenças, morte, cadáveres, cemitérios, micróbios, vermes – são recorrências que ilustram essa degradação física, metáfora para a degradação moral. A máscara lírica descreve a paisagem noturna da "urbe natal do Desconsolo" (p. 236), mas não de uma maneira objetiva, como seria esperado de um parnasiano; a cidade também não é um emaranhado de símbolos, como pensada por um simbolista. Augusto dos Anjos descreve a cidade, em toda a sua complexidade, deformando-a para além do visível: não com a razão naturalista, mas com uma dramaticidade fragmentada, desconexa e tangenciando o grotesco – características do Expressionismo, marca da maior parte dos poemas inseridos no Eu.

-8. SOMENTE A ARTE PODE REDIMIR A HUMANIDADE

No "Monólogo", a Sombra arremata sua fala, emitindo o conceito-chave da obra de Augusto dos Anjos. Ecoando Schopenhauer – para quem a arte é um bálsamo para o sofrimento humano –, a Sombra afirma que somente a arte pode redimir a humanidade. Somente a arte pode libertar o homem da rede de misérias em que ele se envolveu, moral e fisicamente. Mas poucos são os que têm o privilégio de percebê-lo. Poucos se dão ao ofício ou à contemplação da arte. Desta forma, cabe ao artista manifestar-se unicamente pela dor. A sua dor é a dor universal. Manifestando-a, ele denuncia a corrupção a que está submetida a humanidade. Essa é a sua alegria.

Somente a Arte, esculpindo a humana mágoa, Abranda as rochas rígidas, torna água Todo o fogo telúrico profundo E reduz, sem que, entanto, a desintegre, À condição de uma planície alegre, A aspereza orográfica do mundo!

132

Provo desta maneira ao mundo odiento Pelas grandes razões do sentimento, Sem os métodos da abstrusa ciência fria E os trovões gritadores da dialética, Que a mais alta expressão da dor estética Consiste essencialmente na alegria.

(p. 199)

Em "Os doentes", a máscara lírica, vagando incerta, afirma buscar entender "o que nem Spencer, nem Haeckel compreenderam" (p. 236), colocando em xeque o conhecimento científico. A Sombra reitera sua confiança no sentimento, que não se curva à ciência e nem se deixa seduzir pela dialética, para chegar a uma conclusão, que é fruto de pura observação empírica. São princípios do budismo, que é pautado por uma razão pragmática, contrária à racionalização e à indução. A Sombra afirma que somente a "dor estética", isto é, a dor forjada com arte, a dor "fingida" (não necessariamente sentida), pode proporcionar alegria a quem se entrega à contemplação artística. Este é um conceito novo: dor estética. E este é o projeto de Augusto dos Anjos: mostrar-nos a degradação da humanidade de maneira estética. Uma estética diferente, calcada no sofrimento humano.

Para a máscara lírica, que só se manifesta nas três últimas estrofes do poema (o que lhe empresta características de poema dramático), o que ela ouvira da Sombra – "A orquestra arrepiadora do sarcasmo!" (p. 199) – era a manifestação da própria natureza divinizada:

Era a elégia panteísta do Universo, Na podridão do sangue humano imerso, Prostituído, talvez, em suas bases... Era a canção da Natureza exausta, Chorando e rindo na ironia infausta Da incoerência infernal daquelas frases. (p. 200) Durante muito tempo, a crítica mais apressada acusou a "incoerência", a "falta de nexo" da poesia de Augusto dos Anjos. Fazendo as conexões devidas, percebemos que ele, antecipando-se, não só tinha consciência disso, mas ainda ironiza o fato.

"Monólogo de uma sombra" engendra um postulado ético, denunciando a degradação moral e física a que o homem está submetido; e inventa um postulado estético, ao propor uma nova maneira de fazer poesia a partir da "expressão da dor" calcada na realidade vivida, o que atropelava a cristalina poesia parnasiana, bem como a hermética poesia simbolista. Estes dois postulados estão presentes, quase sempre associados, na maioria dos poemas do Eu, compondo o seu tema mais abrangente: a degradação da humanidade vista pela estética da dor. Isso mostra quanto o autor tinha consciência do seu projeto de poesia.

Vários pontos de contato com a estética expressionista são manifestados no "Monólogo de uma sombra": a fragmentação do eu e da realidade, a partir do discurso da Sombra; a simultaneidade da fala, que leva a própria máscara lírica a citar a "incoerência infernal" daquelas frases; o clima onírico, que perpassa todo o poema, numa dimensão que tangencia o demoníaco; o grotesco que emana de cada estrofe, a manifestar o nojo à natureza humana; a utopia de um mundo, guiado pelo não racionalismo, para preservar os valores mais puros do ser humano; o misticismo panteísta de um Deus ("substância de todas as substâncias") representado pela Natureza; a crença de que o sentimento pode ser superior à ciência e à filosofia; a crença na Arte como fator de transformação da Humanidade.

O "Monólogo de uma sombra" é um grito de dor, mas é também um canto de esperança. Dor pela humanidade doente. Esperança de que a poesia – ou melhor, a Arte – seja o lenitivo para essa dor.

- 9. TÍTULO: O EU DESPERSONALIZADO

Neste ponto, faz-se necessário entender o título do livro. Muito já se escreveu sobre essa palavra de duas letras, que tem um significado tão intenso. Se lemos o título do livro de Augusto dos Anjos tendo em mente que ele era um estudioso do budismo, e que isso se refle-

tia na sua obra, esvaziamos a palavra "eu" de qualquer sentido, pois o "eu", finito em si mesmo, é a única razão da dor individual. Siddharta Gautama, o primeiro Buda, distinguia duas formas de se viver:

> A primeira – a maneira aleatória, não reflexiva, na qual o sujeito é puxado e empurrado pelos impulsos e circunstâncias como um galho numa enxurrada de tempestade – ele chamou de "perambulação". A segunda – a trilha do viver com intenção – ele chamou de o Caminho (SMITH; NOVAK, 2008, p. 47).

Augusto dos Anjos escolhe para sua poesia escrever com intenção, definindo-lhe um caminho inédito. A começar pelo título do livro, que, numa primeira e apressada leitura, seria a manifestação de um ego inflado, é, ao contrário, a manifestação de um eu que se desmaterializa, porque não fala por si mesmo, mas por uma ideia preexistente. A raiz desse pensamento está nas Quatro Verdades, preconizadas na "metafísica de Abidarma", cujas três primeiras verdades, simplificadas ao extremo, podem assim ser expressas: a vida (a trajetória do eu) é traduzida em sofrimento; e a causa desse sofrimento são os desejos pessoais (do eu) não realizados; é preciso despir-se de qualquer ambição pessoal (anulando o eu) para encontrar a libertação (SMITH; NOVAK, 2008, p. 40-45).

— 10. "MULTIDÃO, SOLIDÃO"

Em "Os doentes", o "cientificismo" de Augusto dos Anjos é apenas uma leitura possível, mas óbvia e desgastada. "Os doentes" se enquadra naquela tradição fundada por Baudelaire, que promove o intercâmbio entre as excludentes representações mentais de multitude e solitude:

Multidão, solidão: termos iguais e conversíveis para o poeta diligente e fecundo. [...] O poeta goza do incomparável privilégio de ser, à sua vontade, ele mesmo e outrem. Como as almas errantes que procuram um corpo, ele entra, quando lhe apraz, na personalidade de cada um. Para ele, e só para ele, tudo está vago; e, se alguns lugares parecem vedados ao

poeta, é que a seus olhos tais lugares não valem a pena de uma visita 135 (BAUDELAIRE, 1995b, p. 289).

É usando a máscara que o poeta deixa de ser um solitário na multidão. E como "tudo está vago" as possibilidades de máscaras se multiplicam ao infinito. Walter Benjamin, refletindo sobre Baudelaire, afirma que "a multidão metropolitana despertava medo, repugnância e horror naqueles que a viam pela primeira vez" (1994, p. 124). Mas Baudelaire rompe com a atitude romântica de que a cidade é intrinsecamente não poética: a cidade é sim material poético - o mais poético da modernidade. Depende de como se a olhe (HYDE, 1999, p. 275-277). Augusto dos Anjos vai além do que pode aprender com Baudelaire, desenvolvendo processos expressionistas, que ele certamente não conhecia, deformando a realidade, plasmando-a com as sensações que ela desperta, criando imagens novas, entre o delirante e o grotesco.

-11. ÉPÍLOGO, COM FINAL FELIZ

Sem nunca haver sido publicado antes, "Os doentes", assim como o "Monólogo de uma sombra", provavelmente, foi escrito às vésperas da edição do Eu. Os dois poemas se complementam: no "Monólogo", a máscara lírica já tem o domínio da sua escatologia; em "Os doentes" ela ainda busca entendê-la, levando o seu desespero mascarado ao paroxismo do grotesco. A conclusão do poema, com a afirmação do nascimento de uma nova espécie humana, é o desfecho, o final feliz, da saga vivida, de modo épico, pela máscara. Se o "Monólogo de uma sombra" funciona como prólogo, "Os doentes" poderia ter função de epílogo, com os poemas intermediários funcionando ora como episódios, ora como reflexões.

- 12. "AS CISMAS DO DESTINO": CENTRO IRRADIADOR

"As cismas do destino" traz de forma concentrada o tema e os motivos da poesia de Augusto dos Anjos, que, em 1908, ainda estava em fase de estruturação - enquanto os poemas citados anteriormente, de 1912, tema e motivos já estavam consolidados. Antes, afirmáramos que o "Monólogo" funciona como um prólogo do Eu. Neste ponto, precisamos rever essa afirmativa, pois "Monólogo de uma sombra" é o coroamento de "As cismas do destino", que o antecipa – assim como a outros poemas –, funcionando como uma súmula do pensamento e da poesia expressionista de Augusto dos Anjos. A propósito, da primeira à última quadra – do clima noir à alegoria da destruição da natureza, sem esquecer o superlativo discurso do Destino –, Augusto dos Anjos mantém a corda expressionista tensionada ao extremo, tanto do ponto de vista formal, com suas imagens construídas como cenas, distribuídas de modo caótico, a partir de vocábulos os mais inusitados, como do conteúdo: áspero, contundente, antinaturalista.

Não temos como afirmá-lo, porque não há nenhuma documentação a respeito, mas parece-nos que é por essa época, aos 24 anos, que Augusto dos Anjos se deixa "fisgar", definitivamente, pela filosofia de Schopenhauer. Já não contava mais a dor individual ainda expressa, sob o disfarce da máscara lírica, em poemas como "Queixas noturnas", "Poema negro", "Gemidos de arte" e "Tristezas de um quarto minguante", mas uma dor coletiva, trágica:

Observe-se aqui algo de suma significação para toda a nossa visão geral de mundo: o objetivo dessa suprema realização poética não é outro senão a exposição do lado terrível da vida, a saber, o inominado sofrimento, a miséria humana, o triunfo da maldade, o império cínico do acaso, a queda inevitável do justo e do inocente. E em tudo isso se encontra uma indicação significativa da índole do mundo e da existência. É o conflito da Vontade consigo mesma, que aqui, desdobrado plenamente no grau mais elevado de sua objetividade, entra em cena de maneira aterrorizante (SCHOPENHAUER, 2005, p. 333).

Absorvida a lição de que Ideia é intuição, o poeta lírico se transporta aos palcos da tragédia, para criar personagens como esse Destino ou, mais adiante, a Sombra. Mas a sua grande personagem já estava criada: era a máscara lírica, com a qual ele ousava escrever não apenas a sua história individual, mas a história da Humanidade:

Reproduzem-se na poesia lírica do genuíno poeta o íntimo da humani- 137 dade inteira e tudo o que milhões de homens passados, presentes e futuros sentiram e sentirão nas mesmas situações, visto que retornam continuamente, e ali encontram a sua expressão apropriada. [...] O poeta é o espelho da humanidade, e-traz à consciência dela o que ela sente e pratica (SCHOPENHAUER, 2005, p. 328-329).

Por outro lado, o pensamento de Schopenhauer sobre a imanência do sofrimento no ser humano, enquanto os organismos simples pouco ou nada conhecem dele (SCHOPENHAUER, 2005, p. 399-400), vem ao encontro das ideias de Haeckel e Spencer sobre o monismo e a evolução, que Augusto dos Anjos conhecera ainda adolescente.

Ora, não sendo senão um homem comum, mas ciente de seu potencial como artista, Augusto dos Anjos desenvolve a ideia de "dor estética", que seria exposta no "Monólogo", como um subterfúgio a sua incapacidade de criar com expressividade a partir de seu próprio eu. Até aqui, a máscara atuara intuitivamente; agora, ela estava embasada filosoficamente, por uma metafísica ética e por uma metafísica estética, cujo estuário místico seria o budismo.

"As cismas do destino", pelo que tem de original e de singular, ocupa o centro irradiador das ideias veiculadas no Eu, e na poesia feita depois do livro publicado.

-13. SOB A MÁSCARA

Mais de 70% dos poemas publicados na edição original do Eti são constituídos de sonetos. Dos poemas posteriores ao livro, publicados sob a chancela Outras Poesias, esse número se eleva para quase 90%. Juntando os dois números, temos, na obra consagrada de Augusto dos Anjos, um total de 80% sob a forma soneto. Estes números nos falam com eloquência da importância que a forma representava para o poeta. A característica mais marcante do soneto de Augusto dos Anjos é a reflexão a que ele se entrega, sempre com aquela ideia schopenhaueriana de que o poeta é o espelho da humanidade. Mas, tão antiga quanto a poesia é a ideia de que o poema é o espelho do poeta. Assim, corroborando tudo o que falamos a respeito da máscara lírica, há um soneto do Eu - "A um mascarado" - em que a máscara se coloca diante do espelho e vê refletido não o seu rosto - talvez informe, talvez disforme -, mas o próprio rosto do poeta:

> Rasga esta máscara ótima de seda E atira-a à arca ancestral dos palimpsestos... É noite, e, à noite, a escândalos e incestos É natural que o instinto humano aceda!

Sem que te arranquem da garganta queda A interjeição danada dos protestos, Hás de engolir, igual a um porco, os restos Duma comida horrivelmente azeda!

A sucessão de hebdômadas medonhas Reduzirá os mundos que tu sonhas Ao microcosmos do ovo primitivo...

E tu mesmo, após a árdua e atra refrega, Terás somente uma vontade cega E uma tendência obscura de ser vivo! (p. 258)

O demonstrativo "esta" no primeiro verso aproxima em definitivo a figura da voz emissora, mesclando-a com a figura do interlocutor, tornando-os uma só pessoa. A máscara ordena ao poeta que atire sua máscara no depósito de palimpsestos, escritos novos que se sobrepõem aos antigos. A máscara do poeta irá se confundir com os poemas que ele guarda. E como é bem do seu feitio, convida-o a escândalos e incestos, cedendo ao seu vil instinto humano. Sem emitir protestos, o poeta engolirá a ofensa e verá reduzir-se em caos larvar o seu sonho de uma humanidade transformada, pesadelo recorrente da máscara lírica. Não restará ao poeta, no meio da podridão, senão persistir na vontade de continuar vivo.

Assunto recorrente, a dor mereceu de Augusto dos Anjos, depois da publicação do Eu, um poema específico, apropriadamente intitu-

lado "Hino à dor" (p. 326), uma justificativa schopenhaueriana à "dor estética" formulada no "Monologo de uma sombra".

Para Schopenhauer, "em essência, toda vida é sofrimento" (2005, p. 400). O filósofo alemão ecoa o Eclesiastes: "porque em muita sabedoria há muito desgosto; aumentando a ciência, aumenta o sofrimento" (1:18, p. 788). Para cantar o paradoxo da alegria da dor, o poeta põe a máscara lírica expressionista de lado e faz um exercício formal parnasiano, onde não falta mesmo o toque erótico: "Sou teu amante! Ardo em teu corpo abstrato. De resto, a Dor é prenhe de positividades: saúde, riqueza, tesouro, alegria, ancoradouro, sol, ouro etc. – até a ironia final: a posse, física, "de tuas claridades absolutas!". O domínio da dor, a dor estética, a dor arquitetada com finalidade artística. Para justificar que o homem de gênio é o que mais sofre e que o conhecimento é fonte de dor, o poeta constrói a sua forma de dor particular, iluminada.

12. Em 1905, ele publicara um poema de extração simbolista com o título "A dor", relacionado entre os poemas esquecidos, que não guarda nenhuma proximidade com este "Hino à dor".

— 14. RESUMINDO SEM CONCLUIR

Fortemente influenciada pela filosofia de Schopenhauer e pelo pensamento budista; percutindo as vibrações inovadoras da poesia de Baudelaire; tomada por uma sede de conhecimento que não obtinha respostas satisfatórias das ciências; obstinada pelo mundo microscópico que só àquela época começava a ser explorado; reflexo, enfim, de um país em transformação, em um mundo em transformação, a poesia de Augusto dos Anjos encontra o seu Zeitgeist, o espírito dionisíaco de seu tempo, em uma expressão inédita na literatura brasileira, que desnorteou, por muito tempo, sua recepção crítica.

Não entramos no mérito da psique do poeta. Antes, partimos do princípio, corroborado por poucos, de que ele era um cidadão comum, levando uma vida dentro dos padrões de normalidade, constituindo família, inclusive. Bacharel em Direito, optou por ser professor, o que talvez lhe desse mais tranquilidade para levar sua obra adiante. Poeta desde a adolescência, seus poemas mais antigos, dos dezesseis anos, já trazem a marca de um eu lírico melancólico, marcado pela solidão e pela reflexão sobre o estar-no-mundo.

140

A partir de um dado momento, que situamos em meados de 1906, essa melancolia se exacerba e a expressão -- marcada por um parnasianismo à Raimundo Correia, e um simbolismo apoiado especialmente em Cruz e Sousa, conforme o demonstra fartamente Magalhães Júnior (1978, p. 49-79) -, a expressão que vinha se tornando cada vez mais áspera, encontra finalmente o seu tom - um tom que não combinava com o pacato professor.

Não era mais o eu lírico que se expressava, mas um desdobramento deste: uma personagem sofrida, misantropa, misógina, que parecia ter uma só finalidade na vida – sofrer. Com a melancolia em crescimento exponencial, aquela personagem – a quem chamamos de máscara lírica – amadurece não apenas a linguagem, mas também as reflexões.

O problema que se colocava era com relação às representações miméticas da realidade, da qual os simbolistas procuravam fugir, mas somente os expressionistas lograram conseguir de forma integral, recriando a realidade, distorcendo-a até deixá-la irreconhecível. Para atingir o nível de linguagem pretendido, subvertendo as noções padronizadas de beleza, o poeta desenvolve o conceito que ele chamaria de "dor estética", que consiste essencialmente em manifestar a dor com arte – sem precisar senti-la. Essa noção de dor é de Schopenhauer, mas também é budista; em ambos, viver é sofrer; então, se o poeta não sofre, ou não sofre tanto, é preciso inventar a dor, por meio de uma personagem – a máscara lírica.

"Queixas noturnas" é o poema inaugural dessa nova fase, que daria a maioria dos 58 poemas da edição inicial do Eu. Dois anos mais tarde, Augusto dos Anjos publica o poema seminal "As cismas do destino", que forneceria motivos a muitos outros poemas, unindo forma e conteúdo num mesmo ideário expressionista. Um desses motivos recorrentes é a utilização de um universo de microrganismos, sempre em contraponto com o universo humano. Aí reside a base do "cientificismo" de Augusto dos Anjos: o antagonismo entre as ideias de evolução e criação. De maneira singela, ele resolve isso, entregando à criação as formas simples de vida (moneras e similares) e creditando todo o resto à evolução. Isso explicaria porque a humanidade

No "Monólogo de uma sombra", poema que abre o Eu, após zombar das ciências e bradar contra a permissividade, uma espécie de deus-verme vaticina que somente a Arte pode redimir a Humanidade. Em "Os doentes", uma alegoria da degradação, a ideia de que a Arte é a única saída para a Humanidade retorna, e o poema termina de forma otimista, "o começo magnífico de um sonho", "a gestação daquele grande feto, / que vinha substituir a Espécie Humana!" (p. 249). Para Schopenhauer, a arte é a única razão para que o sofrimento seja suportável, ainda que seja representação do sofrimento:

A fruição do belo, o consolo proporcionado pela arte, o entusiasmo do artista que faz esquecer a penúria da vida, essa vantagem do gênio em face de todos os outros homens, única que o compensa pelo sofrimento que cresce na proporção de sua clarividência e pela erma solidão em meio a uma multidão tão heterogênea - tudo isso se deve ao fato de que o Em-si da vida, a Vontade, a existência mesma, é um sofrimento contínuo, e em parte lamentável, em parte terrível; o qual, todavia, se intuído pura e exclusivamente como representação, ou repetido pela arte, livre de tormentos, apresenta-nos um teatro pleno de significado. Esse lado do mundo conhecido de maneira pura, bem como a repetição dele em alguma arte, é o elemento do artista (2005, p. 349-350).

Mas a arte é apenas um consolo, sem poder para fazer cessar o sofrimento imanente ao ser humano. Todavia, o artista faz a sua parte, transformando sua arte em arma de convencimento, buscando colocar a Ideia no proscênio desse "teatro pleno de significado". Ainda que tudo seja provisório, impermanente.

-15. O NIRVANA ANTES DO FIM

"O meu Nirvana", um dos últimos poemas de Augusto dos Anjos," é o coroamento de toda uma obra, não só como poesia, mas também do ponto de vista da expressão filosófica - o poeta autografa o seu trabalho para a posteridade:

13. Publicado na Gazeta de Leopoldina, no dia 14 de novembro de 1914, dois dias após a morte do autor. No alheamento da obscura forma humana, De que, pensando, me desencarcero, Foi que eu, num grito de emoção, sincero, Encontrei, afinal, o meu Nirvana!

> Nessa manumissão schopenhaueriana, Onde a Vida do humano aspecto fero Se desarraiga, eu, feito força, impero Na imanência da Ideia Soberana!

> Destruída a sensação que oriunda fora Do tato – ínfima antena aferidora Destas tegumentárias mãos plebeias –

Gozo o prazer, que os anos não carcomem, De haver trocado a minha forma de homem Pela imortalidade das Ideias! (p. 310)

Encontram-se neste poema os dois sustentáculos filosóficos da poesia de Augusto dos Anjos: o budismo e o schopenhauerismo. Sentindo a iminência da morte – "no alheamento da obscura forma humana, / de que, pensando, me desencarcero" – o poeta encontra a liberdade na filosofia, adquirindo a consciência de que a Ideia é a "forma eterna", imanente à Arte (schopenhauer, 2005, p. 246). A Arte sobrevive ao homem, à sua dor crônica, ao seu sofrimento sem fim, ao seu tormento incurável. Extintos os combustíveis que alimentam a Vontade de vida – a ganância, a luxúria, a raiva e a ilusão – sobrevêm, para Schopenhauer, o Nada, para o budismo, a libertação. O Nirvana de Augusto dos Anjos tem outro significado: a perenidade de sua poesia.

- REFERÊNCIAS

ANJOS, Augusto dos. Obra completa. Organização, fixação do texto e notas: Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

- BARBOSA, Francisco de Assis. Notas biográficas. In: ANJOS, Augusto 143 dos. Eu. 30ª ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1965, p. 293-324.
- BAUDELAIRE, Charles. Pequenos poemas em prosa (O spleen de Paris). Tradução: Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. In: Poesia e prosa. Organização: Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995b, p.

273-342.

- BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitulismo. 3ª ed. Tradução: José Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CAVALCANTI, Claudia. Em busca do extase. In: Poesia expressionista alemã: uma antologia. Organização e tradução: Claudia Cavalcanti. São Paulo: Estação Liberdade, 2000, p. 17-33.
- FARIA, José Escobar. A poesia científica de Augusto dos Anjos. In: ANJOS, Augusto dos. Obra completa. Organização, fixação do texto e notas: Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 141-149.
- FLEISCHER, Marion. O Expressionismo e a dissolução de valores tradicionais. In: O Expressionismo. Organização: J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 65-81.
- FREYRE, Gilberto. Nota sobre Augusto dos Anjos. In: ANJOS, Augusto. Obra completa. Organização, fixação do texto e notas: Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 76-81.
- FRIEDRICH, Hugo. Estrutura da lírica moderna. 2ª ed. Tradução: Marise M. Curioni. São Paulo: Duas Cidades, 1991.
- HYDE, G. M. A poesia da cidade. In: BRADBURY, Malcolm; McFAR-LANE, James (Org.). Modernismo: quia geral 1890-1930. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 275-284.
- MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. Poesia e vida de Augusto dos Anjos. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1978.
- MATTOS, Cláudia Valladão de. Histórico do Expressionismo. In: O Expressionismo. Organização: J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 41-63.
- MOISÉS, Massaud. Dicionário de termos literários. 12ª ed. São Paulo: Cultrix, 2004.
- PADOVANI, Umberto; CASTAGNOLA, Luís. História da Filosofia. 15ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

- 144 PINTO, Zemaria. A invenção do Expressionismo em Augusto dos Anjos. Manaus: Valer, 2012.
 - PORTELA, Eduardo. Uma poética da confluência. In: MELO FILHO, Murilo (Org.). Augusto dos Anjos: a saga de um poeta. João Pessoa: Governo do Estado da Paraíba, 1994, p. 65-66.
 - REIS, Zenir Campos. Augusto dos Anjos: poesía e prosa. São Paulo: Ática, 1977.
 - ROSENFELD, Anatol. Texto/Contexto I. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.
 - SCHOPENHAUER, Arthur. O mundo como vontade e como representação. 1º tomo. Tradução: Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp, 2005.
 - SHEPPARD, Richard. A poesia expressionista alemã. In: BRADBURY, Malcolm; McFarlane, James (Org.). Modernismo: guia geral 1890-1930. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 313-320.
 - sмітн, Huston; NOVAK, Philip. Budismo: uma introdução concisa. Tradução: Claudio Blanck. 3ª ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2008.
 - soares, Órris. Elogio de Augusto dos Anjos. In: ANJOS, Augusto dos. Eu e outras poesias. 3ª ed. Rio de Janeiro: Castilho, 1928, p. VII-XXXVI.
 - SPENCER, Elbio. Augusto dos Anjos num estudo incolor. In: ANJOS, Augusto dos. *Obra completa*. Organização, fixação do texto e notas: Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 180-185.

— Leitura e educação

MÁRCIO SOUZA

Quando li a primeira minuta do projeto do Proler, nos idos dos anos noventa, discordei basicamente de duas posições ali contidas. A primeira, que saltava aos olhos, era um certo messianismo que fazia da leitura uma panaceia universal para todos os males sociais. E a segunda era a negação da escola como ferramenta de formação de leitores, por considerar a leitura como uma escolha só possível em liberdade. Nesse sentido, pelo seu caráter "domesticador e repressivo", a leitura deveria ser afastada da escola.

Ao negar o espaço escolar, abria-se a leitura para todos os lugares, propondo a organização de estantes de livros e bibliotecas no maior número de lugares possíveis. Com tal proposta o mundo seria tomado pelos livros. Você entrava numa funerária e os livros se misturavam com caixões e grinaldas; nas sapatarias, sorveterias, acougues e funilarias os livros estariam disponíveis em suas estantes. Sujos de graxa nas sapatarias e funilarias, melados de sorvetes nas sorveterias e tisnados de sangue nos açougues. E todos viveríamos felizes para sempre, já que havia algo de místico na ideia da leitura, algo sacrossanto, que fazia do ato de ler uma espécie de contrição capaz de transformar pecadores em santos. Sabemos que ler faz a diferença, reforça a cidadania, amplia as perspectivas, promove o desenvolvimento pessoal e social, mas ser um leitor não faz de uma criatura humana um anjo. Temos inúmeros exemplos de pessoas cultas, leitores vorazes, capazes dos atos mais brutais. Ora, ao tirar da escola o nicho formador da leitura, aquela ideia supostamente libertária jogava a leitura em todos os lugares. Mas quando algo não tem o seu lugar e quer tudo, acaba sem nenhum lugar. Entre os atributos da leitura não está o dom da ubiquidade. Mas isso não era ainda o pior. Na falta de um lugar definido, onde concentrar esforços, apostava-se na saturação. E saturação tende a gerar banalização; pior, gera repulsa. Ocupar os espaços do mundo com livros para incentivar a leitura provavelmente tem o mesmo efeito de proibir livros e queimálos, como no romance Fahreheit 451 de Ray Bradbury. É bem plausível que políticos sagazes combatessem a leitura pela simples saturação de livros.

Não sei se minhas objeções eram, e são pertinentes, não quero levantar nenhuma hipótese e nem estabelecer uma teoria sobre a questão. Mas creio que na qualidade de escritor, romancista e dramaturgo, que precisa de leitores para sobreviver, desde sempre ficou bem claro o papel da educação formal como alicerce da prática da leitura. Sei que há diversas definições para o ato de ler: sendo o mais abrangente aquele que define o leitor como alguém capaz de ler o mundo. Para dizer a verdade, eu prefiro o leitor que lê livros. E este, até que se prove o contrário, só se torna leitor depois que passa pelos bancos escolares. Lawrence Halliwell, autor de O Livro no Brasil, o mais completo trabalho sobre a indústria editorial brasileira, diz em ensaio, após analisar a situação da escola na Inglaterra, que de cada dez alunos que saem do segundo grau, apenas quatro são leitores. Para Halliwell, ser leitor era alguém com a capacidade de ler e compreender qualquer nível de texto e formular, por escrito e com clareza, o seu raciocínio. Por isso nos surpreende que na Inglaterra do Eduational Act de 1944, e seus diversos aperfeiçoamentos, com um dos mais altos índices de leitura da Europa e dotada de uma quase perfeito sistema de bibliotecas públicas, consiga formar apenas quatro leitores. Isso demonstra a dificuldade de se formar um leitor, e de como a educação em países com a Inglaterra, França, Alemanha e Estados Unidos, entre outros, conseguiram elevar o número de jovens que saem leitores da escola. Esse índice aparentemente baixo, de outro lado, também indica que o ato de ler não é um hábito que se pegue por osmose ou por saturação. E nesse ponto concordo que se trata de uma opção, uma escolha, que a escola aponta o caminho, mas outras instâncias conspiram a favor e contra: ambiente familiar, classe social, etnia e religião. Uma família de não leitores, uma classe social que não sente necessidade de ler, uma etnia que não conhece a leitura e uma religião que segrega seus fiéis, dificilmente produzirá leitores, por melhor que seja a escola. Essa escola produzirá alfabetizados, leitores funcionais, com a habilidade de ler suplementos esportivos, tabloides de escândalo ou publicações confessionais.

- Na Amazônia, por exemplo, até quase meados do século XIX a língua portuguesa não era hegemônica. Quase todo mundo falava um idioma indígena materno e o nheengatu, a boa língua. Em muitas câmaras de vereadores o trabalho de secretariar as sessões e redigir as atas era confiado a índios alfabetizados nas missões católicas, já que os senhores vereadores não sabiam ler ou escrever. Em 1827, há apenas três escolas na Província do Amazonas, sendo uma na Barra (Manaus), outra em Barcelos e outra em Moura. Em 1800, uma escola de primeiras letras havia sido criada em Barcelos (então sede da capitania). Mesmo levando em consideração as diversas mudanças, o currículo escolar era limitado, segregador (apenas os filhos de gente abastada), determinado pelo poder político, que também nomeava o professor e proibia a iniciativa dos particulares. O currículo abrangia as primeiras letras, a educação física e moral, caligrafia, doutrina cristã, numeração e primeiras regras aritméticas, estudo de gramática, noções de geometria aplicada às artes, história natural, história sagrada, história do Brasil e geografía. Para as escolas femininas, estava acrescido o currículo com a matéria de prendas domésticas. Uma escola melancólica para formar dóceis súditos, nunca uma elite pensante e criativa.

Em 1848 é fundado na Barra (Manaus) o que poderia ser chamado de estabelecimento de ensino secundário, o Seminário de São José, lecionando gramática, francês, música e canto. Mais tarde, aritmética, álgebra, geometria, filosofia, retórica e geografia, abrigando uma média de cinquenta alunos. Uma transmissão desfibrada do saber, que virou tradição no Primeiro Reinado, onde prevaleceram as soluções burocráticas. O jovem era obrigado a receber uma educação que se compromete a refletir um sistema tradicional de ideias consideradas universais e desligadas das necessidades do cotidiano, beirando a intolerância e o proselitismo. A educação será outro dever enfadonho da oligarquia iletrada. Com isso, tivemos no Amazonas uma forma de educação incapaz de formar um pensamento original, tão necessário aos processos de transformação. A educação era sempre

O poeta Gonçalves Dias, enviado ao Norte, em 1853 pelo Império como membro da Comissão Científica de Exploração, visitou diversas escolas e incluiu em seu relatório de viagem um capítulo sobre a educação no Amazonas, registrou a pouca frequência às aulas e o fenômeno da rejeição da língua portuguesa.por uma população de fala nheengatu, usada "em casa e nas ruas e em toda parte". Os poucos que tinham recursos para frequentar uma escola ou uma universidade no sul do país ou no exterior, voltavam tão desligados da vida , pacata que não conseguiam mais compreender sua terra natal. Foi esse relatório que desencadeou um programa educacional sem precedentes para o Norte do Império, provavelmente o único programa de grande extensão e investimento realizado pelo regime de Pedro 11 na área educacional. O resultado foi o surgimento de intelectuais e escritores nativos da região, que contribuíram para formar um pensamento e pela primeira vez interpretaram aquela realidade unindo a vivência e a erudição. A base educacional montada nesse final do século XIX, legou ao Brasil escritores como Inglês de Sousa e José Veríssimo.

Em 1853, nasce em Óbidos, Pará, o romancista Inglês de Sousa. Filho de família abastada, estudou as primeiras letras em sua cidade natal, o que teria sido impossível tivesse nascido uma década antes, e a seguir formou-se em Direito pela Universidade de São Paulo. Herculano Marcos Inglês de Sousa, embora tenha sempre vivido longe de sua terra pela sua atividade como juiz de direito, jamais a esqueceu e toda a sua obra reflete uma aguda vivência e forte capacidade de observação crítica, fruto de uma infância entre gente de cultura, que

formavam um microcosmo civilizatório nessa rica área de pecuária 149 tradicional e fazendas de cacau. Com o Missionário (1888), sua obra mais famosa, o autor introduz no Brasil o naturalismo, mas com um certo mormaço, uma certa sensualidade amazônica, sem a fria liturgia da escola europeia. Do mundo do cacau, antes do ciclo baiano que nos daria Jorge Amado, Inglês de Sousa legou dois extraordinários romances, O Cacaulista (1876) e Coronel Sangrado (1877), que prenunciam o realismo crítico de Graciliano Ramos e José Lins do Rego. Inglês de Sousa foi um homem influente em seu tempo, e não apenas como romancista. Fundador com Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras, onde ocupou a cadeira número 28, cujo patrono era Joaquim Manuel de Almeida, exerceu o cargo de presidente das províncias de Sergipe e Espírito Santo, fixando-se mais tarde no Rio de janeiro, onde foi jurista respeitado. Homem afinado com os rituais do poder, advogado sagaz e bem-sucedido, Inglês de Sousa, no entanto, escreveu obras densas, despidas de regionalismo. Uma visão nada complacente com as injustiças sociais e o abandono do homem comum na Amazônia. Ao lado de José Veríssimo, outra grande figura amazônica daqueles tempos difíceis e tristes, Inglês de Sousa compõe a dupla de homens de letras nascidos no grande vale.

José Veríssimo, também de Óbidos, Pará, onde nasceu em 1857, estudou suas primeiras letras em Manaus, cursando mais tarde, no Rio de Janeiro, a Escola Politécnica. Na opinião de seus contemporâneos e no julgamento da posteridade, foi uma das maiores culturas de sua época, além de escritor primoroso e crítico literário severo. Sua obra mais importante é a História da Literatura Brasileira, de 1916, onde se contrapõe ao nacionalismo positivista e cheio de parcialidades do crítico Sílvio Romero, seu rival no campo da crítica literária. Seus Estudos de Literatura Brasileira, publicados em 6 volumes, reúnem observações extremamente agudas, nada impressionistas, sobre a produção literária de seu tempo. Mas José Veríssimo tinha outra paixão, além das letras brasileiras, a Amazônia. Sobre sua região produziu milhares de páginas de estudos, crônicas, memórias e ensaios. Cenas da vida amazônica, de 1886, A Pesca na Amazônia, de 1895, Interesses da Amazônia, de 1915, são obras que mostram problemas que mais tarde se tornaram agudos pela cobiça e pelo descaso, . 50 em que o Estado brasileiro aparece como algoz e o povo da região como vítima permanente. Essa escola certamente não formava quatro leitores em dez mas se a Amazônia contasse apenas com a obra de José Veríssimo, já seria suficiente para provar que não há leitores sem escola, sem educação formal.

Um outro resultado impressionante da política educacional do Império foi a formação de um intenso e curioso mercado livreiro que funcionava não apenas por meio das dezenas de livrarias e editoras estabelecidas em Belém e Manaus, mas também pelo Reembolso Postal. O levantamento desse mercado ainda está para ser feito, mas já se sabe que foi nessa época que se formaram as primeiras bibliotecas privadas da região, algumas com milhares de títulos. Tive a sorte de ter acesso a algumas dessas bibliotecas particulares, como a de minha avó, Marcionila Senna, que depois foi desmembrada entre os filhos. Conheci a biblioteca do Dr. André Araújo, sociólogo amazonense, a biblioteca do professor Mário Ypiranga Monteiro, e a biblioteca de professor Arthur Cézar Ferreira Reis. Tanto a biblioteca de minha avó, a menor de todas, com apenas oitocentos títulos, como as maiores, como a do professor Arthur Reis, com dez mil títulos, possuíam acervos em três idiomas: português, inglês e francês. A biblioteca de minha avó havia apenas um título em inglês, mas ela era fluente em francês e por isso li Shakespeare pela primeira vez em traduções francesas de sua biblioteca. Alguns autores não podiam faltar nessas bibliotecas, como Coelho Neto, Machado de Assis, Shakespeare, Goethe e Anatole France. A existência desse mercado de livros importados é uma prova de que uma única geração foi suficiente para a escola implantada pelo Império gerar massa crítica suficiente para gerar um mercado de livros e o surgimento de escritores de grande categoria.

Um fenômeno semelhante, mas guardando as proporções, do que ocorreu na Inglaterra em 1944, quando foi sancionado o Educational Act. Naquele ano o país ainda estava em guerra contra o eixo. O acesso à educação era limitado. Em 1938, por exemplo, apenas um quinto das crianças recebiam educação formal após os 14 anos. Foi com a evacuação de milhões de crianças para locais seguros que as autoridades e a sociedade abriramos olhos para a situação educacional nas cidades e especialmente no campo. O fim das hostilidades também

traria a ideia de que o país do pós-guerra teria necessariamente mais 151 mobilidade social, as estruturas de classes seriam menos rígidas. Foi nesse contexto que a nova lei se tornou um marco histórico de paz social e legislação social, além de promover o desenvolvimento acadêmico e aumentar exponencialmente o número de alunos. Os mais antigos ainda se recordam do plano de saúde gratuito nas escolas, do leite congelado no inverno e o transporte gratuito aos estudantes. A Inglaterra teve de se adaptar a muitas coisas nesses últimos 60 anos. Já não é um Império e faz parte de uma comunidade de nações, a Comunidade Econômica Europeia. Hoje há uma procura de profissionais altamente qualificados em diversos campos e a população escolar, que nos anos 40 era culturalmente homogênea, hoje abrange muitas culturas e religiões. A estrutura familiar sofreu transformações radicais e as classes sociais mais difusas, mas a decisão de 1944 continua tão relevante hoje quanto naqueles anos de guerra.

Os resultados do Educational Act levaram mais tempo que o programa educacional de Dom Pedro II para o Norte do Império. Duas gerações se passaram para a Inglaterra efetivamente sentir a mudança. Mas os resultados não poderiam ser mais extraordinários. No final dos anos 50, explode uma nova geração de escritores e dramaturgos que tinham como principal característica as origens operárias. O crítico Raymond Williams escreve em Encore: "O fato é que duas ou três gerações das classes trabalhadoras cresceram indo ao teatro...".

A verdade é que por volta de 1957 a Inglaterra estava vendo surgir arte e literatura para todos os lados. E uma nova geração de leitores e espectadores estava lá para receber esses artistas. Produtos do Educational Act, essa gente nova ivadiu a metrópole cansada e fizeram despertar tudo o que tocaram. Antes a falta de engajamento com o mundo contemporâneo estava simbolicamente sublinhado pela presença de uma geração anterior de escritores que já estavam presentes antes da 11 Guerra Mundial. Autores como Stephen Spender, W. H. Auden, Evelyn Waugh, T. S. Eliot, J. B. Priestley e George Orwell. No teatro pontificavam Noel Coward e Terrence Rattingan. Mas essa percepção de que a cultura inglesa dos anos 50 continuava dominada por personalidades dos anos 30 cai por terra com a estreia da peça de John Osborn, "Look Back in Anger", na noite de 8 de maio 152 de 1956, seguido pelas estreias de "A Taste of Honey", de Shelag Delaney e "The Kitchen", de Arnold Wesker.

O número de bibliotecas públicas triplicou na Inglaterra em duas décadas, e nos anos 60 a indústria editorial ganhou músculos e não se tornou derivativa dos Estados Unidos, uma força centrífuga poderosa. Não conheço programas de leitura ingleses que atuem fora da escola. Em 1944 a escola democratizada foi suficiente para embasar a transição da potência imperial e colonial em nação democrática europeia. Isso não teria sido possível sem cidadãos leitores, capazes de participar das mudanças que se fizeram necessárias, além de produzir novas gerações de escritores extraordinários. O processo que começou com os "Angry Young Men" e prosseguiu com "The Beatles" até chegar a Julian Barnes e aos musicais do West End que foram dominar a Broadway, não terminou. O Educational Act passou por muitas reformas e transformações. Hoje os estudantes já não são submetidos ao conceito de "britanidade", que significava antes de tudo seguir os preceitos cristãos da Igreja Reformada Inglesa. As ferramentas virtuais, computadores, games e vídeos entraram na escola, da mesma forma que os jovens de origem caribenha, africana, asiática ou do Oriente Médio, produtos da pulverização do Império. Não sei se a escola inglesa ainda continua produzindo quatro leitores em dez, mas com toda a certeza no Amazonas o projeto de Dom Pedro II acabou em 1964, sendo substituído por uma escola tecnocratizante. Aliás, essa foi uma das críticas que o Educational Act recebeu nos gloriosos anos oitenta de Margareth Tatcher: o modelo era pouco tecnológico e humanista demais. A que o inspetor escolar David Bell retrucou em seu discurso comemorativo dos 60 anos do **Educational Act:**

Alguns argumentaram que o grande desapontamento foi a nossa incapacidade em criar escolas técnicas como uma opção real. Mas é uma ironia que apenas hoje se perceba o que se pretendeu com as escolas técnicas. E o exemplo é a "The Britsh School for Performing Arts and Technology", em Croydon, que possui um ethos positivo que enfatiza as técnicas cênicas de interpretação e um currículo que incorpora programas relacionados com a indústria teatral. Jean-Paul Sartre, um produto da universalização do ensino na França, 153 em seu livro de memórias sobre a própria infância, intitulada muito sugestivamente de As Palauras, divide seus anos de criança em duas fases, narradas em dois capítulos que ele chamou de "Ler" e "Escrever". Para o filósofo, ler e escrever são etapas inseparáveis na construção de um ser humano. Ler e escrever é que faz um ser humanos ser criador de sua própria história e capaz de enfrentar as contingências na busca pela liberdade. Sartre revela-se como produto de uma estrutura educacional que ia da família para a escola sem solução de continuidade, quase uma coisa só. Em casa, convivia com o avô, que havia escrito uma gramática francesa, e seu grande território era a biblioteca, lugar de mistério e fantasia. A mãe, moça simples, gostava de ler em voz alta histórias românticas para ele, ou artigos de revistas semanais. Era uma casa em que ler e escrever fazia parte da formação, tão óbvia que era essa escolha, em que os adultos eram leitores e aguçaram a curiosidade natural do menino ao mostrar intimidade com o ato de abrir um livro, como se abrissem um portal e . atravessassem para outro universo. O menino abria os livros e tentava decifrar os códigos mágicos, tornando-se leitor e, a seguir, autor, saindo da infância para a adolescência, abandonando a sua fase inocente e ágrafa para a sua fase comprometida e escrita de adulto.

Mas se o exemplo de Jean-Paul Sartre pecar pelo eurocentrismo, voltemos ao Amazonas do século XXI. Mais exatamente no norte amazônico, na região conhecida com alto rio Negro. Ali vivem dezenas de etnias e são faladas cerca de 30 idiomas, além do português, do espanhol e do inglês. A maioria dos povos daquela área é falante de mais de um idioma. Ao longo de quatro séculos foi o maior fornecedor de mão de obra escrava. Cálculos conservadores indicam que foram descidos cerca de 1 milhão de índios do alto rio Negro. Em meados do século xx as etnias estavam desmoralizadas e em vias de extinção, quando ali se instalam os salesianos. Esses missionários, a despeito de alguns absurdos, como a destruição das malocas coletivas e a interdição das flautas de Jurupari, que foram profanadas em público, criaram uma rede de escolas e colégios profissionalizantes. Na década de 70, durante a ditadura militar, foi decidida a construção da Perimetral Norte, rodovia que deveria fazer parte com a Transa154 mazônica de um plano de ocupação da região. Chegaram as empreiteiras e importaram trabalhadores do Nordeste. Eram analfabetos e o Mobral foi acionado. Precisavam de professores. Os técnicos do Ministério da Educação se espantaram com o grau de alfabetização das etnias, não sabiam que até 1964 a Região Norte tinha menos analfabetos que São Paulo. Desconheciam o esforço educacional dos salesianos, e recrutaram entre os indígenas os professores para o trabalho de alfabetização dos operários. Mas foi somente em 1985 que um primeiro autor totalmente indígena pôde responder com um livro o que havia aprendido nas escolas salesianas. Trata-se de Luís Lana, cujo nome em dessana é Tolomen-ken-jiri, autor de Antes o Mundo não Existia, narração precisa do mito cosmogônico de sua cultura, escrito em português e dessana, sob enórmes dificuldades em sua aldeia do rio Tikiê. Luís Lana, que nasceu em 1961, filho do chefe de sua tribo, fez o livro preocupado com a preservação do mito da criação do universo, acabou se tornando o primeiro índio a escrever e ter seu livro publicado em 500 anos de história do Brasil. "Antes o Mundo não Existia" está traduzido para diversas línguas europeias e estimulou o surgimento de outros escritores indígenas, que estão tornando vernáculo seus idiomas ágrafos, e são editados pela primeira editora indígena do país, propriedade da Foirn - Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro. Em 1987 a Secretaria de Educação do Amazonas cria o núcleo de educação indígena e edita cartilhas e livros didáticos nos idiomas originários. Nas áreas indígenas o ensino passa a ser na língua materna até os 8 anos, e depois em português seguindo o currículo oficial. Neste momento a Universidade do Estado do Amazonas acaba de instituir um programa para as etnias, com professores nativos e aulas ministradas em seus idiomas maternos. Em 20 anos de educação bilíngue as etnias do alto rio Negro contam hoje com professores, médicos, engenheiros, economistas, advogados e até antropólogos. O que explica a criação de uma biblioteca e mediateca virtual em São Gabriel da Cachoeira, cidade administrada pelos próprios índios, e o grande número de jovens autores ávidos em escrever sobre seu universo cultural, publicando livros que se esgotam antes mesmo de chagar às livrarias de Manaus.

Aceito que Sartre talvez não seja um bom exemplo. Sei que a Inglaterra é um país antigo e não serve de comparação com o nosso próprio país. Imagino que para muitos o alto rio Negro seja muito remoto. Sei também que a questão da leitura no Brasil não está apenas na educação. Mas sem uma educação que forme leitores, todas as outras mazelas continuarão perenes: escassez de biblioteca; o preço do livro acima do poder aquisitivo do povo; predomínio esmagador da indústria cultural etc. Como escrevi no começo deste ensaio: como escritor prefiro leitores que leiam livros. Almejo ser lido por aqueles quatro leitores que o professor Lawrence Hallewell apontou como produtos da escola inglesa. Estou convicto de que tudo começa na escola e o resto é paliativo. Não acredito em programas de leitura messiânicos, admiro o esforço de algumas pessoas dedicadas que criam bibliotecas em áreas pobres das cidades brasileiras, invejo aqueles que entram nas penitenciárias com livros e me esforço sempre para estar longe de contadores de histórias. Escrevo todos os dias um pouco e me pergunto quantos leitores o sistema educacional brasileiro vai pôr nas ruas este ano. No dia que constatarmos que são 4 em dez, já será um triunfo, e todo o dinheiro investido terá sido justificado.



As questões amazônicas e a formação de professores na Faculdade de Educação da Ufam

ROSA BRITO · GISELE BRAGA ISPER1

— INTRODUÇÃO

 Psicóloga e Mestra em Educação. Os pilares gerais para a formação de professores no Brasil estão alicerçados na LDB nº 9.394/1996 e na Resolução nº 01/2006, ficando sob a responsabilidade de cada instituição formadora estabelecer os pilares especiais devidamente articulados com os gerais. Nessa perspectiva, a formação de professores deve assentar-se num espaço epistemológico no qual a educação seja tecida por uma pedagogia onde o homem se (re)encontre com a profundidade do seu ser, libertando-se, assim, da soberania de um eu que se repete nos outros; deve possibilitar o alargamento das áreas de conhecimento e da ação dos docentes no sentido de responder positivamente às apetências, expectativas, necessidades e potencialidades dos alunos, ou seja, às suas necessidades objetivas e subjetivas, com vistas ao bem-estar profissional e melhoria do processo educativo.

Diante do currículo desenvolvido no curso "tradicional" de formação de professores na Faculdade de Educação da Ufam, e de nossas vivências de magistério no Estado do Amazonas, nos permitimos dizer que a formação de professores, ali desenvolvida, quase sempre ignora os contextos reais, onde os futuros professores irão exercer a sua profissão e fecham os olhos para a especificidade local. Ao contrário, os cursos que orientam a formação de professores indígenas na Instituição estão estruturados a partir de uma perspectiva antropológica intercultural.

Dizer, também, que é necessário reestruturar o currículo do curso 157 "tradicional" tendo em vista outros fundamentos que não apenas os da cultura científica e técnica, mas, também, os da cultura humanística capazes de inter-relacionar as diversidades culturais por meio de uma ponte que ligue a multiculturalidade que abunda na aldeia global ao espaço que habitamos. Apesar de ser um processo complexo, principalmente se levarmos em consideração que o corpo docente é muito mais heterogêneo do que se supõe, acreditamos que a antropologia intercultural quando devidamente integrada nos currículos de formação de professores, poderá ser uma via promissora se considerarmos a formação como um processo de estruturação/desestruturação/reestruturação.

É nosso entendimento que os pilares especiais do curso de formação de professores da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas podem ser fornecidos pela antropologia intercultural porque a educação como prática antropológica cria as condições que permitem o delineamento de estudos de temáticas importantes, entre as quais: cultura, etnia, identidade, diferença, alteridade. É possível afirmar, após os estudos e pesquisas que os currículos que orientam a formação de professores indígenas na Faculdade de Educação estão estruturados a partir de uma perspectiva antropológica intercultural e que, ao contrário disso, os currículos que vêm orientando a formação de professores no formato "tradicional" continuam distantes de tal orientação.

- DESENVOLVIMENTO

Para que fosse possível estabelecer um processo de discussão sobre o problema estudado, foi necessário desenvolver os seguintes pontos: fazer um resumo histórico do Curso de Pedagogia; apresentar a matriz curricular do curso "tradicional" e das Licenciaturas Indígenas; fazer um quadro comparativo entre os dois e; apresentar os fundamentos e orientações para o desenvolvimento de uma educação como prática antropológica.

O Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas, criado pela Faculdade de Filosofia do Amazonas, recebeu autorização para funcionamento pelo Decreto nº 50.046, de 24 de janeiro de 1961, assinado pelo presidente Juscelino Kubitschek, com publicação no Diário Oficial da União de 25 de janeiro do mesmo ano. A partir de 1972, com a criação da Faculdade de Educação, novos objetivos foram traçados e novo currículo organizado visando à formação de pedagogos para atuarem no ensino normal; na administração escolar do 1º e 2º graus; na Inspeção Escolar para exercício nas Escolas de 1º e 2º graus; na Orientação Educacional.

Em 1974, em consequência da implantação da Reforma Universitária, o Conselho Universitário, por meio da Resolução nº 024/74, de 1º de fevereiro de 1974, fixou o regime de créditos, e o Currículo Pleno do Curso de Graduação em Pedagogia, determinando 147 créditos para a sua conclusão a serem integralizados no mínimo em três, e no máximo em sete anos. O reconhecimento do curso foi concedido pelo Decreto nº 76/75, de 1º de setembro de 1975, assinado pelo presidente Ernesto Geisel:

Art. 1º – É concedido reconhecimento ao curso de Pedagogia, licenciatura plena, habilitações em Administração Escolar, em Orientação Educacional, em Supervisão Escolar e em Inspeção Escolar, da Universidade do Amazonas, com sede na cidade de Manaus, Estado do Amazonas.

Com a finalidade de adequar o curso à realidade local e oferecer mais uma habilitação específica, o Conselho Universitário aprovou, pela Resolução n.º 10/76, um novo currículo estabelecendo 2.235 horas/aula de duração, equivalentes a 149 créditos em disciplinas obrigatórias, optativas e em estágio supervisionado a serem integralizados no mínimo em três e no máximo em sete anos. O Diploma de Licenciado em Pedagogia correspondia a uma ou duas habilitações, sendo lícito ao diplomado complementar estudos para obter novas habilitações. O referido currículo era composto de um núcleo comum (disciplinas obrigatórias); núcleos de disciplinas de habilitação em adminis-

tração escolar, em inspeção escolar, em supervisão escolar, em orientação educacional e mais o estágio supervisionado.

Em 1999, ò Colegiado elaborou nova proposta curricular e novo Projeto Pedagógico que foram aprovados pela Resolução n.º 014/99/Consepe. Centrado na concepção da docência como base da identidade profissional do educador, na unidade entre teoria e prática e no trabalho interdisciplinar, o Curso de Pedagogia propunhase a preparar teórica e praticamente o educador para dar conta da sua realidade educativa sustentado no tripé: aquisição / construção transmissão de conhecimentos.

2. Matrizes Curriculares

2.1 Licenciatura em Pedagogia de 2008 - em vigor

A atual Matriz Curricular do Curso de Pedagogia foi elaborada sob a égide da Lei nº 9.394/96 (Diretrizes e Bases da Educação), da Resolução nº 01/2006/CNE, consubstanciada nos Pareceres CNE/CP 5/2005 e 3/2006. As determinações emanadas destas exigem mudanças qualitativas e quantitativas nas estruturas curriculares e nas condições. objetivas de formação do pedagogo. Apontam para uma nova concepção de formação e, consequentemente, para uma nova configuração curricular que envolva novas áreas de conhecimentos, conceitos e temas que possibilite a superação da perspectiva disciplinar e da ruptura entre teoria e prática. Estabelece que o curso de pedagogia destina-se a fornecer licenciatura para a docência na Educação Infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental e na Gestão Democrática do ambiente escolar e não escolar. Remete para o nível de Pós-Graduação Lato Sensu a Supervisão Educacional. No caso das abordagens étnico-raciais e das modalidades especiais de ensino, a formação do Pedagogo da Faced/Ufam deve contemplar fundamentos e abordagens pedagógicas da Educação Indígena, Educação Especial e Educação de Jovens e Adultos.

Para que o aluno possa receber o diploma de licenciado em Pedagogia é necessário que durante cinco, e no máximo nove anos, integralize 185 créditos, sendo 173 obrigatórios e 12 optativos, e cumpra 3.310 horas/aula, sendo 2.800h em atividades formativas, 540h em Estágio Supervisionado e 150h em atividades teórico-práticas.

2.2 Licenciaturas Indígenas

Segundo dados do IBGE, o Estado do Amazonas possui a maior população indígena, assim como o maior número de povos indígenas do Brasil. Do total de 235 povos, 180 estão na Região Amazônica e 65 no Estado do Amazonas. Dos 734.131 índios, 270.211 estão na Região Amazônica e 113.391 são habitantes do nosso Estado.

A procura pelo ensino universitário e a formação de quadros de professores pelos povos indígenas parece ser a busca, por intermédio do diálogo intercultural, por mais um instrumento de resistência e construção de novas relações com a sociedade envolvente com vistas à concretização da autonomia e respeito à diferença. Ainda hoje, apesar das determinações da Constituição e outros dispositivos legais, as escolas localizadas nas áreas indígenas ainda são caracterizadas como escolas rurais e seguem, rigorosamente, as mesmas orientações estabelecidas pelo sistema estadual e municipal de ensino e são administradas, em sua maioria, por professores indígenas e não indígenas leigos, indicados e nomeados pelo prefeito municipal.

Já há algum tempo a Ufam mantém interlocução com povos indígenas do Amazonas por meio de projetos de pesquisa e extensão. A Faced vem desenvolvendo desde 2008, pelo Programa de Apoio à Formação Superior e Licenciatura Indígena – Prolind, do Ministério da Educação e parcerias com prefeituras, cursos de Licenciatura Específica para Formação de Professores Indígenas. Atualmente estão em desenvolvimento os cursos de formação para professores Mura (Autazes), Sateré-Mawé (Maués) e Munduruku (Borba).

Os cursos configuram-se, conforme explicita o projeto, como uma ampliação de sua atuação junto a esses povos, na perspectiva de atender reivindicações, dessa feita, dos povos Mura, Sateré e Munduruku, e responder ao desafio institucional de contribuir para a formação específica de professores indígenas para atuarem nas escolas de suas aldeias:

A presença indígena na academia poderá propiciar o intercâmbio entre . 161 diferentes saberes, experiências e conhecimentos, constituindo-se em importante oportunidade de debate com outros referenciais e paradigmas. Assim, os dois lados poderão sair ganhando: os povos indígenas e a Universidade (PPP, p. 12).

[...] seus direitos à manutenção de suas línguas e culturas e a uma educação escolar respeitosa de seus modos próprios de elaboração e transmissão de conhecimento, com objetivos e currículos definidos por cada comunidade específica, de acordo com seus próprios projetos. Essa educação escolar intercultural e específica, a ser desenvolvida em consonância com as condições sociolinguísticas locais (bilíngue, multilíngue) (REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA AS ESCOLAS IN-DÍGENAS, MEC, BRASÍLIA, 1998).

Para que a educação escolar indígena diferenciada e de qualidade seja bem estruturada, empreendida e consolida é importante, mesmo necessário, que os seus professores recebam uma boa formação em nível superior. Os currículos dos cursos de licenciatura específica para formação de professores indígenas Mura, Sateré-Mawé e Munduruku, foram elaborados na Faculdade de Educação, por uma equipe multidisciplinar, por meio de um processo participativo que incluiu ir às aldeias para ouvir e dialogar com as comunidades indígenas sobre suas necessidades e aspirações educacionais. Estão amparados na Constituição Federal de 1988, na Lei nº 9.394/96 (Diretrizes e Bases da Educação), na Lei nº 10.172/2001 (Rlano Nacional de Educação) e no Parecer CNE/CEB nº 14/99 e foram orientados pelas perspectivas: intercultural (diálogo entre as diferentes histórias e os diferentes saberes); interdisciplinar; e escolha conjunta (Universidade e organizações indígenas) das disciplinas e conteúdos que compõem os currículos.

Decorrente disso, os cursos propostos apresentam características específicas e diferenciadas e procuram atender às necessidades e intèresses dos povos Mura, Sateré e Munduruku, e articulam a formação de seus professores com o projeto político-pedagógico de suas escolas, coerentes com a nova prerrogativa constitucional do "direito à diferença" e do "direito à cidadania plural", respeitando profunda162 mente a diversidade político-cultural dos povos, seus diversos outros, em busca da igualdade de oportunidades.

A estrutura do curso envolve 3.160 horas/aula, a serem integralizadas em cinco anos letivos, sendo 1.320h destinadas à Formação Geral, prevista para os dois primeiros anos; 840h para a Formação Específica, também com duração de dois anos; 600h destinadas à Integração das áreas a serem integralizadas em seis meses; 400h destinadas ao Estágio; 400h envolvendo as Práticas; 200h a serem cumpridas por intermédio de Atividades Acadêmico-Científico-Culturais.

3. Educação como Prática Antropológica

O mergulho na realidade da formação de professores desenvolvida no Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas nos possibilitou apreender a imensa trama e a rede de significados tecida pela energia que emerge da vida dos sujeitos amazônicos e do seu mundo que, incorporando todas as formas de percepção, todas as formas de experiências vividas transcendem, em muito, os puros feixes de relações lógicas, onde os seres humanos são tratados como clones, condenados a uma eterna repetição.

Na perspectiva de uma educação como prática antropológica, a formação dos professores deve

preencher os vazios antropológicos deixados pela ortodoxia epistemológica que legitimara as ciências da educação até o momento. [...] contrapor-se ao etnocentrismo orientado pela razão científica que tem dominado o processo educativo, e fazer vir à tona aimportância do paradigma antropológico postulante de uma pedagogia assentada não apenas na razão científica, mas, e fundamentalmente, na razão sensível porque a identidade do homem é de natureza antropológica e carece de um perfil pedagógico. [...] Desafio difícil de ser cumprido, mas que se não for assumido acabará por condenar a educação ao imobilismo, retirando-lhe a sua essencial dimensão de construção, de projeto (CARVALHO, 1996, p. 46).

Se como nos diz Geertz, "as formas de saber são sempre e inevitavelmente locais e, mesmo obscurecendo-as, não é possível fazê-las desaparecer", é necessário que o saber local, construído pela razão 163 sensível e entendido como uma disposição do espírito que possibilita ao homem conhecer e lidar com o mundo seja considerado no processo educativo. Fazer isso é aceitar a diversidade entre as diferentes formas que o ser humano possui para construir e orientar as suas vidas; acreditar que outros possuem uma natureza semelhante à nossa, e que nenhuma delas é superior a outras, apenas diferente.

Não se pretende com tal afirmação abdicar das dimensões, científica e técnica, que devem estar presentes no processo educativo, mas tão somente postular a ultrapassagem da atitude etnocêntrica que discrimina sem levar em conta as vivências, a sabedoria, os processos de interação e de interdependência que estão presentes nesse nível de conhecimento. Por conta disso, faz-se necessário que as instituições educativas do Amazonas dinamizem estudos e pesquisas sobre o ser, o fazer e o pensar do homem amazônico porque, assim como as representações coletivas, as identidades étnicas e culturais somente serão plenamente inteligíveis quando referidas ao sistema de relações sociais que lhes deram origem.

As análises dos currículos nos permitem afirmar que, no tocante às questões amazônicas, as estruturas curriculares mais recentes, 1999 e 2008, são praticamente a mesma. A diferença tem a ver, apenas, com os ditames da Resolução nº 01/2006/CNE, que institui as Diretrizes Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia e determinou uma nova configuração para ele:

Art. 4.º - O Curso de Licenciatura em Pedagogia destina-se à formação de professores para exercer funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos.

Parágrafo único - As atividades docentes também compreendem participação na organização e gestão de sistemas e instituições de ensino, englobando: planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de tarefas próprias do setor da Educação; de projetos e experiências educativas não escolares; produção e difusão do conhecimento 164 científico-tecnológico do campo educacional, em contextos escolares e não escolares.

No caso dos conteúdos voltados para as questões das culturas, identidades e saberes amazônicos, praticamente inexistem em ambas, principalmente se também levarmos em consideração os preceitos da Resolução nº 01/2006/CNE, que estabelece:

Art. 4, § 1º – No caso dos professores indígenas e de professores que venham a atuar em escolas indígenas, dada a particularidade das populações com que trabalham e das situações em que atuam, sem excluir o acima explicitado, deverão:

I – promover diálogo entre conhecimentos, valores, modos de vida, orientações filosóficas, políticas e religiosas próprias à cultura do povo indígena junto a quem atuam e os provenientes da sociedade majoritária; II – atuar como agentes interculturais, com vistas à valorização e o estudo de temas indígenas relevantes.

[...]

Art. 6º – A estrutura do curso de Pedagogia, respeitadas a diversidade nacional e a autonomia pedagógica das instituições, constituir-se-á de:

I – um núcleo de estudos básicos que, sem perder de vista a diversidade e a multiculturalidade da sociedade brasileira, por meio do estudo acurado da literatura pertinente e de realidades educacionais, assim como por meio de reflexão e ações críticas, articulará:

II – um núcleo de aprofundamento e diversificação de estudos voltados às áreas de atuação profissional, priorizadas pelo projeto pedagógico das instituições e que, atendendo a diferentes demandas sociais, oportunizará, entre outras possibilidades:

[...]

 b) avaliação, criação e uso de textos, materiais didáticos, procedimentos e processos de aprendizagem que contemplem a diversidade social e cultural da sociedade brasileira.

Diante do que dispõe a Resolução nº 01/2006, é nosso entendimento que o currículo de 2008, no tocante às orientações gerais, cumpre plenamente as suas determinações, o que não ocorre com as orien-

tações voltadas para a especificidade das questões locais, apesar do 165 projeto pedagógico de 2008, enfatizar que

em se tratando da formação do Pedagogo/Professor, cuja atuação se dará prioritariamente no contexto amazônico, a compreensão dessas temáticas se põe como condição de contextualização da prática profissional, corresponde tanto ao aprofundamento dos problemas e singularidades regionais quanto à necessidade de formação de processos identitários dos sujeitos estudantes da Amazônia (PPP, p. 9).

No currículo de 2008, se comparado ao de 1999, podemos verificar que duas disciplinas permaneceram e duas foram retiradas. Verificar, também, o acréscimo de duas disciplinas obrigatórias e duas optativas. Vejamos quadro comparativo:

Currículo de 1999 Antropologia e Educação (60h) Educação na Região Amazônica (60h) Expressão Cultural e Educação (60) Escola, Currículo e Cultura (60h)

Currículo de 2008 Antropologia e Educação (60h) Educação na Região Amazônica (60h) Educação Indígena I (60h) Educação Ambiental (60h) TOTAL: 240h

Optativas: Educação do Campo (60h) Educação Indígena II (60h) TOTAL: 120h

- REFLEXÕES E ENCAMINHAMENTO

As análises e reflexões nos mostram que se levarmos em conta que o currículo de Licenciatura em Pedagogia exige para a conclusão do curso 3.310 horas/aula e que apenas 360 horas são destinadas às questões amazônicas, é possível afirmar que neles essa questão fica bastante minimizada. Diferente da situação dos currículos estruturados para as licenciaturas Indígenas Mura, Sataré-Mawé e Munduruku, porque neles tanto as orientações gerais, de caráter universal, quanto

as orientações específicas, voltadas para o saber local, estão postas de forma que atendem a um localismo universalizado.

Mostram, também, que a perspèctiva ou paradigma que norteia a formação de professores na Faculdade de Educação possui uma configuração da escola monocultural e que, por isso mesmo, precisa ser urgentemente mudada. Para tanto, é necessário que o Curso de Pedagogia elabore e desenvolva um processo formativo que leve ao abandono da pedagogia tradicional, sustentada no binômio transmissão/reprodução, mestre/discípulo – onde os alunos são considerados "vasilhas vazias", "folhas em branco", que devem ser preenchidas sem nenhum questionamento, pelos educadores detentores dos conhecimentos, denominado pelo educador Paulo Freire, de "educação bancária".

Ora, se os processos educativos envolvem aquisição, construção e transmissão de conhecimentos, o aprender e o ensinar devem ser elementos essenciais nos processos de produção e reprodução social, onde o estudo das culturas implica apreender e compreender que nós e os outros pensamos ser, o que nós e outros estamos fazendo e com que finalidade nós e os outros pensamos que estamos fazendo, o que não significa ser, pensar ou sentir como os outros, mas requer apreender como viver com os outros nossos semelhantes.

Porque o objetivo da vida não pode deixar de ser a familiaridade com a própria vida, o Curso de Formação de Professores da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas, para que possa contribuir para a descoberta de novos caminhos que levem ao desenvolvimento do sujeito amazônico como pessoa e como cidadão, precisa estar inserido no contexto, atento às questões e os saberes amazônicos construído, especialmente, por meio da razão sensível e expresso no "senso comum" ou "bom-senso" e, com isso, possibilitar a aquisição e construção de conhecimentos voltados para a realidade amazônica, seus problemas e desafios. A formação de professores feita pelos Cursos de Pedagogia, em Manaus, quase sempre ignoram os contextos reais, onde os futuros professores irão exercer a sua profissão e, com isso, fecham os olhos para a especificidade local.

Os pilares gerais para a formação de professores no Brasil, conforme já expusemos, estão na LDB nº 9.394 e na Resolução nº 01/2006, ficando sob a responsabilidade de cada instituição formadora, estabelecer os pilares especiais devidamente articulados com os gerais. É nosso entendimento que os pilares especiais do Curso de Formação de Professores da Faculdade de Educação podem ser fornecidos pela antropologia intercultural porque a educação como prática antropológica cria as condições que permitem o delineamento de estudos das temáticas locais inseridas nas universais.

Nessa perspectiva, a formação de professores deve assentar-se num espaço epistemológico no qual a educação seja tecida por uma pedagogia onde o homem se (re)encontre com a profundidade do seu ser, libertando-se, assim, da soberania de um eu que se repetia ou se repete nos outros; deve possibilitar o alargamento das áreas de conhecimento e da ação dos docentes no sentido de responder positivamente às apetências, expectativas, necessidades e potencialidades dos alunos, ou seja, às suas necessidades objetivas e subjetivas, com vistas ao bem-estar profissional e melhoria do processo educativo.

Nessa perspectiva é possível afirmar-se, segundo Carvalho, uma identidade, uma individualidade pessoal,

que passa, sobretudo, pela aceitação das condições e das exigências primeiras de uma dialética da alteridade. Sacodem-se, em definitivo, os dogmas da epistemologia positivista em tudo quanto eles impediam o comprometimento humano no desenvolvimento do projeto da existência e do seu ser, para além dos contornos ditados pela lógica restritiva de projetos científicos (CARVALHO, 1996, p. 9).

O processo educativo sustentado na perspectiva antropológica intercultural, como ensina Carvalho, deve levar por meio de uma nova visão acerca do encontro, confronto e entrelaçamento de culturas, à consagração da pessoa humana, onde o encontro não será tanto de culturas, mas de pessoas que são portadoras ativas de determinados esquemas de representação cultural trazidas de uma relação primeira e inalienável de um *eu* construído nas relações com *o outro*.

No processo educativo pautado numa autêntica pedagogia intercultural é indispensável privilegiar a comunicação com o outro, assim como o reconhecimento da inserção do eu no seio do múltiplo. Preo168 cupar-se com a dimensão universalista sem esquecer o contexto da situação de aprendizagem:

Os pedagogos acabarão por encontrar na antropologia educacional o fundamento de novas atitudes educativas [que] ambicionam operar rupturas nos próprios pressupostos e efeitos da ação educativa, pela ressignificação da dimensão subjetiva do homem, bem como pela valorização das variáveis situacionais (CARVALHO, 1998, p. 82).

Na mesma perspectiva, ao propor alternativa para pensar mudanças no processo educativo, Vieira nos ensina que a mudança

tem que passar essencialmente por uma metamorfose pessoal dos atores. Dos atores que têm que se tornar sujeitos de si próprios na sua reconstrução identitária. [...] A escola tem, assim, que enveredar por um processo educativo intercultural. [...] O ensino e a cultura não são coisa absoluta; não constituem norma única e universal para todos lhe acederem. Há que ter em conta o caráter relativo e social da eduçação, do ensino e da cultura num dado momento histórico, conjunturalmente, portanto, e em cada civilização (VIEIRA, 2011, p. 351-357).

Como apresentado anteriormente, os currículos do Curso de Formação para Professores Indígenas (Mura, Sateré-Mawé e Munduruku) possuem uma estrutura distinta daquele desenvolvido tradicionalmente. Neles, a ênfase recai, sem deixar de seguir os ditames da legislação e perder a dimensão universal, nas necessidades das comunidades e dos povos envolvidos, o que não significa insular-se num localismo, mas, ao contrário, ter o local como ponto de partida e o universal como ponto de chegada.

Ao fim nos permitimos afirmar que os currículos que orientam a formação de professores indígenas na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas estão estruturados a partir de uma perspectiva antropológica intercultural e que, ao contrário disso, os currículos que têm orientado ao longo do tempo a formação de professores, ao apresentarem uma estrutura bastante tradicional, continuam distantes dessa orientação.

— BIBLIOGRAFIA 169

BRITO, Rosa Mendonça de. *Um Localismo Universalizado*: A formação de professores, mestres e doutores na Faced/Ufam. Manaus: Edua, 2015.

- CARVALHO, Adalberto Dias de. Epistemologia das Ciências da Educação. 3ª ed. Lisboa: Edições Afloramento, 1996.
- _____. A Educação como Projeto Antropológico. Porto: Edições Afloramento, 1998.
- GEERTZ, Cliford. O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. Trad. Vera Mello Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 1997.
- VIEIRA, Ricardo. Educação e Diversidade Cultural: notas de antropologia da educação. Porto: Edições Afloramento, 2011.



Medalha PÉRICLES MORAES 2014 e 2015

Abertura¹

ARMANDO DE MENEZES

Este é o 10º ano que se executa a entrega da Medalha do Mérito Cultural Péricles Moraes.

O evento, com sua prática, procura homenagear o Patrono da Academia Amazonense de Letras, da qual foi seu Presidente por muitos anos, sendo admirado e aplaudido como intelectual de renome nacional.

Sempre é efetivada no dia 26 de abril, data de nascimento de Péricles Moraes. Este ano, contudo, ocorrera a 25, já que 26 foi um sábado. A Medalha contempla três áreas: Letras, Artes e Mecenato.

Nos anos anteriores, 27 foram premiados com a Medalha, na qualidade de escritores, artístas, empresários e instituições, como Milton Hatoum, Astrid Cabral, Coral João Gomes Júnior, Nivaldo Santiago, Phelippe Daou, Ivete Ibiapina, Oscar Ramos, Instituto Dirson Costa, entre outros.

Neste exercício de 2014, este Silogeu distinguiu, para o recebimento da Medalha: nas Letras - Alcides Werk, in memoriam; nas Artes - Sergio Cardoso; e no Mecenato - Fazenda da Esperança.

Alcides Werk foi um dos mais expressivos poetas do Amazonas, embora nascido no Mato Grosso do Sul. Com parte de sua existência no interior amazonense, notadamente em Maués e Nhamundá, sua poesia, além de grande força telúrica é tida e muito representativa no repúdio ao golpe militar de 1964 e à ditadura que se instalara no país. Deixou vários livros de poesia, com destaque para Trilha dágua, Poemas ribeirinhos e Da noite do rio.

Sergio Cardoso é amazonense de Manaus e bacharel em Direito. Artista plástico, fotógrafo, cineasta e dramaturgo, é, induvidosamente, o mais inquieto artista de sua geração, sempre em busca do novo, desafiando o óbvio. Com produtividade incomum, mantém o

1. Cerimônia realizada em Manaus, 25 de abril de 2014.

ritmo de duas exposições ao ano; sem a perda de qualidade. Como dramaturgo, é dos mais produtivos, com mais de 15 peças encenadas. Lançou no Espaço Thiago de Mello, da Loja Saraiva do Manauara Shopping, às 19 horas de 30 de outubro último, O Livro do teatro urbano das mulheres de lazone – (Dez dramathurgias barehs).

A "Fazenda da Esperança" é obra de cunho social mantida pela Arquidiocese de Manaus, com a eficiente direção do Bispo-Auxiliar Dom Mário Pasqualotto.

Fundada em 2001, sua destinação é recuperar dependentes químicos, com 100 vagas para o público masculino e 30 para o feminino.

A metodologia que emprega é baseada em valores cristãos e se assenta no tripé "religiosidade, trabalho e convivência, social e familiar". Realizando trabalho essencialmente voluntário, a Fazenda da Esperança tem contribuído para a recuperação de centenas de jovens, que voltaram ao convívio da família, tornando-se cidadãos exemplares.

Aqui abro um quadro para falar em meu neto que, levado pela droga, foi tratado e, atualmente, depois de curado, exerce o magistério com desenvoltura incomum.

Seu nome: Tude César Marinho de Menezes, idade: 26 anos. Morando comigo, desde seu nascimento, diante do falecimento de seu pai – Armando Andrade de Menezes Filho, muito me honra tratar-me como seu pai.

Cedo, muito cedo mesmo, Tude César estudou inglês que foi aprimorá-lo em Cambridge, na Inglaterra.

Após o uso da droga, tratou-se, inicialmente em São Paulo, na Vila Serena e depois, para sua conclusão, aqui no Instituto Meister Atmdades de Psicologia.

Como referido antes, Tude César é diplomado, como aluno, pela Cultura Inglesa, em nome da qual executa o professorado pela manhã e tarde, incluindo até o sábado também pela manhã.

Com essa digressão e rogos de desculpas, manifesto a minha continuada admiração e aplausos às festividades da Medalha Cultural Péricles Moraes, principalmente como a que acaba de ocorrer referente ao ano de 2014.

Agradecimento

SERGIO VIEIRA CARDOSO

Quero falar de amor com amor. Nesta noite do tempo do sempre. Amor intenso de gratidão dos cavalos selvagens nas pradarias celestes. Humana e devastadora entrega. Delicadas presenças. As mãos de Deus soltas no ar. Quero falar de amor para sempre agradecer aos entes humanos. Minha linda e intensa madrugada. A quem devo agradecer a névoa que entre os mercúrios se espalha?. (s.c.)

Ainda procuro palavras para agradecer gesto tão generoso a nós concedido. Tanta generosidade não cabe nesta emoção. Demonstrar efetivamente gratidão a este sinédrio literário é o grande desafio 'espiritual, que a minha vida impõe neste instante.

Quero agradecer sinceramente a todos os Acadêmicos, em especial aos escritores José Maria Pinto, José dos Santos Pereira Braga, Rosa Mendonça Brito, Luiz Maximino de Miranda Corrêa, Aldisio Filgueiras, Márcio Souza, Antônio, José Santos Loureiro, Marcos Barros, Tenório Telles, Robério Braga e a todos aqueles que nos escolheram para receber a condecoração da Medalha do Mérito Cultural Péricles de Moraes, aqui também concedida concomitantemente "in memoriam" ao insígne poeta Alcides Werk e a Arquidiocese de Manaus, pelo magnífico projeto de recuperação social das vidas, através do amor e da luz espiritual cristã dos campos de paz, a Fazenda da Esperança.

- SOBRE O POETA DAS ÁGUAS

Ser poeta não é uma escolha, é uma unção dentre as artes das letras e cores ocultas e expressas do coração. Um tipo de libertação da vida, não catalogada na usina do silêncio da solidão opção. Alcides, humanista, telegrafista, indigenista, poeta ecólogo, cidadão da memória do tempo doloroso dos seres e fenômenos da natureza (s.c)

> O milagre do amor é tão bonito, que quando ele desperta em nosso peito tem o gesto mais nobre e mais perfeito que vem da natureza como um grito. (A.w.)

Alcides Werk Gomes de Mattos nasceu no Estado do Mato Grosso do Sul, na cidade de Aquidauana, 20 de dezembro de 1934, filho de Sjukiel Werk e Alcides Gomes de Mattos. Chegando ao Amazonas em cinquenta e quatro, com apenas vinte anos e aqui permanecendo até o dia de sua passagem para a vida etérea em 13 de novembro de 2003. Autor das obras poéticas: Da noite do rio, 1974; Trilha d'água, 1985; Poemas da água e da terra, 1987; In natura, Poemas para juventude 1999; Cantos Ribeirinhos e outros poemas 2002; A Amazônia de Alcides Werk, 2004.

Memorável e intensa leitura filosófica poética dos significados visíveis ou não de nossos rios, florestas e seus habitantes da chuva na noite verde. Servindo ao Exército, tornou-se telegrafista e indigenista por acaso. Foi revisor de livros e textos de toda sorte, na Imprensa Oficial do Estado, onde editou o Suplemento Literário do Amazonas. Funcionário aposentado do Dentel. Cantou com originalidade as águas com a paixão dos ecologistas, as humanidades da floresta, a solidão na mata, as desigualdades sociais amazônicas, os conflitos das contemporaneidades antropológicas urbanas com a natureza intocada e invadida, como somente um poeta com sua vivência foi capaz de fazê-lo.

As águas do lago/no início da noite são como um espelho/que no casco estilhaça/com a força do remo... (trecho do poema Trilha D'Água. de A.w.)

A cidade, a floresta, o rio e seu poeta natural. A família de Alcides Werk agradece a homenagem na memória. Saudades dó querido amigo, gentil e generoso com as gerações. Amoroso com a Amazônia amazonense e tenaz reflexivo da existência. Madrugadeiro, alegre, irreverente, iluminado seresteiro, bom degustador dos vinhos

da noite. Gentil homem. Bom familiar. Profissional compromissado. Um poeta na eterna procura das respostas sobre existência humana.

Impossível voltar/ A caminhada já foi longe demais e não me encontro/ Há marcas fundas do caminho antigo, mas não posso sentir, vivo agitado" (trecho de Sonetos XII).

Alcides Werk foi membro da União Brasileira de Escritores e do Clube da Madrugada, ao qual se fez integrar, participando assim da intensa vida literária local. Fascinado pela Amazônia, fez das águas de seus rios, a referência essencial de sua obra.

O doutor em Literatura pela Ufam, professor Marcos Frederico Krüger, por ocasião da apresentação da obra "A Amazônia de Alcides Werk, Toda Poesia", assim se refere ao homenageado: "Todas as tendências poéticas desenvolvidas ao longo do tempo pelo Clube da Madrugada estão na lírica de Alcides Werk". Alcides cantava o ser humano amazônico e suas inter-relações com os seres e os fenômenos da natureza, sendo intensamente voltado para a defesa do ecossistema regional. Fez de sua arte os caminhos para expressar a sua defesa da natureza humana. Werk diretamente do mundo imaterial, da outra terra querida, agradece a reverência à sua vida nos tempos que compartilhou com os outros.

Minha alma perdida/Viajou pelo tempo/Viajou pelo mundo/Chorou de amargura (A.W.).

— A FAZENDA DA ESPERANÇA

A Arquidiocese de Manaus mantém e realiza a Obra Social Nossa Senhora da Glória "Fazenda da Esperança", instituição filantrópica, que foi criada originalmente em Guaratinguetá, tendo como impulso motivador a citação evangélica, que diz: "Tudo o que fizeste ao menor dos meus pequeninos, foi a mim que o fizestes", compreendida a partir da luz recebida do carisma da Unidade do Movimento Focolares. O trabalho desenvolvido nessa comunidade terapêutica é baseado nos três eixos: o trabalho, a espiritualidade e a vida em família, e ob-

jetiva possibilitar aos dependentes de substâncias psicoativas, para pessoas de ambos os sexos, a libertação dos vícios, o resgate da dignidade, o amor-próprio e os valores perdidos. No Amazonas as unidades terapêuticas da Fazenda da Esperança são "Dom Gino Malvestio", para atender ao público masculino, com vagas para cem (100) internos, e "Irmã Cleuza Rody Coelho", para mulheres, com vagas para trinta (30) internas, ambas localizadas na BR-174, km 14, ramal Cláudio Mesquita, e ainda a unidade masculina de São Gabriel da Cachoeira, com vagas para trinta (30) internos. A internação ocorre por meio de ato voluntário expresso do interessado na recuperação, através de carta de seu próprio punho, manifestando o desejo de fazer o tratamento. A internação dura doze (12) meses. O tratamento ainda envolve Psicologia e o Serviço Social que atende os internos e seus familiares. Essa obra social é considerada, como de valor inestimável, para a sociedade amazonense. O resgate das almas nesta vida. O caminho da iluminação e redenção das vítimas da desdita e armadilhas do vício. Esse reconhecimento fortalece esse trabalho social. Nesta oportunidade, em nome de seus gestores, funcionários, técnicos, colaboradores e voluntários agradecemos a concessão da Medalha Péricles de Moraes.

- ARS GRATIA ARS

Agradeço todos os dias. Faço o inventário de bênçãos que a vida me concedeu. Agradeço todos os dias. Faz parte de mim, a gratidão infinita.

Para me explicar melhor: Nasci, cresci nesta mesma rua, Ramos Ferreira nº 1.014, privilegiado entre os centros culturais da época: O Teatro Juvenil da Divina Providência, dos padres capuchinhos. O Luso Sporting Clube e seu Teatro Português das Pastorinhas de Natal. A Casa Livro de André Araújo. A escola espiritual de belas-artes da Igreja de São Sebastião, com suas belas pinturas religiosas decorativas. Não cansava de olhá-las e perceber as humanidades de Deus. O Teatro Amazonas, O prédio da Academia Amazonense de Letras, o palacete azul. O Grupo Escolar Princesa Isabel. O Instituto de Educação do Amazonas. A quadra de futebol. Os cinemas Odeon e Ave-

nida. A floresta de Sherwood, do Cheik Club. O teatro do porão lá de 177 casa. A Biblioteca Pública. Os Correios de minha mãe. As praças do Congresso e da Saudade. As ruas de pedras. A minha infância e meus amigos da rua. Tudo sonho e felicidade. Não importava nada. Não me faltava nada. A minha rua era imensa. O universo inteiro estava lá e ainda está. Postais da memória.

A PINTURA

Amei a pintura como espectador da maior galeria de arte sacra da cidade, os belos interiores do Templo de São Sebastião, e em especial quando vi na parede da sala da casa de dona Milburges e André Araújo, a tela "O Violoncelista", de Óscar Ramos, e algum tempo mais tarde "A Fábrica de Cerveja Miranda Corrêa", de Moacir Andrade e . por um acaso quando vi "Cafuné", de Hahnemann. Através da leitura das fotonovelas, das histórias em quadrinhos, me inventei como artista do seguimento das narrativas dramáticas. Acho que foi assim que tudo começou.

A leitura na minha infância e adolescência foi uma atividade prazerosa, nas aventuras do sítio de Lobato, nas obras dos imortais da literatura universal, Dickens, Maughan, Dostoievski, Joyce, Turgueniev, Pessoa, Rosa, Ramos, Euclides, Amado, Sartre, Beauvoir, Swift, Defoe, Machado de Assis, José Alencar, Artaud, Mayakovski, Thiago, Pinto, Tolstói, Chordelos de Laclos. Ler prazerosamente os Cem Anos de Solidão de Gabriel García Márquez, passado para leitura e devolução pelo meu querido André Araújo, João Ubaldo. Os livros me trouxeram ao encontro com o sonho, que não cessa com as manhãs.

As novelas das rádios, que me ensinaram a construir as dramaturgias das emoções do afeto, da esperança, encontros e desencontros de amor. As revistas em quadrinhos e as fotonovelas. Ingredientes e componentes da criação cênica foram as peças encenadas no Teatro Juvenil, dirigida pelos artistas José Azevedo, Edney Azancoth, e as Tardes Alegres da Divina Providência: O Mártir do Calvário, Morre um Gato na China e tantos outros. Aprendi a amar o cinema e a sonhar com a possibilidade de um dia aprender, fazer e a construir a obra cinematográfica, registrando a memória do tempo. Os drama178 lhões mexicanos, as chanchadas brasileiras, os épicos religiosos, a busca das aventuras dos vaqueiros, cangaceiros e os espadachins das virtudes necessárias.

Ressalto ainda a memória do acesso especial à inesquecível biblioteca e a companhia silenciosa do acadêmico André Araújo, que lia os livros sublinhando e comentando por escrito os assuntos nas páginas, em sua cadeira de embalo, em frente a sua casa, na rua Tapajós: André lia na frente de casa.

Naqueles tempos o acesso à literatura de qualidade não era fácil, constituindo-se uma busca interessada de conhecimento e evolução espiritual. Tempos difíceis para a leitura. A leitura era uma insistência pessoal na busca das histórias, de ficção e registros do tempo, poesia e todo o conhecimento possível e necessário, além dos estudos escolares. Ao lado de todo este despertar para as letras, não perdia as matinês dos cinemas da poética da aventura heroica, o riso das comédias brasileiras de costumes, as chanchadas e o rádio opinativo, criativo e de inestimável fonte de dramaturgias além das peças e sketches do grupo de atores radialistas, do Teatro Juvenil da Divina Providência, boa música. Todos esses ingredientes serviram para a invenção da dramaturgia bareh do Teatro Urbano das Mulheres de Lazone, onde além das personagens, títulos das obras, a urbe destaca-se como enigmática personagem. Claro que por analogia Lazone é Manaus, tal como Gotham City é Nova Iorque. A cidade é um ser que contracena com os personagens nas tardes que transformam a vida de mulheres fortes, sensuais, poderosas e conscientes de suas participações nas transformações sociais de Lazone.

O livro do Teatro Urbano das Mulheres de Lazone está impresso, sob o selo da Valer Editora e pronto para ser lançado oportunamente, e dele constam as dez peças: "Amanda Catalatas", "Carmem de Lazone, a lenda urbana", "Gilda" "Dorothy Garland", "A Herança Maldita de Mercedita de La Cruz", "Mundica", "Salomeh e as Tartarugas Radioativas", "Crysalida Lapella: Caruso jamais cantou aqui" e "Sabine e o Vampiro do Teatro de Lazone". As mulheres sempre foram e serão fonte de inspiração e vida. O 7º e 8º Festival de Teatro do Amazonas concederam-nos prêmios de dramaturgia.

Aproveito este momento para agradecer a todos os atores, diretores e técnicos que deram suas vidas aos personagens dessas peças. Muito obrigado por acreditarem sempre. (Aqui direi o nome dos que lá estiverem)

As artes visuais me oportunizaram os prêmios Viagem ao País do Salão Nacional de Artes Plásticas de 85, e de aquisição do Arte Pará de 87, importantes, devido a apreciação crítica real, são marcantes na minha trajetória de quarentas anos de carreira artística, construída todos os dias buscando a realização de novos ensaios, a construção de novos conceitos, significações e a assimilação de novas mídias como a fotografia e o cinema digital, linguagem esta que estou desenvolvendo, através da realização de documentários, videoarte e ficção. Saúdo meus confrades contemporâneos, Jacqmont, Ramos, Rita, Jandr, Navarro, Thiago, Saleyna Zamith, Marcal e Alves.

A minha formação profissional técnica aconteceu na Ufam, onde concluí o curso superior de Direito. Sou procurador do Estado do Amazonas concursado. Sou pós graduado em nível de especialização em Administração de Projetos Culturais, pela EIAP/FGV 1979. Administração de Serviços Culturais da Seduc, superintendente cultural do Amazonas (1990/91), coordenador diretor do Centro de Estudos Jurídicos da Procuradoria Geral do Estado.

O exercício jurídico de servidor público da Administração Pública Cultural. A criação e a expressão artística compromissada com a sociedade. Este é o meu desafio de vida, onde finquei as três pontas do triângulo. Exercê-los equilibradamente, harmonicamente e com sucesso e aplicação objetiva é a razão da minha busca e entrega para servir ao grande construtor. Vivo com absoluta simplicidade e humildade, e isto não é fácil num ambiente de competitividade feroz e vaidades desnecessárias. Sou um artista que trabalha nas madrugadas há mais de quarenta anos. E o tempo que reservei para minha vida.

Neste momento faço referência aos administradores culturais Luiz de Miranda Corrêa, Elson Farias, João Mendonça de Souza, Ana Alzira Câmara, Álvaro Páscoa, Joselito Lindoso, Joaquim Marinho e Robério Braga; aos governadores da memória José Lindoso, Gilberto Mestrinho e Amazonino Mendes, pela dedicação e contribuição do desenvolvimento dos serviços culturais no Amazonas; palavras de 180 Gratidão à Academia Amazonense de Letras pela Medalha Péricles de Moraes 2014.

A incumbência de aqui representar os eméritos premiados com a Medalha Péricles de Moraes, da Academia Amazonense de Letras, nesta data de 25 de abril de 2014 muito me honra e engradece. A gratidão é o elo espiritual mais significativo e é o gesto que nos coloca diante do incriado com humildade e respeito. Diante dos senhores e senhoras, pequenas sínteses sobre trajetórias de doação e entrega às artes e à produção social do apoio ao soerguimento espiritual humano. Dentro de cada um de nós a gratidão por tão inestimável deferência. Diante deste silogeu, padrão de referência existencial sobre os atos de humanidade e criatividade, Estado e suas cidades, resta-me o exercício das palavras simples e dos gestos umaginados deste trio de agraciados.

Agradeço a esta casa por sua generosidade, por esta honra for concedida para guardá-la na alma pelas continuidades da vida.

Neste momento estamos agradecidos aos senhores e a esta casa, pela homenagem, pela Medalha Péricles de Moraes, conferido a esta tríade, nesta noite tão iluminada. "Quase nunca, podemos aferir, as pessoas ao olharem para nós com tamanho carinho e reconhecimento humano. Não carregamos vaidades, nem orgulhos, apenas a consciência de viver para construir os sonhos de transformação social, e servir às obras dos mundos visíveis e invisíveis. Sermos reconhecido na mesma cidade. Nunca imaginamos isto antes. Sei que daqui a pouco isto passará, seguiremos ainda lutando sempre, enquanto estivermos pela terra, e nos estaremos com a memória do agradecimento. Assim é a linguagem do tempo.

Peço aos senhores, para dedicar esta medalha, à minha mãe Ruth, meu pai Fernando, meus irmãos, filhos, netos, para meus avós Dinah e Isaac, Sergio e Zulma e a todos os meus antepassados. Obrigado.

A família de Alcides Werk, a Arquidiocese de Manaus e a Fazenda da Esperança, noite gloriosa de mérito cultural. Agradecem.

Manaus, 25 de abril de 2014.

— Saudação

ZEMARIA PINTO

Chegamos à 108 edição da medalha do Mérito Cultural Péricles Moraes. Estive aqui nesta tribuna em 2007, quando o prêmio era entregue pela terceira vez. Naquela ocasião, foram agraciados com a Medalha o empresário Roberto Tadros, hoje nosso confrade, a inesquecível mestra Ivete Ibiapina, a quem minhas filhas aprenderam a chamar de Tia Ivete, e o romancista Milton Hatoum, inventor de algumas das personagens mais marcantes da literatura brasileira dos últimos 25 anos.

Hoje, nos reunimos para celebrar a obra social da Fazenda da Esperança, a arte multifacetada do extraordinário Sergio Cardoso, e a literatura de um dos poucos sujeitos a quem, nos meus 57 anos de vida, nunca tive dúvida em classificar como amigo: o poeta Alcides Werk.

Mas antes, quero dedicar algumas palavras à arte deste que empresta seu nome e sua data natalícia à comenda: Péricles Moraes. Penso que não podemos deixar de relembrá-lo nesta noite que é também dele, todos os anos, abril após abril. E assim como, há sete anos, lembrei seu duplo discurso, por ocasião da instalação da Sociedade Amazonense de Homens de Letras, antecessora de nossa Academia, na noite de 9 de janeiro de 1918, hoje falarei brevemente de um ensaio intitulado "Exaltações da poesia tropical", onde o escritor se contrapõe, veladamente, ao nome misógino e machista daquela Sociedade só de homens.

Pelo que se lê no referido ensaio, dedicado à poesia da nossa querida Violeta Branca, a primeira mulher a ocupar uma cadeira nesta Academia, em 1949, a entidade deveria se chamar Sociedade Amazonense de Mulheres e Homens de Letras, exatamente nesta ordem. Se não, vejamos.

1. MORAES, Péricles. Os intérpretes da Amazônia. Organização: Tenório Telles. Manaus: Valer e Governo do Amazonas, 2001

Com a maestria que lhe era peculiar, Péricles Moraes divide o trabalho em três partes: na primeira, introduz a poesia de Violeta Branca, a partir do poema "Minha lenda", que, não por acaso, é o poema de abertura de Ritmos de inquieta alegria, a obra seminal de Violeta. Sua leitura muito enriquece o poema, tal a profusão de comparações e o uso referencial das mitologias as mais diversas, numa demonstração ímpar de erudição, para explicar e justificar a mitologia cabocla, onde um sincrético Tupã, para castigar a sedutora Iara, castiga-a, transformando-a em mulher.

Na segunda parte do ensaio, Péricles Moraes, a partir do perfil intelectual de Violeta Branca, pinta um panorama da participação da mulher na literatura mundial, com ênfase na Europa – na França, especialmente, mas sem esquecer as brasileiras Carolina Nabuco, Lúcia Miguel-Pereira, Francisca Júlia, Cecília Meirelles e Gilka Machado, entre outras, apontando que:

Se, em verdade, (as mulheres) vão sendo compreendidas e justificadas as suas reivindicações sociais, as suas ambições profissionais, os seus anseios emancipadores, bem ao revés, tudo se tem feito, sistematicamente, odiosamente, para destruir as suas mais legítimas aspirações literárias e científicas (110-111).

Para deixar bem claro que suas palavras não são gratuitas, mero panegírico, o rigoroso crítico faz uma ressalva, que, eu diria, ainda é atualíssima:

Não intento aludir, é claro, à farândola desconcertante das versejadoras histéricas e mediocres que, à sombra dos dislates de um falso modernismo, e numa linguagem referta de cacologias, no mesmo passo corrompem e desmoralizam a arte e o idioma (118).

Concluindo, Péricles retorna aos poemas de Violeta Branca:

Tudo na sua poesia é ansiedade e inquietude. Não aquela inquietude que é ceticismo e ausência de fé, que é insatisfação e tendência para os sofrimentos intelectuais, morais e metafísicos, mas a inquietude estética de que nos fala Daniel Rops, infundindo-nos à alma um sentimento raríssimo e que não encontramos senão nos artistas que trazem consigo "l'ardente blessure du génie" (119).

Péricles Moraes, o patrono desta Medalha que é a condecoração cultural mais cobiçada de nosso Estado, é um exemplo raro de intelectual que dedicou toda a sua vida aos estudos e a compartilhá-los com generosidade. É imortal, sim, pois seu trabalho extraordinário continua atual – e nós, seus atentos seguidores, abril após abril, continuaremos a reverenciá-lo.

II

A história da Fazenda da Esperança² começou há 31 anos, de maneira casual e quase mesmo inverossímil: Nelson Giovaneli, incomodado com a presença de jovens que consumiam e vendiam drogas próximo a sua casa, na esquina das ruas Tupinambás e Guaicurus, em Guaratinguetá, São Paulo, aproximou-se deles, conquistou sua amizade e começou um trabalho que, a partir daquela esquina, ganharia o mundo.

Nelson tinha o apoio de frei Hans Stapel, franciscano alemão, pároco da igreja de Nossa Senhora da Glória, no bairro de Pedregulho, que pregava aos jovens como ele viver radicalmente a Palavra de Deus, de modo similar ao Movimento dos Folcolares, que frei Hans conhecera de perto. Aquele ato inicial tinha por inspiração a 1ª Epístola aos Coríntios, 9, 22: "Com os fracos tornei-me fraco, para ganhar os fracos; fiz-me tudo para todos, para por todos os meios salvar alguns".3

Antônio Eleutério foi o primeiro do grupo a ser contagiado pelas promessas de libertação de Nelson Giovaneli. Libertação da dependência química, libertação da humilhação cotidiana, libertação da relação de promiscuidade com a morte, libertação do inferno em vida.

A transformação do amigo infundiu confiança no resto do grupo. Sempre com o apoio de frei Hans Stapel, a proposta de viver radicalmente a Palavra tomou forma concreta: em junho de 1983, eles alugaram uma casa onde passaram a viver juntos, pagando as despesas com o resultado de seu próprio trabalho; e tudo o que ganhavam era colocado em um fundo, que tinha como único objetivo garantir-lhes

 Informações obtidas no endereço eletrônico www.fazenda.org.br, em abril de 2014.

3. Bíblia Sagrada. 10ª ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1996. p. 1362, 184 a subsistência com dignidade, mantendo distância do vício avassalador. À noite, reuniam-se na igreja de N. Sra. da Glória, para discutir seus problemas comuns e levar uma palavra de conforto a outros jovens que, por iniciativa própria, começavam a buscá-la.

Estava fundada a primeira comunidade da Esperança. Estava plantada a semente do que logo passou a se chamar, pelas suas características próprias, Fazenda da Esperança. Aquela esquina primordial hoje abriga um pequeno museu, apropriadamente chamado de Esquina da Esperança.

Algumas datas marcantes: em 1987, em Coroatá, no Maranhão, foi fundada a primeira comunidade fora de São Paulo, liderada por um irmão de frei Hans, padre Paulo; em 1988, Iraci Leite e Lucilene Rosendo, tia de Nelson Giovaneli, fundaram a primeira comunidade feminina, em Guaratinguetá; em 1998, na terra natal de frei Hans, foi fundada a primeira comunidade fora do Brasil; em 2007, o papa Bento XVI visitou a Fazenda da Esperança de Pedrinhas, no interior de São Paulo, originada daquela primeira comunidade fundada por Nelson e Antônio Eleutério. Em seu discurso histórico, o papa exortou os presentes a serem todos "Embaixadores da Esperança".

Hoje, a Obra Social Nossa Senhora da Glória – Fazenda da Esperança, o nome oficial da organização, está presente em quase todos os Estados brasileiros, espalhando-se pela América; África, Europa e Ásia. E não para de crescer, pois, infelizmente, a dependência química é um câncer social.

Em Manaus,⁴ a Fazenda da Esperança foi fundada em 2001, com o nome de "Dom Gino Malvestio", para atendimento do público masculino, com 15 vagas. Na verdade, aquele sonho começara quatro anos antes, quando Dom Gino Malvestio, bispo de Parintins, e Dom Mario Pasqualotto, pároco em Maués, receberam a visita de frei Hans Stapel, visando a fundação de uma unidade em Parintins. Infelizmente, Dom Gino viria a falecer pouco tempo depois. Com a morte do mentor da ideia o projeto não avançou, mas ficou guardado no coração de D. Mario.

Em 2000, visando a Campanha da Fraternidade do ano seguinte - "Vida sim, drogas não!" -, já investido da condição de bispo auxiliar de Manaus, e contando com o apoio incondicional do arcebispo,

 Informações obtidas em entrevistas com D. Mario Pasqualotto e Sras. Izolda Barreto e Cláudia do Espírito Santo, por e-mail, em abril de 2014. o nosso querido confrade Dom Luiz Soares Vieira, Dom Mario Pas- 185 qualotto propôs a criação de uma Fazenda da Esperança em Manaus como uma ação concreta da arquidiocese à campanha "Vida sim, drogas não!".

E assim, no dia 29 de julho de 2001, com o indispensável apoio do governo do Estado, que doou o terreno de uma antiga Escola Fazenda e colaborou na recuperação dos velhos prédios, foi fundada a primeira unidade da Fazenda da Esperança no Amazonas, homenageando com o seu nome aquele que sonhara com ela anos antes: Dom Gino Malvestio.

Em 2005, foi inaugurada a unidade feminina "Irmã Cleuza Rody Coelho", com 30 vagas. Ambas estão localizadas no Ramal Cláudio Mesquita, quilômetro 14 da BR-174. Hoje, a unidade masculina de Manaus está com a sua capacidade de atendimento ampliada para cem jovens. Em São Gabriel da Cachoeira, foi inaugurada há dois anos a primeira unidade do interior do Amazonas, com 30 vagas destinadas ao público masculino.

Com uma metodologia alicerçada em três eixos - espiritualidade, trabalho e convivência, social e familiar - a Fazenda da Esperança tem logrado alcançar 80% de sucesso entre aqueles que, espontaneamente, se dispõem à recuperação. O tratamento dura 12 meses, mas continua com os grupos Esperança Viva, formados por aqueles que se submeteram com sucesso ao tratamento, e'se tornam multiplicadores desse trabalho essencialmente voluntário.

Embora cada unidade seja também uma pequena indústria, com produções diversas, a Fazenda está longe de alcançar a autossustentabilidade, para o quê se torna indispensável o apoio da sociedade organizada e suas instituições, bem como o apoio do poder público, em todos os níveis.

A muitos parecerá estranho que o reconhecimento pelo mecenato seja dado a uma instituição que não trabalha exatamente com a arte - o objeto do apoio de Mecenas, espécie de ministro sem pasta e fiel conselheiro do imperador Otávio Augusto, à época em que Jesus Cristo andou por este mundo. A intenção da Academia Amazonense de Letras, nos seus 96 anos de fundação, ao prestar esta singela homenagem à obra social Fazenda da Esperança, é reconhecer nessa

instituição a incentivadora da maior de todas as artes: a arte de viver. O trabalho da Fazenda da Esperança floresce, aqui em Manaus, em São Gabriel da Cachoeira e nos mais longínquos rincões do mundo todo, como um canto à vida, que se renova cotidianamente, ou como uma sinfonia contra a barbárie, onde uma orquestra de milhares, conduzidas por um maestro invisível, eleva a sua ARTE contra a corrupção da juventude, contra o sequestro dos valores sociais e familiares, contra o vício das substâncias e das ideias, contra, enfim, a degradação do ser humano.

Nesta noite de extraordinária alegria, ouçamos o apelo do Sumo Pontífice: sejamos todos Embaixadores da Esperança!

III

Para classificar de maneira clara e objetiva o trabalho de Sergio Cardoso, utilizei, parágrafos atrás, a expressão "arte multifacetada", que, acredito, substitui com vantagens o surrado clichê do multi-instrumentista, mesmo porque Sergio Cardoso não se vale de múltiplos instrumentos, mas apenas de dois conjuntos deles: os seus olhos e as suas mãos. Os sentidos se amalgamam e se amoldam, deixando que os olhos toquem e as mãos vejam e a criação seja algo para além dos sentidos convencionados pela obviedade cotidiana.

Pintura, fotografia, cinema, teatro – a arte de Sergio Cardoso traduz-se no embate dialético entre imagem e movimento, que tem como resultante sinérgico uma obra de arte de alta expressão.

Amazonense de Manaus, Sergio Cardoso, a par da formação artística, não descuidou de sólida formação profissional. Advogado, é procurador efetivo da Procuradoria Geral do Estado. Administrador cultural, tem várias especializações na área, em programas de formação nacionais e internacionais, consolidadas pela experiência prática em vários cargos públicos, entre os quais o de superintendente da Televisão Educativa do Amazonas, o de titular da Superintendência Cultural do Estado, diretor do Centro Cultural Cláudio Santoro, de saudosa memória, e do Centro Cultural Palácio Rio Negro. Atualmente, é diretor do Departamento de Difusão Cultural da Secretaria de Estado da Cultura.

'Como artista de múltiplas faces, sua maior característica é a inquietude, exatamente aquela inquietude que Péricles Moraes via em Violeta Branca: a inquietação da busca, da procura constante e, sobretudo, do questionamento permanente. Não satisfeito com a pintura, Sergio enveredou pela fotoplastia, um conceito ainda não encontrável nos manuais de arte acadêmica. Seus experimentos já foram mostrados em várias exposições e até há poucos dias estavam à vista em Harborlights. Espere a próxima quem perdeu. Harborlights trazia uma série de fotografias, com interferências plásticas e textuais, do lado podre do porto de Manaus, o trecho da antiga Manaus Moderna, tomada por mendigos, bêbados e drogados de todos os matizes. Um delírio magrittiano:

cidade

podre paisagem truculenta transcendente pobreza instalada onde um dia a miséria da cidade flutuante foi transposta aos limites suburbanos da cidade mutante onde um dia a mata foi violada e seu vestido verde incinerado e os meninos curupiras transgrediram a dimensão do sonho e cavalgando alados cavalos da memória foram habitar o palácio esculpido no rochedo onde um dia um magritte flutuou balões de gente as luas no museu de tudo figurado em melancia a cona escancarada em riso de deboche ó noite ó grafites a fenda no muro o rio aberto em mar os barcos ancorados no horizonte as coxas da cidade ávidas expostas ao membro dissoluto fotografias da cidade desfeita em urina e fezes não não haverá dia não haverá o delírio das cores aquecidas pelo degelo dos andes pelo desejo das ondas onde dantes havia apenas a água transparente do rio negro onde um dia profetas alienados esculpiram versículos definitivos e definidores destinados a eternizar a guerra sob a falsa paz que transcende a cidade anabolizada a pobreza da paisagem podre da cidade.⁵

A fotografia e o cinema fizeram o século xx acreditar, durante muito tempo, que a pintura e a escultura e todos os seus derivados haviam se esgotado – a arte morreu! Mas a arte não morre, ela se retempera, se renova e se reinventa. Como em Oh City – Stages, a penúltima exposição de Sergio Cardoso, onde fotografia, cinema e pintura conviveram pacificamente, desnudando a violência da cidade:

5. Zemaria Pinto. Texto incluído no folder da exposição Harborlights, que ficou de 27 de março a 23 de abril, no Espaço de Thiago de Mello, da Livraria Saraiva, em Manaus.

188

Oh City - Stages foi uma exposição em movimento, cinética, ou como escreveria Glauber, kynetyka, fazendo longas ilações sobre a rede nazistalinista que se infiltra na palavra e na vida de todos nós, sem identidade e sem vontade, reduzidos a meros pontos no universo abstrato sergiocardosiano.

Uma exposição do deslocamento: nos videocines, o movimento de autos, o movimento de gente. Nas fotos, o desfoco era o foco. Em Therminalcódigos e Ethereoplanoviario, as máquinas de triturar almas, os corpos sem almas, os rostos amorfos, meros pontos nos quadros.6

6. Zemaria Pinto. Adaptado de O caos em construção - um olhar crítico-poético sobre Oh City - Stages. In: Revista Valer Cultural. Ano 1, nº 8, dez/jan 2014. Páginas 72-75.

Duas câmeras fixas registraram a sandice do trânsito de automóveis na Barbarapólis. Em outro plano, uma câmera fixa registrava o vai e vem na orla do mercadogrande. Num, o tempo do quando, instantâneo esquizofrênico instante. Noutro, o tempo do sempre, da repetição lerda, "lesmática, neurótica. Um: aves rapaces rapinam, sangrando os fígados das máquinas. Outro: vermes bípedes, em movimentos centrípetos, indo do nada para o nada e ao nada retornando, mas sempre adiante, reafirmando a autofagia do eterno retorno: não precisamos de luz.

Ao marasmo da arte decorativa, o artista inquieto se doa por inteiro e transfunde seu sangue para injetar vida em sua arte porque "uma obra de arte é uma coisa viva; qualquer obra de arte será viva ou não será arte". Esta frase magistral do poeta Ferreira Gullar justifica porque não nos limitamos a fazer aqui um inventário das exposições de Sergio Cardoso. São tantas dezenas delas, seria cansativo. Prefiro instigá-los a olhar com olhos de pensar, e dizer que, na próxima oportunidade, não se furtem a descobrir a vida que pulsa na arte em movimento de Sergio Cardoso.

Movimento que se observa sobretudo no teatro, para o qual Sergio tem sido, ao lado de Márcio Souza, o mais fértil autor amazonense, chegando mesmo a criar um universo próprio - uma cidade, Lazone, à margem do rio das Sombras, com um teatro imponente, galerias subterrâneas, uma cidade flutuante e personagens que transitam de uma peça a outra, num grande painel suprarreal.

Lazone está para Sergio Cardoso como o condado de Yoknapatawpha está para o norte-americano William Faulkner. Poucos de

7. GULLAR, Ferreira. Argumentação contra a morte da arte. 8º ed., 1º reimpressão. Rio de Janeiro: Revan, 2005, p. 132. vocês sabem disso, porque o autor não se deu ao trabalho de divulgálo, mas, no ano passado, Sergio Cardoso reuniu dez de suas peças em um livro com mais de 350 páginas, intitulado *O livro do teatro urbano* das mulheres de Lazone, onde ele

trabalha sobre um fio de navalha: humor e tragédia se misturam, em cenas antinaturalistas, com uma agilidade cinematográfica. Não à toa, o cinema é uma referência constante, seja no nome das personagens seja nas inúmeras citações de títulos clássicos. Tudo potencializado, as situações criadas, de um humor amargo, aproximam-se do dramalhão hollywoodiano das primeiras décadas do cinema falado, com pitadas de noir; mas algumas figuras monstruosas remetem ao expressionismo alemão.

As mulheres de Lazone reinventam a história da cidade de Manaus, desde a crise da borracha até a primeira década deste início de século, contemplando exatos cem anos de imaginação a serviço da fantasia, onde convivem em deliciosa desarmonia cobras-grandes, vampiros, tartarugas radioativas, mendigos, loucos, socialites, prostitutas, malandros, políticos corruptos, fantasmas diversos e toda uma fauna de criaturas aprisionadas no dia a dia da cidade. E a despeito da grande quantidade de personagens a transitar no palco, a solidão das protagonistas – muito mais que a geografia e a história comuns – é o fio que costura as peças, dando-lhes unidade, estabelecendo vasos comunicantes entre elas, como num corpo vivo, montando esse extraordinário painel da arte cênica amazonense.

Mundica, Gilda, Carmem, Dorothy, Mercedita e todas as outras são mais que meras criações da mente inquieta de Sergio Cardoso: são arquétipos de mulheres que pintaram, com tintas épicas, a história cotidiana, banal, medíocre, desta cidade abrasadora, à margem esquerda do rio Negro.⁸

Imagem e movimento, opostos sintetizados na imagem em movimento do cinema ou do teatro, são conceitos realizados plenamente na arte plural de Sergio Cardoso, arte que valoriza, eleva e dignifica o fazer artístico no Amazonas. 8. Zemaria Pinto. Adaptado da apresentação de O livro do teatro urbano das mulheres de Lazone, de Sergio Cardoso. Manaus: Valer, 2013. Páginas 19-20.

IV

Conheci Alcides Werk no início dos anos 1980. Autodidata, Alcides ensinou-me muita coisa que os livros não ensinam. Teve a paciência

- que eu não tenho com os jovens que me procuram - de corrigir meus textos imaturos, justificando cada crítica. E hoje eu digo, com paradoxal orgulho, que tive a humildade - que os jovens que me procuram quase nunca têm - de aceitar suas críticas.

Quando, ao final daquela década, fiz uma especialização em Literatura Brasileira, sob a orientação do mestre Marcos Frederico Krüger, o tema da minha dissertação não poderia ser outro senão o livro que eu aprendera a amar como sendo a própria identidade amazônica em poesia: Trilha dágua. Mais amadurecido, eu discutia com Alcides cada ponto do meu trabalho, antes de mostrá-lo ao meu orientador. Muitas vezes discordamos e algumas vezes eu mantive meu ponto de vista, mas ele não perdia o bom humor: "discute isso com o Marcos; se ele concordar contigo, tudo bem: 2 a 1 pra vocês".

Alcides Werk Gomes de Matos nasceu em Aquidauana – hoje, no Mato Grosso do Sul – em 20 de dezembro de 1934. Filho de pai pernambucano e mãe gaúcha, neto de imigrantes alemães, Alcides dizia não se lembrar de passar um ano numa mesma localidade. Tendo perdido a mãe aos 10 anos, em Caracaraí, aos 14, separou-se do pai em Conceição do Araguaia, onde fez um curso de telegrafia, indo trabalhar em um posto de atração de índios Gaviões, no Tocantins, próximo de onde hoje está Tucuruí. Aos 17 anos, sentou praça em Belém. Aos 20, veio para Manaus, mas aqui não ficou muito tempo, embrenhando-se pelo interior, desde o alto Solimões até o baixo Amazonas. E como ele mesmo escreveu, "aventurando-me pelos altos rios, pelos paranás, pelos lagos distantes, abeberando-me do que ainda resta da cultura aborígine, do nosso ameríndio, do caboclo, aprendendo a viver com simplicidade".9

Em 1964, funcionário de carreira do Departamento de Correios e Telégrafos, foi para Recife, mas de lá retornou um ano depois, internando-se no médio Amazonas – Maués, Nhamundá e áreas circunvizinhas –, onde viveu por 8 anos, longe dos desmandos da ditadura.

Aos 40 anos, o poeta nômade já estabelecido em Manaus como funcionário do Dentel – Departamento Nacional de Telecomunicações, lançou seu primeiro livro: Da noite do rio, embrião daquele que viria a ser seu livro mais representativo, Trilha dágua, lançado em 1980. Quatro edições, sempre revistas e ampliadas, muitas antolo-

9.Alcides Werk, "Traços autobiográficos", na antologia Marupiara. Manaus: Edições Governo do Estado, 1988: gias, e dois livros independentes depois - In natura, poemas para a ju- 191 ventude (1999) e Cantos ribeirinhos (2002), ambos com poemas de Trilha dágua e inéditos -, Alcides começou a organizar o seu livro definitivo, sua poesia completa, intitulado A Amazônia de Alcides Werk, que ele não chegou a revisar. O poeta faleceu pouco mais de um mês antes de completar 69 anos, em 13 de novembro de 2003.

Trilha dágua10 e, por extensão, a poesia de Alcides Werk, é um livro onde a vida pulsa a cada poema, porque a "obra de arte é uma coisa viva", já nos ensinou o poeta. Da sua vivência no interior do Amazonas, Alcides foi buscar a matéria prima-para a sua poesia. Assim é que o livro, dividido em quatro partes mais um glossário, abre com o poema "Opção", uma espécie de poética de Alcides, onde a relação "o homem e a terra", título dessa primeira parte, é explorada num processo de sobreposição de imagens, que se vão toldando, até o arremate:

10. WERK, Alcides. Trilha dágua. 5ª ed. Manaus: Valer / Governo do Amazonas, 2000.

- Eu canto para o homem. (p. 27-28)

Ao conceito de terra cansada, contrapõe-se a imagem do homem cansado, marginalizado. Ali estava feita a opção, que se desdobra em muitos outros poemas, como "Do homem", onde o poeta define a abrangência, a intensidade e a profundidade de seu canto, revelando:

E toda lembrança que trago comigo é o Homem nascendo é o Homem cantando é o Homem caindo é o Homem se erquendo -é o Hómem domando é o Homem tecendo o imenso milagre da aurora que vem. (p. 30)

O ritmo amazônico vem embalado em versos curtos, de 5 sílabas, mesmo quando dissimulado em versos livres:

> O barco passando e a onda molhando o menino molhado, na porta da frente. O homem doente deitado na rede com os olhos cansados de espanto e de mágoa de ver tanta água de ver tanta água (p. 38)

São registros de vida que se sucedem, como se captados por uma câmera:

As águas do lago no início da noite são como um espelho que o casco estilhaça com a força do remo. (p. 50)

Uma característica marcante na poesia de Alcides Werk é a presença da noite, realçada na dicotomia claro/escuro." A noite protetora, envolvente, cúmplice do caboclo amazônico. A noite, caminho da antemanhã. A noite, precursora da luz. Ele diz no poema "Da noite do rio":

11. Zemaria Pinto. Adaptado do ensaio A miragem elaborada, publicado na 48 edição de Trilha dágua, Manaus: Edições Imprensa Oficial do Amazonas,

Nesta noite sem medidas eu todo banhado em sombras fugi de casa, fugi para o branco desta praia, como se a aurora que busco neste rio se afogou.

(p. 36)

Perdido o refúgio, perdido o sonho, o homem renova-se, a partir 193 do rio - o símbolo mesmo da mudança, pois que nunca se repete. Mas o "rio noturno" é apenas a projeção da angústia do "homem noturno": adormecido, cansado de viagens, arauto de mortes. O homem ensombrecido, impotente pela impotência do rio, encontra-se ilhado: não há como lutar contra a noite que se abate sobre seu mundo.

Esse homem noturno em busca da luz é o lado menos visível da poesia de Alcides Werk, da qual se divulga muito a poesia telúrica, · a poesia das pequenas e das grandes coisas amazônicas. Porque se esta expressa o espaço amazônico, aquela poesia noturna é uma reflexão sobre o momento histórico, mas sem nada de panfletário, apenas refletindo a angústia de uma alma sensível, vivendo sob o tação de uma ditadura que tinha o absoluto repúdio popular.

A noite irreversível e sem fim abate-se sobre o poeta e não apenas o cobre. Toma-o. Doma-o. Internaliza-o. A noite é ele. A poesia se espraia pelo tempo sem retorno e se alonga em ocasos que se repetem de forma tão igual que parecem um só: o ocaso da longa noite que o poeta viveu vagando pelo médio Amazonas,

Eis-me aqui nesta ausência de mim mesmo (p. 147)

Este verso, do "Soneto VII", reúne em suas dez mágicas sílabas toda a força da poesia que explode em angústia e dor. De igual modo o "Soneto VI" refere-se à

ronda inútil por além dos limites do meu nada (p. 146)

Como se o alheamento dos acontecimentos nacionais o isolasse ainda mais do mundo físico ao seu redor - assumindo definitivamente a "condição de ilha" a que se refere o poema "Aos meus irmãos solitários". Da mesma forma, os "Sonetos v" e "VIII" perseguem essa imagem do ser ensombrecido - o homem noturno e vazio. Neste, há algo de loucura dominando a expressão poética:

Silêncio. Sinto apenas o silêncio 194 em mim. (....) Busco-me, a medo, e vejo pelos cantos vozes vazias, sons de antigamente, projetos inconclusos, teias, nada e tua linda presença estilhaçada. (p. 148)

Mas é no "Soneto 1" que ele resiste da melhor forma - vivendo o seu ofício, escrevendo:

Na meia-luz da tasca entra uma lua Que inventa novas sombras nas paredes. Dos meus olhos de espanto e de tristeza Vai caindo um poema sobre a mesa.

(p. 141)

Os doze sonetos de "Estudos", a parte que fecha Trilha dágua, trazem alguns dos poemas mais belos, significativos e bem arquitetados da nossa literatura. São apenas doze poemas - que valem por toda uma obra. Antológicos.

O "Soneto IX" - o coroamento desses cânticos libertários - é a síntese definitiva da noite que se instaurara no país a 31 de março de 1964. Suas palavras são imagens retiradas a sangue-frio de retinas ainda cálidas. Palavras que a boca não dirá jamais. Imagens, apenas:

Fez-se uma curta pausa. E a noite baça estendeu seus lençóis sobre as cidades. Ventos frios de morte andavam soltos, e formas embuçadas destruíam restos vagos de luz.

(p. 149)

O "Soneto XII" - o último poema de Trilha Dágua - representa a profissão de fé do autor no futuro, futuro que se constrói com o tempo e com o trabalho indispensável da poesia. Futuro que virá - o poeta

o sabe - não com a manhã, pois a aurora é apenas a transição entre 195 a noite de terror e a luz do novo dia. O dia que se constrói aos poucos, na indolência dos segundos. Para o poeta é.

Impossível voltar, e continuo. Elaboro miragens e as persigo com a determinação dos suicidas.

(p. 152)

Meu caro Alcides, foi muito bom te encontrar, aqui na Academia, nesta bela noite de abril. Amanhã é sábado - e nos últimos tempos sempre nos encontrávamos nas tardes de sábado, lembras? Tu recitavas

Gosto de frequentar esta taberna onde me sirvo de meu próprio vinho, nem perguntam quem sou. Meu companheiro, que antes cantava e me aplaudia, agora embuçado em silêncio me observa como se eu lhe devesse algum milagre.

(p. 141)

Aquele companheiro mudo era eu. Há mais de dez anos não nos vemos, mas a tua lembrança está sempre comigo, como está sempre com teus amigos, com teus filhos e tua Santina. Foi muito bom relembrar teus poemas e tuas lições - "soneto é coisa séria, rapaz!" - e a tua alegria por reconhecer nos 14 versos que te dediquei, enfim, um soneto - num momento em que estavas triste, mas triste de não fer jeito. Aqui o repito e a ti o consagro, em definitivo:

Trago nas mãos a lâmina dos anos que passaram por mim tragando sonhos: sementes de um passado sem memória, inúteis fragmentos de silêncio.

As velhas alegrias disfarçadas tatuam sombras em meu rosto pálido. 196 Sorrio amargo, o limo transparente refletido nos dentes amarelos.

> Meus olhos baços já não sonham luzes sob o cantar monótono do vento: palavras surdas nos meus lábios cegos.

> Antúrios se renovam no meu peito e de meus braços pendem sensitivas. Nos pés carrego o peso desses sonhos.¹²

 Zemaria Pinto, "Exercício nº 5", publicado em Fragmentos de silêncio. Manaus: Edua, 1995, p. 51.

v

Meus caros Dom Mario Pasqualotto, Sergio Cardoso e prof. Gláucio Campos Gomes de Matos. Vencemos mais uma etapa de nossa jornada. Daqui a pouco estaremos todos de volta às singularidades de nossas vidas particulares, à azáfama de nossos afazeres cotidianos. Mas esse tempo em que aqui estivemos juntos se estenderá em nossos corações e mentes como uma teia de afeto recíproco – de nós, acadêmicos, para com vocês; de vocês para conosco; e de todos aqui presentes para com a memória de Péricles Moraes.

Muito obrigado!

Agradecimento¹

LEYLA LÈONG

Minhas saudações aos que estão aqui presentes prestigiando a solenidade de entrega da Medalha do Mérito Cultural Péricles Moraes. Saúdo especialmente os componentes da Mesa, na pessoa do presidente da Academia, escritor Armando Andrade de Meneses e os demais acadêmicos.

1. Cerimônia realizada em Manaus, 25 de abril de 2015. A abertura foi feita de improviso pelo presidente da AAL.

Muito me honra ter sido escolhida para fazer o discurso de agradecimento nesta cerimônia, em meu nome e dos outros dois premiados: o artista plástico Jair Jacqmont e a Rede Amazônica de Televisão - AmazonSat. Apesar de não me sentir merecedora, aceito a honraria, consciente de que não se deve recusar homenagens, quando elas vêm de instituições de alta credibilidade, como a Academia Amazonense de Letras.

Ao receber a notícia de que sería agraciada com a Medalha, passei da alegria à preocupação em menos de um segundo, pois teria que ser eu a fazer o discurso de agradecimento. Senti o peso da responsabilidade e da exposição diante de uma plateia tão seleta. Como jornalista, por hábito do ofício, elíminei dos meus textos os elogios e os adjetivos, optando por uma escrita mais enxuta, objetiva e breve, sem dar lugar aos ornamentos de uso em ocasiões como esta. Portanto, desculpem-me.

Está valendo a alegria de receber essa condecoração e ingressar em um grupo de eleitos do qual fazem parte, entre outros não menos ilustres, Astrid Cabral e Milton Hatoum, minhas leituras constantes. Confesso que a homenagem me pegou de surpresa, fazendo-me imaginar quais teriam sido os méritos atribuídos a mim para merecê-la.

Penso que deva ter sido a amizade que cultivo com muitos dos intelectuais imortalizados nesta Casa, que levados pelo afeto lembraram-se de mim. Ou quem sabe tenha sido pelo meu envolvimento com o trabalho artístico demonstrado no decorrer da minha vida, ou talvez pela persistência com que tenho me dedicado à Literatura e aos movimentos culturais.

Essa dedicação à cultura no Amazonas é um trabalho árduo, pois se temos muitos artistas, nos falta visibilidade. A produção artística do Amazonas não consegue circular com naturalidade e assiduidade no resto do país, incluindo aí as nossas fronteiras mais próximas, que não conseguimos atravessar. Não acontece com frequência um artista amazonense ter pauta marcada nos palcos, bienais e galerias de Belém, Rio Branco, ou Boa Vista, por exemplo, nossos vizinhos tão próximos.

Por outro lado, os produtos culturais dos grandes centros e da nossa região também não se mostram por aqui com a frequência que merecemos. É muito raro um artista paraense ou maranhense, ou acriano apresentar-se em Manaus. Eu, por exemplo, que escrevo há trinta anos, nunca lancei um livro fora de Manaus. Nem mesmo em Belém, onde nasci. Ficam faltando os laços, os contatos.

A verdade é que não temos qualquer intimidade com a arte que se faz na Amazônia, no resto do país, faltando-nos ainda o conhecimento da cultura das outras Amazônias de fala espanhola com as quais fazemos fronteira. Assim, ficamos nós, os artistas, duplamente isolados, blindados dentro da floresta. Mas nem por isso deixamos de produzir.

Gostaria neste momento de expor uma versão pessoal sobre os meus dois companheiros de premiação. Acompanhei a carreira do artista plástico Jair Jacqmont quando ele começava a dar as primeiras pinceladas nas quais já se delineavam os traços definitivos que marcariam a sua obra, em aquarelas e telas de grandes formatos, representativas da natureza exuberante de uma Amazônia, muito particular ao seu olhar.

Na década de 1980, convivi com ele muito de perto na Galeria de Arte Afrânio de Castro, da qual foi diretor, localizada exatamente embaixo deste salão onde nos encontramos neste momento. Fui uma das mais assíduas frequentadoras e ali pude conhecer toda uma geração de artistas emergentes. Alguns deles bem-sucedidos e em atividade até o presente.

Na época, aquele espaço tão pequeno engrandeceu-se trans- 199 formando-se ém centro de revelação de talentos e de discussões efervescentes sobre os rumos da cultura do Amazonas. Continuei frequentando esse espaço, quando mais tarde passou à abrigar o Teatro de Bonecos, que me abriu as portas e o interesse para uma outra arte, a Arte dramática.

Como repórter de cadernos de Cultura, Jacquiont foi personagem de muitas matérias assinadas por mim, nos jornais de Manaus. Parabéns, Jair Jacqmont!

Destaco o mérito da Rede Amazônica de Televisão, aqui representada pelo Dr. Phelippe Daou Jr., pelo pioneirismo absoluto e o idealismo de construir um império das comunicações dentro da floresta. Pela grandeza de lançar uma rede para capturar e espalhar a beleza que ainda resta nesse último paraíso de um planeta devastado.

São sinais inteligentes que não se rendem à linguagem massiva da televisão, marcando as nossas diferenças, pulsando de dentro da selva para o mundo. Parabéns, Rede Amazônica de Televisão e parabéns ao seu fundador, Dr. Phelippe Daou. Enquanto buscava ideias para escrever este pequeno texto eis que surge na minha frente um poema do meu avô, Raymundo Freitas Pinto, dedicado ao seu amigo Péricles Moraes. Meu avô era poeta e professor. Ele de Inglês e Moraes de Francês. E eram amigos, num tempo que infelizmente não presenciei. Uma pena não tê-lo conhecido...

O poema intitula-se "As Duas Festas", em que Freitas Pinto descreve a noite e o dia em seu estilo fantástico, surrealista, até. A dedicatória diz: "Ao espírito nobre de Péricles Moraes, meu especial amigo". Manaus, 8 de julho de 1948. Pois dedico este prêmio a essa amizade intelectual.

O caminho até aqui foi longo. E como se sabe, ninguém se constrói sozinho. No caso dos artistas, somos feitos de muitas influências, de ideias, de imagens e sons recolhidos aqui e ali, durante a nossa passagem pela vida. Impregnados dessas impressões as transformamos e eternizamos em textos, outros sons, outros gestos, outros traços pela força poderosa da imaginação. Pois como disse James Joyce, "a obra e a vida são tecidas com uma mesma linha". Assim, também não me fiz sozinha.

Os últimos anos da minha infância e os primeiros da minha adolescência foram vividos em Bogotá, capital da Colômbia, com os meus pais. Nessa fase da vida, quando absorvemos para sempre as nossas impressões primeiras, entrei em contato com a realidade da América Latina, o que representou uma fortuna para a minha formação política e intelectual e transformando-me para sempre em uma pessoa atenta ao que se passa em nosso continente.

Naquele país montanhoso, atravessado pelos Andes, conheci a obra dos antigos poetas espanhóis como Garcilaso de La Vega, Calderón de La Barca e colombianos como Júlio Flores, entre outros, cujos versos românticos embalaram os primeiros anos da minha adolescência e me contaminaram para sempre com o amor pela leitura.

Fixaram-se em minha memória figuras de personagens fantásticos com El Cid Campeador, Dom Quixote, sua amada Dulcineia e outros inesquecíveis que me acompanham até hoje. Fora isso, a luta dos camponeses e as revoltas políticas da Colômbia abriram meus olhos para o maior problema da humanidade: a injustiça social.

E eis que acabo de receber um convite para um encontro de escritores de literatura infantojuvenil a realizar-se em setembro deste ano em Letícia, capital do Departamento da Amazônia, lugar mágico onde passei a minha infância, vi pela primeira vez o interminável rio Solimões e a chuva surgindo da floresta trazendo o cheiro da terra. Que volta nas recordações!

Ao voltar a Manaus após a morte do meu pai, destaco a generosidade do meu avô, que nos acolheu em seu casarão da Saldanha Marinho, 725. Ali, aos domingos, se reuniam poetas, escritores e artistas plásticos, em torno da sua vitrola e de seus discos para ouvirem os clássicos da música erudita cujos sons se transformariam nos seus próximos poemas, feitos com versos ruidosos inspirados nas passagens mais fortes das músicas.

Dessa forma, convivi na minha juventude, embora sem participar diretamente, já que se tratava de um círculo masculino fechado – bem ao estilo da época – com a atmosfera criativa dos maiores expoentes da arte do Amazonas, como Elson Farias, Luiz Bacellar, Afrânio de Castro, Moacir Andrade e outros habituês desses saraus musicais, com os quais mantive e mantenho amizade até hoje.

A proximidade com esses representantes da alta cultura de uma 201 época deixou marcas, influenciando-me para que me tornasse uma apaixonada pelas artes e desejasse apreciá-las, praticá-las e incentivá-las, o que aconteceria muitas décadas depois, quando me tornei escritora e quando inaugurei o Espaço Cultural, Galeria de Arte e fui sócia de uma rede de três cinemas que trazia para exibição em Manaus, produções cinematográficas brasileiras e internacionais do mais alto nível artístico.

Além dessas reuniões que aconteciam aos domingos e às quais assistia de longe, a biblioteca de clássicos da Literatura Universal, da casa do meu avô, cujos volumes eram guardados com o cuidado com que se guardam tesouros, tornou-se o meu refúgio e alimento na sufocante Manaus dos anos 1960. E foi um privilégio que a vidame deu, esse mergulho longo e profundo no mundo fantástico das ideias de autores russos, franceses, brasileiros e amazonenses que construíram o meu espírito.

Se a densa floresta nos isolava do resto do país, a leitura nos dava asas que nos conduziam a novas geografias, onde a neye, as montanhas e os campos de girassóis, os desertos, as ruas enevoadas de Londres e Paris serviam de pano de fundo para as aventuras e os amores narrados nos romances. Bem antes das compras virtuais pela internet, já se comprava livros diretamente das editoras que mandavam coleções inteiras pelo correio.

Assim chegaram até a Saldanha Marinho os livros de Jorge Amado, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos, Lúcio Cardoso, Cecília Meirelles e outros, em inesquecíveis encadernações com capas de pano enfeitadas com arabescos dourados. Me lembro muito bem da chegada dessas encomendas. A emoção de abrir os pacotes, o cheiro dos livros e o ritual de abrir-lhes as páginas com um estilete, carimbá-los com o nome do dono, colocar a data e encapá-los antes de começar a ler.

Convenci-me de que podia escrever e publicar, quando venci o Prêmio Mulateiro, do Clube da Madrugada, em 1971, com o miniconto "A Nuvem". Esse prêmio abriu-me as portas para a expressão literária. Depois veio a minha escolha para fazer parte do Clube da Madrugada, por indicação do meu amigo, o escritor Arthur Engrácio, realizando o sonho de fazer parte de um grupo seleto de escritores.

Deixo aqui toda a minha gratidão aos meus editores, Isaac Maciel e Tenório Telles, da Editora Valer, por me incluírem no rol dos escritores da casa e pelo esforço muitas vezes insano desses sonhadores, de dar um lugar digno à literatura amazonense de todas as épocas.

A Medalha do Mérito Cultural Péricles Moraes representa um incentivo a mais, uma força para quem já se firmou nas suas respectivas áreas, como o caso dos que hoje somos homenageados, para que demos continuidade à nossa produção. É o reconhecimento.

A Academia comemora o aniversário de Péricles Moraes, realizando esta cerimônia de entrega da Medalha que leva o seu nome. Não me alongo a evocar a sua trajetória intelectual, o brilho dos seus textos, amplamente conhecidos pelos seus leitores e admiradores. Mas quero pôr em relevo, além dos méritos literários, a sua dedicação ao Magistério, e à administração pública onde exerceu, em diversas ocasiões, cargos ligados à Educação.

Foi um dos fundadores desta Academia de Letras em 1918 e depois a presidiu várias vezes. Como a maioria dos escritores da sua época exerceu o jornalismo literário como colaborador nos jornais que circulavam em Manaus e em Belém, onde estudou.

A Medalha que recebemos hoje reafirma uma das mais importantes qualidades de Péricles Moraes: a de incentivador da cultura e das Artes. Parabéns pela sua vida e pela sua obra.

Encerro este discurso com um verso de Cora Coralina, que resume o que me emociona neste momento feliz. Disse a poetisa de Goiás: "Caminhando e semeando, no fim terás o que colher".

Muito Obrigada.

Saudação CLÁUDIO CHAVES

Aqui estou para cumprir a missão de ocupar o lugar do orador previamente escolhido para esta solenidade - o acadêmico Euler Esteves Ribeiro -, que por motivo de força maior não pôde aqui se fazer presente, como era o seu desejo. Sinto-me, neste momento, investido do mesmo compromisso que foi confiado a Reinaldo Porchat quando teve que substituir o insubstituível Ruy Barbosa em evento semelhante. Vejam, senhoras e senhores, quanta responsabilidade!

Na sessão magna que se realiza na noite de hoje, este Sodalício engalana-se mais uma vez para outorgar a Medalha do Mérito Cultural Péricles Moraes a três personalidades de relevo da nossa sociedade.

Esta comenda foi instituída pela Resolução AAL nº 2 de maio de 2004, na presidência do acadêmico Elson Farias, por proposição da acadêmica Carmen Novoa Silva, para homenagear pessoas ou entidades que se destacam nas letras, nas artes e no mecenato.

Ao longo desses 11 anos trinta outras personalidades não menos ilustres que os agraciados de hoje, também receberam esse galardão da Casa que imortaliza o pensamento no Estado do Amazonas.

Simbolizando os que receberam esse laurel, prestamos homenagens in memoriam aos inesquecíveis poetas Alcides Werk Gomes de Matos e Carlos Alberto Ouro Farias de Carvalho.

O patrono da comenda, Péricles Moraes, foi um dos fundadores desta Academia de Letras e o primeiro ocupante da poltrona de nº 13, patronímica de Gonzaga Duque, depois renumerada como a de nº 1, e o segundo presidente da Casa (1948-1956), sucedendo Adriano Jorge e sendo sucedido por Waldemar Pedrosa.

Expert em literatura francesa, pontificou na administração pública como prefeito nomeado de Coari e Parintins, membro do Conselho Consultivo do Estado do Amazonas, diretor da Instrução Pública 204 e secretário-geral do Estado. Foi também serventuário da Justiça como oficial do Registro de Imóveis na Cidade de Manaus.

Dentre suas principais obras destacam-se: A Vida Luminosa de Araújo Filho; Coelho Neto e sua obra; Confidências Literárias; Figuras e Sensações; Legendas e Águas-Fortes; O Exemplo de Leopoldo Neves; e Retrato de Augusto Linhares.

Na sua biografia registra-se também sua participação como articulista em jornais do Amazonas e do Pará. A atual cadeira nº 1 da Academia Amazonense de Letras que pertenceu a Péricles, com o seu encantamento, foi ocupada inicialmente pelo acadêmico Cosme Ferreira Filho, e, atualmente, nela tem assento o nobre confrade José Bernardo Cabral.

A ele e a Adriano Jorge, a Academia Amazonense de Letras deve a sua sede própria, conseguida no ano de 1934 na gestão do interventor capitão Nelson de Melo, do qual ambos eram amigos próximos.

— O MECENATO

Em homenagem a Caio Mecenas que foi conselheiro do imperador romano Otávio Augusto, no século I a.C, que patrocinava produção de artistas e poetas dessa época, o vernáculo passou a incluir a palavra mecenas como sinônimo dos que com seus recursos próprios patrocinam e incentivam os artistas.

A homenagem Mecenas de 2015 é outorgada ao AmazonSat, entidade integrante da Rede Amazônica de Televisão que tem à frente a figura emblemática do jornalista Phelippe Daou, um dos ícones da imprensa local e uma das reservas morais da sociedade amazonense.

Essa entidade que há 17 anos vem divulgando a história da Amazônia e de seu povo, notadamente as riquezas naturais, a cultura, o folclore, as lendas e tradições, é, incontestavelmente, reconhecida como a cara e a voz da Amazônia como está escrito no seu nome de fantasia.

Com um amplo raio de abrangência, o AmazonSat, que consegue alcançar os locais mais distantes da superfície da terra, é o canal que funciona sempre como um coração de portas abertas para divulgar gratuitamente para o mundo o trabalho dos nossos artistas.

— AS ARTES 205

O prêmio dessa categoria de 2015 é outorgado ao conceituado artista plástico amazonense de Manaus, Jair Jacqmont, que tem no seu currículo, além da capacidade de criar pinturas impressionistas, a participação em cursos de serigrafia, desenho de propaganda, restauração de obras de artes e montagem de exposições, dentre muitos outros.

Dentre os seus inúmeros trabalhos, destacam-se com distinção e louvor: A saga dos Mundurukus; Berlinda da Catedral de Nossa Senhora da Conceição em Manaus; e o desenho do altar que serviu de assento ao papa João Paulo II, quando este santo padre esteve visitando a nossa cidade, cujo feito, com certeza, canonizou a obra desse consagrado artista.

-AS LETRAS

O prêmio da literatura é hoje concedido a Leyla Leong, jornalista, cerimonialista, promotora cultural, editora literária e escritora, nascida em Belém do Pará, que escolheu o Amazonas para viver, trabalhar e fazer história.

Formada em Comunicação Social pela Universidade Federal do Amazonas – Ufam e pós-graduada na Universidade do Estado da Califórnia – EUA, trabalhou como diretora e promotora da TV Cultura e nos periódicos de Manaus – A Notícia, Jornal do Comércio e A Crítica.

Exerceu a função de Chefe de Cerimonial do Governo do Estado do Amazonas nas administrações de João Walter, Henoch Reis e José Lindoso, e o cargo de diretora do Centro de Artes Chaminé, da Secretaria de Cultura do Amazonas. Também no seu curriculum vitae registra-se a sua afiliação como membro do Clube da Madrugada.

Dentre as suas obras, destacam-se: Essa Tal de Natureza; Cida a Macaca Travessa; João Barbosa Rodrigues e o Museu de Botânica do Amazonas; Duas Histórias da Noite; Os Desencontros do Amor; Sua Majestade, O Gavião-Real, sua obra mais recente.

Pelo seu correr de vida, repleto de feitos em prol da cultura amazonense, faz jus em receber essa distinta honraria.

206 Como se pode observar, as homenagens aqui prestadas são feitas a personalidades valorosas que desenvolvem trabalho meritório, respectivamente, no mecenato, nas artes e nas letras.

Por fim, as nossas palavras para saudar tanto os homenageados quanto todos os presentes, valemo-nos da poesia de Francisco Ferreira da Silva, o nosso queridíssimo Chico da Silva, cuja arte atravessou as fronteiras e as paragens mais longínquas, divulgando a cultura amazônica com a sua música e os versos de suas composições poéticas, dedicamos como mimo aos que nos alegram com suas presenças na noite de hoje os versos de uma das páginas da sua rica poesia:

Eu canto pra vocês, a melodia de um grande amor...

Eu canto, canto, minha vida, meu destino, meus amores figurados e os pecados de um poeta abandonado estou cantando o meu passado recheado de ilusões...

Eu canto, canto a canção que eu fiz pra ela, numa linda primavera estação primeira, minha musa era ela e por isso meu poema a ela dediquei... Eu gostaria, meu desejo derradeiro de cantar o ano inteiro, quer em prosa ou poesia, de noite e dia cantaria essa saudade de alguém que mais amei.

Que Deus continue a manter sob a Sua Guarda a Academia Amazonense de Letras! Tenho dito.



{ CRÔNICAS }

— Terezinha Morango entra para a história do Amazonas¹

ABRAHIM BAZE

Na rua Comendador Alexandre Amorim, 354, no bairro de Aparecida, em Manaus, as crianças não conseguiram dormir, na noite do dia 22 de junho de 1957. Muito barulho, carros passando com alto-falantes e vizinhos em festa. Repórteres faziam perguntas e tiravam fotografias. O motivo? A jovem Terezinha Morango acabara de ganhar o título de Miss Brasil. Seus pais, moradores da rua, celebravam a vitória, dando um gole de Cinzano a cada uma das crianças. Porém, ninguém podia repetir o ato, embora o Cinzano fosse a fonte de renda deles, na pequena mercearia.

Dona Emir Gonçalves Morango, mãe de Terezinha, era uma amazonense típica do interior de Estado. Nasceu no município de São Paulo de Olivença, no rio Solimões, na época com 45 anos. Além de Terezinha, mais sete irmão: José, Getúlio, Maria Antonieta, Marieta, Glória, Maria das Dores e Manuel.

Terezinha Morango, aos 15 anos, foi morar com os tios, recebendo uma boa educação. O pai de Terezinha era português da cidade do Porto, da zona do rio Tinto. Com grandes olhos claros, trabalhava de sol a sol, na pequena mercearia.

Eram quase duas horas da madrugada, quando começaram a chegar as camionetes com alto-falantes, saudando a família Morango. A mãe, dona Emir, negou-se a sair. Dizia que estava feliz, mas não queria homenagens. No Atlético Rio Negro Clube, onde Terezinha Morango iniciou a carreira vertiginosa, estouravam fogos. O baile de comemoração seguiu até a manhã. No Hotel Amazonas estava hospedado o presidente de Portugal, Craveiro Lopes. As luzes das varandas foram acesas e a Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro dobrava sinos em homenagem à Terezinha.

 Texto republicado com correções.



Terezinha Morango, Miss Amazonas, Miss Brasil e Vice-Miss Universo no Atlético Rio Negro Clube

O desfecho do acontecimento, a marcante eleição de Terezinha para ocupar o trono pertencente até então à gaúcha Maria José Cardoso, eleita em 1956, tomou proporções incalculáveis no Amazonas. Os preparativos para sua recepção prosseguiu numa programação exaustiva. Incluía a mais destacada autoridade e o mais simples cidadão.

Na escadaria do Colégio Pedro II, os alunos aguardavam impecavelmente fardados, portando nas mãos bandeirinhas com a foto de Terezinha Morango. Depois da saudação dos ginasianos, Terezinha seguiu em carro alegórico pelo centro de Manaus. Quando passou pelo Instituto de Educação do Amazonas (IEA), onde foi normalista, recebeu homenagem das mãos da professora Lila Borges de Sá, diretora da instituição. No local foi saudada com o hino da escola. Finalmente seguiu para sede do Atlético Rio Negro Clube, onde findou a recepção gloriosa da amazonense, considerada uma das mais belas mulheres do mundo.

Percurso de mim se o tempo é madrugada

RENATO AUGUSTO FARIAS DE CARVALHO1

Tive um boi na minha infância trazido pelo vento seu mugido era intangível e os olhos lassos cheios de piedade boi tempo de uma infância que não passa. Meridiano celeste Marco Lucchesi

Um amigo de quem não lembro o nome me disse, quando eu buscava, tonto, roubar estrelas: "Aguarda a hora em que elas se escondem. Assim, o céu estará distraído e nem te vai notar".

Membro correspondente

da AAI.

Amarrei no meu arame envergado o longo tempo dos sobressaltos e vim descortinando, aos poucos, o descerrar da noite. Quase entendi os enigmas do imenso céu de prata a mesclar as cores dos últimos raiozinhos, revezando, sem pressa, desde aquele ouro-êxtase a um sombrio cinzento. Essa cena transmite silêncio: é a elegante dissimulação do poder universal sobre nossa exiguidade.

Por sua vez, a claridade do dia nos comove. É a ousadia do sol! Relembro a correnteza dos igarapés caseiros onde a gente, na infância, entremeava brincadeiras às ingênuas alegrias da liberdade. Era, por assim dizer, a ardência bem definida das nossas verdades. A própria aceitação de Deus! Tínhamos uma percepção sem nenhuma ferrugem, os olhos tão exatos quanto a alma em júbilo. Nem por isso o tempo parou. Aquela ardência aprazível se transformou na abrasadora inquietude dos dias adultos. Mas não quero falar de mágoas – penso em cumplicidades, desassossegos, rotinas, isolações e temores.

Há, nesses tempos de agora, um silêncio que desfalca os sorrisos, uma distância sem abraços e muitos olhares perdidos... O mutismo dos adultos é tão particular quanto solitário: tem um eco rabugento e dissonante. Não nos parece nada atraente esse horizonte de cobiças e disputas. Quando chega a noite, o vento é mais leve, a ânsia se converte em saudade e a poesia não míngua. Cadê a percussão das vozes intrigantes do arapapá-cor-de-rosa, caburé-ferrugem, japu-verde, pássaros que esguichavam mistérios à nossa imaginação? Cadê meu barco, espólio de saudades, reluzindo seu viço, todo engenhoso, a caminho das férias? Cadê as graviolas, sapotis, ingás, jambos, biribás, buritis?... E o forte aroma das angélicas que enfeitavam as festas lo-

cais? Onde foi parar o trovador Tarumã, esposo de Nunuka? Lembro que havia, por lá, um sol incitante, parecendo que ia rachar a abó-

boda do nosso Teatro, nos insistentes trovejares do ano todo...

Por que a intimidade das madrugadas, como se fora plágio de afagos, vem, e muda o rumo das intenções? Quem me dera eu fosse bicho da noite, fisgado do lume, para açoitar de beijos todos os amores que escolhesse! O clarão do dia sempre vem afoito, escancara nossas verdades e encomprida as incertezas: é hora da resenha de vida, da quitação, do racional, da importuna ilação entre o belo e o feio, a crença e a descrença, o ir ou ficar. O entremeado meio-dia chega e acentua, sem piedade, o seu vigor. Sua beleza é enérgica, resoluta, mas nossa pequenez se assusta. O homem, de dia, tem alternativas reduzidas. Sonho, poesia, volúpia e prazer escondem códigos na sensualidade da noite. Sempre haverá um pássaro enxerido - macarico solitário - que vem, trajado de príncipe, anunciando a época da cheia invernosa. É aí que os peixes pululam, as palafitas se exibem, o porto de lenha se encharca ... Somente o papa-carão, passarinho de canto excitado, faz companhia noturna às canoas embaraçadas, em fila, que festejam o santo padroeiro das várzeas.

Ainda é noite. Muitas vezes o artesanato sentimental do Poeta me faz companhia:

No céu sublime e raso de amor não sendo em noite escura e deserta de impressões um deus luniminguante se consome nas fúlgidas potências que regem o ainda não.²

Enquanto o lastimar dos (nossos) atalhos sentencia corações oprimidos, a serenidade crepuscular avança para desafogar. De noite, os retalhos das tristezas são cerzidos e a madrugada germina sonhos...

Afinal, terá sido de dia, ou de noite, que a maldade e o convencionalismo desfizeram a união dos amantes Abelardo e Heloísa? Terá sido de noite, ou de dia, que o nazismo assassinou crianças judias? E a baleia grávida do Pacífico, por que a mataram no alvorecer? Por que não se lê Cecília Meireles nas escolas, buscando o tirocínio literário de seus belos sonhos inventados?

Rememoro o Poeta pajé Jorge Tufic, outro inventor de sonhos, no seu mágico livro Quando as noites voavam. Alí se realça um arquiteto da poesia de cantos notúrnos, imagens e lendas dos caminhos sagrados dos Dessanas, Tukanos, dos Pirapapuias, reinando na singular Amazônia...:

Pintores do universo os trovões também,se casam.

De preferência com as nuvens.

Eles têm nomes e vozes.

Os nomes do azul e do branco devem ter se perdido quando vinham do arco-íris.

Enfim, o que me atrai, hoje, é realimentar texto-sonho. Minha rede desbotada, onde escondo velhas estampas, já foi devassa. Hoje é santa. Santa como o poema de Tufic:

Nalgumas paragens da noite, mulheres ficavam prenhas ouvindo apenas o som das cachoeiras.

> Por isso filiavam cururus, osgas, escorpiões, baratas, ratos.

De uma delas brotaram garças, mulheres somente no rosto, peito e coração.

Não tinham sexo, caminho de lua.

Guardo, na longa madrugada da velhice, aquela menina de olhos verdes que me acordou, rezando o oratório de Dona Dedé Cabral, canto primeiro da Primeira Comunhão; guardo os passos pesados do ladrão dissimulado que entrou na nossa casa, de madrugada, e comeu a carne assada com farofa preparada por mamãe para o almoço dos meus onze anos; guardo a alegria dos metais repicando os sinos da Matriz de Nossa Senhora da Conceição "porque a guerra acabou!"; guardo o amanhecer-laranja vencendo meu sono quando descobri um mapa-múndi colorido que papai conservava entre os dogmas da sua biblioteca maçônica; guardo os suores excitados do uniforme de ginásio do bom menino salesiano; guardo tanta coisa!...

Penso no donaire da formalidade da grandiosa Caixa-D'Água observando, do alto, os enterros consternados de então, quando se juntavam às eternas saudades a inevitável visão do fogo-fátuo. Revejo as festas de casamento das moças ricas, enfeitadas até o topo, para disfarçar a pecaminosa gravidez. E lá se vai – como se fosse agora – meu vultoso vapor, lorde trajado de branco e preto, navegando, choroso, dúvidas da partida e olhando de longe, no reflexo da madrugada, o barranco marrom do antigo Paredão, as toras úmidas jogadas ao tempo, tal como os anos da juventude.

Tenho a impressão que a literatura, nas suas prerrogativas, indulta 215 os nossos "desastres". Escrever é uma forma de errar em público.

Imagino que o vasto céu sombrio é, por outro lado, translúcido. As almas serão, com certeza, de um branco-escuro na perplexidade da fantasia. E a fantasia é coisa que se pode colorir. Inventando. Chico Buarque escreveu uma canção assim: (...) se lembra, maninha, da jaqueira no quintal... se lembra... Tom Jobim contestou: Não houve jaqueira, muito menos quintal... Dom Quixote criou Dulcinéa, organizou uma guerra e lutou contra moinhos, acreditando superar gigantes. Luiz Bacellar, no embarcadouro do seu surpreendente satori, no desígnio da criação, construiu:

No meio da noite o lírio levanta seu copo-de-leite

As folhas cobriram a caixa de prata que eu perdi na mata?

Doce de carambola Até parece que estou comendo estrelas

Dentro da papoula o pirilampo apaga a lâmpada de fada.

Sou mínimo indigente, anônimo, nesse dossel disfarçado que é a madrugada sem simetria. Madrugada, agasalho de pássaros nas florestas, serenidade e séquito dos que morreram injustiçados. Às vezes, síntese de lágrimas: minha mãe e meus irmãos morreram de madrugada. E eu? Me termino aqui?

É custoso entender-me no percurso inumado de mim mesmo. Mas é bem possível, ainda, despertar!

— Os mass media e a "cultura do confronto"

IRMÃ MARÍLIA MENEZES¹

1. Membro correspondente da AAL Muitas pessoas diziam que a Televisão liquidaria com a Rádio: a força da imagem, com a poderosa fotografia, acabaria com o poderio da palavra escutada. Isso, porém, felizmente não aconteceu. As emissoras de rádio continuaram a crescer, e se tem multiplicado, pelo menos no Brasil, de forma surpreendente.

Sempre gostei muito de rádio, desde quando, – filha de família pobre em Belém do Pará e sem meios para comprar um aparelho de rádio, pais e filhos escutávamos as canções e até as rádio-novelas que o vizinho transmitia. Lembro até os concursos de poesia que certa emissora lançava, aos quais concorríamos.

No tempo da Segunda Guerra Mundial, então, e com a ânsia de ouvir as notícias de última hora, sem a vantagem dos radinhos de pilha da modernidade, meus familiares e vizinhos procuravam escutar ansiosos as últimas notícias da guerra, por meio dos aparelhos de grande porte, que eram construídos naquela época.

O tempo continuou sua marcha. Tornei-me uma religiosa missionária e fiz o Curso de Comunicação Social na Faculdade de Filosofia da Universidade do Amazonas. Como estágio, precisei apresentar um trabalho em uma rádio de Manaus e, como coordenadora do Centro de Comunicação da CNBB Norte 1, quis dinamizar o apostolado da comunicação através da rádio Rio Mar, da Arquidiocese. Senti claramente o apelo de Deus para difundir o Evangelho pelos ares, florestas e rios de um Amazonas que se expandia com a explosão da Zona Franca de Manaus. Sempre achei também que a rádio era o meio mais apto para fazer com que a Amazônia, com suas dimensões gigantescas, se desenvolvesse em todos os sentidos.

Nossos estudos coincidiram com a promulgação do documento Inter Mirifica, pelo Concílio Vaticano II, e vibramos com esse texto, que trouxe nova compreensão e vigor ao emprego dos Meios de Comunicação Social, daí seu título : "Entre as maravilhosas invenções da técnica que, principalmente nos nossos dias, o engenho humano extraiu, com a ajuda de Deus, das coisas criadas... salientam-se aquelas que, por sua natureza, podem atingir e mover as multidões.... como a imprensa, o cinema, a rádio, a televisão".

Esse decreto, promulgado a 4.12.1963 pelo papa Paulo VI, se destacou os demais textos conciliares, pela novidade do conteúdo, mas estava ainda longe de penetrar no mundo cada vez mais amplo e veloz, da poderosa MÍDIA de hoje e suas MAGNÍFICAS invenções. Outro período que suscitou muita reflexão foi aquele que incentivava a maiores no campo da comunicação por parte dos evangelizadores, dizendo: "os discípulos e missionários de Cristo, com sua presença coerente, continuem semeando os valores evangélicos nos ambientes onde tradicionalmente se faz cultura, e nos areópagos".

Essa palayra (areópagos), algo estranha, teve e continua a ter grande impacto porque, pelo contexto do documento, vê-se que o seu significado se estende não tanto a um Tribunal, porém a todos os lugares que reúnam pessoas desejosas de saber o que está sendo pensado e dito, e falar o que se deseja – como se fazia nos areópagos ou tribunais romanos. E nesse sentido, a Academia de Letras do Amazonas é um areópago, em que a palavra, fazendo cultura, tem grande poder e pode influenciar a muitos. Esse é um campo MAGNÍFICO que devemos aproveitar mais. Mas continuemos a nossa história:

- UM OLHAR PARA A VIDA

Com a ajuda de Erasmo Linhares, diretor de programação da Rádio Rio Mar e meu professor de Comunicação, resolvi escrever e apresentar cada dia, nessa emissora, o programa que chamei *Um olhar para a vida*. Os programas eram ao vivo, porém, quando eu viajava para o interior ou para o exterior, a serviço de minha Congregação, eu os deixava gravados.

Tornando a relembrar o passado, narro um fato interessante: Corriam os anos 70. Um pormenor interessante é que, como estávamos sob a ditadura militar, a rádio devia submeter os programas à censura. Por isso, eu datilografava meus programas escritos à mão em casa ou em vários lugares onde me vinha a inspiração, e deixava a cópia carbono na rádio: todos sentíamos uma pesada mão sobre a livre manifestação do pensamento. Não podia esquecer que nossa turma de 20 estudantes da 2ª série fora punida com expulsão. É que o reitor nos surpreendera escutando a palestra de um renomado jornalista do Sul do país, que nos punha a par da difícil situação nacional. Só não perdemos o ano porque o reitor, em consideração à minha Congregação das Irmãs Adoradoras do Sangue de Cristo, atendeu meu pedido, e deu-nos a moratória da segunda época. Perdi, porém, a minha bolsa de estudos, recebida desde que obtivera o primeiro lugar no Vestibular do Curso de Comunicação Social.

Em resumo: o clima era de medo, porém nada me fazia perder o ideal de comunicadora, além de ter sabido que muita gente apreciava os meus cinco e depois dez minutos diários na Rio Mar (às 7 e às 17,55 horas). Já disse um pensador que "a crônica é o bisturi do minuto", e eu me sentia como uma médica, desvendando um fato para demonstrar sua mensagem mais profunda às pessoas desatentas.

Tive a alegria de ver 60 programas meus editados em livro pela Serpal (Serviço Radiofônico Porto-Alegrense), que louvou o "Um olhar para a Vida", por mim apresentado no 11 Encontro Latino-Americano de Liturgia de Rádio e TV, em Viamão, RS, em 1976 (esgotado).

As Paulinas (São Paulo, 1978) editaram 20 programas de "Um olhar para a vida" no livro Teu irmão te chama (esgotado).

Após anos de rádio, cansei-me em procurar, cada dia, um tema novo, e resolvi suspender os programas. Eu pedira ao Senhor que me mostrasse a Sua vontade, porém Deus parecia ter-me deixado na escuridão. Certo dia, me decidi a largar minha atividade na Rio Mar. Ao pegar o táxi, e ao dar a direção da rádio ao motorista, este se volta e diz-me que ouvira o meu programa dias atrás. Lembrei que falara sobre uma frase do pensador russo Léon Tolstoi, pois, como professora de Literatura, lia sempre esses mestres das Letras. Estendendo a frase ao "Amai-vos uns aos outros" (Jo 15, 12), eu citara essa frase de Tolstoi, lida em um livro: "A pessoa ama porque o amor é a essência de sua alma. Por isso, a pessoa não pode deixar de amar".

Eu aplicara esse ensinamento ao matrimônio, e pedira aos casais que não deixassem esfriar o amor que os unira. Para minha surpresa, o motorista me disse: "Irmã, eu e minha mulher tínhamos brigado; depois que eu ouvi seu programa, procurei-a. Conversamos, nos perdoamos e estamos felizes, novamente juntos. Olhe, por favor, não abandone esses programas".

A lição não podia ser mais clara... Continuei o "Um olhar para a vida" por mais alguns anos...

— IRMÃ SERAFINA CINQUE

Em 2004, contudo, mesmo ficando mais tempo em Manaus, interrompi os programas por absoluta falta de tempo, e só os retomei porque o padre Martin James Lauman, diocesano, que assumira havia algum tempo a direção da Rio Mar, me chamou. Ele conhecera irmã Serafina Cinque, ASC, quando fora missionário no interior do Amazonas. Sabia que essa filha de italianos, nascida em Urucurituba, AM (Prelazia de Itacoatiara), tinha fama de santidade e que eu estava como vice-postuladora da causa de Beatificação dessa religiosa. Padre Martin me sugeriu recomeçar os programas e, dessa vez, para difundir a Causa de Beatificação desse "Anjo da Transamazônica", como a irmã é chamada. Aceitei a proposta, dando novo nome às crônicas:

"A caminho da santidade". É de salientar que essas crônicas estão nos livros que fazem parte do processo de Beatificação e Canonização de irmã Serafina, que está no Vaticano. A 27 de janeiro deste ano, o papa Francisco assinou o decreto que declara irmã Serafina como Venerável, e basta um milagre para que ela seja Beatificada.

- UM NOVO RADIALISTA

Em inícios de 2006 fui transferida para Belém. É que aí residém dois irmãos mais idosos do que eu, e com certa deficiência visual, precisando de mais assistência dos irmãos: monsenhor Geraldo e Maria de Belém Menezes, com larga folha de serviços à Arquidiocese de Belém, e sempre a par da caminhada da Igreja. Devido também a sermos filhos do poeta Bruno de Menezes, que também foi presidente da Academia Paraense de Letras, a família é sempre procurada para dar informes sobre a literatura paraense e a obra do nosso pai. Isso tudo fez com que a minha superiora naquele ano – irmã Rosa Telles – me permitisse continuar meu serviço religioso em Belém, em comunidade vizinha à casa paterna, e por tempo indeterminado, que tem sido renovado pelas superioras seguintes.

Consciente da importância do apostolado na Rádio Rio Mar, procurei um bom amigo, Max Carphentier, escritor e poeta de Manaus, membro da Academia Amazonense de Letras e, acima de tudo, católico convicto, o qual ficara algumas vezes em meu lugar nos programas da Rio Mar, e lhe pedi para continuar de forma duradoura, como responsável pelo "Um olhar para a Vida" – como o programa voltou a se chamar.

Max, com sua fidalguia e seu amor pela Palavra de Deus, que ele já demonstrou em vários livros seus, aceitou o desafio.

Surgiu, assim, um NOVO RADIALISTA na Comunicação de Manaus, e a escolha foi recebida com alegria pela direção da Rádio Rio Mar e rádio-ouvintes. A novidade é que Max conclui cada programa com uma oração, pedindo ao Senhor uma graça especial, relacionada com o assunto sobre o qual fez a sua crônica.

Aproveito esta ocasião para agradecer à Max o grande obséquio que ele me fez e, através de mim, a todos os que o escutam cada dia.

Não posso terminar este despretensioso trabalho sem me referir à celebração, a 1º de junho deste ano, do 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais, criado pela Igreja Católica, para impulsionar sempre mais o uso correto dos Meios de Comunicação Social. Este ano o papa Francisco escreveu a respeito do dia 1º de junho – domingo da Ascenção do Senhor – um belo documento intitulado: "Comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro".

Esse termo "Cultura do encontro" é a chave mestra do texto, e serve não apenas para os profissionais da Comunicação, mas para todas as pessoas de boa vontade, no mundo inteiro, pois do que mais precisamos, ao correr de nossas vidas, é proporcionar, entre nós, encontros de amizade e de ternura, que levem à reconciliação e a fazer grandes obras em favor da humanidade. Todos nós sabemos que isto é a luta de uma vida inteira.

Francisco, grande comunicador, e que – como sabemos – dispõe de um "twitter" que é um dos mais visitados no mundo, acrescenta que "a cultura do encontro" requer que estejamos dispostos não apenas a dar, mas a receber dos outros, e os mass-media podem ajudar-nos nisso, especialmente nos nossos dias, em que as redes da Comunicação humana atingiram progressos sem precedentes. E particularmente a internet pode oferecer maiores possibilidades de encontro e de solidariedade entre todos nós – e isso é uma coisa boa, é um dom de Deuts".

Concluo com um trecho de um poema que escrevi sobre o tema da Comunicação e que se encontra em meu livro Caminhos Missionários, publicado em Belém em 1993:

Ide e comunicai

- "Ide e ensinai", disse Jesus, e hoje ele diria: Ide e comunicai. Ide e comunicai-vos uns aos outros! Se Jean-Paul Sartre dizia: "O inferno são os outros", o comunicador cristão diz o contrário: O céu é o outro, o outro que o espera na imagem da televisão, na letra da revista e do jornal,
no som do rádio e na palavra.
E um simples botão vai operar o milagre da fusãoessa fusão da mente e coração
que é a verdadeira comunicação.
Ide e comunicai!
Ide e comunicai-vos uns aos outros!



Raia a madrugada e proclama-se a República¹

JEFFERSON PÉRES

Os poetas (...) enxergam com os olhos dos anjos. William Carlos Williams

Muitos jovens da minha geração foram leitores insaciáveis. Menos, talvez, por pendores naturais do que por fatores circunstanciais. Ainda não havíamos ingressado na era da televisão e do automóvel particular. Quando não tínhamos alguma opção de lazer, o jeito era buscar refúgio na leitura. Líamos de tudo, muitas vezes a qualquer hora e em qualquer lugar. Havia até os fanáticos, que nunca se separavam dos livros, conduzindo sempre algum, seguro pela mão ou debaixo do braço, para ser lido nas salas de espera dos cinemas, nas mesas dos bares ou nos bancos das praças.

Nunca dediquei à leitura menos de seis horas por dia. Quando nada tinha para ler em casa, marchava para a Biblioteca Pública, onde passei muitas tardes da minha juventude e de onde saía, às vezes, ao anoitecer. Foi um hábito que adquiri na infância, com os contos de fadas de Andersen e Perrault e com revistas como O Tico-Tico, na qual eu me deleitava com as aventuras de Reco-Reco, Bolão e Azeitona. Logo vieram os jornais e as revistas em quadrinhos de origem americana. Não perdia um número do Mirim, do Gibi, do Globo Juvenil e do Suplemento Juvenil. Lia com avidez as histórias daqueles heróis, que encantavam pela variedade de tipos, temas e ambientes, oferecidos para todos os gostos, desde trogloditas e dinossauros, com Brucutu, até foguetes espaciais, com Buck Rogers, passando por castelos medievais e cavaleiros andantes, como o Príncipe Valente. Podia escolher entre uma aventura nas selvas da Índia, com o Fantasma Voador, e outra nas areias do Saara, com Abdul, o Árabe, ou, ainda, uma terceira, nas ruas de Nova York, com o Tocha Humana; entre um herói

Texto retirado do livro
Evocação de Manaus:
como eu a vi ou sonhei .
Manaus: Valer, 2002.

224 caipira, como Lil Abner (por que terão aportuguesado seu nome para Ferdinando?) e um sofisticado detetive urbano, como Nick Holmes. E tantos outros, como Brick Bradford, Príncipe Submarino, Mandrake e o nunca esquecido Flash Gordon, que me atraía não somente pela história, como também pelo traço elegante do desenho de Alex Raymond. Junto com as histórias em quadrinhos, íamos devorando os livros de aventuras. Li quase todos os livros de Tarzan, e a Edgar Rice Burroughs devo alguns dos melhores instantes de encantamento que a leitura me proporcionou naquela fase. E mais ainda, talvez, a Karl May, o alemão autor de No Deserto e nas Selvas, Winnetou e tantas outras fascinantes histórias passadas nos mais diferentes lugares do mundo. Só muito mais tarde vim a saber, com grande surpresa, que esse novelista nunca saiu da Alemanha e escreveu muitas das suas obras na prisão. Escusado dizer que li quase tudo de Júlio Verne, e o Capitão Nemo, com o seu Nautilus, me deliciou desde muito cedo. O mesmo aconteceu com a obra de Alexandre Dumas, que me deu muitas alegrias com as proezas de D'Artagnan e seus companheiros, ao enfrentarem o poder do Cardeal, e de Edmond Dantés, ao se vingar dos seus diabólicos inimigos. Houve muitos mais, como Ivanhoé, de sir Walter Scott, A Ilha do Tesouro, de Robert Louis Stevenson, para não falar nos policiais, com personagens como Sherlock Holmes, Arsène Lupin, Perry Mason, Nero Wolf e tantos outros.

Depois, ainda na adolescência, vieram as obras mais sérias, preferentemente de ficção. Dos autores nacionais, antigos e modernos, escaparam poucos. Manuel Antônio de Almeida, que seria, provavelmente, o maior romancista brasileiro do século 19, se não tivesse morrido tão cedo, deixando apenas uma pequena obra-prima, *Memórias de um Sargento de Milícias*; José de Alencar, do qual li quase tudo; o meu querido Machado de Assis, principalmente o da segunda fase, cujo estilo sempre me encantou. E mais Aluísio de Azevedo e Raul Pompeia, sem contar os poemas, em particular Castro Alves, com sua poesia social que empolgava todos nós e cujos versos eram citações quase obrigatórias em nossos discursos. Dentre os contemporâneos, devorei quase todos do ciclo nordestino, com preferência por Jorge Amado e Graciliano Ramos. Li, com entusiasmo, romances como *Cacau*, *Jubiabá*, *Capitães da Areia* e *Terras do Sem Fim*, embora

me decepcionasse mais tarde com o caráter sectário de Os Subterrâneos da Liberdade. De Graciliano, li a obra toda, pois o velho Graça e Machado são as minhas paixões na literatura brasileira. Dos estrangeiros, sempre tive predileção pelos autores franceses e russos. Balzac, Flaubert, Stendhal, Maupassant e Victor Hugo logo se tornaram familiares a mim. Somente Proust vim a ler mais recentemente. Dos russos, também ficaram de fora muito poucos. Li Tolstói, Turguer niev, Gogol, Puchkin e, naturalmente, Dostolevski. Naquela fase da minha vida, os dois livros, de ficção e não ficção, que mais me impressionaram foram, respectivamente, Crime e Castigo e Recordações da Casa dos Mortos. Fascinante, como estudo psicológico, a história do intelectual que, friamente, sem motivo, decide matar a anciã, apenas para provar que poderia fazê-lo sem remorso. Concordo com-Franklin de Oliveira, para quem um dos mais belos momentos da literatura universal é aquele em que Raskolnikov se ajoelha ante a prostituta Sônia e beija-lhe os pés, em homenagem a toda a humanidade sofredora. Nenhum outro autor me causou tanto impacto, dentre tantos que li. E não exagero se disser que, ao atingir a idade adulta, tinha lido pelo menos um livro de cada um dos autores considerados clássicos. Faço a observação sem nenhum laivo de vaidade, mas apenas para demonstrar a massa de leitura absorvida por muitos jovens do meu tempo. Sim, porque eu não constituía, de forma alguma, exceção.

Não deve causar admiração, portanto, que tenham surgido, bem ou mal, tantas vocações literárias. E que proliferassem tanto as associações culturais. Porque foi um período realmente pródigo nesse tipo de grêmio. O mais antigo, que eu me lembre, foi o grupo Colmeia, do qual já falei, que deu origem ao PTB local. Constituído informalmente, incluía entre seus membros o historiador Mário Ypiranga Monteiro, o único do grupo, talvez, que não se deixou seduzir inteiramente pela política. Em seguida, nasceu a Sociedade Castro Alves, na qual se agregaram jovens que tinham em comum, além das veleidades intelectuais, a proximidade geográfica, pois quase

todos moravam nas ruas adjacentes à praça da Saudade. Recordo-me de três dos seus integrantes, Almino Affonso, Aloísio Nobre de Freitas e Paulo Monteiro de Lima. Este último foi, talvez, o maior talento poético daqueles anos. Infelizmente, boêmio e romântico, desperdiçou-o em grande parte e morreu muito jovem, sem editar um único livro. Popular, seus poemas de circunstâncias, satíricos, corriam de mão em mão e deliciavam a cidade. Mas também os poemas sérios que escreveu faziam muito sucesso. Aliás, a poesia gozava de popularidade. Quando Rogaciano Leite, poeta cearense, esteve em Manaus, deu um recital no Teatro Amazonas, com casa cheia, e foi aplaudido como um astro de canção popular. Até os comerciais eram versificados, com as emissoras de rádio lançando ao ar, a todo instante, o jingle: Melhoral, Melhoral, é melhor e não faz mal. Ou então: Pílulas de vida do Dr. Ross, fazem bem ao fígado de todos nós.

Nessa época apareceu também o Grêmio Álvares de Azevedo, fundado por Moacyr Vilela, Platão Araújo, Aluísio Sampaio, José Cidade e Roberto Jansen, e no qual ingressei mais tarde. Funcionava no prédio da Escola de Serviço Social, cedido por André Araújo. Ao ser admitido no grêmio, o novel associado era obrigado a ler um trabalho inédito de sua autoria. Uma passagem cômica teve como personagem Danilo Silva (Du Silvan), admitido no Grêmio por proposta minha. Por disposição estatutária, todo novo sócio estava obrigadoa pronunciar um discurso escritó na sessão de posse. Mas Danilo, para exibir seus dotes de orador, pediu e obteve permissão para falar de improviso. Seu discurso foi bombástico, cheio de imagens grandiloquentes, marcado por gestos teatrais e pronunciado com voz embargada. Súbito, a catadupa estancou. Durante um longo e interminável minuto, ante o desconforto dos presentes, o orador, emudecido, passeava os olhos inquietos, de um lado para o outro, em busca da palavra salvadora. Até que, constrangido, numa confissão pública, admitiu que havia decorado o discurso e fora traído pela memória. A sessão solene terminou em gargalhadas.

Um dia, uma briga interna no Álvares de Azevedo criou um grupo dissidente, formado por Alencar e Silva, José Cidade e Roberto Jansen, que saíram para fundar a Sociedade Amazonense de Estudos Literários – Sael. Suas reuniões eram feitas numa sala do Instituto de Educação do Amazonas, e entre seus membros se incluía Astrid Cabral, que mais tarde se projetaria como contista, no sul do país. Sael e Álvares de Azevedo mantinham forte rivalidade e desenvolviam intensa atividade, por meio de promoções culturais a divulgação de trabalhos nos jornais locais. A desavença culminou com um charivari no Yara Bar, um botequim situado na rua Marquês de Santa Cruz, entre a Alfândega e o Trapiche Teixeira, frequentado pelos trabalhadores do porto. Uma noite, os membros do Grêmio, já divididos em dois grupos, se desentenderam de vez e partiram para o desforço físico, numa pancadaria que terminou quando Moacyr Villela puxou o revólver e deu um tiro para o alto. Ninguém saiu ferido, a não ser o próprio Álvares de Azevedo que, cindido ao meio, nunca mais voltou a ser o que fora, a dividir com a Sael o prestígio da entidade jovem mais atuante daquele tempo. Ao seu lado, com atuação mais discreta, havia ainda o Grêmio Gonçalves Dias, integrado por Francisco Queiroz, Danilo Silva e Othon Mendes, que se reunia na residência do último, na avenida Joaquim Nabuco.

Pouco a pouco esses grêmios se tornaram démodés e desapareceram. Foram úteis, na medida em que despertavam ou robusteciam o interesse de muitos jovens por assuntos culturais. Mas nada acrescentaram em termos de renovação. Na verdade, eram miniacademias, que reproduziam a Academia de Letras na forma e no espírito, e se diferenciavam muito pouco do modelo em que se haviam inspirado.

* * *

No final dos anos 40 um grupo de adolescente começou a se reunir no porão da residência de Anísio Mello, na rua Dr. Moreira. Tinham entre si uma grande afinidade: eram todos poetas. Chamavam-se Carlos Farias de Carvalho, Jorge Tufic, Alencar e Silva, Luiz Bacellar, Antísthenes Pinto e Guimarães de Paula. Ainda seguiam as escolas romântica, parnasiana e simbolista, e eram cultores de Castro Alves, Bilac e Cruz e Sousa. Em 1951 o grupo se separou, quando Farias, Alencar, Tufic e Antísthenes empreenderam uma viagem ao sul, a fim de entrar em contato com os meios culturais do Rio de Janeiro e de São Paulo. Na Pauliceia conheceram casualmente Ramayana de

Chevalier, então assessor de Adalberto Valle, presidente da Prudência Capitalização, uma poderosa empresa do ramo de seguros. Graças a Ramayana, conseguiram o apoio financeiro de Adalberto e estenderam a viagem até Porto Alegre, de onde retornaram a Manaus. A viagem entusiasmou-os tanto que dois anos depois faziam outra com destino ao eixo Rio-São Paulo.

Na segunda foram Alencar, Tufic e Guimarães, que já encontraram Antísthenes no Rio. Outra vez de volta a Manaus, chegaram definitivamente rompidos com os cânones acadêmicos e dispostos a empreender em nossa terra um movimento de renovação cultural. Faltava-lhes, porém, o instrumento adequado a ser utilizado na execução do projeto, pois eles continuavam a se reunir em bares e porões, para discussões muito proveitosas para eles mesmos, mas sem nenhuma repercussão no meio.

Em 1954, um outro grupo de jovens, com preocupações principalmente políticas, decidiu certa noite, num banco da praça da Polícia, fundar uma associação de estudos políticos, sociais e literários. Tomaram parte na reunião Saul Benchimol, Francisco Batista, Theodoro Botinelly, José Trindade, Luiz Bacellar, Farias de Carvalho, Fernando Collyer e João Bosco Araújo.

Por sugestão de Saul, a agremiação adotou o nome de Clube da Madrugada, tanto pelos hábitos notívagos dos seus fundadores como pelo caráter simbólico da palavra, a prenunciar um novo dia no panorama cultural da terra. E, a partir daí, passaram a se reunir todos os sábados, sempre no mesmo lugar. Logo, porém, tiveram ingresso os outros poetas da rua Dr. Moreira, Alencar, Tufic, Guimarães e, um pouco mais tarde, Antísthenes, Luiz Ruas, Elson Farias e Ernesto Penafort, enquanto alguns dos sócios fundadores iam-se afastando gradativamente. O Clube perdeu seu caráter eclético, sugerido na proposta original, para se tornar mais homogêneo, adquirindo uma feição nitidamente artístico-literária. Foi esse grupo de poetas que lhe imprimiu a marca e lhe traçou o rumo. Não só poetas, mas também ficcionistas e ensaístas, muitos deles, aos quais se juntaram outros, como Ernesto Pinho Filho, Arthur Engrácio, Francisco Vasconcellos e Aluísio Sampaio, além de artistas plásticos, como Moacyr Andrade e Afrânio Castro, e musicistas, como Nivaldo Santiago e Pedro Amorim. Estava deflagrado o movimento que iria provocar importantes transformações na literatura e na arte em nosso Estado. O sopro vivificador, ao subverter os valores estéticos, renovou profundamente em termos de linguagem, temática e estilo. Essa renovação continuou, por três décadas, até meados dos anos oitenta, apenas sem o ímpeto e a iconoclastia da fase inicial. Talvez o segredo do Clube seja explicado pela sistemática recusa que seus membros sempre opuseram às tentativas de transformá-lo numa entidade convencional. Nunca foi possível confiná-lo entre as paredes de uma sede ou aprisioná-lo na camisa de força de um estatuto.

Quem sabe por isso, não se burocratizou nem estagnou, continuando a fluir com suas águas oxigenadas, livremente, como um rio. Alegro-me de haver tomado parte nesse movimento, desde o início, praticamente, pois nele ingressei dois anos depois de sua fundação. Durante algum tempo exerci militância firme, enquanto alimentei pretensões literárias. Ocorre que essas ambições se exauriram com os sonetos da juventude. Quando adquiri autocrítica suficiente para reconhecer que meus poemas eram definitivamente medíocres, decidi parar, livrando a arte poética de novos ultrajes. E, aos poucos, fui deixando de frequentar o Clube. Mas nunca formalizei meu desligamento. Nem poderia fazê-lo. Identificado com suas origens, ligado afetivamente à maioria dos seus membros, sinto-me preso ao Clube por amarras que nem o tempo nem o distanciamento físico poderão jamais dissolver.

Em 1950 tinham início uma nova década e, também, a construção de um barzinho, sem nada de especial, mas que iria marcá-la profundamente. O local era um canteiro triangular, em frente ao Guarany, onde havia um antigo chafariz desativado e dois postes de sustentação da tela na qual se projetavam filmes ao ar livre. Ao se erguerem os tapumes, correu o boato de que seria construído um posto de gasolina. A novidade não agradou os ginasianos, que ensaiaram um movimento de protesto e ameaçaram depredar a construção. Pressionado, o então prefeito Chaves Ribeiro aconselhou o proprietário

a acelerar as obras, a fim de criar o fato consumado. Diante disso, foi abandonado o projeto original, de forma circular, por outro mais feio, retangular, que pode ser construído em tempo recorde. O êxito do bar foi imediato e se deveu a uma conjugação de fatores. Em primeiro lugar, sua localização, nas vizinhanças de dois cinemas, três colégios, um quartel, e mais, da então concorridíssima praça da Polícia; segundo, a excelência do seu café, talvez o melhor da cidade; e, finalmente, a simpatia do proprietário, o português José de Brito Pina, extrovertido e conversador, que em pouco tempo chamava cada um dos frequentadores pelo nome. Batizado oficialmente de Pavilhão S. Jorge, o barzinho era conhecido popularmente por Café do Pina e, mais tarde, República Livre do Pina, por constituir um microcosmo onde se reunia o que havia de mais representativo na cidade, para discutir livremente a respeito de tudo. Eram intelectuais, políticos, jornalistas, boêmios e estudantes que faziam dali o seu ponto de encontro diário. Muitos, como eu, compareciam duas vezes, ao fim da tarde e a noite. Mas havia quem desses três expedientes, como Sebastião Norões. O Pina era a nossa cachaça ou entorpecente. Se não tomássemos a dose diária, ficávamos inquietos e com uma sensação de vazio. Era lá que nos supríamos de informações, pois a toda hora estava chegando alguém com as últimas. As rodas se formavam em função dos assuntos predominantes. Havia a dos intelectuais, que conversavam principalmente sobre literatura e arte; a dos interessados em política, que a discutiam em nível local, nacional e internacional; a dos desportistas, cuja conversa se limitava praticamente a futebol; e a dos versáteis, que falavam a respeito de tudo. Mas nenhuma era estanque. Todos se conheciam e as pessoas ficavam circulando de um grupo a outro. Além dos habitués, que eram dezenas, muitos outros costumavam passar por lá de vez em quando. Se alguém desejava saber o que estava ocorrendo na cidade, no Brasil e no mundo, bastava dar um pulo até a República, para ficar perfeitamente atualizado. Curioso é que esse encontro diário de tantas pessoas, com pontos de vista diferentes e até antagônicos, gerasse discussões calorosas, mas sem nenhuma animosidade. Esse clima cordial e ameno jamais foi quebrado.

Mas houve um incidente entre dois poetas que merece ser con- 231 tado. Um dos "habitués" do Pina se chamava Alberto Amorim, ou melhor, Alberto Urubatão Israel Barbosa de Amorim, mais conhecido por "Boi Morto", um apelido de origem desconhecida, talvez ignorada pelo próprio Alberto. Era uma figura estimadíssima, de permanente bom humor, que não se abalava nem quando lhe chamavam o apelido nem quando gozavam o seu discutível talento poético, manifestado na forma de superados sonetos parnasianos estampados na imprensa local. Sem emprego fixo, militou na imprensa como repórter em quase todos os jornais da cidade. Vivia "liso", a filar cigarros e cafezinhos dos amigos. Sua principal vítima era Moacyr Villela, amigo inseparável que o socorria nos momentos de maior aperto. Fisicamente, chamava logo a atenção. Estrábico, com óculos de grossas lentes, barrigudo, pé de papagaio, andar desengonçado, tornava-se ainda mais cômico quando soltava risadas sacudindo o corpo todo e pondo à mostra a dentadura bastante desfalcada. Nem por isso perdia a mania de galã. Vivia assediando as mulheres bonitas da cidade, solteiras, casadas e viúvas, por intermédio de longas conversas telefônicas. As vezes, as mulheres cediam às cantadas e marcavam encontros que terminavam sempre de maneira frustrante, quando elas, ao verem a figura pela primeira vez, mal disfarçavam a decepção e nunca mais voltavam a procurá-lo. Mas ele não se dava por achado e insistia em alardear para os amigos histórias de conquistas imaginárias que ninguém levava a sério. Incapaz de atos violentos, algumas vezes, no entanto, se atritou com pessoas atingidas por sua língua solta e seus gestos irrefletidos. O mais rumoroso desses incidentes envolveu o poeta Luiz Bacellar. Este obtivera, pouco antes, o primeiro lugar num concurso nacional de poesia promovido pela revista A Cigarra, com o "Soneto a Charles Chaplin", uma pequena obra-prima digna de figurar em qualquer antologia. Boi Morto, então, comentou numa roda que Bacellar teria cometido plágio, sem revelar quem teria sido o poeta plagiado. Nem poderia, porque a acusação era injusta e descabida. Quando Bacellar soube, ficou uma fera, como era natural. Mas, impossibilitado de aplicar um corretivo no outro, dada a desproporção física entre ambos, partiu para outro tipo de vingança. No dia seguinte publi232 cou em O Jornal um soneto intitulado "Boi Morto" que iniciava com o seguinte quarteto:

> É morto o boi, o mais cornudo boi De toda a vacaria, e tal mau cheiro Se evola da carcaça que o terreiro Se empesta tanto que o fedor já dói.

Grande foi a repercussão do poema, mas o alvo nesse dia não foi encontrado, para as chacotas inevitáveis. Enfurnado em casa, de lá mesmo telefonou para Bacellar marcando um encontro na praça da Polícia à meia-noite. Temeroso, mas cheio de brio, o poeta, que sempre foi um notívago inveterado, aceitou o convite e, à hora combinada, plantou-se no local, à espera do antagonista. Logo depois apareceu Alberto, que foi direto ao assunto. Com um recorte de jornal na mão, dirigiu-se a Bacellar, dizendo: "Está aqui o seu poema. Agora você vai engolir". Ao que o poeta replicou: "Não engulo coisa nenhuma". Ante a negativa, Alberto sacou de um revólver e apontou-o para o rosto de Bacellar, a um palmo de distância, gritando: "Você vai engolir, sim!". O confronto era desigual, pois o poeta, além de desarmado, tinha compleição franzina e nunca se envolvera numa luta física em toda a sua vida. Mas aconteceu o inesperado. Sob o impulso do medo, num reflexo de que ninguém o julgaria capaz, Bacellar, num gesto felino, arrebatou a arma da mão do adversário e atirou-a ao tanque próximo. A seguir, preparou-se para enfrentar a arremetida do outro. Mas, para sua grande surpresa, Alberto, em vez de reagir com fúria, levou as mãos à cabeça e exclamou: "Não faça isso, que o revólver é emprestado!". A seguir, pulou para dentro do tanque, onde ficou à procura da arma, em plena madrugada, com água pelos joelhos. Não voltaram a sé hostilizar, mas também nunca mais se falaram. Alberto morreu, muitos anos depois, em Curitiba, certamente sem guardar, em seu espírito generoso, rancor algum de Bacellar.

Impossível enumerar todos os seus frequentadores, sem o risco de graves omissões. Mas, para homenagear a todos num só, devo ressaltar a figura do poeta Sebastião Norões. Começou a frequentá-lo desde a sua inauguração e assim continuou durante cerca de vinte 233 anos, ate morrer. E foi lá praticamente que se despediu da vida. Promotor público e professor, morou sempre bem próximo ao Pina. Primeiro, na casa de sua mãe, na avenida 7 de Setembro. Depois, num pequeno apartamento, na rua Rui Barbosa. Celibatário, sua vida era uma rotina diária entre o Tribunal de Justiça, o Ginásio, o Pina e o Guarany.

Saía de um e entrava no outro, com paradas mais frequentes na República, para o bate-papo e o cafezinho, que consumia às dezenas, fumante inveterado que era. Sempre muito tranquilo, avesso a discussões, andava de roda em roda, mais ouvindo do que falando. Como já disse, de manhã, de tarde e de noite.

Certo dia, ele tomava o seu habitual cafezinho, no balcão, quando se sentiu mal. Socorrido, foi levado de carro para o pronto-socorro, onde morreu horas depois. Por uma coincidência feliz, as últimas imagens deste mundo que gravou na retina foram exatamente os três pedaços de chão que mais amou: o Pina, o Ginásio e o Guarany. O destino poupou a Norões o desgosto de assistir a decadência e ao melancólico fim da República. Anos mais tarde, sacrificado ao Moloch do trânsito, o Pavilhão São Jorge foi demolido. Algum tempo depois foi reconstruído. Mas quando isso aconteceu, já vivia das glórias passadas, com esmaecidos lampejos do brilho de outrora.

A República Livre do Pina desapareceu e o Clube da Madrugada, com a dispersão da velha-guarda, se modificou. Mas para mim ambos permanecem intactos, como símbolos do esforço de todos aqueles que persistem na busca onírica de um ideal de justiça e beleza, a ser perseguido sempre, como única maneira de se emprestar sentido a trajetória humana sobre a Terra.

Os santos papas da modernidade

CARMEN NOVOA

i — joão xxiii "o papa bom"

João XXIII, nascido Giuseppe Angelo Roncalli, começou seu pontificado no início da segunda metade do século 20 mais precisamente em 1958. O contexto da época era da comunicação de massas a sofrer grandes transformações com o advento da televisão e muitas mudanças sociais como a guerra fria entre a Rússia e EUA.

Em pouco tempo como pontífice (morreu em 1962) deixou um grande feito, e um legado inolvidável: a convocação para o Concílio Ecumênico Vaticano II. Principiou com a determinação de ser um "concílio pastoral, para abrir as janelas da Igreja para o mundo, e nunca erguer barricadas ao seu redor", costumava dizer. Por isso foi o "acontecimento cristão mais revolucionário desde a Reforma". No Concílio Ecumênico estavam presentes delegações oficiais dos coptas do Egito, ortodoxos, anglicanos, luteranos, calvinistas congregacionistas...

TRAJETÓRIA DE UM SONHO

É inconteste afirmar ter sido o papa revolucionário da Igreja Contemporânea. A começar por suas atitudes que deixavam seus seguranças em desespero: saía repentinamente da residência papal, visitando paróquias, hospitais, creches, presídios e zonas de calamidades e de necessidades. Tornou-se queridíssimo devido esse ímpeto generoso e essencialmente de pastor que cuida do rebanho...

Esses atos nenhum outro pontífice havia feito.

A trajetória de seu sonho era: A PAZ ENTRE AS IGREJAS. Por isso convocou o Concílio Ecumênico há cinquenta e dois anos. Congregou 2.540 bispos de todo o mundo. Para o sínodo, a palavra-chave

era "aggiornamento", ou seja, atualização da liturgia e da Igreja à realidade do povo de Deus (clérigos e leigos) e nortear-se pela unidade. Para que não existissem radicalismos entre as religiões. Ou entre ateus e agnósticos. Unir os pensamentos mesmo que seja tão somente a performance humanista.

João XXIII, a partir de hoje, dia 27 de abril é São João XXIII. Tinha o espírito e raciocínio abertos aos outros. Dizia: "Em qualquer lugar do mundo em que eu me encontrar, se alguém passar diante de minha casa à noite, em condições angustiosas, encontrará em minha janela uma luz acesa. Bate, bate! Não te perguntarei se és católico ou não. Bate, entra! Dois braços fraternos te acolherão e um coração quente e amigo te fará festa". Escreveu uma obra de 38 volumes de notas intituladas "Diário de um alma" (um diálogo com Deus).

— A ENCÍCLICA-MANCHETE

A "mater et magistra" (Mãe e Mestra) 1961 (sua encíclica de repercussão mundial) foi uma encíclica sem precedentes. Manchete de primeira página em todo o mundo, inclusive na Rússia (União Soviética). A igreja impunha questões sociais à luz da doutrina cristã e dava ênfase aos direitos dos trabalhadores, às associações, à democracia e outras formas de governo participativo como mecanismo para a preservação da dignidade humana.

João XXIII, tinha postura interclesial (interação entre religiões cristãs) e inter-religiosa (interagindo com outras religiões). Sua segunda encíclica "PACEM IN TERRIS" (Paz na terra) é foi tida como um documental de ética internacional e dos direitos humanos (políticos, religiosos, trabalhistas, de raças e ênfase nos valores morais, culturais, sociais e espirituais... E também de Deveres, no sentido de responsabilidade. A ideia do documento não era novidade. Mas o ineditismo é que viesse de um papa!

- O RAIO DE ESPERANÇA

A história narra que John Kennedy, presidente dos EUA, e o primeiro--ministro soviético Nikita Kruschev trocaram palavras duras em 1961, durante o incidente dos mísseis em Cuba. Todos pensaram na eclosão da 3º Guerra. Mas João XXIII, o "papa bom", entrou com sua ternura pessoal. Pronunciou um discurso para os dois chefes das nações causando um recuo soviético em Cuba. O impacto foi tanto que Kruschev disse ao jornal russo *Pravda*: "Não tenho o julgamento de Deus, pois sou ateu, mas acolho o apelo de João XXIII. Ele presta uma homenagem à razão. Como único raio de esperança...".

— MANAUS À ÉPOCA (1958-1962)

Com a economia arrasada há décadas, Manaus sofria de isolamento geográfico. Quase de penúria econômica. Os que não debandaram, foram heróis com a força e união e criatividade. Fiéis ao seu chão, éramos iluminados. Mesmo sem energia elétrica. As comunicações chegavam com atraso. Mas contentávamo-nos com essas gotas d'água. Manaus era o "país de nossa infância". Éramos éticos e não sabíamos! O papa João XXIII também tinha uma frase lapidar em similitude com o do nosso "modus vivendi" nos idos anos cinquenta e sessenta:

"Éramos pobres, em nossa aldeia. Mas felizes. É nunca tivemos a consciência de estar necessitando de alguma coisa. A nossa pobreza era digna e satisfeita".

Somente em 1967 iniciou-se a redenção econômica (?) de Manaus...

II

— JOÃO PAULO II – "ATLETA DE DEUS"

Hoje, 27 de abril, foi o dia escolhido para a canonização do papa João Paulo II. Cerimônia solene que faz adentrar na hagiografia eclesial mais um venerável dos altares pelo seu testemunho e exemplo de vida pautado no Evangelho de Cristo. Não bastasse isso foram necessários milagres efetivados por sua intercessão junto a Deus. Esse milagre foi a cura, não explicada pela ciência, da doença de Parkinson da irmã Marie Simon Pierre Normand, freira francesa do Instituto das Pequenas Irmãs das Maternidades Católicas e de uma sul-americana acometida de aneurisma letal e inexplicavelmente curada.

Nada mais acertado: 27 de abril para a sua santificação. Esse é o 237 dia consagrado a Jesus da Divina Misericórdia, dia instaurado pelo próprio João Paulo 11 sempre no domingo após a Páscoa.

Seu pontificado foi profundamente marcado pela espiritualidade da Divina Misericórdia, por isso a escolha da data. Em 2000 ele instituiu o domingo após a Páscoa como o Domingo da Misericórdia e consagrou o Santuário da Divina Misericórdia em Lagiewniki (Polônia) onde viveu Santa Faustina, a quem canonizou.

Nada mais certo do que a proximidade do mês Mariano para canonização, posto que é tradicionalmente maio o mês dedicado à Virgem de quem era devotíssimo. Cito aqui um fato curioso: João Paulo fez incluir em seu brasão papal um grande M, inicial do nome de Maria com a legenda latina de Totus tuus (Totalmente teu). Os entendidos em heráldica eclesiástica ficaram admirados com a novidade, alguns até escandalizados pois Maria só era representada nos brasões por uma estrela. Riu-se o papa, declarando que preferia o grande M embora com a repulsa dos mestres em heráldica.

O fato é que a santificação é um acontecimento histórico sem precedentes. Nos últimos dez séculos nenhum papa elevou às honras dos altares alguém em tão pouco tempo (2005). No centro de toda essa solenidade para a qual acorrem milhares de fiéis cristãos católicos de todo o mundo, em especial os polonoses do país natal do venerável santo (Polônia), está exclusivamente a "exemplaridade de vida de quem com expressão escriturística é definido ao serviço de Deus".

Karol Wojtyla foi um autêntico servidor de Deus, testemunha apaixonada de Cristo desde a juventude até o último respiro. Chamado Peregrino do Amor por suas viagens evangelizadoras. Visitou mais de 250 países. Era chamado por isso, por suas viagens incansáveis, pelos brasileiros, de o "Papa-Léguas" (em correlação à história infantil). Com tal testamento espiritual escrito em várias etapas dos anos como pontífice; por isso ainda sendo velado o seu corpo em 2005 gritavam jovens (das Jornadas Mundiais da Juventude) na praça de S. Pedro: santo subito! (Santo já!). João Paulo foi o promotor desas vitoriosas jornadas a reunir milhões de jovens de 3 em 3 anos.

O siginificado de canonização é a santificação de uma pessoa que em vida era possuidora de excepcionais virtudes cristãs e que concedeu milagres. Assim sendo, foi elevado à veneração dos altares para ser honrado condignamente pelos fiéis católicos. A canonização consiste numa cerimônia solene na qual o papa Francisco, neste 27 de abril, inscreve no cânon da Igreja mais dois santos que se agregarão a lista de santos da Igreja Católica.

- JOÃO DE DEUS

Chamado pelo povo brasileiro de João de Deus, em alusão à canção entoada por todos à época: "A Benção João de Deus/ nosso povo te abraça/ tu vens em missão de paz/ Sê bem-vindo e abençoa este povo que te ama... A bênção João de Deus...". Este ficou sendo o hino brasileiro sobre o pontífice pois eu mesma no Vaticano em 1996, na audiência papal das quartas-feiras aos visitantes do mundo, quando um grupo entoou vibrante esse estribilho era composto de brasileiros com suas bandeiras verde-amarelas como que dizendo à memória auditiva do papa: Estamos presentes!

- O PAPA EM MANAUS

Corria o mês de maio de 1980 e espalhou-se a notícia que o novo papa eleito em 1978 não mais viria a Manaus quando de sua visita ao Brasil. Visitaria de Porto Alegre a Belém. Manaus excluída. Então dois timoneiros tomaram à frente a jornada de trazer o papa: Foram o governador do Estado à época José Lindoso, católico fervoroso e intelectual da Academia Amazonense de Letras, e o arcebispo D. Milton Correia Pereira. Sabiam que a decisão não era do papa e sim de sua equipe. Por isso a ideia de ir a Roma pessoalmente. E lá se foi D. Milton com a carta-pedido do governador em nome dos amazonenses. E o papa veio. Por isso fez-se feriado no dia que aqui esteve. E um sol belíssimo. E o céu de um tal azul que os poetas definiriam como genesíaco.

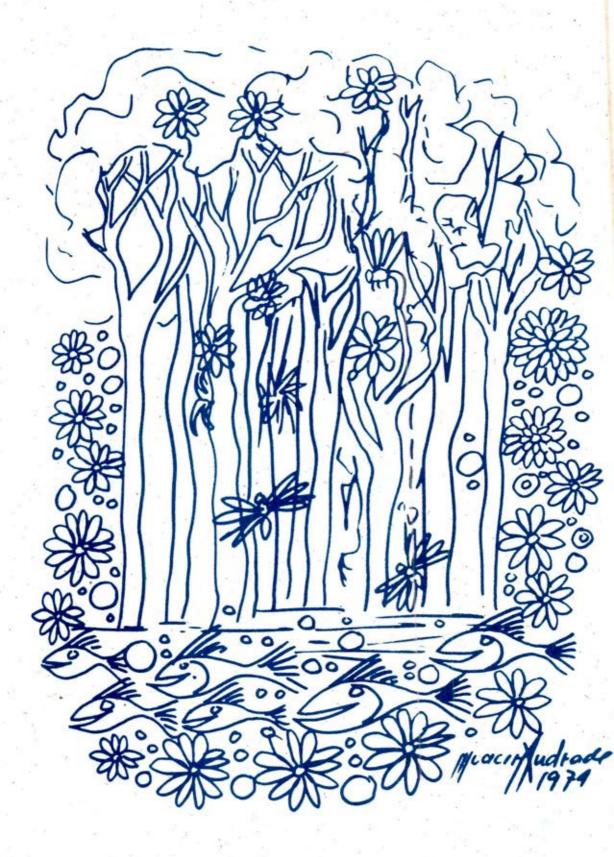
Jair Jacmont, nosso artista plástico de renome foi quem conce- 239 beu todo o altar da missa campal na Bola da Suframa em forma de cruz e lagos artificiais com as vitórias-regias dando sua ordem de beleza ímpar.

O papa celebrou missa solene na catedral de Manaus (N. Senhora de Conceição) inclusive sendo feito para si uma artística cadeira papal (está na igreja-matriz) de um tronco de madeira especial e "design" de linhas rústicas.

Depois reuniu-se com grupo de indígenas na sede da Arquidiocese de Manaus, recebendo das lideranças indígenas cocar expressivo como carinho externado ao sumopontífice. Este ouviu seus clamores de justiça social e exortou os homens da terra aos anseios de paz.

Finalmente o adeus do papa ao Brasil foi em Manaus. E foi na procissão fluvial de São Pedro. Centenas de embarcações de todos os tipos sulcaram águas escuras do rio Negro até o encontro com o rio Solimões, de águas barrentas. Numa corveta da Marinha cumpria sua última etapa de terras brasileiras, realizando um sonho particular: o de conhecer uma das mais fascinantes regiões do mundo.

Dirigiu a procissão de São Pedro. Mas era aqui, em Manaus, que o Brasil inteiro se despedia do papa e lhe pedia a bênção para sempre. E ele disse: Até breve! Até logo!! Para Manaus, 1980 é um ano para não se esquecer jamais.



— Cardume

ALMIR DINIZ

De repente, um frêmito incomum agita a quietude lisa e plana do lago. Como se o vento, na sua grandeza infinita soprasse, ao mesmo tempo, na toda extensão da superfície lacustre, arrepiando sua pele macia de semi-deus em repouso; como se o orvalho deusificado, pleno e geral, num instante fluísse dos poros do espaço e de lá se despencasse, num lance de rara beleza, para fecundar a própria natureza aberta aos desígnios da concepção.

Num dado momento nova euforia generalizada domina as grandes manadas sub-aquáticas e uma como que força telúrica, extraordinária e viríl, magnífica e possessiva, oriunda do solo alagado, borbulhando o seu poder criativo e, da própria água que, acarinhada pelo calor do sol, fornece os elementos indispensáveis à eclosão do cio coletivo que influirá, por diante e decididamente, nas ações da peixarada indócil.

Então, num ponto qualquer do lago um peixe mais sensível vem à tona e, de forma especial, despeja na superfície algum líquido misterioso que, se espargindo, alcançará outros de igual sensibilidade deflagrando, em seguida, um processo, só imaginado, que contaminará de furor reprodutivo a quantos estiverem aptos ao acasalamento e a reprodução. Logo, nos diversos pontos da grande lâmina líquida: no rendado de murerus e lavínias, na esteira de membeca e matupá, junto aos fornos de vitória-régia, nas abertas do intricado capinzal aquático, nas enseadas, no lavrado, observar-se-á ligeira agitação que, a pouco e pouco aumentará, evoluindo para a formação de discretos anéis, círculos concêntricos, idênticos aos formados por pingos esparsos de chuva grossa.

Aqui e ali o indumento do caudal freme, agita-se, encrespa-se e um suave ondear começa a adquirir jeitos de ângulos águdos múltiplos. E um dia, empurrados pela mágica da preservação da espécie, as lideranças, partindo de vários pontos, dirigem-se ao furo ou ao canal que liga o lago ao rio e que a enchente cuidou de prover de água necessária à passagem dos inúmeros grupos reunidos. É tal a quantidade de peixes querendo, ao mesmo tempo atingir o rio, de salto em salto, na tentativa de vencer a corrente furiosa e mais obstáculos que se lhe apresentam, que inúmeros deles irão cair às margens do furo onde, muitos, encontrarão morte certa.

Se, pescadores que observam, há dias, os preparativos de formação do extraordinário ajuntamento de peixes não o dizimar, na saída do canal, com mortais arrastões, a multidão sub-aquática, chegada ao rio, enfrentando a corrente dos grandes cursos, principalmente os de água branca ou barrenta, vão saltando, brincando, mergulhando fundo e voltando à tona numa alegria contagiante, que a festança é de todos. E, à medida que os ovos amadurecem, vão sendo deixados pelas enseadas, no raizame das gramíneas, nas tronqueiras submersas, nas franjas do grande tálamo da natureza, na imensa maternidade estendida nos beiradões.

A multidão de peixes, a pouco, perseguida por seus predadores naturais como os vorazes peixes lisos, o boto e o homem, vai perdendo milhares de componentes a cada encontro com o elemento destruidor. E chegará um momento em que, desestruturado, perderá o direito de ostentar o belíssimo título – cardume.

Quintino Cunha e seu amor frustrado

FRANCISCO VASCONCELOS

— MARIA, A MUSA, LOCALIZADA EM MANAUS. ALGUNS
POEMAS INÉDITOS DO GRANDE POETA. A HISTÓRIA
DE UMA ROSA – UMA HISTÓRIA DE AMOR.

Quem quer que passe pelo Igarapé de Manaus, bem próximo à primeira ponte, jamais pode imaginar que ali viveu alguém cujos encantos, outrora, foram causa de inspiração a um dos maiores vultos de nossa poesia. Esse alguém era Dona Maria do Carmo, ou simplesmente "Maria", e o poeta, ninguém menos que Quíntino Cunha, venturoso autor do poema "Encontro das Águas".

Não ousamos dizer tenha sido Dona Maria a musa que inspirou o famoso poema. É que outra Maria marcara a vida do poeta: sua esposa. E porque nosso propósito é revelar a verdade, com base tão somente no material que logramos encontrar, bem assim nas informações obtidas de nossa entrevistada, usaremos neste trabalho apenas o material poético relacionado com o que admitimos tenha sido a segunda Maria da vida de Quintino, a menina de treze anos que um dia o poeta encontrou na cidade de Codajás, há anos, muitos anos.

Para nós foi um feliz achado. Que poderia ser melhor e mais importante do que uma oportunidade como essa, em que frente a frente nos encontrávamos com a musa de um poeta, cuja vida, um misto de lenda e realidade, assoma-se hoje como símbolo de uma época de sonhos e saudades? Que melhor do que ouvir da própria musa a história de um amor que foi cantado em versos, de um amor causa de angústia, porque, finalmente, insatisfeito?

Bem, vamos à história. Alguns poemas que nos pareceram inéditos vão contá-la, e nosso trabalho outro não foi do que transcrevê-los, levando a nossos leitores uma história diferente, vivida há bem mais de meio século, mas eterna, porque filha da alma de um poeta. Era nosso propósito narrá-la cóm mais objetividade, trazendo fatos concretos, deles invocando testemunhas, ilustrando, inclusive, com o retrato de Dona Maria do Carmo a presente reportagem. Não o fizemos, porém, atendendo à solicitação de nossa entrevistada. Por isso, usamos apenas o material deixado pelo poeta – seus poemas. Neles, sem dúvida, a verdadeira história.

Acompanhada de sua irmã mais velha, que a ajudava na recomposição do passado, Dona Maria do Carmo entregou-nos uma folha de papel almaço. Nela, palavras quase ilegíveis atestavam sua idade. À margem, a seguinte anotação: Copiado por Maria do Carmo (...), a qual solicita e quer merecer a oferta dos livros do grande poeta Quintino Cunha. Penhoradíssima, agradece. Manaus, 10 de Março de 1924. É que o poeta regressara ao Ceará, e querendo publicar seu livro Pelo Solimões, pedira-lhe que lhe remetesse cópia dos poemas que lhe dedicara. Dona Mária, entretanto, não chegou a remeter, e os poemas vieram às nossas mãos. Por isso, acreditamos serem inéditos. "E os originais?" – haverão de perguntar os leitores. Nós também fizemos essa pergunta e Dona Maria respondeu-nos:

- Já faz muito tempo! Não sei mais por onde andam. Acho que os dei ao Dr. Virgílio de Barros³ que um dia me procurou dizendo que ia publicá-los.

Grande, naquele momento, era nossa expectativa e inquietação. Queríamos, com visível avidez, entrar no assunto. Preparamos algumas perguntas, mas a sensação de ter em mãos os velhos manuscritos absorvia-nos no afã de lê-los, fazendo, á nosso modo, uma interpretação precipitada dos fatos. Nossa missão ali, porém, era ouvila. Assim, ouvindo a história de cada poema, podemos dizer que tudo começou quando as notas dolentes de uma flauta, mourejando nuns lábios de cetim encheram de encanto o coração do poeta. Maria, ainda menina-moça, na pequenina cidade amazonense de Codajás, modulava uma valsa: "Vozes d'Alma". Quintino Cunha, ouvindo-a, quis conhecê-la. Mostraram-na. A moça, tímida, parou de tocar, negando terem saído de seus lábios aquelas notas impressionadoras. O poeta

insistiu para que repetisse a valsa e Maria, pela vez primeira, contrariou o vate. Essa, a primeira história e, dela, o registro em versos:

Brandas, leves, sutis, profundas, suaves, foram tuas palavras negadoras d'arte que tens; e é justo que desbraves a modéstia com que mais te decoras

Mas me negaste, mas, sim, que não foras de quem partiram, como um bando de aves aquelas notas impressionadoras, brandas, leves, sutis profundas, suaves.

Ora, quem não conhece pauta a pauta, nota a nota a doçura de uma flauta mourejando nuns lábios de cetim?

Ninguém; portanto me permitas: calma ficar mính'alma ouvindo a "Vozes d'Alma", que me agradou inteiramente... sim?

Numa das perguntas que preparamos, queríamos saber se houvera, entre ela e Quintino, algum plano para o futuro. A pergunta, porém, foi prejudicada antes de ser feita. Dissera-nos Dona Maria, logo no início da conversa:

- Eu era uma menina. Tinha 13 anos! Lá queria saber disso!...
- E ele, perguntamos, quantos anos tinha?
- Uns trinta e poucos. Ficara viúvo fazia pouco tempo.
- Quer dizer que não chegou a haver nenhum plano?
- Dele, sim! Chegou a escrever à minha mãe pedindo-me em casamento. Mas eu não quis...

O poeta, evidentemente, apaixonara-se. Quem poderia medir-lhe a intensidade do amor? E era assim que traduzia à jovem toda a ânsia de seu coração: 246 Sonho ter-te a meu lado; e, assim, te escrevo:
Ora a pensar que tanto assim não devo
Ser-te indiscreto, flor;
Mas isto, sobretudo não me aflige,
Porque sei que tu sabes o que exige
Um verdadeiro amor.

Sei bem que sou um exâmine, um cansado, A lutar contra as ondas do passado, Tristemente a lutar... Vem, pois, salvar-me desse mar d'abrolhos Porque com a luz dos teus benditos olhos Bem me podes salvar...

E parece que, pressentindo a derrota, continuava o poema, não mais em tom de súplica e sim de desconfiança:

Mas te peço também: se porventura
Deres-me aos meus intentos sepultura
No mar da indiferença;
Se duas vezes naufragar na lida:
- Náufrago triste sobre o mar da vida,
- Náufrago morto na amplidão da crença,
Este epitáfio escreve no teu peito
Que é a lembrança final do amor perfeito
De um triste viajor:
- Neste meu peito jazem estes versos,
Restos mortais, em lágrimas dispersos,
De um náufrago do amor.

Um dos poemas mais lindos dessa série que a seguir transcrevemos, tem a seguinte história: um dia encontraram-se. Maria trazia nos cabelos um rosa. Quintino aproveitou a oportunidade para uma aproximação e perguntou:

- Que flor é essa?
- Rosa-Pedra, respondeu-lhe moça.

- Linda! Quer me dar essa rosa?
- Não! Está murcha...
- Não importa! Dê-ma!..
- Não! E tirando dos cabelos a rosa que os enfeitava, deixou-se ficar com elas entre as mãos. Por que dar-lhe uma rosa murcha? Para que a queria? E o poeta mais uma vez ouviu um "não" da boca da amada. Talvez meditando na intransigência de Maria, tenha pensado que aquela flor que lhe negara fosse um símbolo dela própria: Bela Rosa Dura Pedra Rosa Pedra. Foi assim que escreveu o poema "Aquela Rosa", dedicando-o "À que me entende". Ei-lo:

Hoje, Maria, em mim medra Uma tristeza de amor, Por causa da rosa-pedra Que me negaste. Maria, Tu negas a luz ao dia, Flor à terra, ou aroma à flor?

Inda mal eu não sonhava Tê-la, embora murcha assim Já a pobre rosa murchava Com a mais suprema meiguice Para que eu não na pedisse Murcha mesmo para mim.

Não ma deste, oh, desventura, Nem mesmo só para ver! Tendo-a só nas mãos segura, Não ma deste cuidadosa Porque só merece a rosa Quem te pode merecer!

Morta! Murcha!Que te contem Meus afagos e desvelos Que aquela rosa de ontem Que acariciavas, Maria, Continuando nossa conversa, perguntamos à Dona Maria do Carmo:

- A senhora disse que chegou a ser pedida pelo poeta e que não aceitou a proposta de casamento. Qual foi a reação?

Dona Maria riu-se e disse:

- Ele era cheio de coisas. Um dia o encontrei aqui em Manaus com as mãos tingidas de negro. Perguntei-lhe o que era aquilo e ele respondeu que, como as mãos, estava o coração. Coisas de poeta...

Talvez tenha sido dessa época a sextilha "Adeus". O poeta compreendera ser inútil a esperança e se despedia assim:

Meigos afetos, doces alegrias Que dedilhou minh'alma tantos dias Pelos carinhos teus. Vê-los agora, Céus, quanta impiedade, Vê-los num só momento, e este é saudade Este é saudade, Adeus!

O tempo corria e outros compromissos nos chamavam. Despedimonos de Dona Maria do Carmo e, olhando-a, pareceu-nos ver a menina de treze anos que um dia fez vibrar de amor o coração do grande poeta. Tivemos ímpeto de beijar-lhe as mãos. Ali tínhamos uma mulher feliz: um poeta a amara, eternizando seu nome...

- NOTAS DO AUTOR

1. A reportagem acima, data da década de sessenta do século passado, época em que me envolvi com maior intensidade na vida cultural de Manaus. Não me recordo em que jornal foi publicada e, jornalisticamente, reconheço, tem ela características bem próprias da época, algo que hoje, para muitos, pode parecer estranho e até mesmo pretensioso. À exceção de rápidas corrigendas que fiz em alguns pequenos senões gramaticais e/ou gráficos, assim como no tempo verbal, mantive, na íntegra, o texto produzido há cerca de cinquenta anos. Minha expectativa, hoje, é que a matéria que ora divulgo chegue ao conhecimento de eventuais familiares do poeta ou de seus possíveis editores, com vistas ao aproveitamento dos poemas que transcrevo, caso ainda permaneçam inéditos.

- 2. O "achado" de Dona Maria se deveu a meu colega de Banco do Brasil José Helvécio de Alencar e Silva, que me acompanhou na entrevista.
- 3. Virgílio de Barros foi ilustre advogado que atuou em Manaus no início do século passado.



{ RESENHAS }

— A crise do jornalismo cultural

ALDISIO FILGUEIRAS

Um jornal é produzido em uma linha de montagem; existe uma divisão de trabalho cujo produto final é uma loja de departamentos, isto é, um shopping de notícias. Anunciam-se e se vendem e se trocam assuntos policiais, esportivos, miudezas da cidade; trata-se da política e das ações das autoridades autoritárias, como se fossem adventos divinos, horóscopo, casas de massagem, colunismo social, que é um espaço para que o cidadão saiba qual é o seu lugar na pirâmide social dos salões de beleza, e até a cultura, uma sobrevivência extemporânea da eventual vida inteligente, que se acredita que exista. Não existem discos voadores? Por via das dúvidas, imprimase um caderno de cultura, seja lá o que for ou que seja isso.

Eu gostaria de focar esta minha intervenção, exclusivamente, neste segmento que se conhece como "jornalismo cultural", dentro dessa loja de departamentos que é o jornal, e como está agendado para esta gloriosa e chuvosa manhã de sábado. E encerrar o assunto, desde já, informando aos que chegaram agora à discussão, que não existe a tal crise nomeada no título desse seminário, porque não existe o tal jornalismo cultural, no pensamento amazônico, e o que vinga no resto do Brasil é o projeto de imbecilização dos brasileiros, nivelados, por baixo, pelo que ditam os grandes centros de produção da cultura de massa. Mas não é tão fácil assim: a pior crise é a que aparenta não existir. E nós, amazonenses, somos cultores da indiferença. Nós matamos pelo cansaço, para ninguém descobrir a arma do crime.

Em algumas cidades brasileiras, alguns jornais mantêm, com a devida má vontade, um caderno cultural, cada vez mais especializado em elencar, sem outra obrigação, o que está acontecendo na área de um segmento da cultura, chamada genericamente de arte – música, dança, teatro, cinema, performance, instalação, grafite, gas-

tronomia, "amassoterapia" e o que der e vier, porque a própria arte não se reconhece mais como arte. Tudo é cultura. Tudo é arte. Todo evento é arte. Manaus, uma cidade que já está no mapà até dos grandes eventos futebolísticos, não foge desse furdunço, que alguns mais animados do que eu chamam de pós-moderno. O jornalismo cultural é um agendão de sertanejos, pagodeiros e cantoras de baladas que prometem "encantar" (sic) com sua apresentação de secos e molhados; e um um monte selfies, aquelas fotos que as pessoas tiram de si mesmas para ter a impressão de que ainda estão vivas. O jornalismo cultural amazonense não foge à regra, porque o jornalismo amazonense adora seguir a moda.

Por outro lado, amadureci o conceito de que o jornalismo é ou deveria ser uma atividade intelectual desde a primeira à última página. Mas o jornalismo amazonense tem ojeriza a tudo o que é inteligente.

A rigor, no entanto, o que deixa o nosso jornalismo à deriva é o conceito que tem de si mesmo e que não evolui. O formato editorial do jornal é o mesmo há mais de 40 anos. Tudo o que evolui no jornalismo de Manaus é o parque gráfico e os computadores que substituíram as máquinas de escrever, mas que são inúteis, porque seus operadores, os jornalistas, não têm ideia do que fazer com esse importante aplicativo da comunicação que é a internet, senão conversar fiado com seus colegas de repartição e de balada.

Por que Manaus consegue ser mais pobre do que as outras pobrezas? Por que Manaus ainda não conseguiu perceber que até o que come é ditádo por outros olhares? Eu tenho um amigo no jornal que é hipocondríaco. Toda segunda-feira ele tem uma doença nova, insinuada pelo programa "Fantástico" dos domingos da rede Globo. Será burrice essa assimilação compulsória de velhas novidades? Será a globalização que impõe essa uniformização de costumes por todo o planeta, e Manaus – como não – faz parte do planeta?

Não. Nem burice, nem alienação, nem globalização, nem complexo de inferiodade de elites colonizadas. É cultura; é história. Lembremos que Manaus combateu a economia "sem perspectiva de progresso" dos indígenas – a coleta de frutos e a captura de animais bons de comer – por uma economia surpreendentemente tão atrasada quanto: o extrativismo da borracha, que ao contrário do extrativismo dos índios dava e deu muito dinheiro, mas que ao contrário 253 do modo de produção dos índios, levaria tudo e todos ao fracasso em menos de 30 anos.

Os índios não aceitaram trabalhar para Deus nem para o rei. Recusaram também trabalhar com carteira assinada, apesar do esforço tardio de Getúlio Vargas, do Gilberto Mestrinho e do Lula, os pais dos pobres - pobre é tão à toa que pode ter até três ou mais pais; não é por falta de pai que continuam pobres. O extrativismo sem mercado dos índios mantinha-os agregados, em comunidades, em sociedades sem Estado, como chamou essa organização o francês Pierre Clastres. O que artistas naïf (escritores, poetas, pintores, escultores etc) ainda utilizam como "arte regionalista" é um reflexo tardio, alimentado pelos decoradores de apartamentos e mansões modernosas, que dão um toque de "amazonidade" a esse ambiente completamene estranho à Amazônia.

O extrativismo de mercado, a fase áurea da borracha, como se diz com nostalgia, fez circular muito dinheiro e deixou de lembrança desse dinheiro alguns prédios que estamos nos esforçando em destruir, porque são marcas traumáticas do nosso fracasso. Esse ciclo do dinheiro durou tão pouco que não conseguiu construír uma sociedade e um Estado. Espelho embaçado da Europa, Manaus (que conseguiu ser, somente ela, todo o Estado do Amazonas) reclama direitos republicanos, mas nega-se a abandonar os privilégios da monarquia de barranco dos seringias.

Penso que sem comunidades de trabalho é impossível (ou não era possível) estabelecer uma linhagem cultural elitista ou popular, que se projete para o futuro. Manaus jamais concentrou massa de trabalhadores: a mão de obra dos seringais, calculada em 500 mil por uns e 700 mil por outros, não se estabelecia na capital do Estado, mas foi ela que ajudou a massificar a língua portuguesa na região. Aqui vivia--se de mãos limpas, importando o que se fazia necessário, por qualquer motivo, até por simples imitação do que acontecia na Europa. Manaus não produz nada; nunca produziu nada; ela se acostumou a comprar feito. Até peixe compra-se de Roraima e Rondônia. Mânaus é a-cidade das mãos limpas.

Recentemente implantou-se, Manaus, em sua Zona Leste, um polo industrial que não tem nada a ver com a floresta, os rios, os índios, a fauna, a flora e toda a Amazônia, que continua se recusando a trabalhar com carteira assinada para Deus, o rei e a Dilma Rousseff. É o extrativismo eletrônico, que soma bilhões de dólares de lucro ao ano e não é capaz de aplicar um centavo no Festival Amazonas de Ópera ou em centros de pesquisas nas universidades da região. Exatamente como aconteceu com o extrativismo da borracha.

O jornalismo amazonense é a expressão desse conflito que as academias teimam em negar, na sociologia, na antropologia, na arquitetura. A expressão da sociedade, que não fora a umidade excessiva da região, viveria com as mãos ainda mais limpas por serem alérgicas ao trabalho. Aprendi que esses elementos materiais, que nos fazem suar e pensar, são o extrato da expressão de qualquer sociedade. Nossa ausência da nossa realidade transforma toda dificuldade em abandono de órfãos. Não existe movimento cultural em Manaus. Existem esforços extraordinários, mas isolados, a tentar uma leitura crítica de todo o processo que os impede de ser a expressão da região e criar um mercado para essa expressão.

O recurso mais barato e confortável é uma tentativa de inventar um folclore para a região com canções nordestinas diluídas, com rimas que tentam juntar jacaré com igarapé num só golpe de sorte. Isto sim é burrice. Por que o jornalismo cultural amazonense trata o festival dos bois de Parintins como festival folclórico, quando essa manifestação desde criancinha deixou ser uma expessão folclórica? Por que as danças, os pássaros, as cirandas, os autos de fé, as rezadeiras e outras tradições legadas pelos nordestinos não aparecem nesse festival de Parintins? E por que o maior festival folclórico do país, criado em Manaus, foi relegado ao abandono e se realiza dois meses depois das festas juninas bovinas? E por que o boi, que deerruba floresta, e não o peixe-boi?

Eu temo que os formadores de opinião estejam criando em Manaus um imenso Clube do Ressentimento. Eu sei que meu tempo está se esgotando (eu já tenho 67 anos), mas me permitam terminar afirmando que esse festival de sandice começa na escola fundamental e se amplia na universidade. Os cursos de comunicação não estão formando jornalistas, mas meninos de recado ou, porque têm diploma, 255 oficce-boys de luxo. Ninguém precisa passar quatro ou cinco anos dentro de uma universidade para aprender a colar um gravador na boca do entrevistado e voltar para a redação para ouvir tudo de novo e aspear, com um abundância de verbo dicendi, colocados fora do contexto.

Jornalismo é literatura de não ficção. Jornalista é um escritor, um contador de histórias, um narrador, um intérprete da realidade, como qualquer cientista social. Mas os cursos de jornalismos tratam a disciplina como matéria técnica e não humanista

E os jornais de Manaus estão preocupados em discutir a verba publicitária dos governos municipal e estadual, em troca de apoio político. É essa crise que tira a voz e a vez e até o voto do cidadão de Manaus e ocupa o espaço da cidade com uma civilização de superfície. Eu não recomendo o que essa linha de montagem produz e joga no mercado. Isto não enriquece o pensamento amazônico, que sobrevive à dura custa no varejo da mesmice brasileira. Eu interpreto isto como rendição; como covardia. A elite amazonense acostumou-se a gozar com o rabo entre as pernas.

"Ai de ti, Manaus/ninguém te amou mais de uma vez/Ai de ti, Manaus/não venhas chorar no meu ombro". Quem tem pena morre junto.



Adriano Jorge redivido: algumas reflexões sobre a arte da biografia

NEWTON SABBÁ GUIMARÃES

Y a-t-il une biographie moderne? Est-elle une forme littéraire différente de la biographie traditionnelle? Les methods qu'elle a suivies sont-elles légitimes, ou au ontraire faut-il y renoncer? Peut-elle être comme le roman, un moyen d'expression, ne deliverance pour l'auteur comme pour le lecteur? André Maurois in Aspects de la Biographie

— UM VELHO GÊNERO LITERÁRIO NA LITERATURA BRASILEIRA

Nos últimos anos tem aparecido um assombroso número de biografias pelo Brasil afora, o que não é de causar espanto em se tratando de um dos mais antigos e apreciados gêneros literários. Algumas são primorosas, outras passáveis e a grande maioria constituída de trabalhos apressados e de afogadilho, sem respeito a uma metodologia e feitas sem o rigor que o gênero exige e merece. A Literatura Brasileira tem dado algumas das boas biografias da nossa Língua desde os dias de a Vida do Padre Antônio Vieira, de João Francisco Lisboa, às magníficas obras de Luís Viana Filho sobre Rui Barbosa, Joaquim Nabuco, o Barão do Rio Branco, José de Alencar; e R. Magalhães Júnior, quem biografou grandes figuras das nossas letras, como Alencar, Machado, Fagundes Varela e tantos mais. Em boa parte dos casos, o que havia eram os perfis biográficos, com dados sobre origem, família, estudos, publicações, raras vezes pondo o estudado dentro de um contexto mais amplo, nacional ou internacional. Em geral, esses perfis não tinham mais do que cinco, dez ou quinze páginas. Por muito tempo essas biografias gozaram da simpatia dos leitores e criaram

um ambiente de biografismo, com todos os defeitos que comportam 257 esses arremedos de biografias, hoje tão duramente repelido pela crítica literária, como algo rudimentar. Há alguns desses autores de perfis que nos deixaram quadros primorosos de uma época e de uma sociedade, que se leem, ainda hoje, com encanto. Chamavam-nos de figuras ou escorços biográficos. Ninguém esquece os belíssimos que Constâncio Alves deixou com o seu livro Figuras: Perfis biográficos, de 1921. Traçava Constâncio a personalidade literária do escolhido de maneira equilibrada, sem adjetivação, nem exageros, que os tornam dos mais belos da nossa literatura, como também o fez Rodrigo Otávio Filho com as Figuras do Império e da República, de 1944, outro que me parece inigualável e que será sempre lido com agrado e proveito. Quase diria que temos tradição de biografias e, nessa seara, parece que os brasileiros ganham a palma aos portugueses, ainda que estes tenham lá os seus bons e renomados biógrafos. E vale lembrar que personalidades ilustres da nossa história política e cultural escreveram biografias, como Joaquim Nabuco - que também foi dos bons memorialistas que temos tido com o seu Minha Formação -, com a vida de seu pai, Um Estadista do Império, ou Afonso Arinos de Melo Franco, com Um Estadista da República: Afrânio de Melo Franco e Seu Tempo, além de um excelente estudo biográfico sobre Rodrigues Alves: Apogeu e Declínio do Presidencialismo. Cito algumas pouquíssimas dentre as melhores, mas há centenas, possivelmente milhares de boas biografias em a nossa Literatura e a cada ano, maior a messe. O escrever biografias, autobiografias e memórias e subgêneros continua a fascinar e a tal ponto que já existem aqueles que se dedicam a escrever livros sobre como escrevê-los... As memórias e as autobiografias, subgênero das biografias, estão em ascensão, prova de que o homem, qualquer homem, gosta de falar de si, deleita-se com as gloríolas e vitórias. O monologar por meio de um mergulho nos escaninhos da memória resulta em uma constante produção de memórias e autobiografias. Todos querem contar a sua vida. E todas elas, biografias, memórias e autobiografias e suas ramificações (várias, à luz da moderna Teoria Literária!), continuam a pipocar nas editoras e logo lançadas nas livrarias. E não fica nisso. Vai mais além e atravessa os campi universitários e chega à sala de aula de cursos

de Letras. Em Universidades americanas, a sua arte e técnica fazem parte de currículos de Letras. Nesse sentido, a escritora Mary Karr, que vem ensinando e discutindo sobre o gênero, lançou, recentemente, com bastante barulho, um livro com o pretensioso título The Art of Memoir, que logo se tornou best-seller e deu o que falar, se bem que talvez não valesse muito o que desse livro se disse pela quantidade de obviedades, e repetições pueris do que outros já haviam dito e escrito, mas a professora de Literatura Inglesa na Syracuse University acha que (como Stephen King e com o seu igualmente bestseller On Writing), descobriu a América... Deixemo-la pensar. Por esse afã na reconstituição de épocas e vidas, em que todos se arvoram em reconstrutores, também, de um edifício cada dia mais vasto e complexo, o gênero apresenta altos e baixos quiçá na mesma oscilação que o romance, gênero que exige bem mais do que criatividade e ousadia para escrever e que parece ser o preferido dos gêneros literários, aliás, desde o século 19, o teatro e o ensaio.

- A BIOGRAFIA NO AMAZONAS: ALTOS E BAIXOS

No Amazonas, a biografia é um gênero que tem merecido a atenção dos seus mais lúcidos intelectuais. A Academia Amazonense de Letras conta entre os seus membros com bons representantes da biografia e citaria, de raspão, uns poucos de que me lembro neste momento. Não se trata da biografia como a concebe a Teoria Literária, pois, na maioria dos casos, a forma seguida pelos acadêmicos está mais para esse misto de ensaio crítico da obra de algum autor, de permeio com dados biográficos, aspectos que estudei anteriormente ao tratar da metodologia da biografia, dando como exemplo dos mais louváveis o que realizou, em França, Maurice Nadeau, com Gustave Flaubert écrivain.1 Não houve entre os que deixaram biografias o especialista nesse gênero, nem aquele que se devotasse a ela. Eram mais desvios impressionistas do ensaísmo, ou seja, o autor se propunha a escrever um ensaio sobre determinado escritor, quase uma recensão, esse tipo de review tão a gosto dos críticos americanos, e que, de permeio, enveredavam pelo biografismo impressionista, muita vez limitando-se a citar família, escolas onde estudou o biografado, colegas de estudos, nome da mulher, clube que frequentava etc. Não passava disso. Mas alguns aventuraram-se um pouco mais e tentaram com mais de galhardia e ousio esse casamento heterodoxo do ensaio crítico literário e o biografismo. Mendonça de Souza, conhecedor e admirador de Sílvio Romero, escreveu dois livros sobre o historiador, sendo um deles um ensaio crítico, e, no outro, além de analisar a obra de polemista e historiador das letras nacionais, fala do homem Sílvio. E assim nasceu o seu Sílvio Romero - O Crítico e o Polemista, de 1976. Não conseguiu (ou não quis!) deixar obra genuína de biógrafo, uma biografia de que Sílvio estava - ainda está - necessitado no Amazonas, no mais chão dos casos, assim como não se deteve mais sobre o agitador de ideias, dos maiores dos seus dias, que isso o sergipano foi: dos maiores agitadores de ideias que o país teve nos primeiros e turbulentos anos da República. Perdeu uma boa oportunidade, já que muito lera do e sobre o sergipano ilustre. Outro nome é João Chrysostomo de Oliveira, quem escreveu o seu João Leda: o faiscador do vernáculo. Traços biográficos e estudos filológicos,3 de 1962, em que soube casar muito bem esse tipo não canônico de biografia, dos bons do Amazonas. Professor de Português e filólogo apaixonado lui-même, João Chrysostomo preocupou-se mais com o vernaculista, o estudioso da Língua, do que com o homem João Leda. Tem, no entanto, um estilo mais palatável e o seu livro lê-se com muito mais agrado do que o de Mendonça de Souza. O padre Nonato Pinheiro deixou uma obra sobre dom João da Matta, bispo do qual teria sido secretário e confidente. Essa seria uma biografia tradicional, em que são repassados o homem e seus feitos. Padece de falhas metodológicas graves: não há notas de rodapé, não segue um esquema cronológico rígido, nem anexa bibliografia, afora o fato de a ter escrito como se procedesse a um seco e peco relatório oficial da prelazia, sem a menor sensibilidade para juntar o anedótico, o humano ao oficial. A sua escrita é pesada, cansativa, muito cheia de "excelências", "excelentíssimo", além de minúcias como ofícios e correspondência do prelado, determinações internas etc., lembrando, observadas as devidas e necessárias proporções a que biografia-relatório que d. Silvério Gomes Pimenta, arcebispo de Mariana, escreveu de seu antecessor, a sempre discutida Vida de D. Viçoso, como ficaria mais conhecida a obra, 260 hoje raridade bibliográfica. D. João da Matta, de 1956, é um livro cansativo a cuja leitura somente se chega ao fim com muito esforço e perseverança. O biógrafo agiu sempre com probidade, diga-se em seu favor, comprova tudo o que escreve, é sério, mas irritantemente cansativo. Intromete-se em a narrativa, participando da ação biográfica, mas nem essa tentativa de participação consegue abrandar a rigidez e sensaboria das suas páginas. Além de sensaborão, o autor imiscui-se ao narrar fatos e acontecimentos.

— PÉRICLES MORAES, OU DE COMO NÃO ESCREVER UMA BIOGRAFIA

Há um outro biógrafo, Péricles Moraes, tido e havido como um dos grandes vultos das letras no Amazonas, biógrafo, crítico e historiador literário, um dos fundadores da Academia e, em certo momento, a sua figura de maior prestígio, tanto assim que o chamavam reverentemente de mestre Péricles. E, até certo ponto, era-o: Péricles era um intelectual que se desvivia pelas belas letras, sobretudo as portuguesas e as francesas. Conhecia bem o francês cujos autores gostava de citar no original, além de borbulhar a sua escrita com frases e expressões francesas. Tinha um gosto apurado, repito. Não deixou obra vasta, mas a que deixou foi fruto de leitura aturada, requintada, muito meditada e, enfim, escrita por quem conhecia o mister de escrever. Foi visto como um grande biógrafo, mas não era. A pequena corte de admiradores exagerava. A sua concepção e feitura da biografia pecava pelo impressionismo exacerbado e o parco apoio documental, quase nada e, quando havia, citado erradamente sem nenhum conhecimento da metodologia científica. Era excelente prosador. Realmente, era um estilo, todo um estilo, que seduzia e prendia o leitor, ainda que absurdamente adjetivado, cheio de palavras de efeito, algumas desproporcionadas para o alcance semântico pretendido. Penso que não há exagero se o chamarmos de artista da prosa. Uma escrita cheia de luminosidade, com algumas comparações sem o menor significado, vazias, mas ressonantes. Melhor: retumbantes. Moraes escreveu sobre Coelho Neto e Sua Obra, A Vida Luminosa de Araújo Filho e outros, mas no âmbito da biografia, a obra

que se lhe poderia considerar como a mais importante seria a que 261 dedicou ao seu amigo Leopoldo Peres. Essa biografia, Leopoldo Peres, de 1952, era o que se poderia chamar de arte de não escrever biografias, ou a antibiografia, pois é tudo, menos uma biografia. São flashes da vida do tribuno e advogado que representou o Amazonas no Congresso Nacional, escritos com vivacidade e elegância, que Moraes possuía um estilo atraente, dos mais atraentes dentre os escritores amazonenses do seu tempo. É o que salva o grosso livro de ser fechado logo na primeira página. Peca, porém, por um narcisismo e egocentrismo que não erraria chamando-os de exaltados. Na biografia canônica não se admite a presença do biógrafo no bojo da narrativa e este só comparece no prefácio ou introdução, se houver, mas, com o abrandamento das normas que disciplinam o gênero, em caso de personalidade morta há pouco tempo, ou ainda viva, permite-se a intromissão do biógrafo em passagens ou acontecimentos narrados dos quais tenha tido conhecimento direto ou tenha participado. Há grande cópia de biógrafos que participa dos fatos narrados, mas não amiudadamente. Em Leopoldo Peres, não. Moraes está presente em cada capítulo da biografia. Há capítulos inteiros que são construídos mais na intenção de um chamamento sobre si mesmo, do que na referência ao biografado. Esse é mero pano de fundo ante o retrato que o autor deixa de si próprio, é o pretexto para uma longa tirada sobre si, os seus livros, as suas atividades literárias. Moraes acha-se de corpo inteiro em cada página, em cada capítulo do seu livro encomiástico. Impressiona o seu narcisismo intelectual e tanto que o leitor chega a pensar que se trata mais de uma autobiografia e nunca de um livro de recordações da vida e feitos de um amigo querido falecido tão cedo...

Depois disso, foi o silêncio. Os candidatos a biógrafos guardaram as penas, ou deixaram-nas, indolentemente, a dormir nos tinteiros...

- RESSURREIÇÃO DO GÊNERO BIOGRÁFICO NA TERRA CABOCLA

Em data recentíssima, apareceram em Manaus várias biografias de personalidades, vivas ou mortas, devidas à pena de Gaitano Antonaccio,6 o mais fértil dos biógrafos amazonenses, possivelmente o 262 escritor que fez renascer, ali, o gosto pela scriptura biográfica, autor de muitos livros no gênero, nos quais surgem, graças à sua generosidade, bondade e talento, alguns nomes que talvez ficassem melhor a dormir o seu sono na placidez do túmulo. Gaitano lembrou-se de sacudir o pó que ameaçava cobrir alguns nomes que julgou merecedores da fama e da glória, como João Chrysostomo, mas, por excesso de generosidade, também sacudiu a poalha espessa sobre outros que mereciam estar a dormir o sono dos sonos, outros que talvez não estivessem à altura da sagração que lhes dava o biógrafo de Gibran Kahlil. Depois, veio Júlio Antônio Lopes, que ressuscitou a figura polêmica e máscula de Fábio Lucena. Estas eram figuras de biografados que se acham mais próximas de nós, pessoas falecidas faz relativamente poucos anos. Recuando no tempo dos pró-homens, chega Robério Braga, quem, com o seu prestígio de historiador-mor do Amazonas, desenterra figuras conhecidas, mortos ilustres, com um passado reverenciado pelos coetâneos, cujos nomes se haviam cimentado com a tradição, essa tradição eliotiana que serve de sustentáculo aos que chegaram depois e que, não obstante, fazia tempo, esperavam quem os desenterrasse e espancasse o pó que lhes cobria os túmulos, por meio de uma biografia consagradora. Faltava quem lhes lembrasse vidas e feitos por intermédio de um estudo biográfico sério e documental. Primeiro, Robério voltou para aquela que é mais reverenciada figura política de grande porte. E desenterrou Eduardo Ribeiro, figura das mais ilustres de toda a história amazonense, um grande administrador e um homem determinado, para sempre vinculado à paisagem e à topografia de Manaus. Agora o biógrafo nos presenteia com uma vida de Adriano Jorge. Forte como a morte,7 talvez o seu trabalho mais bem logrado.

A Academia Amazonense de Letras, chamada de Casa de Adriano Jorge, é o órgão cultural mais importante daquele Estado, teve no médico e orador de grandes voos que foi Adriano Jorge um de seus idealistas e fundadores. Bem mais tarde, a instituição saberia render-lhe homenagem dando-lhe o nome por que é conhecida. Por muito tempo foi seu presidente e era ali acatado e admirado. Um dispersivo, como tantos outros intelectuais daqueles dias. Talentoso, culto, de vastas leituras, aliava a jamais negada queda pelos livros e pela Literatura,

a uma grande competência na sua profissão de médico. Fazia parte de uma classe que se refaz agora, nestes nossos dias de retrô na maioria dos âmbitos da vida social. Faz parte da cultura tradicional e nunca ficou esquecido. Era sempre mencionado em estudos sobre os pródromos da Academia e seus primeiros membros, mas faltava uma biografia que lhe desse a perenidade do documento escrito, que lhe desvendasse a vida e o apresentasse às gerações que somente o conheciam de tradição e de folclore, do médico generoso e profundamente humano e do tremendo galanteador. Enfim, essa biografia cabal chega-nos!

ROBÉRIO BRAGA E A BIOGRAFIA SEMICANÔNICA DE ADRIANO JORGE

Digo "semicanônica" sem o menor demérito para o autor, a quem estimo e admiro, mas por alguns leves aspectos sobre os quais chamarei a atenção do leitor no correr deste artigo. Acredito que Robério inaugura a biografia documental no Amazonas com a publicação do seu estudo sério e fartamente documentado de Eduardo Ribeiro, tornando-se, dessa maneira, o primeiro biógrafo na tradição da biografia ortodoxa como a prescrita pela Teoria Literária. Abandona por completo o modelo amplamente seguido pelos nossos escritores que enveredaram pela biografia. Isso honra as letras do Norte e honra a velha tradição da Academia. Os seus recentes estudos sobrepõem-se às generosas tentativas biográficas de Mendonça de Souza, João Chrysostomo de Oliveira, pe. Nonato Pinheiro e outros que se abalançaram ao gênero.

Adriano Jorge é um dos grandes da terra amazonense e por tudo o que fez e o que deixou de fazer, estava à espera de uma consagração à sua vida e feitos, como dizem os biógrafos ingleses. E encontrou em Robério Braga o escritor que lhe daria a glória escrita e portanto perene ao nome. Não esqueçamos o res manet arquibatido dos romanos... Não se pode dizer que Adriano seja uma figura que transcenda aos limites regionais do Amazonas. Não, não no é. Seria mentir, para tentar glorificá-lo. Ficou sempre no regional, não se largou a mais altos voos. A província estiola, o regional sufoca. Adriano

264 não escapou ao sufoco da região. Há figuras assim. Não se trata de diminuir a personalidade: são tipificidades individuais que não significam que essa pessoa, homem ou mulher, seja menor que este ou aquele indivíduo que quis o vasto horizonte. Não. São organizações pessoais. Não tem nada a ver com o lugar onde vive, seja este pequeno ou atrasado, rico ou grande. O salto da aldeia para o universo é uma questão pessoal e não transpor os cercados tem muito a ver com a acomodação, à vontade de aceitação, à vontade-de-não-ser-ou-ir-além. O Amazonas prende e retém para sempre, e aqueles que realmente possuem méritos ou vontade para soltar as amarras e conseguem libertar-se da poderosa atração do isolamento que as matas e a distância conferem, podem ter fora o significado que tiveram lá dentro. Nem serem vencedores no sentido prático da expressão, mas libertaram-se das amarras que os prendia ao torrão. Olharam o horizonte que se descortinava lá fora não apenas de um lado da janela, e sim na sua vastidão. Raul de Azevedo, que ficou no Amazonas muito tempo, sentia essas fortes amarras. Um dia rompeu-as. Estilista primoroso, viajante arguto, com enorme facilidade para escrever, tivesse-se ele amoldado ao viver de sempre em Manaus, é provável que não tivesse logrado o nome que logrou na Literatura Brasileira. Ter-se-ia amarrado ao regional. Há outros, porém, aos quais a terra não consegue prender, e sim são presa fácil da absurdidade de uma acomodação a toda a prova. Adriano foi um desses: sequer preocupava-se em publicar livros. Para ele, mais importante era viver hedonisticamente a vida do dia a dia. Escrevia para jornais, discursava exuberantemente e sob qualquer pretexto ou mesmo sem nenhum pretexto, perdia-se em conversações, possivelmente bastante agradáveis, mas que o vento leva. E que não fica e quando fica, sofre distorções. Como o celebérrimo Dr. Johnson, eternizado pela pena curiosa e reverente de James Boswell. Robério Braga, com muita inteligência e sensibilidade, soube apanhar tudo isso e formar o mais belo retrato que se lhe poderia pintar. Reconheceu-lhe a índole dispersiva e dedica-lhe um capítulo sobre o que chamou de "A Bibliografia Esparsa", e por ele o biógrafo nos mostra quanto poderia ter sido feito, não fosse Adriano um perdulário. Tinha vasta curiosidade intelectual e pelos artigos soltos que Robério cita, pode-se ver que aquela cabeça fervilhava de ideias, como comumente se diz dos escritores férteis. O primeiro presidente da Academia. Amazonense de Letras ressurge, vivo e forte como a morte, graças aos esforços do seu biógrafo generoso. O seu forte eram os discursos, as conferências e cita-se-lhe, amiúde, A Luz, o mais conhecido dos trabalhos de Adriano, sobre cuja Ursache o biógrafo nos aclara. Quando faz algum tempo li essa conferência, perguntei-me o por quê da repercussão que teve na Manaus de então. Robério desvenda-nos os motivos, analisa essa peça oratória muito bonita, pedaço a pedaço e prevê nas suas palavras finais o grande turning point na vida do biografado, que seria a sua conversão aquando do Congresso Eucarístico Diocesano de Manaus, em 1942. Como Joris-Karl Huymans, C. S. Lewis, Claudel, ou como Wilde nos momentos finais, assim a conversão profunda e sentida do nosso Adriano Jorge, belamente evocada por seu biógrafo.

Adriano Jorge. Forte como a morte é uma biografia que, do prisma metodológico, pode ser considerada documental e com rasgos de impressionismo. Chamei-a semicanônica e assim a vejo ao fechar a última página do livro, isso porque Robério se põe em muitos passos dentro da obra. Convive com a personagem estudada. Não fica distante, a olhar pela janela a paisagem humana que se descortina aos seus olhos. Perambula através dela e, com esse desvio metodológico, humaniza-se como biógrafo e humaniza, mais ainda, um gênero literário que requer além da seriedade da investigação, o lado humano do biografado e do seu biógrafo. Robério traz ao leitor as suas relações de família ao evocar, piedosamente, seu pai, amigo do biografado, evoca o irmão José, afilhado de Adriano, rememora a sua participação pessoal nas homenagens que se fizeram a Adriano Jorge por ocasião de seu centenário. Envolve seus familiares a tal ponto que o prefaciador é justamente José Braga, seu irmão, dos melhores presidentes que a Academia tem tido e quem, com a página evocatória que serve de prefácio, escreveu um de seus mais sensíveis, belos e comoventes trabalhos literários. Robério faz-se presente nas páginas da biografia, da primeira à última, com o que compõe aquele tipo de biografia a que me referi acima, um tipo não canônico de biografia. Hesito, pois, por esse aspecto metodológico, de considerar o trabalho do acadêmico Robério Braga inteiramente neutro. Não é. O bió-

grafo, embalado pelas lembranças familiares que lhe são caras, imiscui-se nas suas páginas. Vive, até bulicosamente, nos capítulos e nos acontecimentos que douram a vida de uma das mais celebradas personalidades da vida cultural amazonense. Por outro lado, dá-nos um trabalho não mais achista, nem inteiramente impressionista dada a farta documentação com que enriquece o livro. Livro de glorificação e que pode ser consultado com fins acadêmicos. Obra acabada. Adriano Jorge. Forte como a morte é obra acabada e dizer-se isso equivale a uma glorificação. Nem tudo na vida é acabado. Responsável, também. Por dez longos anos durou a investigação do biógrafo e certamente que tão longo espaço de tempo lhe permitiu meditar cada aspecto do seu livro, buscar em velhos arquivos, cartas privadas, artigos de jornal e revistas, velhos anais embolorados pelo tempo. Nós temos cá pelo Sul uma expressão muito usada: andar a catar. Robério andou a catar em tudo o que foi arquivo e biblioteca e velhos jornais para oferecer ao leitor um livro maduro. E valeu-se, ainda, da tradição, reporto-me, novamente, a Eliot, de onde pôde dar-nos uma obra modelar. E, no entanto, possivelmente pela sua forma quase dialogal, o livro é em extremo atraente. Robério dialoga com o leitor sobre Adriano, o que talvez nos mostre uma obra rara nos anais da biografia. Em geral, a biografia documental, ou ortodoxa, é de leitura sofrida, a menos que o biógrafo seja um artista das letras, ou então possua uma cativante maneira de descrever obras e feitos de uma celebridade, como Jeffrey Meyers na sua monumental Edmund Wilson. Uma biografia.8 Como sempre tenho escrito, fico indeciso em se se deve adotar a biografia documental na sua inteireza, deixando um trabalho que aproximaria a literatura dessa pretendida e absurdamente germânica wissenschaftliche Neutralität, ou humanizá-la permitindo que o autor passeie pelas suas páginas, livremente, como espectador e admirador, e não como severo e distante juiz. Robério tem a virtude de bem escrever e, repito-o, coloquialmente. Tem alguns cochilos sintáticos, felizmente raros, como a páginas 29 ("quando Fábio transformou-se em algoz de Ruy" etc.), mas que em nada lhe desmerecem a escrita. Uma leitura sedutora que nos leva a nós, simples leitores, do nascimento à morte de uma grande figura regional. Um livro sério no qual a integridade do biógrafo é digna de elogios

(em diversos momentos tece críticas a personalidades, como não esquece de mostrar os desacertos de Fábio Lucena, político de renome no Amazonas, mas um tanto quanto passional e inconsequente em muitos de seus ataques da tribuna a políticos adversários e desafetos, e critica o talento dispersivo do biografado etc.).

Adriano Jorge. Forte como a morte ficará como um marco na história da biografia nas letras amazonenses. A arte da biografia documental e semicanônica atinge um de seus mais elevados pontos e, com isso, sagra-se, em definitivo, o nome do seu autor, como um grande biógrafo, um escritor sério, cuja obra, já bastante numerosa, dignifica a Academia a que pertence e a terra onde nasceu.

- NOTAS

- 1. Nadeau, Maurice. Gustave Flaubert écrivain. Essai. Paris: Lettres Nouvelles, 1969. O autor, que ficou conhecido por um excelente estudo sobre Le Roman français depuis la guerre, bom conhecedor do roman nouveau, e especialista em Flaubert, de quem organizou e prefaciou as Œuvres completes de Flaubert, em 18 volumes, pelas Éditions Rencontre, de Lausanne, seque essa linha de estudar a obra do autor dentro de uma rígida cronologia da vida e feitos do biografado. Frise-se que Nadeau considerou o seu livro como um ensaio, e não como uma biografia.
- 2. Vide: Souza, João Mendonça de. Sílvio Romero o Crítico e o Polemista. Rio de Janeiro: Emebê, 1976.
- 3. Vide: Oliveira, João Chrysostomo de. João Leda, faiscador do vernáculo. Traços biográficos e estudos filológicos. Manaus: Sérgio Cardoso, 1962. Desconheço se existe uma segunda edição desse livro que, malgrado as falhas na metodologia, exalta o estudo na língua ao estudar a vida de um filólogo.
- 4. Na verdade, foi chamada, inicialmente, de D. Antônio Ferreira Viçoso, bispo de Mariana, conde da Conceição, de 1876, quando o mais tarde ilustre membro da Academia Brasileira de Letras e celebrado prelado negro tinha somente 36 anos. É de difícil leitura pela linguagem arcaizante e pelos detalhes que chegam a ser ridículos, pela reprodução de documentos burocráticos que em pouco ajudam na compreensão do homem

- Antônio Ferreira Viçoso, e por um estilo dos mais barrocos e arrevesados que se podem encontrar nas letras pátrias.
 - 5. Dessa obra, a sobre a qual se sustenta a nomeada do autor, saiu uma segunda edição, em 2008, mais de meio século depois...
 - 6. Chamo a atenção sobre Gaitano Antonaccio por ser um grande agitador de ideias, autor de obra numerosa que vai da poesia à crônica, da biografia ao romance, dos estudos sobre artes e monumentos antigos a manuais de Contabilidade e Direito Tributário. A biografia que escreveu de Kahlil Gibran, a única em o Norte do país, é modelar, malgrado haver deixado de lado a metodologia que em muito ajudaria o leitor e o investigador. Foi Antonaccio quem sacudiu a arte da biografia nas letras amazonenses.
 - Braga, Robério. Adriano Jorge. Forte como a morte. Manaus: Reggo / Métrica, 2015, 216p.



{CONTO}

— Mundo boi

ADRINO ARAGÃO

O boi é o sonho. O boi é a vida – O boi não pode morrer, pô!

Em cima da estante o boizinho de cedro que tio Mundico comprou numa feira de artesanato, na praça de São Sebastião. O vendedor disse: "É uma raridade. Foi Mestre Afrânio quem fez o boizinho, e talvez não tenha feito outro – como o senhor sabe, Mestre Afrânio era pintor, raramente fazia esculturas".

Na cadeira de balanço tio Mundico sonha em rever o boi nas ruas. Súbito, levanta-se e vai até o meio da sala. Faz o chamamento inicial:

eh boi! eh boi!

O apito esfacela o silêncio. Índios e vaqueiros se agitam ao ritmo de maracas, triângulos, tabuinhas e tambores. Ouve-se o canto, canto lento e repetido:

Vem vaqueiro traz o meu boi-bumbá Vem vaqueiro eu quero dançar.

O boi ressurge, negro e brilhante.

Tio Mundico faz evoluções. O assoalho range ao peso do corpo franzino do velho vaqueiro. O vaso de flores cai da mesa de centro e se espatifa no chão.

Tia Rosa se assusta e esbraveja da cozinha:

- Mundico, o que foi que você aprontou desta vez? Esse homem enlouqueceu completamente. Deu agora para imaginar o boi dançando dentro de casa. Pode?

Indiferente, tio Mundico continua:

urrou o meu boï a terra balançou.

A manta de cetim azul esvoaça, os espelhos no chapéu cintilam como estrelas. Tio Mundico atiça:

eh boi! eh boi!

O boi avança, para, recua, faz rodopios, investe contra o vaqueiro. Tio Mundico pula para o lado, os chifres passam raspando, riscam o oco da sala.

A toada cresce. Tio Mundico anuncia que chegou Mina de Ouro, chegou, chegou.

O boi balança o corpo, gira, empina a cabeça, urra, volta a girar. O boi é o dono da festa. O boi parece voar.

A plateia invisível aplaude. Tio Mundico agradece.

2

Tio Mundico tem uma banca no mercado. Vende bucho, tripa, fígado, coração, rim, miolo, mocotó – mocotó é como chamam a pata do boi. Minha mãe costuma preparar mocotó para a gente comer quase sempre no sábado, ela diz que dá sustância. Mas eu gosto mesmo é quando a mãe faz bife de fígado acebolado para o almoço.

Quando não tenho aula, ajudo tio Mundico no matadouro. Minha mãe é que não gosta e reclama. Diz que eu devia ficar em casa estudando em vez de pedir que me deixasse ir ajudar tio Mundico no matadouro. "Que prazer você tem em revirar bosta acumulada na tripa do boi? Seu tio Mundico faz esse serviço porque não quis estudar; trocava os livros pelo papagaio, futebol e boi-bumbá. Não pense que vou deixar que aconteça o mesmo com você".

- Mas, mãe, eu já estudei, já fiz a lição que a professora passou 273 para eu fazer em casa. Depois, que mal existe em ajudar tio Mundico no matadouro?

Minha mãe resmunga mas acaba deixando.

- Que esta seja a última vez, entendeu? - adverte.

Tio Mundico começa a trabalhar muito cedo. Às quatro horas da madrugada já está no mercado. Todos os dias da semana, inclusive domingos e feriados. Será que tio Mundico nunca descansa, nunca se diverte? perguntei certa vez.

- Só quando é tempo de boi-bumbá - respondeu tio Mundico.

Mas não era bem assim.

Quando se aproximava o tempo de boi, tio Mundico trabalhava muito mais. Além do trabalho na banca do mercado, tio Mundico cuidava do boi, das fantasias, dos ensaios, da cantoria.

- Ensaio, preparação do boi nunca foi um trabalho como acontece na banca do mercado, Não importa o dia da semana, o boi é festa, é alegria.

Tio Mundico era o dono do bumbá mais bonito da cidade. Mais bonito e o mais festejado. Ainda hoje, quando fala do boi, tio Mundico se emociona.

Tio Mundico afirma que o boi ainda estaria nas ruas se não fosse a implicância das autoridades. Aliás, das autoridades coisa nenhuma. Implicância de um delegado borra-botas, faz questão de acentuar. E sabe por quê? Por causa de algumas brigas à toa, alguns sopapos, às vezes algumas cabeças quebradas, é natural que aconteça no calor dos ânimos, quando o boi adversário decide encarar o desafio.

Quando lembra o fato, tio Mundico fica nervoso, exaltado, diz que se fossé mais novo enfrentava na marra o delegado borra-botas. Reunia o pessoal, botava o boi nas ruas, quem teria coragem de impe-

- 274 dir? Mas não pensem que o derrotaram. O boi é o sonho. O boi é a vida.
 - O boi não pode morrer, pô! desabafa.

5

Tia Rosa, enquanto faz o almoço, dá pena ver o Mundico nesse estado. Chega do mercado, passa o resto do dia (claro, exceto nas tardes em que trabalha no matadouro) sentado na cadeira de balanço. Quase sempre solitário, triste, mergulhado nas lembranças do passado. Desde que proibiram o boi-bumbá de sair pelas ruas da cidade. Às vezes acontece de romper o silêncio. Vai até o meio da sala, grita eh boi! eh boi! bumba-meu-boi-bumbá! Pede mais animação dos brincantes; sacode a maraca, inicia o bailado, o canto, a toada – a casa vira um pandemônio, coisa de hospício. E lá vem o canto, o desafio:

é ferro é aço
eu te procuro mas não acho
o meu boi é preto e branco
nunca vi boi amarelo
se eu pego boi Abre Campo
dou uma surra de chinelo.

Outras vezes, Mundico esbraveja contra o delegado que tirou o boibumbá das ruas. Ultimamente se voltou contra a vida moderna, o tráfego intenso dos carros, a televisão; e conclui revoltado:

 O progresso, ou o que chamam de progresso, matou não só o boi-bumbá, Rosa. O progresso matou a cultura popular.

Mundico sabe que não é verdade. Não foi a implicância de um delegado borra-botas, como ele diz, que tirou o bumbá das ruas. Foram eles mesmos, os brincantes: os desafios, os gritos de guerra acabavam sempre em muita pancadaria, saía muita gente com a cabeça quebrada, outros eram atirados da ponte metálica para o rio lá embaixo, e o boi pisoteado, rasgado... Claro que hoje o cortejo do boi pelas ruas é quase impossível, provocaria o engarrafamento do trânsito e poria em risco a vida dos próprios brincantes. Penso ainda dizer que o progresso não matou nem o boi-bumbá nem a cultura popular. Basta ver o festival folclórico que todos os anos se realiza em Parintins, quando os bumbás Caprichoso e Garantido dançam no bumbódromo para milhares de pessoas. Não apenas os bumbás, mas tribos indígenas e personagens das lendas como Cobra-Grande, Mãe--d'água e o Boto, também hábitos e costumes de nossa gente na floresta e beira dos rios - está tudo ali nas alegorias, nas toadas, nos cantos, nas danças e vestimentas dos brincantes. E, olhe, a cidade de Parintins fica no interior, distante da capital umas dezesseis a dezoito horas de barco, mas vem gente de toda parte do país, inclusive do estrangeiro. Até o pessoal de uma TV americana lá esteve gravando tudo para mostrar a nossa cultura e tradições indígenas para o resto do mundo. Nunca houve nada igual. Penso dizer-lhe, apenas penso, mas me silencio. Porque Mundico não quer nem ouvir falar em bumbódromo. E se alguém insiste, ele responde: "E as raízes do bumbá? A morte do boi? As brincadeiras de Pai Francisco e Catirina pondo em alvoroço a molecada? Não, a dança do boi não é a mesma. Antigamente o boi era mais bonito, mais divertido". Para o Mundico, bumbá autêntico era quando dançava na frente das casas, desfilava pelas ruas da cidade, à luz das lamparinas e ao embalo das toadas e canto de guerra - com os simpatizantes do boi atrás, às vezes até de madrugada. Não adianta, Mundico jamais vai aceitar que os tempos mudaram e que o boi-bumbá, assim como o Carnaval, também mudou ou se adaptou à linguagem de comunicação dos tempos modernos.

6

Tio Mundico - o canto, o boi, a dança, o sonho.

Pergunto à tia Rosa se ela gostaria de ver tio Mundico feliz como antigamente. Quero dizer, o boi-bumbá desfilando pelas ruas, tio Mundico dançando bonito com a fantasia de vaqueiro.

- Será que ouvi direito? Você quer saber se eu... Você está me escondendo alguma coisa, menino?
 - Não estou escondendo nada não, tia.

Tia Rosa pensa um pouco, responde em seguida:

- Claro, desejo ver o Mundico feliz. O que eu não quero é vê-lo envolvido novamente com o boi. Nunca neguei que gostei quando proibiram o boi de sair nas ruas. Eu não aguentava mais. Eu me sentia cansada, sacrificada – é a palavra certa. Há quanto tempo o seu tio Mundico não me comprava uma roupa nova, um vestido simples que fosse? De comida, eu não me queixo, pois nunca faltou em casa. Mundico sempre teve a banca no mercado. E o que ele fazia do dinheiro que ganhava? Gastava todo com o boi.

- Tia Rosa, e se tio Mundico, quero dizer, e se eu...

Tia Rosa não me deixa concluir. Dá com os ombros, indiferente:

- Boi-bumbá agora só mesmo no bumbódromo de Parintins.

E se afasta, desaparecendo no final do corredor da casa.

Foi melhor assim. Do contrário, eu teria estragado a surpresa que estava preparando para tio Mundico.

7

Imagino a cara do tio Mundico ao ver o boi chegar na praça. Boi de menino, é verdade, mas igual o que ele possuía. Tem amo, tem vaqueiros, tem índios, tem Pai Francisco e Catirina, tem todos os figurantes de um bumbá de adultos. E também tem luz de lamparinas e toadas ao ritmo de tabuinhas, triângulos, maracas e tambores. O boi tem até a permissão das autoridades para sair sem problemas, desde que desfile apenas pelas ruas de menos movimento, para não atrapalhar o trânsito de veículos nas principais ruas e avenidas da cidade.

Pipira, Lombriga, Banho de Mijo, Beto, Dedé e eu – tá todo mundo ansioso aguardando que chegue o dia da festa. Tá tudo pronto. Feito no silêncio. E com os trocados de carretos que a turma fez para as madames na porta do supermercado.

As fantasias, quem fez foi a madrinha Zuza. Cetim, penas, plumas, lantejoulas, espelhos, veludo para o boi – ela comprou tudo, a gente só deu o dinheiro. "Faço com o maior prazer. Também quero ver o bumbá dançando nas ruas como antigamente" – disse madrinha Zuza. E não cobrou nada.

O bumbá, eu mesmo fiz. Os chifres, recolhi entre as caveiras de boi jogadas nas proximidades do matadouro. A cabeça até que foi fácil fazer. O difícil foi armar o esqueleto, o corpo do bumbá. Mas 277 consegui. O Pipira passou a mão pelo pescoço do boi e disse: "É macio como pelos. Os chifres, os olhos, a cara... O boi parece de verdade. De carne e bsso".

Xi, a mãe chegou. Lá vem bronca, quer ver?

- Ando muito preocupada com você, filho.
 - E por que, mãe?
- Ultimamente tenho surpreendido você sentado nessa cadeira de balanço, calado, pensativo, como se alguma coisa o preocupasse. As vezes tenho a impressão de ouvir você cantando baixinho toada de boi, que nem o seu tio Mundico.

Pergunto-lhe o que tem de mau cantar toada de boi. Ela responde:

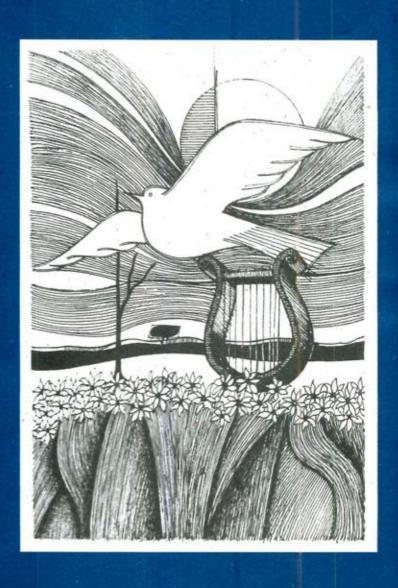
- Cantar simplesmente, mal nenhum. Mas fico assustada só em pensar que o boi possa ter enfeitiçado você também.
 - Enfeitiçado, mãe?
- Sim, enfeitiçado. Agora me diga: você está preocupado com o quê?
- Com nada não, mãe. Estou apenas acalentando um sonho. E sonho não faz mal, não é, mãe?

Minha mãe passa a mão nos meus cabelos, um leve sorriso se insinua nos lábios, sinto que há ternura em seu gesto.

- Espero que não, meu filho! - responde.

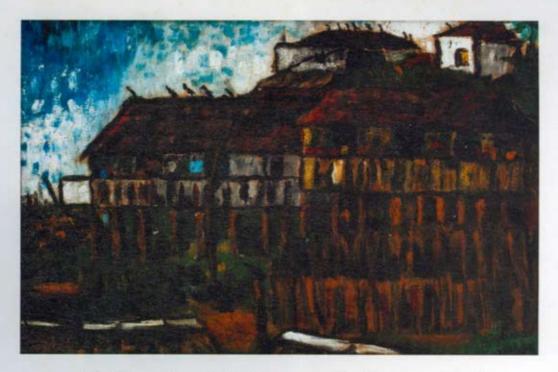


ão. Prejucio Bolos FUERC δc POURNA ANTOLOGIA - MAINTENEY pe. Luiz Augusto de Lima RUAS (L. Ruas), nascido em Manaus, 28 de novembro de 1931. Professor de Filósofia e de História da Religião no Colégio Estadual do Amazonas. Tem, inédita, uma bôa coletônea de poemas: "Clown e Outros Poemas".





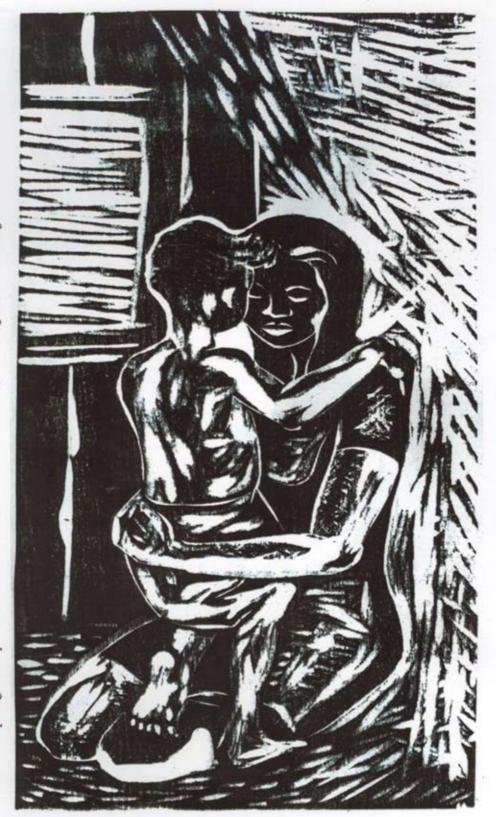
Não dá pé [xilogravura]. Auxiliadora Zuazo Publicado em Made in Amazonas, de Elson Farias, Auxiliadora Zuazo e Roberto Evangelista. Manaus: Edições Puxirum, 1978.



— Sem título [óleo sobre tela]. Hahnemann Bacelar, 1965 · Coleção Pinacoteca do Estado do Amazonas. Foto: Acervo SEC / Roumen Koynov.



— Os lutadores [xilogravura]. Álvaro Páscoa, 1961 · Publicada em O Jornal, Suplemento Madrugada. Foto de Berenice Carvalho.



— Sem título [xilogravura]. Afrânio de Castro, 1966 · Publicado em O Jornal, Suplemento Madrugada. Foto de Berenice Carvalho.

revista da AAL AGADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS }

A geração e difusão do conhecimento, do saber, da arte e da beleza são as principais expressões de nossa Academia.

Assim tem sido feito desde os seus primeiros passos. Sua Revista, como veículo dessa difusão, tem cumprido esse importante papel e tem representado a expressão escrita do pensamento acadêmico.

Em contraposição, a regularidade das publicações, na dependência direta de recursos, tem estabelecido descontinuidades. Grande tem sido o esforço das diferentes administrações para fazer circular pelas instituições daqui e do restante do país este seu veículo de divulgação. Recria-se somente agora a expectativa de produzi-lo e fazê-lo circular com a qualidade e regularidade desejada.

É justo que a Academia Amazonense de Letras, com tamanha produção literária, a disponibilize aos seus leitores, contribuindo e facilitando o diálogo com a sociedade que a estimula e engrandece.

- MARCUS BARROS



